

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

EDIÇÃO CRÍTICA

em

BULHA D'ARROIO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA

DANILA CARNEIRO DA CUNHA LUZ VARELLA

DEZEMBRO - 1976

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA  
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
LETRAS - ESPECIALIDADE LITERATURA BRA  
SILEIRA E APROVADA EM SUA FORMA FINAL  
PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

*Celestino Sachet*

---

Prof. Dr. Celestino Sachet - Orientador

*Doloris Ruth Simões de Almeida*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Doloris Ruth Simões de Almeida -

Integradora

Banca Examinadora:

*Celestino Sachet*

---

Prof. Dr. Celestino Sachet

*Jose Curi*

---

Prof. Dr. Jose Curi

*Glauco Rodrigues Corrêa*

---

Prof. Glauco Rodrigues Corrêa

A Norton,

meu esposo;

A Everton e Robson;

meus filhos;

Aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Prof. Celestino Sachet, incansável e dedicado orientador, pelo elevado espírito de compreensão e pela segurança com que sempre norteou a concretização de minhas idéias.

À Integradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da U.F.S.C., na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dolores Ruth Simões de Almeida, pela segurança de suas palavras e atenção recebidas.

À Chefia do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Maria Carolina Galloti Kering, pelo incentivo recebido.

À Sra. Terezinha Sachet, pelas gentilezas e apoio recebidos.

Aos Funcionários da Biblioteca Pública do Estado,  
pela ajuda e apoio profissional, especialmente na  
pessoa dos srs:

Dr. Gervásio José Maciel - Diretor

Cleusa Timm da Costa - Diretora Adjunta

Dante Biccoki

Hélio Duarte Silva

José Francisco Silva

Piragiba Kaflltz

Valéria de Barros Rupp

# S U M Á R I O

RESUMO .....	
ABSTRACT .....	
INTRODUÇÃO .....	1
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	5
PRIMEIRA PARTE	
A Edição Crítica .....	6
Referências Bibliográficas .....	28
Procedimentos Metodológicos .....	30
Referências Bibliográficas .....	42
SEGUNDA PARTE	
Cronologia Biobibliográfica .....	43
Texto Crítico .....	59
_____ Bulha d'Arroio .....	61
_____ Luta de Touros .....	80
_____ Valentia .....	88
_____ Minuano .....	97
_____ O Patriota .....	105
_____ Baitatá .....	114
_____ Entrevado .....	121
_____ Pinheiro Agonizante .....	135
_____ Tiguéra .....	144
_____ Flores de Sangue .....	157
_____ Carijo .....	179
_____ Zé-Tigre .....	192

_____ Andeja .....	201
_____ Morena .....	215
_____ Sacrifício .....	222
_____ Santa Luzia .....	237
Referências Bibliográficas .....	301

#### TERCEIRA PARTE

Conclusões .....	304
Bibliografia .....	306

#### APÊNDICE

Glossário .....	314
Edição Fac-Simile .....	314

## R E S U M O

O presente trabalho, tendo como base a obra Bulha d'Arroio de Tito Carvalho, propõe-se-

- mostrar os vários estágios de uma "edição crítica";
- focalizar alguns aspectos fundamentais que envolvem as teorias de uma "edição crítica";
- apresentar um estudo sobre o desenvolvimento da mesma.

A coleta de dados centrou-se nos jornais "República" (Florianópolis) de 1919 a 1935 e "O Estado", também do mesmo período. Foram pesquisados, igualmente, Revista "Terra" (Florianópolis); Revista "Santelmo" (Laguna) e Anuário "Barriga-Verde" (Florianópolis). Partiu-se, a seguir, para um confronto com a única edição dos contos em livro, em 1939, trabalho que nos servirá de objeto de estudo.

A presente dissertação, pretendendo colaborar com a compreensão do processo de "edição crítica", abordará o problema em três partes.

A primeira parte apresenta uma investigação teórica, uma metodologia, bem como os objetivos propostos; a segunda parte apresenta um estudo das variantes havidas entre as várias publicações dos contos, objeto de análise; na terceira, sintetizaremos as conclusões a que chegamos, fixando nossa posição sobre o processo de "edição crítica", e as variantes encontradas entre os dados pesquisados.

## A B S T R A C T

The present dissertation, having as its source Tito Carvalho's Bulha d'Arroio, proposes:

- to show the various stages of a "critical edition";
- to emphasize some fundamental aspects that are involved in the theories of a "critical edition";
- to present a study the development of such an edition.

The collection of data is based on the newspapers "República" and "O Estado" between 1919 and 1935. The journals "Terra" (Florianópolis) and "Santelmo" (Laguna) as well as "The Barriga Verde" (Florianópolis) were also investigated. A confrontation is made with the only edition of the short stories in books, in 1939, and this research will be the object of our study.

The dissertation is an effort to collaborate with the comprehension of the process of a "critical edition" and it is broken down into three parts:

The first part presents a theoretical investigation, a methodology as well as the proposed objectives;

The second part presents a study of the variants that exist in the various publications of the short stories which are analyzed;

In the third part we will sum up the conclusions at which we have arrived; we will show our position about the process of a "critical edition", and the variants we have found in the researched data.

"Já se tem afirmado que numa simples palavra se pode resumir todo o universo . Quer isto dizer que um vocábulo pode suscitar uma infinidade de imagens e idéias que abrangem todos os domínios do pensamento e da vida".

(Estilística da Língua Portuguesa  
de M. Rodrigues Lapa)

## I N T R O D U Ç Ã O

O objetivo deste trabalho é realizar uma edição crítica dos contos de Tito Carvalho, reunidos no livro Bulha d'Arroio, com uma única edição da Imprensa Oficial do Estado, datada de 1939. Nesta tarefa serão cotejados as impressões dos contos nos jornais e revistas da época com o texto de base - o livro de contos Bulha d'Arroio - a fim de sentir-se a diferença que possa existir entre as várias impressões e esboçado um estudo crítico, que, sem ser exaustivo, possibilita não só uma introdução, como também uma melhor compreensão desse escritor que honra as letras catarinenses.

Uma edição crítica dessa natureza se faz necessária por várias razões. Uma delas, é a homenagem que nós, como catarinenses, queremos prestar a um dos mais admiráveis literatos "barri-ga-verde"

"com um nome, com uma pena, e, quase diríamos, com uma escola de arte nova, original no nosso Estado, sem discípulos, porém, porque escasseiam inteligências, capazes de tão árdua disciplina"(1).

É a homenagem que prestamos ao introdutor do regionalismo na literatura catarinense; ele soube focalizar com extraordinário senso estético o homem da região serrana de Santa Catarina, retratando-o na formidável luta com a terra agreste. Tito fez pesquisas de "causos" sertanejos e deu-lhes uma forma literária invejável, a ponto de colocá-lo entre os melhores regionalistas brasileiros, embora, ainda pouco conhecido. Procuramos, com a modéstia deste trabalho, evidenciar um pouco mais a personalidade literária do autor.

Uma outra razão dessa edição crítica é reproduzir o texto com a fidelidade lingüística e literária que o leitor consciente exige, oferecendo aos futuros editores a possibilidade de intervir no texto para corrigir um erro, assinalar uma lacuna, denunciar, em suma, todos os passos que, ao longo das diversas publicações de uma obra são insinuados lentamente, como elementos estranhos à versão original. Uma edição crítica dessa natureza pode beneficiar também o editor no que tange a uma apresentação modernizada e despojada de tudo o que for acidental e inadequado lingüística e literariamente, de modo a não repelir o leitor comum.

Esta edição crítica pretende, também, prestar relevante benefício, ao crítico, da legibilidade de uma edição. A legibilidade do texto deve ser procurada e cuidadosamente promovida por todo o editor que, vendo na obra literária, do início do século, algo mais que um simples histórico, deseje conferir-lhe a capacidade de circular, como obra de arte viva, entre um público leitor cujas características são, talvez, difíceis de definir, mas, que é tão numeroso e interessado quão pouco especializado.

É de nossa preocupação, outrossim, nesta edição crítica, sentir até que ponto as diferenças de uma publicação para outra são uma adequação às novas normas gráficas ou uma deturpação do que o autor realmente escreveu. Tendo-se em vista a via-crúcis que um texto percorre, do original do autor, até chegar ao leitor, podemos aquilatar as modificações que pode sofrer: lapso do datilógrafo que pode alterar alguma construção e que passe despercebida na revisão do autor antes de mandar para publicação; desejo, por parte dos revisores das editoras, de "corrigir" alguma falha; erro do linotipista, geralmente mau conhecedor da língua. Cada

um desses intermediários acrescenta, suprime ou modifica, a cada reedição, alguma coisa, à obra original.

Exemplo típico dessas alterações, que uma boa edição crítica, cuidadosa, consciente, pode evitar, é o que aconteceu com o romancista Autran Dourado que se viu obrigado a exigir de uma editora que recolhesse uma edição de um de seus livros e o reeditasse - como fora por ele realmente escrito - pois mais de cinquenta modificações foram feitas ao texto original pelos intermediários.

Dourado, em sua comunicação à editora lembrava que não havia autorizado nem mesmo qualquer correção gramatical de suas frases, justificando que, se ele usava a língua com as modificações que seu gosto estético impunha à norma gramatical, era porque a gramática é simplesmente a regeneração da língua, feita segundo os modelos dos escritores e do falar mais expressivo, e ele (o autor) tinha compromisso menos com a gramática, que com a literatura.

A edição crítica se faz muito necessária para corrigir as distorções que um revisor de editora possa fazer na sua afobada revisão. O escritor muitas vezes leva anos para escrever um livro e o revisor, em poucas horas de leitura do mesmo, muda uma porção de particularidades que o escritor certamente levara meses meditando sobre qual seria a melhor maneira de exprimir tal idéia.

Pelas razões apontadas, cremos, portanto, que esta edição crítica, com modestas pretensões, irá preencher uma lacuna no campo literário catarinense, contribuindo, de alguma forma, para seu enriquecimento.

Infelizmente, não conseguimos descobrir outras publicações, de sete, dos dezesseis contos do livro Bulha d'Arroio, em qualquer jornal ou revista da época, para que pudéssemos estabele

-cer comparações nesta edição crítica, razão pela qual limitamo-  
-nos ao estudo da própria edição do livro.

A carência de elementos para o estudo comparativo não  
permitiu que sentíssemos a evolução e aprimoramento da obra ou  
mesmo denotássemos qualquer tentativa, por parte do autor, de am-  
pliação ou modificação dos textos para a edição de 1939.

Assim sendo, achamos por bem, de, pelo menos, proceder-  
-mos à atualização da linguagem para que nossa edição crítica não  
permaneça truncada.

Apreciaremos, no decorrer da análise, com maior sutileza  
de detalhes, as diferenças entre os textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) SACHET, Celestino. As transformações estético - literárias dos anos 20 em Santa Catarina. Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a Obtenção do Grau de Livre-Docência. Florianópolis, 1974, p. 168.

## A EDIÇÃO CRÍTICA

A edição crítica visa fornecer, a quem quer que seja que dela necessite - editor, leitor ou crítico literário - a versão mais próxima do que teria desejado e realizado o autor. Uma versão de edição crítica, se atingido o seu objetivo, é o alicerce sobre o qual se podem estruturar todas as pesquisas - lingüísticas, estilísticas, estéticas, éticas, históricas, sociais e outras que se fizerem necessárias.

Como bem observa a Comissão encarregada de preparar a edição crítica de Várias Estórias de Machado de Assis:

"Não se trata, numa edição como esta, de resolver todos os problemas que um texto, e um contexto, e uma obra encerram - coisa, aliás, que não se esgota nunca, pelas potencialidades de atualização (isto é, de eficácia para a ação presente que se encerram em obras tais). Trata-se, isto sim, de ministrar a base mínima fundamental - mas sólida - que toda comunicação lingüística exige para sobre ela poder tornar-se alguma conclusão válida: a fidedignidade e a fidelidade de seu criador, nas condições essencialmente contraditórias de sua contingência humana"(1).

Jean Roudil sintetiza em poucas palavras o que vem a ser uma edição crítica:

"Uma edição crítica visa a reconstituir um texto que nos foi transmitido sob uma forma viciada, e a reproduzi-lo

"Une édition critique vise à reconstituer un texte que nous a été transmis sous une forme viciée, et à le reproduire tel qu'il fut écrit par l'auteur"(2).

tal qual ele foi escrito pelo autor"(2).

Às vezes, a crítica textual dispõe apenas de cópias de um manuscrito desaparecido (como é o caso da presente edição crítica). Assim sendo, a edição crítica não pode aspirar, senão, a reconstruir parcialmente esse manuscrito original. Nesse caso, tudo o que se pode fazer é melhorar o texto das cópias, corrigindo o que se constata não poder ser atribuído ao autor, e esperar, que, após a correção, o texto corrigido fique mais próximo do original. Mesmo quando, todavia, aconteça que o texto corrigido fique igual ao original, a certeza de que a reconstituição foi completa só poderia ser constatada pelo confronto com o original. Há apenas um particular: se o original fosse conhecido, não haveria lugar para crítica dos textos.

Tendo em vista a seriedade de um trabalho dessa natureza, o editor crítico deve agir com extrema prudência, policiando cuidadosamente as suas intervenções no texto. Todas as suas iniciativas devem ser apoiadas em provas concretas, tanto dentro quanto fora do texto; deve abster-se de atuar por intuição, procurando sempre invocar a lição de um texto autorizado.

Ivo Castro, da Universidade de Lisboa, recomenda ao editor crítico:

"Deve (o editor crítico) apagar sua personalidade, resistir à tentação de recriação, nunca dar a sua decisão por definitiva e, sobretudo, confiar menos em si próprio do que nos textos existentes"(3).

Um princípio que deve ser muito respeitado pelo editor crítico: o respeito pelo texto de base, seja ele manuscrito ou de base. Este respeito refere-se, não só aos passos sobre que pesa uma

suspeita não confirmada, como também, a todos os passos "bons" do texto. O texto de base deve ser conservado pelo crítico em todos os seus níveis: ao nível semântico, ao nível da construção literária e ao nível da linguagem, ou seja, a realização linguística evidenciada pelo texto e que sabemos corresponder, na história da língua, ao estrato próprio do período de datação do manuscrito (ou edição) de base. Respeitar a linguagem significa manter intatos o vocabulário e a morfo-sintaxe, exceto quando exista fundamento textual para uma modificação; implica, também, em manter inalterados todos os elementos do texto, que nos permitam conhecer o sistema fonológico vigente no período de datação, a tal ponto de a grafia ser respeitada na medida em que servir para revelar um determinado traço fonológico. Não resta dúvida, entretanto, de que a ortografia, na edição crítica, deva ser simplificada, em harmonia com o sistema vigente entre nós. Trata-se, todavia, de uma simplificação ativa, em que devem prevalecer os princípios e não as averbações do vocabulário oficial, averbações, notoriamente tendentes a um fixismo e imobilismo vocabulares, válidos talvez para o presente, porém sem fundamentação em uma vivência histórica dos textos do passado, ainda, que de passado recente.

(14)  
 Wolfgang Kayser, comentando sobre a edição crítica de um conto, observa que a primeira condição é sua autenticidade. Diz: que pode se definir como texto merecedor de confiança, o que representa a vontade do autor. As dificuldades surgem, quando o autor já desapareceu e suas obras ainda continuam sendo impressas. A editora pode modernizar a ortografia, a pontuação, o que acaba por alterar o significado da frase. A única salvação, portanto, é recorrer à primeira edição, aquela que está próxima da vontade do autor. Uma edição crítica, porém, não pode contentar-se, simples -

-mente, com a fiel reimpressão da primeira edição. Por outro lado, no chamado "aparato crítico", o que faz a edição crítica, terá que indicar todas as modificações que foram introduzidas, inclusive, quando se trata de correção de um erro gráfico evidente, justificando essas modificações e facilitando ao leitor a possibilidade de investigar e decidir por si mesmo. Se além da primeira impressão, existe o manuscrito do escritor, o editor crítico reproduzirá no aparato todas as passagens que são diferentes no manuscrito.

Convencionou-se designar as versões impressas, com maiúsculas latinas (A, B, C, etc) e as versões manuscritas, com minúsculas (a, b, c, etc).

No início do aparato crítico deve haver uma lista de designações usadas e uma exposição dos princípios seguidos na edição.

W. Kayser lembra, também, que muitos escritores gostam de corrigir suas obras, inclusive as já impressas, o que é ótimo para se sentir a evolução íntima deste artista e, ao mesmo tempo, a evolução íntima do escritor. É através da edição crítica que o leitor estará em condições de entender e interpretar as modificações realizadas nas diversas edições.

W. Kayser recomenda:

"A todos que pretendam examinar a história do texto de uma obra para estudar a evolução do artista, o recomenda

"A todo el que pretenda examinar la historia del texto de una obra para estudiar la evolución del artista, le recomendamos el método siguiente: el examene hace estrato por estrato, es decir, se examinan primeiro todas las modificaciones de la segunda edición com relación a la

-mos o método seguinte: o exame se faz de extrato por extrato, por assim dizer, se examinam todas as modificações da segunda edição com relação à primeira, e depois todas as da terceira com relação à segunda; anotam-se todas as modificações, ao pé da letra, numa ficha especial, e se indica acima, no lado direito, por exemplo, a categoria que parece ter mais probalidades de ter ocasionado a alteração (concentração, ritmo, sonoridade, variação, maior visibilidade, etc.).

Deste modo classificam-se poucos grupos os muitos exemplos de cada série. (Pode ocorrer muito bem que o mesmo exemplo apareça em diversos grupos: muitas vezes atuam conjuntamente razões de sonoridade e de ritmo).

Em seguida começa - se o exame de cada grupo, pois não basta comprovar que a causa da modificação está no sentido da sonoridade; é necessário determinar mais exatamente como reage ao autor diante do som, diante do ritmo, etc. Intentar-se-á, no possível, deduzir dos diversos grupos a atitude comum a todos. Assim se adquire a base que permitirá seguir a evolução do autor. Não se deve causar preocupação fato de que haja em cada grau casos em que se oponham à integração em grupos; ou inclusive, em aberta contradição com as categorias obtidas. O investigador

primera, y después todas las de la tercera con relación a la segunda; se anotan todas las modificaciones, *ipsis verbis*, en una ficha especial, y se indica encima, en el borde derecho, por ejemplo, la categoría que parece tener más probalidades de haber ocasionado la alteración (concentración, ritmo, sonoridad, variación, mayor visibilidad, etc.). De este modo se clasifican en pocos grupos los muchos ejemplos de cada serie. (Puede ocurrir muy bien que le mismo ejemplo aparezca en diversos grupos: muchas veces actúan conjuntamente razones de sonoridad y de ritmo).

En seguida comienza el examen de cada grupo, pues no

deve renunciar a integrá-los, à força, em algumas das categorias. Todo aquele que queira ser bom intérprete exigem-se qualidades para sentir as mais pequenas sutilezas. Quase poderíamos dizer: quanto maior for o número de exemplos isolados, até contraditórios, tanto melhor, porque então podemos ter a certeza de ter trabalhado na forma adequada. É natural, pois, os retoques do artista na sua obra, não constituem nunca um processo mecânico, sujeito a cálculo exato. Logra-se o objetivo sempre que se consegue descobrir a atitude uniforme, oculta, atrás das modificações de cada grau"(5).

---

basta comprobar que la causa de la modificación está en el sentido de la sonoridad; es necesario determinar más exactamente cómo reacciona el autor ante el sonido, ante el ritmo, etc. Se intentará, en lo posible, deducir de los diversos grupos la actitud común a todos. Así se adquiere la base que permitirá seguir la evolución del autor. No debe causar preocupación el que haya en cada grado casos que se opongan a la integración en grupos, o incluso en abierta contradicción con las categorías obtenidas. El investigador debe renunciar a integrarlos a la fuerza en alguna de las categorías. A todo el que quiera ser buen intérprete se le exigen cualidades para sentir las más pequeñas sutilezas. Casi podríamos decir: cuanto mayor sea el número de ejemplo aislados, y hasta contradictorios, tanto mejor, porque entonces podemos tener la certeza de haber trabajado en forma adecuada. Es natural, pues los retoques del artista a su obra no constituyen nunca un proceso mecánico, sujeto a cálculo exacto. Se logra el objetivo siempre que se consigue descubrir la actitud uniforme oculta detrás de las modificaciones de cada grado"(5).

Depois de reconstruir o texto crítico, surge como segunda condição preliminar a determinação do autor. Embora a literatura deva ser conhecida, unicamente, por sua própria essência, não importando nomes, devemos lembrar-nos de que o mundo seria indiscutivelmente mais vazio e mais pobre, se ao lado de Hamlet, D. Quixote, Werther, não víssemos as figuras luminosas de Shakespeare, Cervantes e Goethe.

Um outro elemento importante, num trabalho de edição crítica é a determinação correta da data de publicação, pois a determinação dos influxos mútuos, das relações com a época, da evolução, e até a própria compreensão da obra dependem em grande parte da fixação exata da data de publicação.

A linguagem de uma edição crítica, como observa Kayser, deve ser objetiva, precisa, evitando linguagem empolada, cheia de exclamações subjetivas como obra imortal, imperecível, magnífica:

"O foro da ciência não deve confundir - se com uma sala de conferências ou com as colunas de um diário. Independente dos matizes individuais, a linguagem científica possui características próprias. Cada ciência tem sua terminologia especial, a linguagem técnica. Pode-se inclusive

"El foro de la ciencia no debe confundirse con una sala de conferencias o con las columnas de un diario. Independientemente de los matices individuales, el lenguaje científico posee características propias. Cada ciencia tiene su terminología especial, un lenguaje técnico. Puede incluso decirse que una ciencia sólo existe en la medida en que posee una terminología adecuada. Sólo así son transmisibles sus problemas y conocimientos, sólo así se crea una tradición científica"(6).

dizer que uma ciência só existe na medida em que possue uma terminologia adequada. Só assim são transmissíveis seus problemas e conhecimentos, só assim cria-se uma tradição científica"(6).

Albino de Bem Veiga (7), em sua edição crítica de um texto arcaico - também nos oferece uma boa teoria para a estruturação de uma edição crítica.

Inicialmente, o autor tece comentários em torno do valor dos códices alcobacenses, de um dos quais, ele retirou o texto de base para sua edição crítica. A segunda preocupação do autor foi determinar a autoria desses códices. Para tanto, investigou os comentários de vários autores na Biblioteca Nacional (de Portugal), optando pelo que estabeleceu um dos autores (Pe. Mario Martins), que se fixou mais no estilo, título, época, conteúdo ideológico e emocional, para determinar a autoria.

No que se refere ao confronto dos textos, Veiga estabelece a seguinte simbologia: A (códice português), B (incunábulo de Sevilha e C (manuscrito castelhano).

Como cota remissiva, usa algarismos romanos seguidos de arábicos, os primeiros indicando o livro, os segundos a linha de sua edição.

Outra preocupação de Veiga é estabelecer uma cronologia dos textos. Como muitos não têm data, valeu-se, para identificação da mesma, do tipo de talhe e hastes das letras, excesso de sinais, abundância de abreviaturas, ortografia fonética, uso de cedilhado - ç-antes de e ou i, o emprego do - s -.

Na análise comparativa das edições, Veiga leva em consideração, não só aspectos ortográficos e fonéticos, mas também, semelhanças e diferenças na construção e no pensamento.

As anotações da edição crítica de Veiga são de duas ordens:

- a) Notas referentes a particularidades do códice: sinais, emendas, espaços em branco, manchas, rasuras, acréscimos, etc;
- b) Notas de confronto dos textos, que o autor preferiu anotar a interferir no texto;

"Veiga" seguiu as seguintes normas de transcrição:

- 1º. Desdobramos todas as abreviaturas;
- 2º. Escrevemos com maiúsculas os nomes próprios, no entanto, o adjetivo do conglomerado fica em minúsculo;
- 3º. Separamos, de acordo com a gramática e o sentido, os elementos aglutinados no manuscrito e unimos outros, que vem separados;
- 4º. Substituímos as letras u e i, quando em função consonântica, por v e j, mas reproduzimos o i em função vocálica;
- 5º. Conservamos a representação da nasalidade por til, eme ou ene. No caso da vogal dupla, a melhor representação seria o til entre as duas vogais, no entanto, por dificuldade tipográfica, colocamo-lo na primeira. O til em ambas, ou na última, ocorre, excepcionalmente, em verbos na 3ª. pessoa do plural;
- 6º. Usamos de acentos agudos e circunflexos quando facilitam a leitura, e do apóstrofo, na elisão;
- 7º. Empregamos o hífen nos pronomes enclíticos e mesoclíticos que no manuscrito vêm aglutinados às formas verbais;
- 8º. Indicamos por colchetes os elementos introduzidos e

por parênteses os eliminados do texto, ou reproduzimos em nota a lição do códice;

- 9º. Nos demais casos, respeitamos a grafia do original;
- 10º. Pontuamos à moderna, com parcimônia, procurando interpretar o texto. Usamos da vírgula, dos pontos interrogativo, exclamativo e do travessão. Paragrafamos nos caldeirões.
- 11º. O asterisco indica o início de um novo fólio, registrando-se na margem o número da folha do ms., acompanhado da indicação r [eto] ou v [erso] (8).

Erich Auerbach (9), após salientar a importância de uma edição crítica e lembrar, como, e porquê, os humanistas se deram a esse trabalho, observa que quando se quer reconstituir e publicar um texto é preciso, antes de tudo, saber lê-lo; ora, a maneira de dar forma às letras mudou bastante nas diferentes épocas; uma ciência especial, a Paleografia, firmou-se como ciência auxiliar da edição de textos para nos habilitar a decifrar os caracteres e as abreviações em uso nas diferentes épocas. Em seguida, é mister dar-se conta de que os textos a reconstituir são quase sempre textos antigos, escritos numa língua morta ou numa forma deveras antiga, de uma língua viva. É preciso compreender a língua do texto; o editor tem necessidade, pois, de estudos lingüísticos e gramaticais; por outro lado, o texto fornece, amiúde, um material, deveras precioso para tais estudos; foi com base nos textos antigos que a Gramática histórica, a história do desenvolvimento nas diferentes línguas, se pode desenvolver; ela encontrou formas antigas que permitiram aos eruditos do século XIX, fazer uma idéia nítida, não apenas do desenvolvimento desta ou daquela língua, como também do desenvolvimento lingüístico, enquanto fenômeno geral.

Para se publicar um texto é necessário que se o conheça em todos os seus detalhes. Como julgar se uma passagem duvidosa é correta, autêntica, se não conhecemos bem o texto? Acerca de quanto o texto contenha, deve, o editor, obter todas as informações que pesquisas anteriores forneceram: conhecimentos estéticos, literários, jurídicos, históricos, científicos, filosóficos, etc. Em suma, à edição do texto comporta todos os acontecimentos que sua explicação exija.

Serafim da Silva Neto (10) em seus comentários sobre textos Medievais Portugueses, lembra que o editor de textos arcaicos, deve considerar, antes de mais nada, a natureza do seu material: se se trata de um autógrafo ou de apógrafo, se é fiel ou não à cópia, se é um manuscrito único, ou se há mais de um. Observa, o mesmo autor, que a transcrição puramente diplomática é um atraso, pois com ela ficamos sempre na estrita dependência do critério e da perícia do editor, que, no entanto, pode ler mal e não compreender algumas palavras. Por outro lado, as edições meramente diplomáticas são deficientes e imperfeitas, já que as tipografias modernas são incapazes de reproduzir certos sinais medievais. Com o atual progresso da técnica, só se justifica a edição diplomática, quando ela vem ao lado do facsimile. Dessa maneira o leitor pode acompanhar e policiar a leitura.

Silva Neto sugere que:

1. A reprodução facsimilada é a única que pode, realmente, espelhar a original, tirando-o da exclusividade de uma biblioteca, para facultá-lo a todos os investigadores interessados;
2. A edição crítica.

Na edição crítica, o critério a ser levado em conta depende

de o texto ser conhecido por mais de um manuscrito ou apenas por um único. No primeiro caso é necessário estabelecer a cronologia dos manuscritos e, determinado o mais antigo, transcrevê-lo, tendo o cuidado de correlacioná-lo com os demais e registrar no rodapé as variantes interessantes, isto é, que melhor esclareçam o texto ou que revelem a evolução da língua. No segundo caso, mais simples, há que transcrever o manuscrito único, observando certas normas capazes de assegurar que fica intacta a fase lingüística espelhada pelo texto.

Silva Neto refere-se a algumas normas, imprescindíveis à garantia de um texto fiel e bem editado:

- "1. nada inserir ou omitir no original;
2. desdobrar as abreviaturas do manuscrito; mas se houver qualquer dúvida, representá-las tal como aparecem;
3. os algarismos, quer arábicos, quer romanos, devem ser copiados em sua forma original;
4. notar todas as omissões devidas à ilegibilidade ou mutilação, indicando a extensão delas;
5. as alterações de tinta ou de estilo do escrito deverão ser anotadas, assim como quaisquer outras modificações na forma do documento;
6. quando houver passagens, que não possam ser transcritas do original, mas que possam ser obtidas de outras fontes, deverão ser impressas no mesmo tipo que o usado para o original, mas dentro de colchetes. Se, porém, elas forem conjecturais, deverão ser impressas em tipos diferentes;
7. o início de cada página do documento deverá ser indicado no texto dentro de colchetes, dando-se o número da folha, com a indicação de recto ou verso ou, como ainda me parece melhor, na margem"(11).

E conclui, citando Alberto Chiari:

"A edição crítica serve, então, a reconstruir a lição de um texto corrompido e incorreto; serve para reconferir àquele texto a veste que o seu autor já lhe deu e que depois com o passar do tempo deteriorou-se em forma mais ou menos grave e por causas várias (gastos materiais, omissões, interpolações, correções arbitrárias, distrações involuntárias, chatices de todo o tempo); serve a restituir à língua, na sua precisa clareza; assim que a inteligência e a valorização do pensamento não depende mais, ao menos, das incertezas por assim dizer, materiais de leitura e, por consequência, a inteligência e a valorização da arte não sofra mais impecilhos e deformações no texto e se ofereça, quanto mais possível, límpida e genuína à sensibilidade do leitor e do crítico.

Como tirar de um quadro aquilo que o tempo e o descuido, se for outro acontecimento, as tenham depositado, e fazer reflorescer em cada particular o antigo desenho e o antigo jogo de sombras e de luzes"(12).

"La edizione critica serve, dunque, a ricostruire la lezione di un testo corrotto e scorretto; serve a ridare a quel testo la veste che il suo autore già dette e che poi con l'andare del tempo si deterioró in forma più o meno grave e per cause varie (guasti materiali, omissioni, interpolazioni, correzioni arbitrarie, distrazioni involuntarie, sciatterie d'ogni tempo); serve a restituire da lingua, nella sua precisa chiarezza; si che la intelligenza e la valutazione del pensiero non dipende più, al meno, dalle incertezze per dir così materiali di lettura e, per conseguenza, la intelligenza e la valutazione dell'arte non soffra più di impacci e di deformazioni nel testo e si offra, quanto più é possibile, límpida e genuina alla sensibilità del lettore e del crítico. Come levar via da un quadro tutto tutto ciò che il tempo o l'incuria o qualsiasi altra vicenda vi abbian su depositato, e far rifiorire in ogni particolare l'antico disegno e l'antico gioco di ombre e di luci"(12)(in *Tecnica e Teoria Letteraria*, a cura di M. Fubini, G. Getto, B. Migliorini, A. Chiari, V. Pernicone. Milão, pág. 232).

Gladstone Chaves de Mello (13) observa que a importância de uma edição crítica reside na capacidade de saber escolher o texto:

"Entre tantas edições de um livro, algumas há, que não vallem nada, outras existem, boas e fidedignas. O filólogo deve ser capaz de discriminar as edições e valer-se sempre dos bons textos.

Quatro tipos de edições têm nomes especiais, porque se revestem de caracteres perfeitamente definidos: edição princeps ou príncipe, edição diplomática, edição crítica e edição fac-similar.

Edição princeps é a primeira que se fez de uma obra antiga. Por exemplo, a de Os Lusíadas de 1572, a dos Poemas Lusitanos de Antonio Ferreira, de 1598.

Edição diplomática é a que se faz reproduzindo fielmente, meticolosamente, outra edição, conservando-se as abreviaturas, se as houver, os erros tipográficos, a ortografia, etc. É, por exemplo, a que fez Henry H. Carter do Cancioneiro da Ajuda (New York-London, 1941).

Edição crítica é a que procura estabelecer o texto perfeito, confrontando manuscritos ou edições da vida do autor e anotando variantes; além disso, desfaz as abreviaturas, quando é o caso, moderniza a pontuação, corrige os erros tipográficos, interpreta os passos obscuros. Pode também substituir o sistema ortográfico por outro mais moderno, mas respeitando escrupulosamente a língua, as formas, a fonética do tempo e do autor. Está claro que é a mais difícil de se fazer e a que exige mais cuidado e desconfiança por parte do filólogo, porque, principalmente em língua portuguesa, não tem conta as edições aparentemente críticas e que são verdadeiros descalabros. Modelo de edição crítica é a que fez de quatro textos quinhentistas - Sôbolos rios, de Camões; Crisfal, de Cristóvão Falcão; Castro, de António Ferreira e Auto da Alma, de Gil Vicente - o prof. Souza da Silveira (Textos Quinhentistas, Rio, 1954); ou a que dos Diálogos de São Gregório iniciou, sem poder acabar, Serafim Silva Neto (Fascículo I, Coim-

-bra, 1950); ou a magistral, que das canções de Zorro nos deu Celso Cunha (O Cancioneiro de Joan Zorro - Aspectos lingüísticos. Texto crítico. Glossário. Rio, 1949).

Edição fac-similar ou fac-simile é a que reproduz outra fotograficamente, por processos mecânicos, como a dos Sermões de Vieira lançada pela Editora Anchieta, ou a do Uruguai de Basílio da Gama feita pela Academia Brasileira de Letras"(14).

Mello (15) esclarece que, dentre as edições originais, a melhor é a última da vida do autor, porque ali deve estar a redação definitiva. É preciso muito cuidado com essas edições que andam por aí, sem responsável e puramente comerciais, lembra o filólogo.

Mello critica o fato de que alguns editores têm o mau costume de "corrigir" o autor. Está claro que numa edição crítica, se pode, às vezes, modernizar a grafia, isto é, a roupagem das palavras. Não de manter-se íntegras as formas e a fonética. Por exemplo, se no texto se lê he, farey, ffilho, pode-se escrever é, farei, filho. Mas se se encontra no texto-base fremoso, Bertolomeu, imigo, menhã, piadade, não se poderá transcrever formoso, Bartolomeu, inimigo, pois isso significa mudar as formas, cometer um anacronismo, fazer o autor empregar formas que só aparecerão na língua dois ou três séculos depois de sua morte.

Por isso, uma das tarefas mais ingentes da crítica literária é a elaboração de rigorosas edições críticas que venham até, se for o caso, inutilizar a primeira edição antiga e contemporânea do autor.

"É esse o imenso e urgente campo de trabalho, a pedir competência e boa vontade dos editores críticos: o estabelecimento rigoroso de textos brasileiros e portugueses antigos e modernos".

Houaiss (16), também nos brinda com uma categórica teoria para a composição de uma "edição crítica" e, abre com a explicação do termo "bibliologia" que, embora já conhecido, mas de uso não muito freqüente, deve agora difundir-se para que se fixe a compreensão de que há um "logos" para o livro e não só uma grafia enumerativa.

Do conjunto da obra de Antônio Houaiss, "Elementos de Bibliologia", interessa-nos, dentro dos objetivos do presente trabalho, exclusivamente o capítulo III, em "Tradição da Documentação Escrita".

Houaiss inicia pelos "Impressos", mostrando que na tradição livreira do Brasil, ainda não é hábito distinguir rigorosamente a reimpressão da reedição, fato este devido à pequena tiragem, isto é, à pouca procura dos livros, comprometendo o seu rápido esgotamento, levando ao editor o esquecimento pela guarda das matrizes, impossibilitando-o, na reprodução de novos exemplares com características idênticas tipográficas. Modernamente este mal vem sendo superado com as novas técnicas (de guarda da composição) que comporta correções, revisões, possibilitando-nos de podermos, não remotamente alcançar "o livro perfeito", não do ponto de vista "estética", mas da correlação do original com o impresso e, da guarda da composição que ocupam mínimo espaço. Conclui Houaiss mostrando a preferência que o Brasil tem pela reedição do livro e, nos raros casos de reimpressão se fala também de reedição, o que não acontece com livros da língua inglesa, onde mencionam "first impression", second impression..., second edition, reprinted in (data).

Para a "acumulação de erros" entende Houaiss que, salvo os livros que não entram na reimpressão ou reedição, - sofrem conti-

-gências que só agora a técnica moderna começa a superar, contingência essa que consiste em que o número de erros tipográficos tende a aumentar com as reedições e que, em breve, qualquer reedição poderá deixar de ser fidedigna, a não ser para leitores de folheio em diagonal, enquanto que o leitor "vertical", pode sentir-lhe os deslizes, que são mais patentes para o leitor "horizontal", sem falar no leitor "vocabular", "literal", "silábico". Daí a necessidade imperativa de lidar com os textos fidedignos e fiéis; daí temos o aparecimento de uma ciência técnica da "edição de texto", conhecida modernamente como "edótica".

Outra observação de Houaiss é sobre as "Edições de Texto" no Brasil, mostrando a situação precária do nosso país em disponibilidade de textos fidedignos e fiéis, onde, entre nós, não poucos têm sido os autores, mortos ou vivos, reeditados em obras, mas sem a mais remota preparação intelectual específica por parte dos editores-de-texto. E a melhor solução encontrada pelo autor, foi a das reedições fac-similares.

A condição seguinte do autor é referenciada à "acumulação de erros óbvios e latentes", partindo do pressuposto de que não há livro sem erro tipográfico, óbvio ou latente e, que, o limite entre um tipo de erro e o outro é flutuante, mas há casos tão extremos que são perfeitamente característicos, consoante os períodos da língua, ou a escola literária, ou o autor. Por exemplo, considera-se erro óbvio uma forma como "preguntar", que noutro autor, noutra época, é a forma "correta". Os erros latentes já são mais difíceis de localização, porquanto formas que se apresentam corretas como "eles digladiavam-se", quando na realidade, o autor quisera "eles se degladiavam" e, só através da fonte autorizada é que se poderá apurar devidamente. Também poderá ocorrer que a forma ,

à luz dos cânones gramaticais, seja considerada "errada", mas o autor a quis exatamente assim, divergir consciente e inconscientemente dos cânones.

Outro tema relacionado com o problema é quando o autor aborda a "Correção e Correção de erros" - manifestando-se pela necessidade de uma "errata" na própria edição, embora os erros sejam latentes ou óbvios, enquanto desnecessária nas reedições, presumindo-se que os erros passarão para a segunda edição, acrescidos dos erros próprios a esta, transmissão esta de erros que será tão cumulativa quantas forem as edições.

Por outro lado, Houaiss faz distinção - um texto reputado bom ou mau -. Por "mau" entende-se o texto que se distancia do original, ou da 1ª edição, ou da edição autorizada, sem a chancela do autor, quando o "bom" texto seria o fidedigno e o fiel; noções estas merecedoras de explicação, uma vez que tais termos implicam na compreensão de uma distinção. Entende-se por fidedigno o texto merecedor de fé, confiança e respeito, porque foi estabelecido com rigorosa observância. Por fiel o texto que, não tendo sido estabelecido com rigorosa observância por motivos quaisquer, foi rigorosamente observado pela edição anterior.

Com relação à "Crítica Textual ou Edótica", interpretaremos como sendo uma ciência que se preocupa da edição-de-texto e, à medida que vamos penetrando do passado ao presente, de autor morto a vivo, a complexidade será decrescente.

A seguir atribui três fases para a "edótica" e, parte da "estemática", definindo-a como sendo uma classificação genealógica, das versões do texto segundo as cópias, impressões ou edições que teve. Na segunda fase, uma vez estabelecido o "estema" temos o "protótipo" ou "arquetipo", isso na tradição manuscrita, ou se

-ja, quando o manuscrito não apresenta características incontro-  
versas, e sim um manuscrito autógrafo, original e definitivo. E na  
"tradição impressa" obtem-se a edição de base, devendo notar que  
existindo a edição princeps, única em vida do autor, esta será a  
de base. Na terceira fase, uma vez fixado o "protótipo ou arquétipo",  
ou a "edição de base", teremos o estabelecimento do texto, onde  
decorre da necessidade de um aparato crítico com justificativas  
pelo editor de texto.

Para o estabelecimento do texto o autor coloca como ne-  
cessidade primordial a compreensão pelo editor-de-texto.

E aqui passaremos a transcrever, como reforço de nossos  
argumentos, os termos introdutórios do prefácio de Henri Quen-  
tin (17) do livro "Elementos de Bibliologia", de Antônio Houaiss,  
sobre "Crítica Textual":

"A edótica é a parte da crítica relativa ao estabelecimen-  
to e à edição dos textos. Nela geralmente não se vê senão  
uma arte exercida com mais ou menos virtuosismo pelo edi-  
tor, conforme possua este mais ou menos conhecimentos, fa-  
ro e habilidade técnica. O objetivo dos presentes Ensaios  
é de dar um método mais positivo e, se ousar dizer, mais  
científico às suas primeiras frases: a classificação dos  
manuscritos e a reconstituição do texto do arquétipo. A  
arte vem em seguida, quando o estado do arquétipo é de  
tal que lhe são necessárias correções para atingir o tex-  
to presumido original. Ou, melhor, o lugar de uma outra  
ciência: a dos erros e de sua gênese, a que Louis Havet  
consagrou seu "Manuel de critique verbale". Meus Ensaios,  
bem mais modestos, não repetem essa última obra: sua tare-  
fa termina exatamente onde o "Manuel" começa - termos a  
que juntaríamos, do mesmo, o seguinte:

Pareceria que a crítica da edição seja uma arte que  
não necessita de ser apreendida. De fato, ela não é ensi-  
nada senão nas conferências práticas do "Senhor Joseph

Bedier", no Colégio de França. A Paleografia, a diplomática, a cronologia, a gramática, a filologia, todas as ciências úteis ao editor, são objeto de ensino, mas quando se trata de fazer sair dos manuscritos antigos um texto contido em um certo número dentre eles e de escolher entre as diversas lições que apresentam, os guias passam a falar ou quase isso; cada um deve ser o seu próprio mestre e fazer suas experiências. Trata-se de uma grave lacuna na ciência crítica".

Na Crítica Verbal, o autor mostra-nos que ela tem sua razão de ser, pois qualquer tradição manuscrita ou impressa necessariamente acarreta, gera erros de vária natureza e de causas várias, que estão ligadas à pessoa do copista ou do tipógrafo-compositor, porém temos um conceito para o método de crítica verbal, como sendo a reconstituição histórica da transmissão do texto, da tradição do texto, desde o autógrafo, geralmente perdido, até os manuscritos ou impressos existentes. E para o estabelecimento da crítica verbal vemos a necessidade da existência de variantes com ressalvas, no sentido de que, se deve saber fazer a distinção entre os termos "variantes" e "erro". É o que se passa a transcrever um verbete fixado por JAMES D. MACK e ROBERT S. TAYLOR, (18) "Sobre a Questão Puramente Vocabular do Emprego da Palavra ERRO"

"Erro (Error). Computadores. - O montante de perda de precisão numa quantidade; a diferença entre uma quantidade exata e sua aproximação calculada. Os erros ocorrem em métodos numéricos.

Os enganos ocorrem em programas, codificações, transcrições de dados e no operar.

Os enguiços (malfunctions) ocorrem nos computadores" (19)

Partindo do pressuposto, segundo Houaiss de que os apógra

fos apresentam erros, porque os copistas cometem enganos, obviamente dificultando a compreensão do texto, e que os livros apresentam erros, porque os tipógrafos-compositores, e logo os revisores, e após os tipógrafos-corretores, cometem enganos, portanto, cabe à crítica verbal procurar vários indícios para um erro presumido, em vez de apoiar-se num único; apontá-los, corrigi-los, impedindo, assim, julgamentos falsos de estética, moral, de língua, etc.

Dentre os indícios de erros de copistas e de tipógrafos, podemos arrolar os que constituem o aparecimento de formas ou frases inexistentes, os erros cacofônicos, independentemente de qualquer noção de gramática; erros factuais, como "Reno", (nome do rio) por "Remo", (nome de um dos dois fundadores míticos de Roma) vícios de estilo, métricos, rítmicos, prosódicos. Tais erros, assim como são cometidos, assim, também, podem ser corrigidos, - porque:

"pelo fato mesmo de que se pode ler o que não está, a rigor, escrito, também se pode escrever ou compor o que, a rigor, está sendo lido."

Na verdade, é que tais tipos de erros, não são frequentes e, podem ser corrigidos, por quem quer que seja, salvo quando se trata de copista ou tipógrafo, inábil.

Conclui Houaiss, referenciando-se ao aparato crítico como sendo fiel ao critério geral e, lembrando ao leitor, de fazer sempre uma consulta, antes de julgar e, glosa -

"Se te agradar, fino leitor, pagamo-nos da tarefa; se te não agradar, pagamos-te com o nosso desconsolo e adeus. "

É rara, quase ausente, a bibliografia sobre "Edição Crítica".

Se desencantada é a bibliografia brasileira sobre o assunto em questão, melhor não é a situação dos outros países. Para não alongar o problema, e mesmo, poder-se-ia estar incorrendo em erro de perspectiva ou de distorção da realidade, além dos autores supra-mencionados, temos a registrar, ainda, as seguintes obras de edição crítica que nos mostraram diferentes ângulos sobre a matéria. Nelas podemos sentir os aspectos metodológicos diversos que nos ajudaram a realizar a edição crítica de Bulha d'Arroios:

Cleonice Berardinelli: Auto de Vicente Anes Joeira (I.N.L., 1963), de Gil Vicente.

Nelson Rossi, Joeira Andrade Mota e outros: Livro das Aves (I.N.L., 1965).

Sebastião Pestana: Auto da Alma. Imprensa Portuguesa, Porto, 1951.

Rosa Virgínia Matos e Silva - As Versões Medievais Portuguesas dos Diálogos de S. Gregório.

Boletim de Filologia, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1971.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) HOUAISS, Antônio et alii. Edições críticas de obras de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, M.E.C., 1975, p. 51.
- (2) ROUDIL, Jean. Pour un meilleur emploi de l'adjectif critique appliqué aux éditions de textes espagnols du Noveau âge en Homenaje. In: Estudos de filologia e história literária. La Haya, 1966, p. 533.
- (3) CASTRO, Ivo. Conferência pronunciada na Universidade Federal Fluminense. Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, Rio, agosto de 1973.
- (4) KAISER, Wolfgang. Interpretación y análisis de la obra literária. Madrid, Editorial Predos, S.A., 1961, p. 33-66.
- (5) KAISER, Wolfgang. Op. cit., p. 41-42.
- (6) KAISER, Wolfgang. Idem, ibidem, p. 61
- (7) VEIGA, Albino de Bem. Virgeu de consolaçon. Bahia, publicação da Universidade da Bahia, 1959.
- (8) VEIGA, Albino de Bem. Op. cit., p. XXI-XXII.
- (9) AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. São Paulo, Cultrix, 1970, p. 11-18.
- (10) SILVA NETO, Serafim da. Textos medievais portugueses e seus problemas. Rio, Casa de Rui Barbosa, M.E.C., 1956.
- (11) SILVA NETO, Serafim da. Op. cit., p. 22.

(12)Idem, ibidem, p. 35.

(13)MELLO, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia portuguesa, 3 ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1967.

(14)MELLO, Gladstone Chaves de. Op. cit., p. 36.

(15)Idem, ibidem, p. 37-38.

(16)HOUAISS, Antônio. Elementos de bibliologia. Rio, Instituto Nacional do Livro, M.E.C., 1967.

(17)QUENTIN, Henri. In: HOUAISS, Antônio. Elementos de bibliologia. Op. cit., p. 207.

(18)MACH, James de. & S. TAYLOR, Robert. In: Interpretation y analisis de la obra literária. Op. cit., p. 207.

(19)HOUAISS, Antônio. Op. cit., p. 211.

(20)Idem, ibidem., p. 332.

## M E T O D O L O G I A

Esta edição crítica será desenvolvida a partir da explicação sucinta do que vem a ser uma edição crítica, o que ela visa, a sua tarefa e que procedimentos adota para a execução de seus objetivos. O autor será analisado em linhas gerais através de dados biobibliográficos, onde, em rápidas pinceladas, serão dadas as coordenadas principais de sua vida, obra, temática e importância estético-sócio-cultural. Finalmente, o foco central do trabalho constará de um estudo crítico-filológico, no qual serão analisadas as principais discrepâncias entre o texto de base e as demais publicações dos contos em jornais e revistas.

Em relação à ortografia, a comissão que elaborou a edição crítica das obras de Machado de Assis para o MEC - Civilização Brasileira, faz as seguintes recomendações, que nortearão a edição crítica dos contos de Bulha d'Arroio:

"Não comportando, por conseguinte, vacilação, simplificações ortográficas em que se procure distinguir:

- a) emprego do j e do g;
- b) emprego do ch e do x;
- c) emprego do ss, c e ç;
- d) emprego do h e nos derivados prefixais;
- e) emprego do s e z.

Podem, sem risco, ser simplificados:

- a) as letras consonânticas dobradas, salvo, entretanto, 1) os cc e cc, e 2) os rr e ss. São, pois, simplificáveis sem vacilação bb, dd, ff, gg, ll, pp, tt;
- b) os dígrafos helenizantes - ph, th, rh, pois nunca representaram fonemas distintivos na língua;
- c) o k, o v e o w podem ser substituídos por c ou cu, i, ou y ou u; respectivamente conforme o caso, em

não se tratando de vocábulo que mereça o tratamento de realce material de estrangeirismo.

Deverão, entretanto, ser objeto de respeito:

- a) emprego da pretônica e/i (tipo degladiar/ digla - diar, denegrir/denigrir, previlégio/privilégio;
- b) emprego da pretônica em (en)/im (in) (tipo informar/enformar, emperador/imperador);
- c) emprego do o/u pretônicos (tipo jaboti/jabuti, si nusite/sinosite);
- d) emprego de om(on)/um(un) pretônicos (tipo compr imento/cumprimento);
- e) emprego de e/ei (bandeija/bandeja, caranguejo/ ca rangueijo, inteires/interes);
- f) emprego de o/ou (espocar/espoucar, espoco/espouco, pôde/poude);
- g) emprego de e/i postônicos (crâneo/crânio);
- h) emprego de o/u postônicos (discóbulo/discóbolo)(1).

Em relação a esse aspecto de desrespeito à linguagem do autor, o Professor Adriano da Gama Kury faz interessante relato das alterações infringidas à obra de Graciliano Ramos, Vidas Secas. Conta o ilustre gramático que enquanto as edições de Vidas Secas estiveram a cargo da Livraria José Olympio (três edições), essa editora proporcionou cuidados especiais para com cada uma das três edições respeitando, com carinho, principalmente o nível fonológico do autor e exemplifica:

"Na primeira página (p. 7 da 3ª edição) se lê, desde a primeira edição:

catinga (rala) com um só a na primeira sílaba;  
sinha (vitória), sem acento no a.

E assim em todo o livro, em todas as edições da José Olympio.

Pois bem: bastou passar à Martins para que um revisor piedoso transmudasse catinga em caatinga, e sinha em sinhá.

Os leitores de várias edições póstumas de Martins ficaram, assim, desconhecendo a forma utilizada por Graciliano Ramos para esses dois nomes, conforme apurei trabalhando com Vidas Secas em meus cursos na Universidade de Brasília: a cráse operada normalmente em caatinga, e a atonização do tratamento sinhá, devida à próclise. (Edições mais recentes restauraram as duas formas originais, talvez em virtude de comunicação minha à viúva de Graciliano Ramos, D. Heloísa Ramos)"(2).

Prosseguindo na análise de nossa instrumentação para o trabalho da edição crítica dos contos de Tito Carvalho, colhemos mais algumas observações úteis na nossa fonte principal de consulta (3):

- a) as formas inusitadas, arcaizantes, inovantes, pessoais mais frequentes, de época, contrárias aos cânones vocabulares, morfológicos ou sintáticos mais consabidos não serão objeto de nenhuma referência no aparato crítico, nem mesmo a de sic, já que todas deverão ser discutidas no glossário, e/ou na gramática, e/ou no esboço de estilística objetiva que da obra se fizerem;
- b) corrigir os chamados erros óbvios;
- c) evitar a combinação de duas ou mais edições da obra para concluir por uma terceira hipótese de valor;
- d) organizar um texto fiel para todos os fins - lingüísticos, estilísticos, estéticos, morais, históricos;
- e) nenhuma simplificação deve, a título algum, trair forma, valor ou função lingüística, seja esta evidente ou potencial;
- f) o conceito de erro óbvio (no caso de impressão tipográfica)

- fica) e de lapsus calami (no caso de manuscrito) só se rá acolhido quando outro não couber, caso em que o texto crítico fará contar o fato;
- g) a pontuação é um problema de interpretatio. Assim sendo, nenhuma interpretatio pode ser melhor que a do próprio autor, razão pela qual seguir-se-á a sua, embora possam ocorrer erros óbvios, principalmente em jornais e revistas, caso em que se fará a menção do fato no texto crítico;
- h) os estrangeirismos aparecerão, como recurso vocabular, ou sucedâneo de deficiência vocabular da língua ou como motivação semântica, em grifo, mesmo que assim não estejam no texto de base, não devendo ser aportuguesados, se não ocorrerem razões ponderáveis em contrário;
- i) o emprego das letras maiúsculas e minúsculas conformar-se-á com o texto de base, com as devidas observações no texto crítico;
- j) a acentuação gráfica conformar-se-á ao sistema ortográfico vigente entre nós, proscritos, entretanto, todos os acentos que, já indicativos da sílaba acentuada, já de seu timbre, possam dar margem a controvérsias com relação ao tempo ou ao autor.

Na adoção do texto de base para o estabelecimento do texto crítico, obedecemos às seguintes recomendações:

"Dar prioridade a textos que:

- a) já por fatos de cronologia externa, incontroversos, aliados a circunstâncias de história interna que provem ter sido o membro aquele que melhor corres

-ponder ao ânimo autoral;

- b) já pelo cotejo interno das lições textuais, caso a cronologia não possa ser seguramente estabelecida, de par com a caracterização do melhor ânimo autoral.

Nestas condições, e resumindo, o texto de base, em princípio, tanto poderá ser um manuscrito quanto uma das edições em vida, importando que a eleição seja fundada:

- a) já em fatos da história externa que habilitem a certeza de que a tradição, o membro em causa, era a preferida do autor ou foi aquela em que sentiu a forma melhor de sua comunicação;
- b) já nos casos em que todas as tradições mereceram os cuidados pessoais do autor - no cotejo interno das variantes e diferenças das lições textuais"(4).

O texto de base, escolhido segundo essas medidas preconizadas pela comissão de elaboração da Edição Crítica de Obras de Machado de Assis, será o texto da edição crítica e seu aparato deverá registrar todas as variantes contextuais em cotejo, bem como elucidar os pontos obscuros ou duvidosos.

O texto crítico dos contos de Tito Carvalho foi estabelecido tomando-se como texto de base a única edição em vida do autor, isto é, a edição de 1939, pela Imprensa Oficial do Estado, de seu livro de contos Bulha d'Arroio, constando de dezesseis contos.

Na escolha do texto de base levaram-se em consideração também outros aspectos:

- 1º - As demais edições de alguns dos contos de Bulha d'Arroio foram feitas através de jornais e revistas (5). É voz corrente nos meios literários que a publicação em jornais e revistas não é muito cuidadosa, razão que nos recomendou a optar pela edição primeira do livro de 1939.

2º - Como se trata de um livro, e publicado pela Imprensa Oficial do Estado, órgão idôneo, é óbvio que essa edição deve ter sido a mais cuidada pelo autor, aquela em que sentiu a forma melhor de sua comunicação.

3º - Como alguns dos contos do livro haviam sido publicados pela imprensa, a edição primeira certamente já teria sido objeto de revisão cuidadosa por parte do autor.

O texto desta edição crítica foi estabelecido pelo cotejo das seguintes edições:

Publicação de contos em revistas:

a - "Andeja" - Revista Terra, nº 19, 07/11/1920.

a "Bulha d'Arroio" - Revista Terra, nº 21, de 28 de novembro de 1920.

b "Bulha d'Arroio" - Anuário Barriga Verde, ano 2, 1921, pp. 82 a 84.

a "Flores de Sangue" - Revista Santelmo, nº 19, Laguna, 1º de outubro de 1922.

a "Carijo" - Revista Santelmo, nº 3, Laguna, 1º de fevereiro de 1922.

c - Publicação de contos no Jornal República de Florianópolis:

"Tigüera" - 22 de outubro de 1922, p.2, caderno 444 da Biblioteca Pública do Estado.

"Santa Luzia" - publicado em capítulos semanais no período compreendido entre 11 de novembro a 2 de dezembro de 1923.

"Pinheiro Agonizante" - 25 de dezembro de 1923, p.1, caderno 447 da Biblioteca Pública do Estado.

"Sacrifício" - 23 de janeiro de 1927, p.4, caderno 62

"Entrevado" - 17 de abril de 1927, p.4, caderno 387.

"Bulha d'Arroio" - 26 de junho de 1926, caderno 387 da  
Biblioteca Pública do Estado.

"Flores de Sangue" - 3 de dezembro de 1922, p.2, caderno  
444.

A - É a primeira e única edição do livro, que reuniu de  
zesseis contos do autor. Publicado pela Imprensa Ofi  
cial do Estado em 1939.

Foram efetuadas pesquisas nos jornais O Estado (6) e Di-  
ário da Tarde (7), no período compreendido entre 1920 e 1935. To-  
davia, não encontramos nenhum conto, incluído em Bulha d'Arroio. A  
pesquisa, entretanto, foi válida, pois encontramos ali vários ar-  
tigos políticos do autor, os quais vão relacionados nos dados bio  
bibliográficos do autor.

Eleito o texto de base, procurou-se nesta edição crítica,  
reproduzi-lo com a máxima fidelidade, não alterando as caracterís-  
ticas que o autor quis imprimir ao texto, partindo de uma premis-  
sa básica do trabalho filológico: não cabe ao estudioso modificar  
formas lexicais, construções sintáticas, sinais de pontuação de que  
se valeu o autor, nem mesmo corrigir seus lapsos.

Procuramos tão somente corrigir algumas falhas e erros  
tipográficos (os chamados "erros óbvios").

É uma exigência da edição crítica que se atualize a gra-  
fia, porém de acordo com algumas normas estabelecidas na página  
deste trabalho. No período compreendido entre 1907 e 1939 houve  
tantas incongruências no sistema ortográfico brasileiro, que

não temos condições de afirmar com exatidão se Tito Carvalho optou pela reforma ortográfica de 1907, da Academia Brasileira de Letras ou se optou pelas modificações afetadas em 1915, propostas pelo acadêmico Silva Ramos, revogadas inexplicavelmente em 1919 ou se obedeceu ao novo sistema lançado pela Academia em 1929. Porém, dadas as afinidades encontradas, pode-se chegar à conclusão de que o Autor, ao editar Bulha d'Arroio, em 1939, deve ter seguido às normas do livreto Nova Ortografia, que Henrique da Silva Fontes fizera publicar em 1931.

Empenhamo-nos em reproduzir inúmeras formas empregadas, pelo autor não registradas nos atuais vocabulários ortográficos. Para essa tarefa valemo-nos, principalmente, do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda (8), edição de 1974.

A fim de facilitar o exame das diferenças encontradas, entre uma e outra publicação, numeramos os parágrafos do texto base e fizemos as observações no rodapé da página de acordo com essa numeração.

Entendemos por parágrafo, para efeito dessa numeração:

- a) os parágrafos comuns, caracterizados pelo ponto parágrafo e, na linha seguinte, pelo recorrido para a direita ;
- b) as citações que forem objeto de recorrido erro tipográfico com mudança de linha, merecendo um só número, uma série de versos ou de estrófes que constituam citação contínua;
- c) os parágrafos de citações em prosa, bem como as citações de citações que fiquem na situação configurada em (b) supra;
- d) cada intervenção coloquial caracterizada por mudança de linha e travessão dialogal e ou aspas dialogais.

Notar-se-á que os parágrafos do conto Bulha d'Arroio são

extremamente longos. Strictu sensu, há apenas um parágrafo no conto. Por razões de clareza, no entanto, subdividimos esse grande parágrafo em vários, de acordo com o que foi postulado acima sobre o que se entende por parágrafo.

Passemos, portanto, ao texto crítico e às observações que se fizerem necessárias.

Quanto à grafia usada pelo Autor comparamo-la com a grafia usada na Encyclopédia e Dicionário Internacional da W.M. Jackson, de 1923, e constatamos que não procurou se ater à grafia oficial da época. Constatamos, por exemplo, as seguintes discrepâncias entre sua grafia e a grafia do aludido dicionário:

GRAFIA DE TITO CARVALHO	GRAFIA OFICIAL
sincerro	cincerro
chapéo	chapéu
reberberar	reverberar
geáda	geada

a) Os chamados grupos consonânticos impróprios foram simplificados: fluctuar (flutuar), picturescos (pituresco), capti veiro (cativeiro), augmentava (aumentava), columná (coluna), pre sumpção (presunção), assumptou (assuntou), somno (sono), indirec- tas (indiretas), rictus (rito).

b) A sibilante surda, /s/, nos casos de composição voca bular, foi alterada através do uso do dígrafo -ss-: resabiada (res sabiada), resequida (ressequida), imposivel (impossível).

c) Mantivemos as formas criação, criação, creada, cria- da, creança, porque parecem revelar uma distinção semântica gene- ralizada entre "crear" e "criar" e seus derivados.

d) Atualizamos o ditongo -aes- para -ais- em palavras como: mineraes (minerais), animaes (animais), paes (pais), laranjaes (laranjais), pinheraes (pinherais).

e) Respeitamos o uso do ditongo ou/oi, feitos pelo autor: estoirar, escoucear, cousa, oiro, pode.

f) Apesar de a grafia atual grafar pelejamos, conservamos o iode usado pelo autor em "peleiamos".

g) Os nomes estrangeiros foram vernaculizados: mazurka (mazurca), fakir (faquir). Quanto ao nome de uma arma de fogo - winchester ora o autor usa "winchestra", ora "vinchestra". Optamos pelo último - vinchestra, conservando o aportuguesamento inclusive no final (-tra, em vez de -ter).

h) É digno de nota o fato de que o autor prefere "desin feliz" a "infeliz", "deslivrar-se" a "livrar-se".

i) Mantivemos a preferência do autor, preferindo não atualizar palavras do tipo: arrecei (arreceei), impecilho (empecilho), crâneo (crânio), pior (pior).

j) Respeitamos o uso do autor em "Leblina" (neblina).

l) Atualizamos a acentuação do texto de base, fazendo -se necessárias algumas explicações:

a) Em relação ao uso do trema, as normas ortográficas vigentes na época do autor não exigiam seu uso como ocorre atualmente. Todavia, às vezes o autor queria ressaltar a pronúncia do -u- como em lingüiça, colocando um acento agudo sobre o -u-, lingúiça. Apenas nesses casos, quando havia a indicação do trema através do acento agudo, é que o usamos: tigúera (tigüera). Justificamos essa nossa posição: não sendo possível decidir sobre a pronúncia do autor, ou do seu tempo, com rela -

- ção a algumas palavras em que figuram os grupos gue, gui, que e qui, omitimos, por medida de prudência o trema ainda que em palavras de pronúncia indubitável. Por exemplo, em "aguntei" o autor não usou trema. Respeitamos sua escrita.
- b) O autor afasta-se das normas ortográficas vigentes na época em relação à acentuação das paroxítonas: acentua indistintivamente todas as vogais paroxítonas de timbre aberto: aligeráva-se, badérna, tiguéera, geáda, espóra. Eliminamos, simplesmente, o acento agudo nestes casos, adequando o acento das demais paroxítonas às normas atuais.
- c) O acento utilizado para crase, pelo autor, é um acento agudo: á, áquelle. Atualizamos para à, àquele. É interessante notar que o autor usa o acento de crase com extrema correção.
- d) Todos os ditongos abertos em eo (chapéo, céo) foram atualizados para éu (chapéu, céu).
- e) Uniformizamos a acentuação de "que", "porque" e "por que", inclusive atualizando os casos em que o porque deve ser grafado junto ou separado.
- f) Conservamos o acento circunflexo em pôça, por ser variável, no Brasil, o timbre da vogal da sílaba tônica, aberto ou fechado.
- g) Mantivemos a lição do texto de base no uso do apóstrofo: p'r'a, d'ele, d'estabelecer.
- h) Adequamos toda a acentuação aos cânones atuais, eliminando os acentos diferenciais eliminados na última reforma ortográfica e fazendo as demais alterações que foram

julgadas necessárias.

Em relação à pontuação usada pelo autor, não encontramos nenhuma inobservância às normas gramaticais. A não ser, talvez, um engano tipográfico, em Santa Luzia:

"Condoído, Bentinho mandou-o p'r'o quarto da ramada..."

O texto de base não traz a vírgula logo após "condoído", quando deveria trazer, já que é uma oração subordinada adverbial causal reduzida de participio.

Fora isso, não encontramos mais nenhuma falha na pontuação. Há, é verdade, pequenas discrepâncias entre uma publicação e outra, mas tanto numa quanto noutra há correção. São apenas pequenas trocas de vírgula por travessão, ou ponto em lugar de reticências, conforme se observará no decorrer do exame do texto crítico.

Não vacilamos em atualizar a grafia no que se refere ao emprego:

j - g - lage - laje

c - s - sincerro - cincerro

ch - x - coxilha - cochilha

h - humido - úmido, hontem - ontem, dahi - daí, tahi - taí.

s - z - proesa - proeza, rezes - reses.

Eliminamos os dígrafos helenizantes: esphantado, aphtosa, thanagilda.

Substituímos o k, Y e W dos vocábulos que não mereçam o tratamento de realce material de estrangeirismo: níckel (níquel), fakir (faquir), winchester (vinchestra), parnahyba (parnaíba), júrys (júris), physica (física).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) HOUAISS, Antônio et alii. Edições críticas de obras de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Editora Civilização, M.E.C. , 1975, p. 34-35.
- (2) KURY, Adriano da Gama. Conferência pronunciada na Universidade Federal Fluminense. Rio, agosto de 1973.
- (3) KURY, Adriano da Gama. Op. cit., p. 34-38.
- (4) Idem, ibidem, p. 33.
- (5) REPÚBLICA. Florianópolis, 1919 a 1935.  
REVISTA TERRA. Laguna, 1922.  
ANUÁRIO BARRIGA-VERDE. Florianópolis, 1921.  
REVISTA SANTELMO. Laguna, 1922.
- (6) O ESTADO. Florianópolis, 1920 a 1935.
- (7) DIÁRIO DA TARDE. Florianópolis, 1920 a 1935.
- (8) HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa. 11 ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1974.

CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA

- 1896 - Nasce a 4 de janeiro, em Orleans, Santa Catarina, Tito Lívio Gomes de Carvalho, filho de Antônio Luís Gomes de Carvalho e Maria Cascaes de Carvalho.
- 1908 - Inicia, aos 12 anos, no jornalismo, editando uma folha estudantil no Ginásio Catarinense, em Florianópolis.
- 1915 - Foi redator da "Gazeta Orleanense", de Orleans, de 15 de fevereiro a outubro de 1918.
- 1920 - De 7 de novembro desse ano, data da publicação do seu primeiro conto, "Andeja", na "Revista Terra", nº 19, até quando em 28 de novembro publica seu segundo conto "Bulha d'Arroio", também na "Revista Terra", nº 21.
- 1922 - Em 8 de janeiro é publicado no jornal "República" o retrato de Tito Carvalho pela passagem de seu aniversário.
- Em 1º de fevereiro, publica na revista "Santelmo" o conto "Carijo".
  - Dia 15 de fevereiro, publica na revista "Santelmo" o conto "Simpatia".
  - Em 1º de outubro, publica na revista "Santelmo" o conto "Flores de Sangue".
  - Em 22 de outubro, publica o conto "Tiguéra" no jornal "República".
  - Em novembro, foi redator do jornal "República", até outubro de 1930.
  - "Flores de Sangue" é publicado em 3 de dezembro no jor

-nal "República".

- 1923 - Em 2 de março publica no jornal "República" o artigo "Poesias de Idéias".
- "Escotismo" é publicado em 11 de setembro.
  - "Santa Luzia", conto publicado em capítulos começando em 28 de outubro, 4 de novembro, 11 de novembro, 18 de novembro, 27 de novembro, 1º de dezembro, 2 de dezembro.
  - Em 11 de outubro publica "Escotismo", e também em 9 de novembro.
  - Em 25 de dezembro publica o conto "Pinheiro Agonizante" no jornal "República".
- 1924 - Em 19 de fevereiro Tito Carvalho é nomeado secretário da Comissão Regional de Escoteiros.
- Tito Carvalho faz parte da Comissão de Glossário de Regionalismo da Academia Catarinense de Letras.
  - "Registrado sem Valor", é um artigo de Tito Carvalho para Araujo Figueredo, publicado no jornal "República" de 13 de março.
  - "Exertos de Discursos" (discurso de posse na Academia Catarinense de Letras é publicado no jornal "República" de 16 de março.
  - Tito embarca no trapiche municipal de Laguna, em gozo de licença a 23 de março.
  - Tito chega com sua família em Imbituba no barco Itoupava no dia 25 de março.
  - Tito volta de Imbituba acompanhado da família em gozo de uma licença de que fez jus pelo seu traba-

-lho constante e exaustivo na redação da "República" ,  
publicado em 22 de abril.

1925 - Neste ano Tito Carvalho não fez publicações.

1926 - "A Masorca Ridícula", artigo político, publicado no jornal "República".

1927 - Em 5 de janeiro amigos oferecem jantar no Hotel Macedo pelo seu aniversário.

- "Publica em 23 de janeiro, no jornal "República" o conto "Sacrifício".

- "Representação Catarinense", artigo político, publicado no jornal "República" de 27 de janeiro.

- "Representação Federal", artigo político, publicado no jornal "República" em 29 de janeiro.

- "Representação Federal", artigo político, publicado no jornal "República" em 30 de janeiro.

- "A Ingloriosa Campanha", artigo político, publicado no jornal "República" de 10 de fevereiro.

- "Pontos de Vista", artigo político, publicado no jornal "República" de 11 de fevereiro.

1927 - "Depois da Tempestade", artigo político, publicado no jornal "República" de 12 de fevereiro.

- "Administração Municipais", artigo político, publicado no jornal "República" de 13 de fevereiro.

- "O Verso Abissínico" conto publicado no jornal "República" de 15 de fevereiro.

- "Reunião de Superintendentes", artigo político; em 17

de fevereiro foi publicado um artigo com o nome de "Empreendimentos Salutares".

- "Pela Soberania do Voto", artigo político, publicado no jornal "República" de 24 de fevereiro.
- O mesmo artigo é publicado em 26 de fevereiro.
- "Alginismo", artigo político, publicado no jornal "República" de 10 de março.
- Tito Carvalho escreve sobre Araujo Figueredo no jornal "República" de 7 de abril.
- Publica:
  - "Em Defesa duma Solidariedade I", artigo político, no jornal "República" em 9 de abril;
  - "Em Defesa duma Solidariedade II", artigo político, no jornal "República" em 10 de abril;
  - "Em Defesa duma Solidariedade III", artigo político, no jornal "República" em 11 de abril.
- Publica o artigo político, "Intercâmbio Intelectual", no jornal "República" em 14 de abril.
- Publica no jornal "República", em 17 de abril o conto "Entrevado".
- "Derredor dum Telegrama", publicado no jornal "República" em 19 de abril.
- Publica no jornal "República" em 8 de junho o artigo político, "Ainda Sobre Autoclaves".
- Publica no jornal "República" em 5 de junho o artigo político, "Fabricação de Banha".
- Publica no jornal "República" em 14 de junho o artigo político, "Problema Portuário".
- Publica no jornal "República" em 18 de junho o artigo

"Reunião de Energias".

- Tito Carvalho é cumprimentado pelo jornal "República" em 22 de junho.
- Tito acha-se gravemente enfermo na cidade de Laguna.
- Em 25 de julho publica o artigo político "Direito das Minorias" no jornal "República".
- Em 30 de julho o jornal "República" publica "Tito enfermo e hospedado no Hotel Macedo".
- Em 4 de agosto o jornal "República" noticia visitas a Tito pela sua enfermidade.
- Publica no jornal "República" em 28 de agosto o conto "Terra Ignorada".
- Publica no jornal "República" em 18 de setembro o artigo político "O Esforço Novo Esmagando".
- Publica no jornal "República" em 21 de setembro o artigo político "Senso Pragmático".
- Publica no jornal "República" em 24 de setembro o artigo sobre a instalação do Congresso das Municipalidades "Conheçamo-nos".
- Publica no jornal "República" em 2 de outubro o artigo sobre Hercílio Luz "A morte do Dominador"; nesta mesma data, publica outro artigo chamado "Mais um Aniversário".
- No dia 2 de novembro, publica no jornal "República" um artigo alusivo à data chamado "Finados".
- Publica no jornal "República" em 8 de novembro o artigo "Cultura de Mamão I".
- Publica no jornal "República" em 9 de novembro o artigo "Cultura de Mamão II".

- Publica no jornal "República" em 13 de novembro o artigo político "Começo de Germinação".
  - Artigo "Saber Calar"; exposição sobre a arte alemã e galeria de quadros em 20 de novembro.
  - Publica em 22 de novembro o artigo político "Intercâmbio Intelectual".
  - Publica em 25 de novembro o artigo político "Atos e Sugestões".
  - Publica em 20 de dezembro o artigo político "Interesses Nacionais".
- 1928 - "Dia da Árvore" artigo publicado no dia 21 de setembro pelo jornal "República" alusiva à data.
- Publica em 29 de outubro o artigo político "Para Frente".
  - Publica em 10 de julho no jornal "República" o artigo político "Encurtando Distâncias".
  - Publica em 14 de julho no jornal "República" o artigo "Da Rússia Vermelha".
  - Publica em 15 de junho no jornal "República" o artigo "João Cavaliere".
  - "Sobre um túmulo" (artigo sobre um morto).
  - "Blumenau". A palavra de seu superintendente (artigo político) publicado em 20 de julho.
  - Publica em 25 de julho o artigo político "Direito das Minorias".
  - Publica em 27 de julho o artigo sobre a revisão constitucional "Promulgação da Constituição".
  - Publica em 29 de julho no jornal "República" o artigo político "Saber Governar".

- Publica em 2 de agosto no jornal "República" o artigo político "Aspectos da Mensagem".
  - Publica em 2 de agosto no jornal "República" o artigo político "Sobre Poder Judiciário".
  - Publica em 7 de agosto no jornal "República" "Imposto Territorial" (artigo sobre a prioridade da defesa do imposto territorial).
  - Publica em 10 de agosto no jornal "República" o artigo "Aspectos da Mensagem" (assunto sobre a polícia civil, penitenciária).
  - Publica em 20 de outubro no jornal "República" o artigo sobre Hercílio Luz, "Gigante Adormecido".
  - Publica em 24 de outubro no jornal "República" o artigo "Como no Mandarim".
  - Publica no dia 1º de novembro no jornal "República" o artigo "Rui Barbosa".
  - Publica em 9 de novembro no jornal "República" o artigo patriótico "Intercâmbio Salutar".
  - Publica em 18 de novembro no jornal "República" o artigo "Dia da Bandeira".
  - Publica em 15 de novembro no jornal "República" o artigo "Cerne da Nacionalidade".
  - Publica em 28 de dezembro no jornal "República" o artigo político "Deputado Souza Filho".
- 1929 - Em 4 de janeiro é publicado no jornal "República" o retrato de Tito Carvalho, pela passagem de seu aniversário.
- Em 6 de janeiro é publicada no jornal "República" a relação dos telegramas recebidos, pela passagem do aniversário de Tito Carvalho.

- Publica em 12 de fevereiro no jornal "República" o artigo político sobre o ministro Victor Konder, "Saber Vencer".
- Publica em 20 de junho no jornal "República" o artigo religioso "A Terra é Verônica".
- Publica em 25 de abril no jornal "República" o artigo sobre Hercílio Luz, "Valor Energia".
- Publica em 26 de abril no jornal "República" o artigo "Os dias".
- Publica em 8 de maio no jornal "República" o artigo político "O Trabalho do Sr. W. Luiz".
- Publica em 22 de maio no jornal "República" o artigo "Bandeirante da Brasilidade".
- Publica em 29 de maio no jornal "República" o artigo sobre Hercílio Luz, "Homem e Estadista".
- "A Terra é Verônica Sobre que o Suor...", artigo publicado pelo jornal "República", em 20 de junho.
- Publica em 20 de junho no jornal "República" o artigo "Blumenau".
- Publica em 22 de junho no jornal "República" o artigo "Cidade Feitiço".
- Publica em 23 de junho no jornal "República" o artigo "Terra! Terra".
- Publica em 4 de outubro no jornal "República" o artigo político "Honradez e Visão Patriótica".
- Publica em 6 de outubro no jornal "República" o artigo político "Da Minha Carteira".
- Publica em 11 de outubro no jornal "República" o artigo político "Sejamos Coerentes".

- Publica em 11 de novembro no jornal "República" o artigo político "Bandeira do Brasil".
- Publica em 27 de dezembro no jornal "República" o artigo "Razões dum Repto".
- Publica em 11 de dezembro no jornal "República" o artigo "Cavalo de Tróia".
- Publica em 13 de dezembro no jornal "República" o artigo "Na Madeira".
- Publica em 17 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho I".
- Publica em 18 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho II".
- Publica em 19 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho III".
- Publica em 20 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho IV".
- Publica em 21 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho V".
- Publica em 22 de dezembro no jornal "República" o artigo "Ordem e Trabalho VI".
- Publica em 24 de dezembro no jornal "República" o artigo "O Liberalismo sem Diretrizes".
- Publica em 31 de dezembro no jornal "República" o artigo "Uma Vergastada Liberal".

- 1930 - Publica em 3 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Método Confuso".
- Publica em 4 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Salada Liberal. Que'é da Frente Única?".
  - É publicado no jornal "República" o retrato de Tito

Carvalho, pela passagem de seu aniversário.

- Publica em 7 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Coerência, Sr. Collor".
- Publica em 9 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Franqueza, Lealdade".
- Publica em 10 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Para as Urnas, num Prédio Cívico".
- É publicada no jornal "República" a relação dos telegramas recebidos pela passagem do seu aniversário.
- Publica em 11 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Finança Politiqueira".
- Publica em 12 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Em Vésperas do Corso...".
- Publica em 14 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Padre e Deputado".
- Publica em 15 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Aos Francos...".
- Publica em 16 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Honre a Sua Palavra".
- Publica em 17 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Planos que não Vingarão".
- Publica em 18 de janeiro no jornal "República" o artigo político "A Síntese de Nilo Peçanha".
- Publica em 19 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Mentiroso Primeiro que Coxo...".
- Publica em 21 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Redenção sim para Minas".
- Publica em 22 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Moléstia dos Papagaios".

- Publica em 24 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Fora da Lei e da Ordem".
- Publica em 25 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Minas Está Tinindo...".
- Publica em 26 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Romana Tilintante...".
- Publica em 30 de janeiro no jornal "República" o artigo político "A Moléstia da Perua".
- Publica em 31 de janeiro no jornal "República" o artigo político "Basta de Arruaças".
- Publica em 1º de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Fauna Curiosa...".
- Publica em 2 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Aspectos Políticos".
- Publica em 4 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Justa Homenagem".
- Publica em 5 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Atitude Bifronte".
- Publica em 7 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "A Afirmação da Derrota".
- Publica em 8 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "A Pena de Morte".
- Publica em 11 de fevereiro no jornal "República" o artigo "Mordação da Imprensa".
- Publica em 12 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "O Nosso Bilhete".
- Publica em 13 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Túnica de Nessus".
- Publica em 15 de fevereiro no jornal "República" o ar-

tigo "Força de Caráter".

- Publica em 16 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Como Eu Penso...".
- Publica em 19 de fevereiro no jornal "República" o artigo "Pela Ordem Sim!".
- Publica em 22 de fevereiro no jornal "República" o artigo "Integridade da Nação".
- Publica em 25 de fevereiro no jornal "República" o artigo "Constituição? Não, Rigue!".
- Publica em 26 de fevereiro no jornal "República" o artigo político "Aos Catarinenses".
- Publica em 7 de março no jornal "República" o artigo político "E Não se Convencem!".
- Publica em 8 de março no jornal "República" o artigo político "O Recurso Previsto".
- Publica em 9 de março no jornal "República" o artigo político "Regeneração".
- Publica em 11 de março no jornal "República" o artigo político "Outro Rumo!".
- Publica em 12 de março no jornal "República" o artigo político "Nada de Novo...".
- Publica em 13 de março no jornal "República" o artigo político "Emergindo Enfim...".
- Publica em 20 de março no jornal "República" o artigo político "Lealdade e Coerência".
- Publica em 24 de março no jornal "República" o artigo "Compram as Promessas".
- Publica em 27 de março no jornal "República" o artigo político "Com a Derrota, Nova Pilhéria".

- Publica em 29 de março no jornal "República" o artigo político "Um trabalhador".
- Publica em 30 de março no jornal "República" o artigo sobre o livro de Othon D'Eça, "Aos Espanhóis Confinantes".
- Publica em 1º de abril no jornal "República" o artigo político "Medida Oportuna".
- Publica em 3 de abril no jornal "República" o artigo político "Porto de Largura".
- Publica em 8 de abril no jornal "República" o artigo político "Sempre o Mesmo...".
- Publica em 10 de abril no jornal "República" o artigo político "A Salvação".
- Publica em 11 de abril no jornal "República" o artigo político "O Elogio Mútuo".
- Publica em 12 de abril no jornal "República" o artigo político "Toque de Assuero".
- Publica em 13 de abril no jornal "República" o artigo político "Regulamentação Necessária".
- Publica em 15 de abril no jornal "República" o artigo político "Confrade e Amigo".
- Publica em 16 de abril no jornal "República" o artigo político "Um cientista".
- Publica em 17 de abril no jornal "República" o artigo "Orleans... Eu".
- Publica em 18 de abril no jornal "República" o artigo "Breves Palavras".
- Publica em 24 de abril no jornal "República" o artigo "O Sentido da Grandeza".

- Publica em 25 de abril no jornal "República" o artigo "Medida Oportuna".
  - Publica em 26 de abril no jornal "República" o artigo político "Prefeitura de Lages".
  - Publica em 29 de abril no jornal "República" o artigo "Dia Próximo".
  - Publica em 3 de abril no jornal "República" o artigo "Carvão Orleanense".
  - Publica em 26 de setembro no jornal "República" o artigo sobre o estadista Raulino Horn.
  - "Novo em Política", artigo sobre a vinda de Tito Carvalho de Orleans para o jornal "República", no governo de Hercílio Luz.
- 1931 - Foi redator do jornal "A Cidade", da Laguna, de janeiro de 1931 a março de 1932.
- 1932 - Redator do jornal "Cidade de Blumenau", de abril de 1932 a outubro de 1934.
- 1934 - Redator do jornal "O Estado", de Florianópolis, de novembro de 1934 a junho de 1935.
- 1935 - Redator do jornal "Diário da Tarde", desta Capital, de julho de 1935 a agosto de 1938.
- 1938 - A convite de Hercílio Luz, dirige a revista "A República". Nesta época trabalhava na Promotoria, como adjunto de promotor.
- 1939 - A vida do escritor está assinalada pela publicação

do livro Bulha d'Arroio, coletânea de contos, editado pela Imprensa Oficial do Estado.

- 1942 - Como redator efetivo ingressou no Departamento Estadual de Imprensa-Propaganda, e, sendo este cargo mais tarde extinto, foi nomeado assistente, do Departamento, onde ficou até 1944.
- 1946 - Dirigiu a agência de notícias Asapress (Agência Noticiosa Sul América S.A.).
- 1954 - Ingressa como redator-secretário no SHOPPING NEWS do Rio. Paralelamente foi cronista parlamentar do jornal do Brasil, durante 3 anos. Foi diretor do Jornal "Diretrizes" por 6 meses.
- 1958 - Veio do Rio, a convite do Governador Jorge Lacerda. Comprou o jornal "Diário da Tarde", que dirigiu durante alguns anos.
- 1959 - Volta ao Rio, a pedido do seu amigo Francisco Machado, proprietário da "Asapress", para dirigir a filial carioca daquela agência.
- 1961 - Volta para Florianópolis, onde é nomeado diretor da Biblioteca Pública.
- 1963 - Publica "Vida Salobra", romance editado pela Livraria Acadêmica.
- 1965 - Faleceu em 15 de junho de 1965, onde nesta época trava -

-lhava na elaboração dos livros "Fogo em Bogotá", narrativa da revolução colombiana; Nereu Ramos - Flores da Cunha. Preparava, ainda, a edição de "Gente do Meu Cantinho", seqüência de perfis de pessoas gradas - miúdas, com que revolucionou (relacionou ou apenas) travou conhecimento ao longo da vida. (Panorama do Conto Catarinense).

*Seu nome é Nereu Ramos - Flores da Cunha  
e ele nasceu em Curitiba em 1904.  
Faleceu em 1974.*

TEXTO CRÍTICO

BULHA D'ARROIO

1

"Pois, é isso: preguei com uma carga de chumbo na pale-  
 ta do tio Jaço. El'era tipo enzoínero, a me provocar to-  
 da vida, com voz de chibarro, orneando cantigas esporas  
 e o querumano desgraçado. A ultima vez que demos adeus  
 de mão-pegada, foi na venda do Janguta, na capela da  
 Chapado Feia. Bebemos na mesma guampa a mesma pólvora...  
 Ajouguei-me a um canto e gachei-me a olhar o tio velho.  
 O danado tava ficando gordo, e garrando a viola, dan-  
 çando, aos corcovos, com unhadas pelos bordões, pegou a  
 penicar na minha vida, uma vida triste... Eu, então-se,  
 com um pulo de jaguatirica, caí na mangueira e gritei o  
 garraio a tirar um cotejo. Ele pinchou-se, a espada re-  
 verberando na mão. Peleiamos um mundo de tempo. Cortei-  
 -o, p'ra ultimar, nos costilhares, e, brincando, limpei  
 a sangueira do ferro na holanda que era o seu picunha  
 dele. Jaço, brabo, com os olhos relampeando que nem po-  
 ça onde o sol se lava, finçou-me um golpe que desviei,  
 indo o tio velho cair p'r'o lado, escoiceando, que nem  
 gado na derrubada da marcação... Montei no meu tostado,  
 e disse p'r'ele, que roncava como touro de cisma perdi-  
 da p'l'os rodeios."

1

a, b, c, A palêta. a, b, c, A Ell'era. a, b, c, A typo. a, b,  
 c, A enzoínêro. a, b, c, A espóras. a, b, c querumâno. a, b,  
 c dêsgraçado. a, A ultima; b, c última. a, b, c de mão prega-  
 da. a, b, c Chapado-Feia; A na capella da Chapada-Feia. a, b,  
 c, A polvora. a, b, c, A damnado. a 'tava. a gôrdo. a vióla.  
 a, b, c, A dansando. a, b, c zunhadas. a, b belliscar; c be-  
 liscar. a, b cahiu; c cahi. a, b, c, A cotêjo. a, b, c, A El-  
 le. a, b, c, A reberberando. a sangúeira. a, b, c, A hollanda.  
 a, b, c, A delle. c brado. a, b, c, A pôça. A sól. c reu. a,  
 b, c, A p'r'elle. a, b, c, A scisma.

2 \_\_\_\_\_ "Cuê puna bisca velha! cotejo contigo só a lagarto, p'ra te xarquear o lombo a laçoço, como quem tira balda de aricunga ou reina de boizinho gaúcho!"

3 \_\_\_\_\_ E cheguei os ferros no animal. Isso era de tarde. Já o céu, como rês golpeada no sangrador, ia ficando dum vermelho de sangueira, igualzinho a tinta encarnada do tiçume de igreja. Pela pinheirama, uma ou outra carucaca se ajeitava para o pouso e algum carancho, farejando ainda terneiro novo, piava um pio agourento... Eu ia galopeando, ia petiço, pela estrada do Rabungo, levar uma riconvência ao Chico Bragado. Não que fugisse, que eu cá nunca arreceiei boi no palanque, nem Jaços por esses chãos de Deus... Mas, como falava, - ia galopeando, cortando no meu matungo essas cochilhas e canhadas. Ao descer um tope, perto do Lageado Velho, onde corre o Arroio Pequeno, senti bulha na água. Sofrenei o tostado. Timbrei logo dois pungas - eu ia no rasto. Mas, seu doutor, aqui é que está toda a minha desgraceira. Quem haveria de dizer! Em oito cascos de pilungos gafeirentos! Na bulha do arroiozinho! Já vai ver: Costeando a taipa, dois homens

2 a, b, c, A cotêjo. a, b, c, A comtigo. a, b, c guacho!

3 a, b, c, A céo. a, b, c rês. a, b sangueira; A sangúeira. b à. c à. A à. b, c, A carucáca. a ajeitava-se; b, c ageitava-se. a, b, c, A riconvencia. a arreceiei; b, c arreceiei. a, b, c por esse chão de Deus cortando com o meu matungo. a, b, c cochilhas. a, b, c tópe. a, b, c, A na agua. a áqui. a, b, c desgracêra! a, b, c havéra. a, b, c pelungos. a vae. a, b, c zarreio, zarrero. a, b, c, A metti-me. a, b, c o meu cigarro. a com a chuspa dos dedos. a, b, c, A Dahi. a, b, c o tio Jaço!. a, b, c, A Elles.

compunham os arreios. Meti-me num capão, e bem defronte aos andantes, parei a enrolar o cigarro, com a chuspa nos dedos. Daí, como os ouvidos não se fecham e eu 'tava curioso, fui notando a conversa dos homens. Pois, um, acredite e eu lhe juro por São Joaquim, era justamente, inteirinho, em carne e lonca, o tio Jaço. Fiquei quebra. Eles rinchavam alto:

4 \_\_\_\_\_ "Mas, vancê 'tá cortado? Parésque se vai boleando, à maneira de sestro!"

5 \_\_\_\_\_ "Pois, foi o Pedro Lonanco. Pinchei-lhe um chapéu-de-veado pelo quengo, e o espeloteado, atopetando-se de ciume, me provocou. Medimos logo as vasilhas e saí cortado do cotejo". Não pude ouvir mais: a Tanagilda, broaca velha marraiera, andava fazendo vida com tio Jaço, um'égua pesteadada das cadeiras!... Não ouvi mais, e abrindo a boca, soltei o meu grito de desespero e vingança - Éhôôô!...

---

4 a, b parece que vae; c parece que vai. a, b, c, A séstro.

5 a, b, c pinchei-lhe com um chapéu de veado; A pinchei-lhe um chapéu-de-veado. a, b, c mê. a, b, c, A cotêjo. a, b, c Eu não pude. A bróaca. A marreiêra. a, b, c, A bocca. a, b, c de despero. a, b, c Éhôôô!...

6 Os timbés, como vacas desgarradas, responderam meu berro, e eu larguei-me pelo mato a dentro, morro a baixo, numa disparada louca. Dias depois apeei na minha ramada. Pinchei o socado no girau. Era escuro. Garrei o guariba e fui ponhar no catre do rancho. Topei tudo numa remexida. Saí convencido. Fui p'ra cozinha. A Tanagilda 'tava maceando pinhão perto da grade. Pedi café (aquí engrossa esta historinha dos diabos) e a tibéria trouxe o copinho, que eu fui temperando calado. Mas, p'r'a maior desgraça, o maldito tinha pinché! Eu não podia mais aturar. A bicha tomou o freio nos queixos, e não havia modos de bandeá-la. A vida, p'ra mim, era uma cangalha mal enjamburada; era que nem carga que pende: do lado de laçar, o peso de lão de ovelha, a minha coragem de confiado; do lado de montar, o peso de sal da minha amargura. Carga de sala! Era só velhaquear p'r'o arroio... E ficava deslívrado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei o copinho nas guampas da Tanagilda e fuis'embora, por esses mundos de Deus, com a vinchestra no lombo... Na altura do Passo Torto empaquei, pertinho do mato carrasquento. Ouvi tropel de animal. Era a Providência que mandava: tio Jaço vinha meio escorvado, num galope feito, p'r'o meu lado. Aí, então-se, só sei que calquei o gatilho e o bruto despencou

---

6 a, b, c taimbés. a, b, c, A vaccas. a, b, c, A matto. a, b, c, A soccado. a, b, c, A giráo, giráu. a, b, c, A Thanagilda. c Tibéria. a bandeal-a. a lançar. a, b, c d'ovelha, da ovelha. a, b, c, A Thanagilda. a, b, c, A matto. a, b, c, A Providência. a, b, c, A ahi. a, b, c gumitar. a, b, c, A Thanagilda. a, b, c, A Tararáca. a, b, c, A della. a, b, c Não aguentei: Segurei. a, b, c taimbé.

do animal, berrando a gomitara sangue: "Só mesmo de treição! Quando dei tento de mim, a Tanagilda 'tava do lado, olhando meio tararaca p'r'o macho dela. Não aguentei: segurei a china velha pelas crinas e enveredei p'r'ro timbê. Ergui-a sobre o rio que escumava em baixo. Ela garrou-se à minha mão com unhas e dentes, mas eu sacudi o braço. E só ouvi, p'r'o fundo, o barulho duma coisa que s'esmigalha nas pedras e cai n'água aos pedaços... Senti um alívio grande. Havia ficado livre da carga de sal que tanto me pesava: a honra dum tropeiro 'tava areada com o sangue dos dois feduntos. E, depois seu doutor, a gente de tanto aloitar com a caipa, a bomba, fazendo o diabo, acabando de estripolia em estripolia, com essa te deunzada toda, no varão da cadeia. Esta é a minha historinha. Tanta mixorna por uma bulha do arroiozinho! Vancê faça o que quiser dela nos júris. Eu não cuido no tempão que hei de parar aqui, e a saudade do meu campo e da minha lida há de dar comigo na cova. Mas, diz que, seu doutor, um tropeiro foi e é sempre um homem..."

6 a, b, c, A Ella. a, b, c ã, à. a zunha; A zunhas. a, A cae. a n'agua; A nagua. a, b, c, A allivio. a, b, c dôsgraça. a, b, c, A tedeumzada; a, b é a minha história; e é a minha historinha. c bulha do arroio!. c, A quizer. a, b, c, A della. a, b, c, A jurys. a, b, c, A hão, há. a, b, c, A commigo. a, b, c, A cova. a, c diz que.

MUDANCA DE PONTUACÃO (1920)REVISTA TERRALIVRO

Pois é isso,  
 adeus de mão pregada  
 a mesma palavra.  
 ficando gôrdo,  
 garraio, a tirar  
 costilhares, e  
 brincando,  
 relampeando, que nem sol  
 - Cuê puna  
 - boizinho guacho! -  
 no animal!  
 pinheirama, uma  
 esse chãõ de Deus.  
 desgraçêra!  
 fecham, e eu  
 o tio Jaço!  
 - "mas vancê tá  
 com o tio Jaço -  
 - E'hôô!...  
 tava  
 aturar: a bicha  
 enjambrada,  
 de lâ d'ovelha -  
 o tio Jaço, vinha  
 aguentei. Seguirei a bisca  
 o rio que escumava,

Pois, é isso:  
 adeus de mão-pregada  
 a mesma palavra...  
 ficando gordo  
 garraio a tirar  
 costilhares, e,  
 brincando  
 relampeando que nem sól  
 - "Cuê puna  
 - boizinho guacho!  
 no animal.  
 pinheirama uma  
 esses chãos de Deus...  
 desgraceira.  
 fecham e eu  
 o tio Jaço.  
 :- mas, vancê 'tá  
 com o tio Jaço,  
 - E'hôôô!...  
 'tava  
 aturar. A bicha  
 enjambrada;  
 de lâ de ovelha,  
 o tio Jaço vinha  
 aguentei: seguirei  
 o rio, que escumava

braço, e só ouvi, n'agua  
cos pedaços.

tava

depois,

acabando, de estripar.

a minha história -

jurys:

aqui -

um homem..."

a mê provocar

ficando gôrdo,

garrando a vióla

sol

rêz

sangúeira

igualzinho a tinta

tópe

desgracêra!

á maneira de

marraeira

tava

dêsgraça

trêição!"

braço. E só ouvi, n'agua  
cos pedaços...

'tava

, depois

acabando de estripar.

a minha historinha

jurys.

aqui,

um homem..."

a me provocar

ficando gordo

garrando a viola

sôl

rez

sangueira

igualzinho à tinta

tope

desgraceira.

à maneira de

marraiêra

'tava

desgraça

treição!"

#### ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

p'ra xarquear

o tio Jaço vinha meio escorvado,

a minha história

bulha do arroio

p'ra te xarquear

o tio Jaço, vinha

a minha historinha

bulha do arroiozinho

como eu falava  
 com o meu matungo  
 o meu cigarro  
com um chapéu  
com o copinho

como falava  
 no meu matungo  
 o cigarro  
 um chapéu  
 o copinho

MUDANCA DE GRAFIA

com zunhadas  
 coxilas  
 desgraçêra  
 pelungos  
 vae  
 o zarreio  
 marraeira  
 um'égua  
 - E'hôô!....  
 giráo  
 vinchestra  
 gumitar  
 trêiçãõ!"  
 taimbé  
 com zunha  
 bandeal-a

com unhas  
 cochilhas  
 desgraceira  
 pilungos  
 vai  
 os arreios  
 marraiêra  
 um'égua  
 - E'hôôô!....  
 giráu  
 winchestra  
 gomitar  
 treiçãõ!"  
 timbé  
 com unhas  
 bandeá-la

MUDANÇAS DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

ajeitava-se

se ajeitava

MUDANÇAS DE FORMAS VERBAIS

cahiu  
 arrecieei  
 vae

caiu  
 arreciei  
 vai

MUDANÇA DE PONTUAÇÃO (1921).ANUÁRIO BARRIGA-VERDELIVRO

Pois é isso,  
 de mão pregada  
 Chapada-Feia  
 a mesma palavra.  
 costilhares-brincando,  
 os ferros no animal!  
 Pela pinheirama uma ou outra  
 por esse chão de Deus.  
 como eu falava -  
 a minha desgraçêra!  
 capão, - bem defronte  
 com o tio Jaço -  
 E'hôô!...

Eu não podeia mais aturar:  
 nas queixas, não mal enjambrada,  
 era  
 lado de laçar  
 o peso de lâ de ovelha a minha do  
 lado de montar. - o peso do sal da  
 minha amargura.

p'r'o arroio... e ficava  
 do Passo Torto, empaquei o tio Ja  
 ço  
 aguntei: Segurei a bisca velha

Pois, é isso:  
 de mão-pregada  
 Chapada Feia  
 a mesma palavra...  
 costilhares, e, brincando,  
 os ferros no animal.  
 Pela pinheirama, uma ou ou-  
 tra...  
 Por esse chão de Deus...  
 como falava, -  
 a minha desgraceira.  
 capão, e, bem defronte  
 com o tio Jaço,  
 E'hôôô!...

Eu não podia mais aturar.  
 nas queixas, e mal enjambra  
 da; era  
 do lado de laçar,  
 o peso de lâ de ovelha, a  
 minha do lado de montar, o  
 peso de sal da minha amargu  
 ra.

p'r'o arroio... E ficava  
 do Passo Torto empaquei tio  
 Jaço.  
 aguntei: segurei a china ve

Ergui-a sobre o rio que escuma-  
va, em baixo  
sacudi o braço, e só ouvi;  
e cai n'agua cos pedaços.

lha  
Ergui-a sobre o rio, que es  
cumava em baixo  
sacudi o braço. E só cuvi;  
e cae nagua cos pedaços...

#### MUDANÇA DE ACENTUAÇÃO

a mê provocar  
num querumâno  
última vez  
rêz  
descer um tópe  
a minha desgracêra!  
havêra

a me provocar  
e o querumano  
ultima vez  
rez  
descer um tope  
a minha desgraceira.  
havera.

#### ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

como eu falava  
o meu cigarro  
E, depois, seu doutor  
aloitar com a dêsgraça,  
a minha historinha  
bulha do arroio!  
faça o que quiser della nos jurys:  
eu não cuido (...)  
hei de parar aqui - e a saudade  
hãõ de dar commigo na cova.

como falava  
o cigarro  
E, depois seu doutor  
aloitar com a caipa,  
a minha historinha  
bulha do arroiozinho!  
della nos jurys. Eu não cui  
do  
hei de parar aqui, e sauda-  
de  
ha de dar na cova.

MUDANÇA DE GRAFIA

com zunhadas

com unhas

cahi na

cai na

essas coxilhas

essas cochilhas

... desgraçêra!

... desgraceira

pelungos

pilungos

MUDANÇA DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

ajeitava-se

se ajeitava

MUDANÇA DE FORMAS VERBAIS

arreceiei

arreciei

MUDANÇA DE PONTUAÇÃO (1927)JORNAL

, e brincando  
 , e brincando,  
 Cuê puna  
 "guachos"!  
 pela pinheirama  
 capão, e,  
 o tio Jaço!  
 "mas vancê."  
 pinchei-lhe com um chapéo  
 E'hôô!...  
 convencido, fui  
 aturar: a bicha  
 queixas  
 enjambrada,  
 pende  
 laçar  
 de lã da ovelha -  
 montar -  
 Torto,  
 rio quê  
 escumava, em baixo.  
 braço, e  
 n'agua  
 aos pedaços.  
 depois,  
 histórinha -

LIVRO

e, brincando,  
 , e, brincando,  
 - "Cuê puna...  
 guacho!"  
 pela pinheirama,  
 capão, e  
 o tio Jaço.  
 mas vancê  
 pinchei-lhe um chapéo.  
 E'hôôô!  
 convencido. Fui...  
 aturar. A bicha  
 queixas,  
 enjambrada;  
 pende:  
 laçar,  
 de lã de ovelha,  
 montar,  
 Torto.  
 rio, que  
 escumava em baixo.  
 braço. E  
 n'agua  
 aos pedaços...  
 depois  
 historinha.

jurys: eu  
aqui -

jurys. Eu  
aqui,

MUDANCA DE ACENTUAÇÃO

querumâno  
dêsgraçado  
a mesma polvora.  
sol  
rêz  
sangüeira  
nê  
broaca  
marraeira  
desespêro  
sô  
sò  
trêição  
rio quê  
histórinha -  
cóva

querumano  
desgraçado  
a mesma pólvora...  
sól  
rez  
sangueira  
ne  
broáca  
marraiêra  
desespero  
só  
só  
treição  
rio, que  
historinha.  
cóva

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

bulha do arroio  
como eu falava  
o meu cigarro  
Pinchei-lhe com um chapéo  
Eu não pude  
Pinchei com o copinho  
O tio Jaço

bulha do arroiozinho  
como falava  
o cigarro  
Pinchei-lhe um chapéo.  
Não pude  
Pinchei o copinho  
Tio Jaço

MUDANÇA DE GRAFIA

zunhadas	unhadas
brado	brabo
arreceiei	arreciei
desgracêra	desgraceira
pelungas	pilungas
o zarreio	os arreios
"mas vancê	mas você.
Parece que	parésque
marraera	marraiêra
giráo	giráu
vinchestra	winchestra
gumitar	gomitar
zunhas	unhas
cai	cae
n'agua	nagua
diz que	dizque

MUDANÇA DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

ajeitava-se	se ajeitava
-------------	-------------

MUDANÇA DE FORMAS VERBAIS

arreceiei	arreciei
-----------	----------

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "BULHA D'ARROIO"

Tomando a primeira publicação de "Bulha D'Arroio" (1920) e comparando com o texto de base (edição de 1939), notamos que em vinte anos houve várias modificações de ordem fonética, gráfica, e semântica. A sintaxe, sói acontecer, permaneceu intocada, pois é a parte da gramática que menos sofre alterações.

O autor, com relação à grafia, já se revela mais atento para uma linguagem de nível elevado, inclusive procura adequar-se às normas ortográficas de 1938, como por exemplo:

REVISTA TERRA (1920)	LIVRO (1939)
"o zarreio"	"os arreios"
"com zunhadas"	"com unhadadas"
"mas vancê"	"mas você"
"giraó"	"girau"
"gumitar"	"gomitar"
"coxilha"	"cochilhas"
"vae"	"vai"
"cahiu"	"caiu"
"égoa"	"égua"

Outra preocupação do autor é de acentuar as vogais tônicas das palavras paroxítonas, o que já na sua época não era admitido pela grafia oficial:

inzoinêro,  
tararáca,  
querumâno,  
carucáca,

cotêjo.

Não se pode negar, entretanto, que muitos dos desrespeitos do autor para com a grafia oficial tenham sido motivados por sua preocupação em:

"reproduzir não só a linguagem do serrano, mas, igualmente, toda uma estrutura psicológica de seu mundo interior" (1).

Com relação às preposições, o fato de como o autor as usou, ou, como as considerou dentro dum contexto, em 1939, não sabemos. Apenas, podemos dizer que se mostrou, embora inconscientemente um estilístico, mesmo tirando o colorido do grupo fraseológico. Vejamos:

REVISTA TERRA (1920)

"Pinchei-lhe com um chapéu"

"Pinchei lhe com o copinho"

LIVRO (1939)

"Pinchei-lhe um cha  
péu"

"Pinchei o copinho"

Entretanto, sabemos que a preposição é ainda um elemento de caracterização exprimindo o modo de ser, e, ao escrever "com", o escritor evitou a moleza esmagadora das imagens, separando mais nitidamente as representações.

Ocorrência idêntica e, merecedora de registro é o emprego dos pronomes: o autor usa-os em 1920 e os elimina em 1939. Vejamos os exemplos:

REVISTA TERRA (1920)

"o meu cigarro"

"como eu falava"

"Eu não pode"

LIVRO (1939)

"o cigarro"

"como falava"

"Não pode"

O fato é que o autor, neste caso, nos proporciona meios para mais adiante concluirmos, cientificamente, que houve na verdade, um propósito evidente, e, "que ele sabia muito bem o que escrevia e o que queria".

As modificações mais relevantes que encontramos foram as de ordem estilística. Não são muitas, mas mostram a intenção em aprimorar seu estilo, como exemplificamos através das expressões abaixo, em que o autor procurou usar o diminutivo, talvez, visando uma expressão mais afetiva:

REVISTA TERRA (1920)		LIVRO (1939)
"bulha do arroio"		"bulha do arroiozi-
	foi	nho"
"minha história"	mudada	"minha históriazi -
		nha".

"Estaria o autor, com o emprego deste morfema expressivo, reencontrando-se com Eça de Queirós, Garcia de Rezende, Antonio Nobre, e provável seu vizinho de terras, Erico Veríssimo?" (2).

O autor procedeu também a algumas mudanças de palavras, porém, com o mesmo significado. Exemplificamos:

REVISTA TERRA (1920)		LIVRO (1939)
"desgraça"		"caipa"
"beliscar"	para	"penicar"
"bisca"		"china".

Entretanto, sabemos que as palavras vivem em famílias e o que se dá na família humana, dá-se também na família das palavras; nem sempre os componentes se harmonizam entre si, porque há elementos que são ou se julgam mais fidalgos que os outros.

Não percebemos o que leva o autor, inexplicavelmente, à mudança de determinadas palavras, de significado idêntico às originais, palavras estas, que já faziam parte dos falares do povo serrano em 1920.

Extraordinária, também, é a profusão de termos gauchescos, dos quais salientamos alguns. Outros mais serão encontrados no glossário.

querumão	(cantiga, fandango)
guampa	(copo ou vasilha de chifre)
garraio	(boi imprestável)
picunha	(pala fino)
aricunga	(cavalo ruim)
carucáca	(ave doméstica)
riconvência	(convite)
Chuspa	(bolsa de borracha, para fumo)
lonca	(couro, pele)
piché	(esturro, queimado)
tararáca	(imbecíl, atoleimado)
aloitar	(lutar)

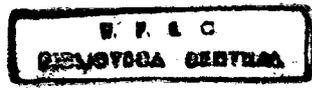
19

## LUTA DE TOUROS

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 7 O jaguané... O Baio-Churriado...
- 8 Viviam a olhar-se, as orelhas picotadas pelo sinal caídas para a frente, rumo dos cornos grossos, volteados - dois lindos pares de borrachões! Entre eles, aparando-lhes os impulsos da luta, as pedras-ferro justapostas da taipa alta, que vinha escorrendo, cochilha abaixo, num coleio de cobra formidável.
- 9 A imobilidade do seu frente-a-frente era cortada, quando a quando, pelo mosquear da cola, enxotando motucas, ou pelo vaivém rápido da língua, entre as narinas arfantes e os beiços reluzentes de baba.
- 10 Às vezes, tremuras demoradas do pelo, na defesa do couro contra ferrões teimosos.
- 11 Olhavam-se longamente, nos grandes olhos calmos. Dir-se-ia que conversam, de menina a menina, mudos, velhos tempos de correrias loucas. E, virgulando frases, lá vinha um bater demorado de pálpebras, que seria sorrisos... Sorrisos duma saudade indefinível...

- 8 A signal, elles, cochila, formidavel.
- 9 A imobilidade, cóla, vaivem, lingua.
- 10 A pello.
- 11 A phrases, palpebras.



- 12 Entanto, latejavam alí, naquelas posturas tranqüilas, e estouravam pelas órbitas molhadas, dois grandes ódios inextinguíveis.
- 13 Lambia-os o sol, de chapa, pondo-lhes corruscações de minusculos cristais nas manchas esborcinadas do pelo.
- 14 Para os longes, num fundo de porcelana azul, os montes, de dorso fendido, a espaços, em verdes chapadas, eram como que gigantes musculosos, de borco, espiando para o ventre da terra o trabalho fecundo da germinação. Pelos seus flancos, roeduras sépia de largos descalvados.
- 15 Eles fitavam-se, insaciáveis, estranhos à paisagem, na hipnose crescente do mesmo desejo de aniquilamento...
- 16 Súbito, o Jaguané entrou a urrar baixinho, ciscando a terra, escarvando-a com o casco direito dianteiro, a levantar altas colunas de pó, que voavam rutilando.
- 17 Do lado oposto, outro ronco surdo, um segundo martelar de pata no chão, atirando poeira ao ar, - a luva da provocação apanhada.

- 12 A ali, naquellas, tranquillias, estoiravam, orbitas, odios, inextinguiveis.
- 13 A minusculos, cristaes, pello.
- 14 A dôrso, bôrco.
- 15 A Elles, insaciaveis, á, hypnose.
- 16 A Subito, columnas.
- 17 A opposto.

- 18 Ia começar o aloite.
- 19 Os dois touros, então, recuaram, bufando, a cabeça baixa, o perigalho bamboleante.
- 20 E de pontas baixas arremeteram, em fúria, a cauda golpeando o ar, em gancho...
- 21 Houve uma palpitação derredor, como se corresse o campo, as árvores e as ervas um arrepio de gula, na fome da seiva, o antegozo brutal do estraçalhamento.
- 22 O saltitante fiozinho d'água dum arroio apressou mais o deslize, a contar às sombras e seixos, em risadinhas de noveleiro, aquele embate de forças, que se faria derrame de sangue...
- 23 Um pintalgado beicho da taipa desabou, fragoroso, como velha parede em ruína, ao entrechoque rude dos corpos.
- 24 E agora, na largueza sem fim do campo livre, os dois touros, de chifres encruzados, iam gravando, com o filete de gosma pendente, na pulucia macia da relva, toda a grandeza bárbara daquele encontro de forças iguais e poderosas.

- 
- 20 A furia.
- 21 A derredór, arvores, antegôzo.
- 22 A d'agua, arróio, deslize, ás, aquelle, fôrça.
- 23 A ruina.
- 24 A barbara, daquelle, fôrças.

- 25 Horas em desfio, não quebram a atitude. Poder-se-ia jurar que já ali se achavam, petrificados na mesma "pose" agressiva, insensíveis, tempo fora, ao rebentar da florescência, aos esgalhos novos, à passarinhada voejante, se não fosse o relevo mais forte duma cordoveia, o reteso mais violento da musculatura rija.
- 26 Por fim há o estalo de um casco. O Jaguané desanda, badalando a cabeça, chocalhando as aspas, como afiando-as.
- 27 Num apelo desesperado à sua dinâmica, mais se lh'esticam os nervos, 'té quase rebentarem.
- 28 E volta, novamente, à imobilidade da defesa, para outra vez recuar e outra vez estacar, firmando nas patas tra<sub>z</sub> zeiras.
- 29 Sob a pele grossa toda a sua estrutura enorme range num fatal esgotamento.
- 30 Do couro, zebrado a esfoladuras de raspão, andam porejando lágrimas de sangue...

- 25 A ali, agressivo, insensíveis, fóra, florescencia, á, si, fôsse, relêvo, retêso.
- 26 A ha.
- 27 A appello, á, dinamica.
- 28 A imobilidade, á.
- 29 A pelle, estructura.
- 30 A lagrimas.

- 31 Para trás, vagarosamente, sempre para trás, num encolhi-  
mento de desânimo, ele tem a instintiva intuição da der-  
rota infamante.
- 32 E, então, ferra-se à astúcia.
- 33 Mas a sua agilidade felina encontra, por diante, outra li-  
geireza assombrosa.
- 34 As investidas de ataque não chocam alvo.
- 35 Semelham ambos, na rapidez dos golpes, o fio do lombo em  
reta, uma agulha imanada.
- 36 Os seus grandes olhos doces vão ganhando raiaduras ru-  
bras.
- 37 Vê-se, pela brutalidade acesa da luta, que têm a consci-  
ência do seu termo.
- 38 E é quando, consequência do recuo zigzagueante, o Jagua-  
né boja na taipa, a língua ao canto da boca em escuma, com  
um cansaço incoercível a estrangular-lhe o arcabouço em  
agitado resfôlego.

- 31 A desanimo, elle, instintiva.
- 32 A á, astucia.
- 35 A recta.
- 37 A accesa, consciencia.
- 38 A consequencia, lingua, bocca, incoercivel, arcaboioço.

- 39 O Baio-Churriado afasta-se, de relâmpago, ressabiado da-  
quela capitulação fácil. Ele é o rei do campo, de sobera-  
nia firmada pelo triunfo magnífico da sua força. São-lhe  
troféus as novilhas ariscas, de carne quente e virgem.
- 40 O orgulho selvagem do macho fê-lo cavar o chão, provocan-  
te ainda...
- 41 E arremeteu, uma derradeira vez, de cabeça baixa.
- 42 Na antevisão do perigo, o outro tentou evitá-lo. Escas-  
seou-lhe tempo. E jeito. As aguçadas pontas do Baio cra-  
varam-se entre a picanha e o enripado das costelas. E lo-  
go dois esguichos de sangue golfaram em arco...
- 43 Teve um berro de dor e desespero. E, diante do rival co-  
lhido do pasmo daquela repentina desgraça, caiu, lenta-  
mente, sobre as pernas dianteiras, com um ronco demorado  
e frouxo.
- 44 Tomou-o, aos poucos, o desfalecimento da morte.
- 45 Da boca aberta, das ventas convulsas, na sede de ar, e  
do lacre das feridas, manava o sangue fumegante, aumen-  
tando os coágulos do chão.

- 
- 39 A relampago, daquelle, facil, Elle, triumpho, magnifico, tro-  
phéos.
- 41 A arremetter.
- 42 A costellas.
- 43 A dôr, daquelle, deanteira.
- 44 A desfallecimento.
- 45 A bocca, sêde, augmentando.

- 46 Já as varejeiras lhe enxameavam o dorso aveludado e em voejos rápidos iam lambendo o visco das escleróticas.
- 47 Os cascos arranharam a terra, num último apego à vida, em sanguentando-se. A pele começou a contrair-se e a cauda varreu o ar, em despedida, em maldição, talvez. Pelas narinas derramava-se a esverdinhada podridão liquefeita das entranhas.
- 48 Mais um espasmo, e ficou imóvel.....
- 49 Toldavam a meia cinza da tarde, em espirais de revôo, asas negras de corvos.
- 50 O touro vencedor, cheirando o sangue arroxeadado do chão, cortava o rumor de recolhimento, que se ia infiltrando ter ras e coisas a dentro, com mugidos longos e doloridos, - saudade dum ódio ou espinho dum remorso, - 'té que o es-fuminho da noite esbateu tudo no mesmo tom de treva e no mesmo silêncio de repouso.

- 46 A dorso, rapidos, escleroticas.
- 47 A ultimo, apêgo, ã, pelle.
- 48 A immovel.
- 49 A espiraes.
- 50 A odio, silencio.

## VALENTIA

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 51 O xirú marujo falou: — "A tal de Maria-Chica foi bi-  
chinha bilontra até umas horas!
- 52 Quem a visse hoje, enxaguando os trens, batendo a tacha-  
da de soquetes p'r'o sabão, ou de cóc'ras, espremendo o  
teto das vacas, não diria que aqueles olhinhos de piáco-  
-piáco, aquela carinha de pêsko, nos pixurunas ou nos  
espalhapés, armavam badernas que — Deus nos acuda! —  
a negrada 'garrava o vassoural a jeito de boiada em es-  
touro!
- 53 Também uma bicota daqueles beicinhos, minha gente, devia  
de ter gosto de apoio!
- 54 Vou-lhes contar o caso dum baile nas Bracatingas, — que  
rência do timbedo do Cedro...
- 55 Saiu uma mixornada tal, que chegou a dar piscuím, em dé-  
cimas muito de se ler, e rir até doer a raiz do embigo...
- 56 Mal contada, mas verdadeira, que eu cá não passo adiante  
o emboá que me pregam.

- 52 A enchaguando, soquêtes, têto, vaccas, aquelles, aquella.
- 53 A tambem, bicóta, daquelles, gôsto, apôjo.
- 54 A querencia, timbêdo, Cédro.
- 55 A piscuíim, decimas, raiz.
- 56 A adeante.

- 57 Pois... Naquela noite, o vento e a chuva eram parelheiros, correndo a galcpito na cancha da escuridão...
- 58 A guapecada uivava, que parecia farejar alma penada.
- 59 Já de tarde, o pessoal tinha chegado, pela riconvência feita. Os rapazes vieram depois, os cavalos de cola atada, as bombas do peitoral espelhando os relâmpagos nas brochas.
- 60 Dançou-se, brincou-se toda a vida. Corria a canguara da venda dum lambote.
- 61 Pela noite afora, chuva que Deus mandava...
- 62 Ora, o Zé-Chapada andava dando umas piscadas roubadas com a noiva do Terêncio, diante do qual ele, nessa noite, meio trancucho, sentou namorar.
- 63 D'ai, passou as unhas na mocha e, p'ra fazer cuca, tocou modinhas chorosas, chegando a debulhar uma tristeza na sala, tanta era a gemição...

- 57 A naquela.
- 59 A riconvencia, callos, cóla, relampagos, bróchas.
- 60 A Dansou-se, canguára, lambóte.
- 61 A afóra.
- 62 A Terencio, elle.
- 63 A D'ahai, môcha.

- 64 O outro pegou a coçar-se, com o micuim da ciurada, mais doído que pau-de-bugre.
- 65 Vai senão quando, a gaita velha entrou na toada — cué-ré-qué-can, can-can — e o negrinho safado abriu o dize dor, provocando:
- 66 Ó gente cá deste sítio  
Me decifre esta charada:  
— Qual dos dois terá mais galho,  
Si o chibarro ou a veada?
- 67 Épôta-lê Maria-Chica! Ficou chucra, desembestou que nem novilha de anca queimada da marca!
- 68 Naquele momento, a amizade que tinha no tiozinho, meio bandeando-se em cambicho, virou ódio. Deu-lhe a brabeza. E já lhes contei!
- 69 Sem poder sufrenar a raiva, pinchou-se no pulguedo do meio da sala e brotou p'ra riba do tocador com esta resposta:
- 70 Qual dos dois terá mais galho,  
Já te digo Zé-Chapada:  
É a mãe dum negro porco,  
Guampas cheias de queimada!

---

64 A micuim, páu-de-bugre.

65 A vae.

68 A Naquelle, odio.

69 A pulguêdo.

- 71 Pinguancha destorcida! Avançou p'r'o cantador e fincou-  
-lhe a pracata pelos queixos. Nossa! Foi um tedéum!
- 72 Mais de meia dúzia de moças caíram p'r'o chão coiceando  
com a macacorra.
- 73 Zé-Chapada escumava, velhaqueando, preso por dois parcei  
ros. Parecia ruím-do-juízo.
- 74 Do outro lado. Terêncio, seguro pelos companheiros, ber-  
rava:
- 75 — Larguem esse sabugo! Quebro-lhe uma aspa e deixo a outra  
balanceando!
- 76 — Me larguem, eu sou homem! — gritava o pracatado.
- 77 "Compadre" daqui, "amigo-velho" dali, "me atenda", de lá,  
tudo se acomodou.
- 78 Reacenderam-se as lamparinas, a cordeona voltou a gemer  
e a rapaziada a maxixar no rodeio da sala...
- 79 Mas...

- 72 A duzia, macacôrra.
- 73 A ruim do juizo.
- 74 A Terencio.
- 76 A Mê.
- 77 A attenda, de la, accommodou.

- 80 Meter-se a gente na vida alheia é o diabo!
- 81 P'ra mim, todo homem que masca de mais o freio do dizque, merece serrilha de aço, que as de dente de porco — préqt! — partem logo.
- 82 P'ra mim e p'ro Terêncio, ora...
- 83 Vão lá se mirando no que aqui conto, em frases macetas, os que nasceram p'ra fazer esteira de cangalha e vivem arrotando valentia...
- 84 — É, rapaziada! 'Hi vem vindo a barra do dia!
- 85 Maria-Chica encostou-se à janela.
- 86 Para o lado da costa, no rumo de Bom-Sucesso, da meio-escuridão surgia, crescendo, uma mancha cor de ovaia, sobre o fundo de leite novo do céu.
- 87 Era como se Deus Nosso Senhor raspando uma nuvem no lombo da montanha, estivesse acendendo com relâmpagos, muito em baixo, na raiz da serra, a tocha do dia...

- 82 A Terencio.
- 83 A phrases, macêtas.
- 85 A á.
- 86 A côr, sôbre, céu.
- 87 A accendendo, relampagos, tócha.

- 88 Pouco a pouco a claridade foi lustrando o esmalte azul do céu.
- 89 Os campos e os matos pegaram a despertar num verde alegre, lavado pelo temporal da noite, com espaçados bocejos de neblina.
- 90 — Quem quiser pousar, já se sabe, é ir reunindo os pelegos! — gritava, novamente, o pai da farra.
- 91 À moça, os últimos tinidos d'esporas na valsa da despedida não alheiarão a atenção.
- 92 Na fraqueza da noite em claro, uma palidez de quem velou defunto, ficara a sentir, arvoadamente, a religiosa grandeza daquela terra, que saía do mistério, abrindo o seio à fecundidade.
- 93 Já agora, a paisagem diante ganhava traços firmes, accentuando-se-lhe as tintas, sofrendo retoques, doirados a poder de luz.

- 88 A céu.
- 90 A quizer, pelegos.
- 91 A Á, ultimos, atenção.
- 92 A ficára, daquellas, mysterio, á.
- 93 A accentuando-se-lhe.

94 Maria-Chica ia correndo os olhos, demorando-os nos capões, donde as reses vinham saindo, quietas, o passo cadenciado. As mamotas, dando largas à rabicheza, espirravam do mato em velhaqueios, banhando-se na luz acariciante da manhã. Buscavam todas o verde fresco da pastagem ou batiam p'ro rodeio, a dar umas lambidelas ao sal...

95 A atenção da moça mudou de rumo, ao notar a água barrenta dum arroio, seguindo-o até a porteira, onde, num curtefúgio, levava sumiço.

96 Súbito, deu um grito, nem que tivesse sido mordida de vespa.

97 Todos acudiram.

98 E viram, então pela janela, ao longe, contra as tronqueiras, dois homens em aloite.

99 Desceram a apartá-los.

100 Pareciam dois loucos-da-cabeça.

101 Um deles descascava, sem dó, o camboim por riba do outro, abrindo-lhe brechas e vergões que logo se tornavam inchumes.

94 A rezes, mamótas, á.

95 A atenção, arrôio, curtefugio.

96 A Subito, vêspa.

101 A delles.

- 102 O pobre Zé-Chapada foi carregado aos ombros. Tinha de seguir p'ra vila em bangoê.
- 103 E o Terêncio, com os braços da tibéria, toda orgulhosa, em armadilha de laço, enroscados ao pescoço, com a cara retamada de lama e sangue, boleava ainda o porrete, ber-rando a subir o tope:
- 104 — Comigo é ali: — no pau da goalhaveira!
- 105 E era mesmo...".
- 

103 A Terencio, porrête, tópe.

## M I N U A N O

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 106 Ninguém diria que o passo vagoroso das bestas levava socorro de urgência ao pobre ferido.
- 107 Pusera o médico sobre si um capote enorme de casemira da estranja, canhões e gola de pele, graxaim e lontra.
- 108 Tremia, ainda assim, sob o minuano cortante, e vez em quando rabeava o olho ao camarada, bispando-o duro e te so no seu riscadinho fino, assobiando a modinha do último pixurum.
- 109 — É! Tempo brabo, Virge!! — estribilhava, indiferente, chegando as puas ao sovaco da mula andadeira.
- 110 Tropeiro curtido do rigor do tempo, condoia-lhe ver aquela pessoinha de couro de setineta, tão cheia de sabedoria, tão necessária à vida do outro, que se inteiricava, p'r'amor da estocada do umbigo, a tremelicar como cria nova...
- 111 Era assim que nem um semeador de milagres, sem poder de apertar com força as rédeas, mãos encarangadas, bufando a uma rajada mais forte e mais fria...

- 106 A Ninguem, socorro, urgencia.
- 107 A puzera, medico, pelle.
- 108 A ultimo.
- 109 A indifferente.
- 110 A aquella, necessaria, á, trémelicar.

- 112 Teve orgulho da sua ignorância, calejada das neves e  
geadões, bastando aos tentos o borrachão da canguara e  
um baio fumegando ao canto da boca...
- 113 E, depois, as paradas, apeando, a compor os arreios, que  
a ciência da companheiro ficava ensanguentada na ponta  
dos dedos, ao querer lidar com as guascas secas, davam-  
-lhe a convicção de que a vida cria destinos desiguais,  
mas úteis sempre uns aos outros.
- 114 Ainda assim, tinha seus íntimos remoques, ria-se pelas  
murcelagens, diante do moço, que estralejava os queixos  
e deixava o animal pracatar preguiçoso, empacando ror de  
vezes, perigando nos rasgões dos timbés. O coitado não  
se ajeitava no seigote, e se abria o bico era para inda-  
gar da distância.
- 115 — É ali... — repostava invariável, por lhe dar ânimo de  
agüentar a puxada. Leguas de beijo, das espichadas, em  
que havia de trotar curvado, os joelhos apertados ao ju-  
mento, a ver um carrapato.

112 A ignorancia, callejada, canguára, bocca.

113 A sciencia, seccas, convicção, desiguaes, uteis.

114 A intimos, rôr, serigôte, si, distancia.

- 116 Por medonho que seja o inverno, medonho ou clemente, sempre é pior do que o já passado. Aquele era um deles.
- 117 O minuano zunia, vencendo a bulha dos arroios e dos pinheirais, que sacudiam as ramadas tristes. Trazia navalha nas unhas invisíveis e retalhava, que nem arrancando a lonca da noite escura.
- 118 O tropeiro pode cegar, na treva, mas é vaqueano, e não perde um palmo de tino.
- 119 Iam indo... Até a encruzilhada, a da cruz, manteve-se tranqüilo, distinguindo mesmo reses deitadas, derredor, derrubadas pelo tempo, que não fere, mata.
- 120 Um calafrio arranhou-lhe a espinha, atravessando a cruz, onde o Benedito taipeiro espiava as estrelas pelos buracos vazios da caveira.
- 121 Teve medo, porque era gritador, excomungando a gente, escorraçando os andantes, do fundo da sua cova, fizilando uns fogachos que corriam em línguas azuis pelo ar...

116 A Aquelle, delles.

117 A invisiveis.

118 A tréva.

119 A tranquilla, rézes, derredór, fére.

120 A Benedeto, estrellas.

121 A linguas, azues.

- 122 Garrou a tremer, também, feito garraio, sem quentura nos apeiros, enviezando o olhar p'r'o outro, que vinha quieto, agora, no abrigo da canhada.
- 123 Teve inveja daquela sabedoria ignorante das assombrações, acostumado a esfuracar defuntos e a serrar a ossada do próximo, em cotejo com a Morte toda a vida.
- 124 Benzeu-se. Rebenzeu-se. E por via de recuperar coragem, chamou às engolideiras três golpaços avantajados.
- 125 Cismar na vida, sim. A morte era com o companheiro, que brigava com ela, arrancando-lhe a caça. O diabo da infeliz não respeita carniça, e tanto vai ao ético como ao guacho.
- 126 Antes não existisse. Não haveria médicos, é certo, mas ninguém se consumiria com as pestes, nem desunharia por fantasmas.
- 127 O tropeiro não conheceria receio, não sentiria a frialdade do outro-mundo arrepiando-lhe o sedenho...
- 128 Ganiçou ao longe um guapecá.

- 122 A tambem.
- 123 A daquela, proximo.
- 124 A ás.
- 125 A scismar, ella.
- 126 A Medicos, ninguem, phantasmas.

- 129 Conduzindo o moço para o pé do fogo, puseram-se a friccioná-lo com cachaça. Estava quase gelado, os dedos duros.
- 130 E o ferido, no quarto vizinho, fazia termo, mal segurando a vela de sebo, ansiado, a puxar o fôlego que nem resderrubada.
- 131 Moravam juntos, ele e a irmã, quase viúva, de agrego, com o seu lote de novilhas desfalcado pelos caranchos da ladroagem.
- 132 Era desses a quem a caipa trazia aos coices, palanqueando-os na infelicidade.
- 133 Praga rogada por malvadez cai certo: desaparecial-lhe a família cosida e tiros ou lambida a xerenga. E o parente estava ali, parado em bainha d'estoque, depois da emboscada, revirando o grão dos olhos. Dizque a irmã se bandeara ao fadario, e o fazendeiro tinha as suas culpas. Agora, não se sujeitava, o bagual, a ver o campo em cemitério com tantas mortes: mal o defunto cruzasse a munheca aos peitos, desocupassem o cachicholo...

---

129 A puzeram-se.

130 A folego, rez.

131 A elle, viuva, aggrego.

133 A cae, bandeára, munhéca, desoccupassem, cachichôlo.

- 134 Já não tinha a barraca para morar, feito cigano, andeje na vida. Era de meter dó.
- 135 O doente teve um último ronco, espichando a bota, com o doutor palpando-lhe o pulso magro.
- 136 Tornou-se meio tararaca o pobre, sem idéias, olhando tudo como se estivesse ausente de corpo, muito longe, muito alto, sem dar tento de si. Fora, amanhecia, e a neve peneirava, tornando as coisas mais brancas e mais tristes...
- 137 Pousou-lhe o médico mãos aos ombros, compadecido, com palavras tartamudeadas de consolo.
- 138 Levantou-se. E todo o seu corpo forte foi sacudido por uma tremura de animal chucro.
- 

134 A andêjo, metter.

135 A ultimo, tararáca, idéias, Fóra.

137 A poisou-lhe, medico.

139 — Coragem, que você é homem!

140 Correu a vista da irmã ao cadáver, e um soluço enorme desmanchou-se-lhe nas goelas.

141 — Sou homem, patrão. A sina do tropeiro é saber vencer, não ficar pealado na primeira encruzilhada da vida. Mas a gente sofre demais. Uma injustiça. Contra os minuanos os mecos e ponchos ajudam. Mas não há cobertas que ataquem o outro minuano, mais brabo, mais frio, que aperta o coração — o minuano da desgraça! O minuano da desgraça, nem as orações desrumaram!

---

140 A cadaver, goélas.

141 A soffre, mécos, ha.

O P A T R I O T A

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 142 Queriam-lhe bem. Era meio tararaca, mas bom de redea na vida, sem brabezas, sem soberbias, muito calado, muito quieto no seu canto.
- 143 Não se influa a desenganar um matungo velhaco, nem a laçar um tijuco na mangueira — era cachaça p'r'os outros, que a sua trsiteza de quase aleijado o maneava na inutilidade.
- 144 Tinha convicção de que todo o seu esforço, por desajeitado, resultaria imperfeito, senão prejudicial. Uma aflicção irreprimível guasqueava-lhe a arca do peito. Por que aquela disparidade física, aquela lerdeza que não despertava dó, antes, incitava ao riso?
- 145 Amou uma vez... Tão triste relembrar...
- 146 Foi um bem-querer às escondidas, negaceando a moça desejada pelo vão das portas. Ia às vezes seu caminho, e topava-a de repente. Fuchicando distração, punha-se-lhe no rasto. Parava. Recomeçava a andar. Mas sempre o rabo do olho preso nela, que nem veado e cobra...

142 A tararáca, rédea.

144 A afflicção, irreprimivel, aquella, physica, aquella.

146 A á, ás, nella.

- 147 Ora, um dia, não se sabe por que artes do Tinhangue, pegou de esgravatar com a piava o nome dela num marmeleiro. Descobriram. A traição é coisa doída!
- 148 Pela tarde, entre rapazes, ela o chamou, falando-lhe assim:
- 149 — Vacê anda a marcar marmeleiros p'ra mim?
- 150 Se não fosse somitico, marcaria reses! Vão ver que as pedras já sentiram o ferro em brasa! Ah! porqueira!
- 151 Foi uma risarada sem fim. O pobre saiu cambaleando, com o desespero de animal moribundo, esfaqueado no garrotinho. Não chorou. Fechou-se a sós, com uns soluços secos e uma tremedeira no corpo enfermiço.
- 152 Nada pedira, nada dissera. Negavam-lhe também o direito de amar, que se não arranca aos pássaros, ao gado, à animalada.
- 153 Todos têm coração, e amam porque sofrem...

- 147 A piáva, della.
- 148 A ella.
- 150 A Si, fôsse, rêzes.
- 151 A seccas.
- 152 A ás.
- 153 A soffrem.

- 154 Desiludiu-se. Ficou-lhe a magua do escarneo.
- 155 Resignou-se à sua desgraça.
- 156 Pela festa do Divino, convidavam-no, entiquentos, para a cavalhada. Riam-se, enzoinando, pedindo-lhe a mascara d' 'empréstimo. Ele revoltava-se. E no quarto, de braços à frente do oratório, arrastando o ventre no chão, implorava, braços torcidos, um milagre de dois dias contra o resto da vida agoniada em que ia morrendo aos poucos. Sim, a sua desenvoltura, longe daquela miséria orgânica, que o gerava num galho seco retorcido. Ou então a morte repentina. Perdido p'ra sempre, antes desaparecer na cova sem saudades...
- 157 Ficou vivo.
- 158 Era preciso sofrer mais...
- 159 Fugava de todos. E bastava que o chamassem, para que se tornasse branco de cera, um esgar de dor na face rechupada, à espera de nova afronta.
- 160 Queriam-lhe bem.

- 155 A á.
- 156 A d'emprestimo, Elle, á, daquela, miseria, organica, secco.
- 158 A soffrer.
- 159 A cêra, á, dôr, á, affronta.

- 161 E já as palavras lhe vinham macias, sequilhadas de doçura, balsamizadas de consolo. Para a sua desgraça havia sempre um sorriso de piedade e conforto.
- 162 A dor ia crescendo.
- 163 Trem sem préstimo, não tinha a menor serventia, com aquela doença e aquela desolação escaveirando-o, escanzelando-o, numa fragilidade de criança chimbezinha.
- 164 Saía pelo campo, sem rumo, cismando à beira dos arroios, mergulhando os olhos na lindeza verde das coxilhas.
- 165 A terra tornou-se a sua adoração. Não o repelia, deixava que lhe corresse o lombo, e as árvores, nos dias de tempestade, uniam mais as folhas, como que estendiam mais os braços, para acolnê-lo, gasalhando-o...
- 166 Certa ocasião, golpearam o ar sons metálicos de clarim, pondo-lhe uma vibração nova nos nervos doloridos. Faziam-se exercícios militares, que o recrutamento rondava com dentes de aço.
- 

- 161 A confôrto.
- 163 A prestimo, aquella, aquella, chimbézinha.
- 164 A scismandoá, cochilhas.
- 165 A arvores.
- 166 A metalicos.

- 167 A emoção que sentiu ao saber-se aceito!
- 168 Não falhava à riconvência dos exercícios, e a fadiga das marchas desaparecia sob o entusiasmo que lhe apressava um sangue novo nas veias. Era todo um reverbéro de felicidade.
- 169 À noite, empunhando a corneta, esprimia umas notas indecisas, calengas. Encascado no uniforme cáqui, tinha sonhos heróicos, com gritos de valentia.
- 170 Da larga chapada, que os olhos não mediam de cabo a rabo, surgiam cavallarianos de lança em pé, num galope desabalado, o metal das armas e arreios espelhantes, mordidos do sol a pino. Castelhanos, não havia dúvida. Gente d'além-fronteira, vivendo de contrabando e jogo.
- 171 Depois o embate das duas forças, xarqueando-se desapiedadamente...
- 172 Estava num entrevero, já oficial, espada à mão a bandeira sobre a cabeça, talhando e retalhando, rasgando gilvas, de que o sangue brotava como uma grande flor vermelha.

167 A acceito.

168 A á, riconvencio, desaparecia, entusiasmo, kaki, heroicos.

170 A duvida.

172 A á, flôr.

- 173 — Tchê! Perro de brasileiro, mira! — zurravam os outros, a  
cutilando.
- 174 E ele, abrindo um roçado em torno:
- 175 — Conheceram o Brasil, seus bostas?! — Era o seu brado sel  
vagem.
- 176 Depois, o seu fim de beleza, rolando com o peito aberto,  
amortalhado na bandeira, sua última afeição na vida...
- 177 Mas a linha de atiradores dissolveu-se. A amargura de fel  
que lhe envenenou o sangue! Ficou mais curvo, o ânimo con  
tabescido, como se o peso da inconstância humana se lhe  
houvesse chumbado ao cachaço.
- 178 Tentou ainda um recurso, o derradeiro. Apresentou-se à  
Junta. E foi recusado com palavras moles de compaixão.
- 179 Alcatruzou-se mais.
- 180 Por que todos batiam p'ra caserna arreceiados, com um ar  
de bicho alçado, recebiam festanças, e a ele lhe corta -  
vam essa ambição única, isolavam-no, evitando o seu es-  
forço, desprezando a sua coragem para o serviço da Pá  
tria?

- 174 A elle.
- 176 A belleza, ultima, affeição.
- 177 A animo, si, inconstancia.
- 178 A á.
- 180 A elle, unica, Patria.

- 181 Sim, fazia de fraqueza força. Era dos que escoravam o mais rijo encontro. E já que não podia levar a sua vida adiante, multiplicada em outras vidas, queria, ao menos, deixar o resto da lonca no campo, fecundando-o, sob os dois braços abençoadores duma cruzinha rude, com os passaros nela pousados, assoviando a alegria das manhãs e a doçura triste do entardecer...
- 182 Abandonavam-no.
- 183 E, novamente, rojava-se ao pé do oratório, e treisvairando soprava grunhidos de porco acuado, uivos de guapeca, tangido aos berros do gritador. E ao se fitarem seus olhos na bandeira, serenava, debulhando num longo choro convulso.
- 184 Voltara-se para Deus, e era como se a alma lhe fugisse borbulhando dentre os lábios enfebrados. Resava, fervoroso.
- 

181 A fôrça, passaros, nella.

183 A guapéca, chôro.

184 A labios.

- 185 Depois, ficou alheado.
- 186 O pensamento, muito longe, perdeu-se nos sem-fins da memória.
- 187 E por lá ficou...
- 188 É uma loucura mansa.
- 189 Dá vozes de comando, ao clarim, fazendo uma bochechas muito redondas, que nem lobinhos nascendo na ossada da cara amarelenta.
- 190 À noite, traça o pavilhão verde ao ombro, a jeito de picunha, já rustido nas dobras.
- 191 Embrulhado nele, dorme, tranqüilo.
- 192 E assim morrerá, talvez...
- 

191 A nelle, tranquillo.

## B A I T A T Á

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 193 — "Ali, no corregoziinho. Principia ali. Depois, deixa o marmeleiro ao lado de laçar, costeia a taipa, cruza o ca

ção e leva sumiço!"

194 É uma luz assinzinha. E cresce, e vai crescendo, e muda de cor, que nem fogo de procissão. O ar esfria mais, que a claridade é como olho de defunto: muito aberto, mas ge lado.

195 As pernas do cristão, mais a queixada, garram uma treme-deira de remorso.

196 Naquele jeito, onde a terra coalhou, empedrada, quando ia despencar p'r'os timbés, fica a Serra do Oratório. A Serra das almas penadas. Cantam terços, que põem as reses tararacas, e as árvores têm arrepios de susto, dando mergulho fundo na escuridão, ou tentando diluir-se na neblina, as pobres! Se mudassem caracu, que nem andantes, havia de ver a galopeada, um estouro de ferver aspas!

197 As cavernas do costão gemem, acoam e berram, senhor, que as feras fazem dueto à cantoria do outro-mundo.

198 Depois, há bulha de tambores, gritos, pragas e marchas atropeladas.

194 A côr.

196 A Naquelle, rêzes, tararâcas, arvores, Si, caracú, estoiro.

197 A á.

198 A ha.

- 199 Vêm todos como caíram... Uns com o toco do pescoço esfia-  
pado; outros mais com a cara retalhada, garrões atorados,  
aos pulos, e alguns se arrastam, medonhos, sem o resto  
da cintura p'ra baixo, sapos churriando o chão...
- 200 São os revoltosos de 93, um piquete do Gumercindo. Pi-  
nheiro repontou-se das Tijucas, emangueirou-os na boca-  
-da-serra. E sobre eles zuniu um aguaceiro de balas!
- 201 Depois, os entreveros, ferros mordendo ferros, faiscando  
lume p'r'o isqueiro da morte... Dizque os corvos tastavi-  
lharam, rebentando de fartura...
- 202 A procissão tem modos de avanço direito. É ver tropas  
aboiadas, de sinuelo, por atalhos apertados. Mais, logo  
a um toque, desunha, bate o campo bulhenta, assim como  
ventania na goela dos fojos, largando as armas numa es-  
tralada, fugando.
- 203 É mal a madrugada as peque por longe, se geram as almas  
numa luzinha azul, corriqueira, naquele rumo, procurando  
as tocas e furnas, o escuro dos grotões.
- 

199 A tóca.

201 A entrevêros.

202 A Vêr, goéla.

203 A naquelle, tócas.

- 204 Tem sempre a última, a que campeia a querência, assim como já disse.
- 205 Perseguidas, elas se vingam agora, encagaçando os tropeiros...
- 206 E a gente galopeia, com o barbicacho batendo ao lombo, e o arreador vá-que-vá, até o outro lado do rio, — a salvação.
- 207 Baitatá não atravessa águas...
- 208 Duvida, estou vendo. Duvida. Mas, roseteie o macho — que não quero a cabeça areada p'r'amor da facilitação.
- 209 ... Bemdito seja, que desta banda se ganha de novo a coragem!...
- 210 E agora, já lhe conto uma parte sucedida nestes sítios com o Janguta Tivi, que o falecido Manduca Bembem pode provar.
- 211 Vinha pitando o seu macaio, muito concho da vida, pela estrada, num burrinho pangaré, quando senão quando, o gritador, a dez braças, d'uma toiceira de vassoural, chamou:

- 204 A ultimo, querencia.
- 205 A ellas.
- 210 A succedida, fallecido.

212 — Ôô... Ti... vi!...

213 O rapaz era mesmo quebra.

214 Não esteve de acordo, e queria ver a coisa, lanhando a lonca do entiquento, ponhando-a em pano de toicinho...

215 D'ai, rpostou no mesmo jeito, rinchando:

216 — Tivi é a mãe, galheiro!

217 Brincar com isso? Deus me livre! emboá não m'emprenha o bucho. Não ria. Veja que um vivente anda sempre no acaso, arrodeado de perigos. Tudo é traição, desgraça ou morte, e ainda tem a consumição dos s'p'ritos, p'ra mal dos peccados.

218 O gritador chamou de novo, com voz igual à da madeira quando cai, atorada a machado:

219 — Iê... Ti... vi!...

220 Negro disposto, bateu a mão na guaiaca, chamou a faca à raiz do umbigo: havia de fincá-la até o esse:

214 A acôrdo, vêr.

215 A D'ahi.

217 A peccados.

218 A á, cae.

220 A guaiáca, á, raiz, ésse.

- 221 — Se viu, apareça, aricunga dos infernos!
- 222 De dentro das vassouras saiu, então-se, uma luzinha azulada, escorregando de vizez, erguendo, abaixando, para subir de novo e descer e sumir e voltar outra vez.
- 223 Deu-lhe a tiagem nos olhos, E no meio da cerração, com a besta empacada (o animal timbra logo fantasma), Baitatá brotava no seu rumo dele.
- 224 Teve medo, o coitado do macho, cavocando o chão com os cascos.
- 225 Janguta embrabeceu, apeando-se.
- 226 E foi ai que a assombração garrou a dançar a três palmos dos seus peitos.
- 227 Desembainhou a piava e ficou negaceando, que nem guapeca a mosquito.
- 228 De repente pregou-lhe o ferro...
- 229 Ouviu uma risada e o chocoalhar de ossos. A faca tinha cortado o ar, quebrando-se!.
- 

221 A Si, appareça.

223 A phantasma, delle.

226 A ahi, dansar.

- 230 Baitatá varava entre as pernas, com ligeireza, andava à  
roda dele, a zunir, parecendo uma roupa de fogo.
- 231 O pobre tonteou, pegando a sentir frio de geada preta,  
com o cabo da arma grudado na mão morta.
- 232 P'r'ele, a sua volta, tudo ria sem parar, num pouco-caso  
dos infernos.
- 233 Quis disparar, mas as botas pesaram. Forcejou um grito  
— o nó das goelas entupia a boca. Roncava como um porco  
alçado.
- 234 Até que caiu no lançante.
- 235 De manhanzinha, largando o pouso, com os cargueiros tro-  
teando ao sol, tio Bembem topou-o de bruços, esgravatan-  
do a terra com as unhas, arvoado do quengo, campeando a  
luzinha a rir, com os dentes partidos e os beiços em san-  
gueira...
- 236 Baitatá é infelicidade, traz loucura, patrão!"
- 

230 A á, delle.

232 A elle, á.

233 A Quiz, goélas, bocca.

O ENTREVADO

H. F. S. G.  
RENOVADA ORIENTA

- 237 Duvidar, não, que tudo é possível a Deus.
- 238 Mas, sabe, o vivente quando não acredita logo, fica sem desmentir. Nem a pé, nem de a cavallo. Não há por aí tanta cria com cabeça dum animal e o corpo d'outro? Olhe: a Mariana Beicinho não pinchou ao mundo um anticristo, lunado como chibarro, corneta, com bico de carucaca e olho de corvo branco?
- 239 Não há impossível. O defunto Zé-Sabino não morreu duas vezes? O Mané Postinho não se gerou em baitatá, por ter costeadado o laço a mãe trancucha?
- 240 Este caso é dos tais.
- 241 Eu vinha da Coxilha-Rica e, varando o rio Carona, no despraiado, timbrei na aragem orneios e guinchos, - uma ui-vação de arrepiar o sedenho, que nem dia de juízo. O matungo velho escaceador creoulo daquela querência, tira-cisma nas raias, abancou no repeixo e quis sentar p'ra trás.

- 238 c nem a cavallo. A nem de a cavallo. c, A ha. c, A ahi. c doutro. c antichristo lanudo. c chibárro. c, A cornêta. c, A carucáca. c olho de corvo-branco. A olho de côrvo branco.
- 239 c, A ha. c, A impossivel. c costêado a laço a mãe trancúcha.
- 240 c, A taes.
- 241 c Coxilha-Rica. c Carôna. c despraiado. c guinchos, uma. e sedêno. c dia-de-juizo, c escacêador. c, A daquela. c, A querencia. c tira scisma. c quiz.

242 Quase me leva. Dizer que era medo não era. A gente possui no corpo uma enliarada de nervos, é ver trama de catre. E mal a ronda da assombração nos alcance, ficam retinindo, que nem viola, espalhando uma tremedeira de seções, seja cavalo ou seja homem - tudo é obra de Nosso Senhor...

243 Chamei dos tentos o "revirado", e o chupei com vontade, em golpaços de meio quartilho.

244 Não lhe conto: subiu-me a quentura, 'garrei brabeza de confiado, e veio-me a ânsia de destrinchar o tedéum.

245 Risquei os garfosna picanha do parrelheiro, despenquei, atalhando caminho, cochilhão abaixo, alcançando, em dois corcoveios, o pátio da casa.

246 Com a "nagant" cinchado na cartucheira, fiquei surdo à bulha de dentro e ao acôo da cachorrada veadeira. Fui entrando, todo pimpão.

242 c medo. c, A possui. c A gente possui no corpo uma enliarada de nervos. c, A cavallo.

243 c revirado. c com sede. c golpaços.

244 c Não lhe conto. Subiu-me. c e veio me a vontade. c tedéum.

245 c cochilhão. c corcovêios. c páteo.

246 c cinchado. c cartuxeira. c, A á bulha.

- 247 E vi, e não acreditei, pegando a dar por conta do trago, gordo que já me parava, o que estava na minha dianteira.
- 248 Vá escutando... A casa é aquela, bem ao fundo do grotão, no meio dos pessegueiros e macieiras, cor de ciza, que mal comparando é uma pedra abafada no limo, com o cocoruto de fora, p'ra não viver sem sol.
- 249 Morava ali o capitão Quim Santos, com uma ninhada de familinhas. Quando ia cruzando a vida p'ra velhice, com as crinas e munhecas perderam a ação, passando os anos encorrigido numa cadeira de cipo de Caxias.
- 250 Os filhos desenvolveram-se, amaridaram-se e fincaram o pé no mundo, a malucar por essas bandas da ilha, sem tento no ajutório ao velho, na obrigação de aumentar o campo, as reses, masi as benfeitorias.
- 251 Dizque a velhoca deu no fadario, e só uma das tibérias ficou ajoucada no casco do entrevado, temperando o de comer, batendo invernadas, a trabalhar as criações, e carpindo a lavourinha.

- 247 c, A gôrdo. c paráva. A deanteira.
- 248 c, A aquella. c côr de cinza. c cacurúto. c, A fóra. c, A sól.
- 249 c vida, p'ra velhice. c báio-fumaça. A munhecas. c, A perderam acção. c, A annos.
- 250 c ajutorio. c, A augmentar. c, A rêzes. c, A bemfeitorias.
- 251 c pedichêza. c carâncho. c, A pôdres.

- 252 Nesse dia, a pedicheza, a ver carancho, farejou coberta-  
d'alma, e varejou a casa de achões podres.
- 253 Quando cheguei, o miserável, sozinho, de caracu frio, a  
cara vermelha de tabefes, não pode escorraçar a cigana-  
gem tiatina, e por mais que se afligisse na cadeira, não  
se levantava.
- 254 Daí, a desgraça não se tinha ultimado: uma cascavel cho-  
coalhou o guizo, arrodando o cachicholo, e furando num  
vão da parede, garrou a se arrastar pela sala, como quem  
examinava.
- 255 A bandidagem, com o cagaço da dentada, gachou-se a rin-  
char a um canto, em tremição de cachorro surrado.
- 256 A cobra passeou, sem reparar neles. Depois, enveredou p'ro  
velho, grudou-se nas suas pernas. O pobre parece que pôs  
a vida nos olhos meio cobertos de leblina. Queria defen-  
der-se de por força, e, como nos tempos de destorcido, ba-  
ter a mão na espada e dividir a bicha em fatias.
- 257 Roncava que nem rês acuada, mas, naquele corpo, só a bo-  
ca e os olhos se mexiam...

- 253 c, A miseravel. c, A sózinho. c, A caracú. c vermêlho. c, A  
tabéfes. c, A affligisse.
- 254 c Dahi. A D'ahi. c ultimado. Uma. c, A cachichôlo. c 'garrou.
- 255 c temor.
- 256 c, A nelles. c, A paz. A força. c força e,.
- 257 c, A rês. c, A naquelle. c, A bocca.

258 E a cascavel ia trepando...

259 Eu quis estrafegá-la. Mas, era um serviço porco embrabe  
cer a cuja. Fiquei quieto, num desespero de quem pode e  
não deve planchar-se.

260 Ela enrolou a cola na cintura do velho e, volteando pe  
las costas, enroscou-se no cangote, a modos de coleira,  
com a cabeça em pé, na altura das orelhas, e os dois ara  
minhos da língua a fuziliscarem no ar.

261 O infeliz fez uma força medonha, de causar dó, mas as  
juntas aperreadas nem estralaram. A agonia era barbarida  
de. Afinal, como quem quer salvar-se ou arrebentar-se du  
ma vez, deu um gemido meio rouco, e duas lágrimas escor  
reram pela cara cheia de pregas, que nem nanoscada.

262 As abas do nariz erguiam e abaixavam com ligeireza de va  
zio d'animal abombado. Fechou os olhos, e com o resto de  
sangue subido ao caco, gritou, por milagre: "Nossa Senho  
ra dos Aflitos me valha!".

258 c os parágrafos 258 e 259 formam um único parágrafo.

259 c, A quiz. c estrafegál-a. c embrabecer mais a sujeita. c  
desêspero. c, A pôde.

260 c, A Ella. c, cóla. A velho, e. c; A cangóte. c enferrujadas.

261 c fôrça. c não estralaram. c, A lagrimas.

262 c abómbado. c Nossa Senhora dos Alflitos.

263 E agora me diga, por que é que a cobra desceu logo, ficou um tempinho deitada aos pés mortos do entrevado, e, depois, pregando os dentes envenenados, na perna do chefe da quadrilha, saiu direito ao capão, cruzando em riba da minha bota, sem pressa, sem maldade, batendo o guizo, como numa procissão das almas?

264 Não foi a fé a sua salvação?

265 Como é que a gente há de duvidar, dando mau-passo, olvidando-se, se Deus não conhece impossíveis e sabe inzemplar como proteger as creaturas, sejam homens, cavalo ou cobra?

---

263 c direita. c bôta. c préssa.

265 c ha. c máu-passo. c, A impossiveis. c, A cavallo.

MUDANÇAS DE PONTUAÇÃOJORNAL

Coxilha-Rica, e,  
 guinchos, uma  
 Não lhe conto. Subiu-me  
 vida, p'ra velhice  
 ultimado. Uma  
 força, e  
 velho, e  
 Eu quiz estrafegá-la  
 (Como é que a gente há de duvidar)

LIVRO

Cochilha-Rica e,  
 guinchos, - uma  
 Não lhe conto: subiu-me  
 vida p'ra velhice,  
 ultimado: uma  
 fôrça, e,  
 velho e,  
 Eu quiz estrafegá-la  
 - "São três parágrafos até  
 trancucha"

MUDANÇAS DE ACENTUAÇÃO

lanúdo  
 chibárrro  
 ôlho  
 corvo-branco  
 costêado  
 trancúcha  
 Carôna  
 despraiádo  
 sedênho  
 escacêador  
 mêdo  
 "revirádo"  
 golpáços  
 tedêum

lanudo  
 chibarro  
 olho  
 côrvo branco  
 costeado  
 trancucha  
 Carona  
 despraiado  
 sedenho  
 escaceador  
 medo  
 "revirado"  
 golpaços  
 tedéum

corcovêios	corcoveios
cinchádo	cinchado
paráva	parava
cacurúto	caçuruto
Sol	Sól
báio-fumaça	baio-fumaça
ajutorio	ajutório
fadário	fadario
decomêr	decomer
pedichêza	pedicheza
carâncho	carancho
vermelha	vermelha
força	fôrça
desespêro	desespero
cóla	cola
abombádo	abombado
bóta	bota
préssa	pressa
è	é
máu-passo	mau-passo

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

nem a cavallo  
e corpo doutro?  
arrepilar sedênho  
de nervos. E mal (...)  
perderam acção

nem de a cavallo  
e o corpo d'outro?  
arrepilar o sedenho  
de nervos é ver trama de  
catre. E mal  
perderam a acção

chupei com sêde,  
 veiu-me a vontade temor  
 a sujeita  
 embrabecer mais a sujeita

chupei com vontade,  
 veio-me a ânsia cagaço  
 a cuja  
 embrabecer a cuja.

MUDANCA DE GRAFIA

doutro?  
 antichristo  
 corvo-branco  
 O Mané Postinho  
 dia-de-juizo  
 garrei  
 veiu-me  
 alcançando (E)  
 páteo  
 cartuxeira  
 dianteira  
 cacurúto  
 Diz que  
 criações  
 Dahi  
 'garrou  
 strafegal-a  
 Nossa senhora  
 se

d'outro?  
 anticristo  
 côrvo branco  
 o Mané postinho  
 dia de juizo  
 'garrei  
 veio-me  
 alcançando  
 pátio  
 cartucheira  
 deanteira  
 cocuruto  
 Dizque  
 criações  
 D'ahi  
 garrou  
 strafegá-la  
 Nossa Senhora  
 si

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "ENTREVADO"

Comparando as duas únicas edições do conto, nota-se que o autor faz um uso desmedido do hífen, que separa elementos componentes de um substantivo composto.

Assim, por exemplo, a palavra "Zé Sabino" foi escrita sem hífen no jornal e com ele no livro, porém, um nome próprio, "Mané Postinho", com a mesma estrutura, não recebeu hífen em nenhuma das duas edições.

Por outro lado, a expressão "Coxilha-Rica" foi escrita identicamente tanto em 1927 quanto em 1939. E "corvo-braaco" vestido em hífen em 1927, perdeu sua indumentária na edição do livro.

Em 1927 vigorava o uso do hífen e, seu uso em 1939 não havia sido alterado.

A intenção do autor em procurar acomodar a grafia de certas palavras às normas ortográficas de 1938, é uma constante.

antichristo	anticristo,
veiu-me	veio-me
pateo	patio
estrafegal-a	estrafegá-la

Não obstante, depreende-se pelo exame das palavras às quais não faz alteração alguma, a despreocupação do autor em estudar afundo as convenções ortográficas de sua época, pois continuou grafando certas palavras em desacordo com as normas vigentes, como por exemplo:

carucáca	fóra
tabéfes	munhécas

póde

cangôte,

palavras essas paroxítonas.

O autor, na pontuação, exhibe uma atitude de certa incoerência como podemos atentar, na edição de 1939 em confronto com a publicação de 1927, pelo jornal "República", em que sistematicamente, em lugar do ponto final, utiliza dois pontos. Vejamos:

"Não lhe conto. Subiu-me",

"Não lhe conto: su  
biu-me";

"ultimado. Uma",

"ultimado: uma".

Em idênticas circunstâncias, o autor não observa o emprego da vírgula.

Estas alterações não nos permitem entrever se o autor pretendeu a observar mais o fator rítmico e melódico que a convenção lógico-gramatical. Assim, temos:

"vida, p'ra velhice"

"vida p'ra velhice"

"força, e,"

"força e,"

"velho, e,"

"velho e,"

"Coxilha-Rica, e,"

"Coxilha-Rica e,".

Na avaliação dos parágrafos, pelo confronto das edições de 1927 e 1939, apreciamos um aumento de 25 no jornal para 28 do livro, diversificando, ainda, quanto a extensão de cada parágrafo, conforme nos mostra o texto, desde o início da palavra "Duvidar" até a palavra "trancucha", que, no jornal, equivale a um parágrafo, e no livro de base, três parágrafos.

Da mesma forma a expressão do jornal:

"Eu quiz estrefegál-a"

e

"Como é que a gente  
ha de duvidar"

que, se apresentam sem parágrafo.

Para a mudança de palavras, o autor tenta mais uma vez preocupar-se:

JORNAL (1927)

"chupei com sede"

"veio-me a ânsia"

"temor"

"a sujeita"

LIVRO (1939)

"chupei com vontade"

"veio-me a vontade"

"cagaço"

" a cuja"

Podemos sentir na análise dessas locuções estereotipadas ou fraseológicas, que atinge mais ao leitor dizer:

"chupei com vontade"            que            "chupei com sede",

embora os dicionários registrem o mesmo significado, como o "Peque no dicionário brasileiro da língua portuguesa", de Aurélio Buarque de Hollanda, onde se encontra "sede" e "vontade" com as conotações de "desejo". Pode-se observar ainda que, é comum utilizarem-se na linguagem coloquial as expressões "tenho sede daquela pessoa" e "tenho vontade de matar aquela possoa", com a mesma carga conotativa de "desejo", o que vem reforçar a posição do autor na substituição que faz de "sede" por "vontade".

O que vale, no caso, não é atender-se às palavras isoladas, mas ao conjunto da locução fraseológica. O motivo, por tal ou tais substituições, poderá estar no efeito estilístico pretendido pelo autor.

"Cagaço", além de aliar a idéia de "medo" uma conotação humorística no contexto em que foi escrito, tem muito maior amplitude semântica que "temor", de vez que, segundo Aurélio Buarque de Hollanda, no seu "Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa", o confere.

E "cuja" em vez de "asujeita", se observarmos o efeito produzido pelos termos duma e doutra, notaremos que a impressão vai crescendo de intimidade.

O autor não se esqueceu em acrescentar, às vezes, uma pequena expressão que trouxe uma nova dimensão conotativa ao texto. Intercalou, por exemplo à expressão...

"Arrepiar o sedenho de nervos. E mal...", a expressão "é ver trama de catre" e, fazendo a frase com o seguinte enunciado: "Arrepiar o sedenho de nervos é ver trama de catre. E mal..."

As expressões:

"Nem a pé"

"Nem de a cavalo"

"e o copo d'outro"

"arrepiar o sedenho"

", utilizados no conto tem conotação gauchesca, de acordo com o "Dicionário sul-rio-grandense.

Com elas, o autor, poderia ter pretendido dar à sua ficção uma característica de regionalidade.

PINHEIRO AGONIZANTE

- 266 Minuano rijo, sol a cair, as árvores cirandavam a dança das sombras.
- 267 Riam farfalhos de vida.
- 268 Hastes descarnadas, o pinheiro agonizante perseguia, guaiando, em cutiladas de manchas, a luz clara pela relva seca.
- 269 E se, acaso, o entrechoque dos galhos nus espalhava no ar morno um som cavo de ossos matraqueantes, ou se sacudia o tronco mirrado em epilepsia de gestos, todo o capão fronteiro pasmava, como ao arrepio medroso que lhe soprasse um incubo.
- 270 Uivando-lhe no esqueleto disforme, o vento despertava sonolência das árvores em torno.
- 271 Subia, então, do frondejar de copas em vulteiço, o canto chão da desgraça, que parava de súbito, silêncio atento, para recomeçar, ascendente, coro fomidável de vozes, rugindo, cachoeirando, rangindo, na angústia daquele sofrimento próximo.

- 
- 266 c Sob o minuano. A Minuano rijo. c, A arvores. c, A dansa.
- 268 c O pinheiro agonizante, hastes descarnadas, perseguia. c acutiladas. c, A secca.
- 269 A si. A nús. A no ar morno um som cavo. c no ar um som cavo. A si. c incubo.
- 270 c disfórme. c, A sonolencia. c, A arvores. c tórno.
- 271 c, A cópas. c canto chão. A canto-chão. c subito. c, A silencio. c, A attento. c, A cõro. c, A formidavel. c, A angustia. c, A daquelle. c, A soffrimento. c, A proximo. c ascencional.

- 272 Os socavãos vibravam, dentro da treva que os escondia, aos vagalhões de sons despejados do alto, assobiando nas frinchas das lages negras.
- 273 A tarde esmaecia, luz de círios, forrando-se de nuvens pardacentas e sujas.
- 274 E contra a sanguínea do poente, o seu perfil de aniquilado, hirto, sonhava refrigério de bálsamos.
- 275 Depois, à doçura samaritana do orvalho, talvez recordasse, num gemer manso, tempos mortos.
- 276 Espichara no espaço ramas vivas, acoitando ninhos, ensombrando reses, no tranqüilo pascer, rebentando em pinhas fartas - árvores de Natal, fincada no ermo, desabrigada e triste.
- 277 Mordeu-lhe o machado, um dia, a roupagem da base grossa.

- 272 c envolvia. c lapas. A lages.
- 273 c luz de cirio. A luz de cirios.
- 274 c, A sanguínea. c, A refrigerio. c, A balsamo.
- 275 c, A á.
- 276 c, A espichára. c, A rézes. c, A tranqüillo. c, A arvore. c, A êrmo. c arvore de Natal fincada. c no êrmo desbrigado e triste.

- 278 As grimpas arruivaram, despegando-se, a flutuar como pernas soltas. Fugiu-lhe, aos poucos, a seiva forte, porejando da chage e, às lufadas brutais, a sua carne vegetal, pulverizada, oirejava no ar quente...
- 279 A morte, agora, contava-lhe, em gula de antegozo, as pulsações da agonia.
- 280 Esquecido no escampo, braços esticados p'ras alturas, tinha ânsias de andadas, ambições de charcos, onde se plantar em pouso de vida.
- 281 Diante do seu vulto maldito, como que se ajoelhava a restinga, presa de sua importância, apreendendo-lhe os braços de duende faquirizado.
- 282 Mas, si o céu horrifava ou tecia garoa em crivo, todo ele, refeito de esperança, ensopava a secura das entranhas na água lustral que lh'escorria caneluras abaixo, vigorizando as fibras enfraquecidas.

- 278 c, A fluctuar. c, A pennas. c porejando da chaga, e, às lufadas. c, A brutaes. c no ar morno.
- 279 c d'antegozo. A de antegozo.
- 280 c p'r'as. c, A ansias. c ambição
- 281 c, A deante. c da sua impotencia. A de sua impotencia. c, A apprehendendo-lhe. c, A fakirizado.
- 282 A si. c céo. c, A garôa. c, A elle. c, A seccura. c, A agua. c d'esperança.

- 283 Alongavam as raízes dedos tentaculados, cravando-os mais fundo no ventre da terra inútil, esfaimadas de domínio sobre a atonia que lhes ancilosava a nervatura grifenha.
- 284 Desesperado esforço a sumir-se!
- 285 Causticava-o mais o sol, impelindo-o, flagelador impassível - criador e destruidor, - para o fim doloroso e inevitável.
- 286 Depois...
- 287 Na alegria azul da manhã, inundada de luz vivificante, torceu-se, esfarinhando-se, relutando, como em dispnéa.
- 288 Oscilou, aos arquejos, quase em silêncio, batendo a terra, de chapa, surdamente, a galharia decepada, o tronco inerte esfacelado, espalhando-se para a formação de vidas novas...

- 283 c, A raízes. c, A innutil. c, A dominio.
- 284 c esforço.
- 285 c, A impellindo-o. c, A impassivel. c flagelador impassivel, para fim doloroso. c, A inevitavel.
- 287 c na alegria quente.
- 288 c quasi. c, A silencio. c, A esphacelado.

MUDANÇA DE PONTUAÇÃOJORNAL (1923)LIVRO (1939)

Natal fincada no ermo desabrigado  
e triste

Natal, fincada no ermo, de-  
sabrigada e triste.

MUDANÇA DE ACENTUAÇÃO

incubo

íncubo

disfôrme

disforme

torno

tôrno

rezes

rêzes

d'antegozo

de antegôzo

esforço

esfôrço

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

Sob o minuano...

Minuano rijo,

acutiladas

cutiladas

assobiando o seu contracanto nas  
frinchas

assobiando nas frinchas

no ar

no ar môrno

d'antegozo

-criador e destruidor- de'  
antegozo

ascencional

ascendente

lapas

lages

no ar môrno

no ar quente

MUDANÇA DE GRÁFIA

E se acaso  
 ou se sacudia  
 p'r'as  
 se o céu  
 quasi

E si, acaso  
 ou si sacudia  
 p'ras  
 si o céu  
 quase

MUDANÇA DE SINTAXE

Hastes descarnadas, o pinheiro  
 agonizante perseguia,

O pinheiro agonizante, has  
 tes descarnadas, perseguia

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "PINHEIRO AGONIZANTE"

No conto a seguir, as modificações introduzidas não trouxeram em seu bojo efeitos estéticos de valor.

Com relação à grafia, houve mesmo até retrocesso.

JORNAL (1923)

LIVRO (1939)

"se"

"si";

"quase"

"quasi";

quando as normas ortográficas de 1938 exigiam:

"se"

e

"quase".

No plano estilístico, atentamos para o fato do autor com relação às mudanças de expressões, tentar obter efeitos mais significativos, não vacilando em alterar as citações a seguir:

"no ar môrno"

para

"no ar quente",

vocábulo esses que, pesquisados em dicionários correntes, registram significados diferentes.

Ora, "quente" traz como significado "em que há calor, de elevado temperatura"; "môrno" significando "pouco quente", "têpido".

A mesma mudança fez com os vocábulos:

JORNAL (1923)

LIVRO (1939)

"lapas"

para

"lages"

e, embora ambos os termos apresentem o mesmo sentido, o vocábulo "lages" encontra-se com a ortografia incorreta, segundo o "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hol

-landa".

Outra roupagem que o autor pretendeu dar ao contexto foi na forma:

JORNAL (1923)		LIVRO (1939)
"Sob o minuano"	para	"Minuano rijo".

Já na expressão:

JORNAL (1923)		LIVRO (1939)
"assobiando <u>o seu con</u> <u>tracanto</u> nas frinchas"	pela	"assobiando nas frin chas"

Notamos a supressão da palavra "contracanto", levando-nos à suposição de que o autor teria procurado um valor mais significativo.

Para a expressão:

JORNAL (1923)		LIVRO (1939)
"Hastes descarnadas, o pinheiro agonizante <u>per</u> segua"	pela	"O pinheiro agonizan te, hastes descarna- das, <u>persegua</u> "

partindo da concepção de que quem entende o que lê, analisa intuitivamente, apenas despertamos à alteração havida, pois realmente é muito difícil sistematizar as normas de sintaxe, porque bem se pode dizer, que não há nela um só princípio absoluto. (3)

Sabemos que a ordem é vária e, no mais das vezes arbitrária, dando-nos com isso matéria para matizes semânticas e combinações rítmicas, permitindo ao escritor constantes quebras lingüísticas, com grande realce para a expressão deslocada.

TIGÜERA

- 289 Cá nestas bandas, tio Izidro já tinha visto morrer duas gerações que acompanhara, a carpir e a suar, e levara ao buraco.
- 290 O velho era pretinho, cabelo tordilho, tirante a baio, cara gorda, sem pregas, sempre a rir, e umas manchas de barba, que nem pitadas de cinza naquele carvão lustroso.
- 291 Se não fosse o passo tardo, de boi carreiro, e tac-tac do bordão pelos caminhos, a gente diria que tio Izidro se dava à enzoína - jurando que os anos lh'encheram a cabeça por jeito tal, que ia em cata dos primeiros, - aqueles do porão do negreiro, - e já lhe saíam os outros pela frente, em ronda, atrapalhando a conta...
- 292 Os olhos piscos deitavam malícia, com o sestro de se fi-tarem, vez em vez, à direita, que lhe ficou das sumantas de nó-de-boi no cativeiro.
- 293 Conhecemo-nos, certo dia, na invernada do Carro. Andava o pobre colhendo faxinas p'r'a sapecada em que ia regalar o bucho.

Título: A Tiguéra. c Tiguéra.

- 289 c, A acompanhára. c, A levára.
- 290 c, A cabelo. c, A prégas. c, A naquelle.
- 291 A fôsse. c, A á. c inzoína. c, A annos. c, A aquelles. c, A saíam.
- 292 c, A malícia. c, A séstro. c, A á. c, A captiveiro.
- 293 c, A fachinas.

- 294 E vai, dois dedos de prosa e o cantil caguara apertaram o atilho da simpatia.
- 295 Após o matabicho, o tio velho desenferroujou a língua, no relato de casos d'antanho, coisas fantásticas ou verídicas, com abertas piturescas, tons vivos de melodrama, jovialidade francas. E por dois goles de cachaça tanta loquacidade me atirava aquela Tradição!
- 296 - Ali, a tiguéra, sinhô moço, assim vermelha, como ferida na anca do morro, teve lá a sua história...
- 297 - História triste, tio Izidro?
- 298 - Uma tristeza, uma desgraça! Suncê verá. Terra envenenada, aquela! Sempre assim, em pereva, o carnegão das pedras brotando do seio, como fruta amaldiçoada.
- 299 Tudo do pai Quinca. Tinha campo sem conta, patações, e onças, que se podiam deitar em fecho pelas terras, com sobra ainda p'r'os vaos.

- 294 c, A vae. c, A canguára. c, A sympathia.
- 295 c, A lingua. c, A fantasticas. c, A veridicas. c, A pictu - rescas. c góles. c, A aquella.
- 296 c tiguéra. A tiguéra.
- 298 c, A aquella. c, A peréva. c fructa.
- 299 c pae. c podia. c, A váos.

- 300 Mas o seu maior tesouro era nhá-Candoca, uma geada de carne e uma frescura de manhã! - A saudade põe o negro atoa poeta, nhô môço! - Fi-la nanar aqui nestes braços e fui cavalo, gadeiro, tudo o que seu desejo pedisse, que ela era a alma branca deste aricunga velho!
- 301 Dos camaradas, nhá moça topou um, Mané-João, que lhe plantou suspiros no peito. Era pobre, instruído como o vigário, e tão bom, tão amoroso, que se paizinho mandava chicotear Izidro, ele pregava a tala em si mesmo, p'r'a não ter remorso do prantear de nhá-Candoca.
- 302 Negro velho levava o recado, Andava a lonca em risco, mas quem não se sangraria rindo, por uma alegria daquela santa?
- 303 Mau dia o de Santa Rosa de Lima! Temporal brabo, e assim como medo de morte, um agouro d'emboscada por toda a fazenda.

- 300 c, A thesouro. c, A Candóca. c, A geáda. c átoa. A atôa. A môço. c Fila. A barços. c, A cavallo. c, A ella.
- 301 A Mané-João. c Mané João. c, A instruído. c, A vigario. c paesinho. c, Elle. c, A tála. c remorsos. c, A Candóca.
- 302 c, A daquella.
- 303 c mão.

304 Pai Quinca, na encruzilhada, santa-luzia na mão, arrancou a riconvência do negro, nessa tarde, descobrindo a-  
quele amor tão forte e sem pecado. Não teve dó. Bateu, es-  
poreou, cutucando com a espada este couro sem préstimo ,  
calejado no serviço, curtido de sol, lanhado do tronco...  
Santa-luzia chupou pelas cinco bocas a minha dor, p'r'a  
quê? Se nem remediou a infelicidade!

305 Gritando nhá-Candoca e o camarada, pai Quinca deu ordem  
carrancudo, a tremer de brabeza, que nem animal assusta-  
do:

306 - Suncê casará, mas há de me ponhar a tiguêra em lavou-  
ra, o milharal crescido, crivadinho de bonecas e espigas!

307 Pedir brotação à tiguêra, Jesus!, era querer fala numa  
gente morta! A tiguêra é a mata da campanha, aberta, sec-  
ca, onde as chuvas escorrem sem ter mais que lavar, por-  
que o sangue da vida coalhou ali, empedrado de sofrimen-  
to!

304 c Pae. c, A riconvencia. c, A aquelle. c, A peccado. c, A  
prestimo. c, A callejado. A boccas. c, A dôr. c, A que?

305 c, A Candóca. c pae. c deu a ordem,.

306 c, A ha. c tiguêra. A tiguêra.

307 c a. A á. c tiguêra. A tiguêra. c Jezus! c tiguêra. A tiguê-  
ra. c, A secca.

- 308 Era a desgraça!
- 309 Mas p'r'a Deus não há impossível...
- 310 Mané-João garrou o apá e, de oito em oito, virou a terra da lavoura. Semeou. A praga dos chopins, com bico mais traiçoeiro que tanajura, deu-lhe cabo da semente, voando a rir uma gargalhada de tihoso vingado.
- 311 Nhô moço não desacorçoou. Curvado de novo, suando desesperado e raiva, mergulhou mais fundo o milho, de mistura com os fiapos da sua esperança...
- 312 E a plantação veio devagarinho, no começo, depois mais verdinha, viçosa, e mais tarde a cair, murcha, mirrada...
- 313 Nhá moça foi espiar aquelas folhinhas deitadas no chão, que nem palmas em riba de covas.
- 314 A terra quente lambia o ar, em reverbéros, com uma tropa desinquieta de lingüinhas de vapor. A seca andava en tisticando arroios e pesteando o gado.

- 308 A tiguéra. c, A secca.
- 309 c, A há. c, A impossível.
- 310 c a terra toda da lavoura. c Semeiou.
- 312 c, A veiu
- 313 c, A aquellas. c, A cóvas.
- 314 c reberberos. A reberbéros. c, A linguinhas. c, A secca.

- 315 E a pobrezinha, gemendo como rola viúva, medrosa da desgraça, gachou-se a chorar, em soluço, a chorar...
- 316 Suncê não acredita?
- 317 O seu pranto cresceu, estendeu-se sem bulha, encharcando a terra, ensopando e desmanchando os torrões duros do barro. Cada lágrima era um pingo d'água-benta daqueles olhos de Nossa Senhora, beijando a tiguêra, dando-lhe força p'ra se cobrir da alegria das plantas.
- 318 Um milagre, meu branco, um milagre!
- 319 O milharal cresceu, espichou, sacudindo no ar as folhas verdes. E vieram as espigas, e as bonecas brincavam ao vento como crinas de seda ruiva...
- 320 Pai Quinca não acreditava no milagre do amor. Dizia que um assado gordo, uma guampa de coalhada e uma gota da velha era o que se levava de melhor. O mais, intrujice! P'r'ele, Mané-João tinha parte com o Diabo, um mandra - queiro safado, que lhe andava matando as rezes e as mandas a garrotilho e a mancha, mil vezes pior que veado branco...

- 315 c pobresinha. c, A rôla viuva.
- 317 c, A lagrima. c, A d'agua. c, A daquelles. c tiguêra. A tiguêra.
- 319 c sêda.
- 320 c Pae. c amôr. c, A P'r'elle. c, A rezes. A peor.

- 321 Bufou de raiva, berrando pragas.
- 322 E o noivo de nhá moça lá foi p'r'o tronco, judiado com a faca de beneficiar o gado, a cara cosida de golpes, p'r'a enfeiar, as orelhas cortadas, e morreu esvaído em sangue...
- 323 Depois, nhá Candoca garrou melancolia, molhando este peito com o seu chôro de passarinho ferido. E sem um ai fugiu à agonia da vida, nos braços do negro velho...
- 324 A tigüera lá está, meu branco, mais ressequida que nunca, cheia de assombros, vermelha como sangueira, e triste como uma saudade...

---

322 c, A esvaído.

323 c, A candóca. c melancholia. c, A chôro. c, A á.

324 c, A resequida.

MUDANCA DE PONTUAÇÃOJORNAL

Ali a Tigúera  
 triste tio Izidro?  
 nhá Candóca  
 Maré João  
 estendeu-se, sem bulha  
 tiguéra falhado,

LIVRO

Ali, a Tigúera  
 triste, tio Izidro?  
 nhá-Candóca  
 Maré-João  
 estendeu-se sem bulha  
 a tiguéra,

MUDANCA DE ACENTUAÇÃO

quê?  
 tiguéra  
 p'ra  
 rebuberos  
 amôr  
 tiguéra

que?  
 tiguéra  
 p'r'a  
 rebubéros  
 amor  
 tiguéra

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

põe negro  
 tiguéra falhada,  
 a terra toda da lavoura  
 deu a ordem

põe o negro  
 tiguéra,  
 a terra da lavoura  
 deu ordem

MUDANÇA DE GRAFIA

á enzoina

á inzoina

fructa

fruta

máo

máu

pae

pai

bocas

boccas

pae

pai

semeiou

semeou

pobresinha

pobrezinha

pior

peior

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "TIGUÉRA"

O autor faz algumas alterações em relação à grafia, procurando amoldá-la às normas ortográficas ditadas pelo Decreto-Lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938.

Eliminou, por exemplo o "c" do vocábulo "fructa".

"Pae" foi redigido "pai".

"semeiou" passou a "semeou".

"pobresinha" passou para "pobrezinha".

Na acentuação, o autor continua grafando certas palavras em desacordo com as normas vigentes, como por exemplo:

JORNAL (1922)

LIVRO (1939)

"quê?"

"que?",

"reberberos"

"reberbéros",

"tiguéra"

"tigúéra",

"amôr"

"amor".

Na concordância, também houve modificação:

JORNAL (1922)

LIVRO (1939)

"Tinha campo sem conta e patações, e onças, que se podia deitar em fecho pelas terras..."

"Tinha campo sem conta, e patações, e onças, que se podiam deitar em fecho pe las terras..."

Demonstra, uma vez mais, a preocupação constante do autor em situar-se dentro da época.

No emprego do hífen, o autor oscila, quando separa os elementos componentes de um substantivo composto. Por exemplo os vocábulos:

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"nhá Candóca"	"nhá - Candóca"
"Mané João"	"Mané - João".

Em 1922 vigorava o uso do hífen, que em 1939 ainda não havia sido alterado. Estas hesitações do autor já incidiram em outros contos.

A não observância à mudança de vírgulas, é mais uma dificuldade que o autor revela.

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"Alí a Tigúera";	"Alí, a Tigúera";
"triste tio Izidro?"	"triste, tio Izidro?"
"estendeu-se, sem bulha".	"estendeu-se sem bulha".

Nos exemplos acima atentamos para o fato do autor não vacilar em alterar a vírgula.

Novamente não sabemos se ele está atendendo ao fator rítmico - melódico ou a função gramatical.

No plano estilístico, com relação às alterações de estruturas, tanto de exclusão quanto de inclusão, não sabemos se o autor procura, na verdade, persuadir o leitor, outorgando um valor expressivo às palavras, ou se devemos imputar a falhas do tipógrafo-compositor ou do copista, pois escreveu:

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"Tigúera <u>falhada</u> "	"Tigúera"

"a terra toda da lavoura"

"a terra da lavoura"

"deu a ordem"

"deu ordem"

"põe negro"

"põe o negro".

Deparamo-nos com um sem número de palavras típicas do vaqueiro gaúcho, dentre as quais registramos-

enzoina

(invenção, mentira)

tigüera

(terra improdutiva ,  
secca)

apá

(pá)

mandraqueiro

(feiticeiro)

sumantas

(surras).

FLORES DE SANGUE

I

- 325 Desde peãozinho, a puxar a tropa, calejando o bugre no socado de bastos rotos, João Maria teve imenso dó da ma drinheira.
- 326 Ao badalhocar do cincerro, a pobre ia batendo casco, ser ra a riba, indiferente, resignada, sem ânsia de pouso, mascando o freio, ao abanar compassado das finas orelhas felpudas.
- 327 Vezes a farta, estropiado um macho, refugada uma besta, lá ia a cangalha, mais o cesto do sal, p'r'o lombo da égua, que se deixava carregar, quieta, na passividade fa tal de quem já não possui vontade e não pode fugir ao fardo da vida...
- 328 Pôs-lhe o nome de "Estrelleira". Quando nova - contaram-lhe, - andava a escacear, fachuda, tinindo as bombas do aparelho, rasgando brochas de quadra, boleando-se, ao em pinar, sob a aguda picada da roseta.

- 325 c, a peãosinho. A callejando. c, a, A rôtos. c, a, A immen-so.
- 326 c, a, A sincerro. c, a serra abaixo, serra a riba. c rezig- nada. c, a, A indifferente.
- 327 c, a, A á. c, a égoa. c, a, A quiéta. a possúe. c, A possue. c, a, A póde.
- 328 A poz-lhe. c, a, A Estrelleira. c, a, A aparelho. c, a, A bróchas.

- 329 Teve o seu tempo, a coitada! Entanto, porque certo dia, numa rodada, descendo o morro do Climarcio, desse com o ginete nas pedras, reuniram-na à ponta, trabalhada por um jumento insaciável.
- 330 Eram quase irmãos de sina...
- 331 João Maria viera do Urubici, mal parido, que o pai, índio velho espeloteado, tinha tanto amor às crias como qualquer guapeca pesteadado.
- 332 Crescido aos coices, com a ladainha do lagarto, volta-e-meia, nos costilhares, parou-se abobado das idéias, sem préstimo, fugindo à lida, por medo a pragas e laçaços.
- 333 E depois, o terror que lhe infundia o capataz! À menor rabicheza, predia-lhe a cabeça entre os joelhos, descascava a xerenga e ameaçava abotoar-lha no sangrador. O peãozinho tremia todo, velhaqueando, gritando Nossa Senhora, que o acudisse, e, afinal, solto, nem mais tempo tinha de ir-aos-pés...

- 329 c, a, A dêsse. c, a reuniram-n'a. c, a, A á. c, a, A insaciavel.
- 330 c, a quasi.
- 331 c, a, A viéra. c, a, A Urubicy. c, a, A pae. c, a indio-velho. A indio. c, a amôr. A as. a, A ás. c, a, A guapéca. c perenento.
- 332 c, a crescendo. c, a abôbado. c, a, A idéas. c, a, A prestimo. c, a, A á. c, a mêdo. c, a ás.
- 333 c, a terrôr. A Á. c, a, A abotoar-lh'a. c, a peãosinho. c, a velhaqueava.

- 334 Foi vivendo, meio-termo entre gente e animal, chucro, asustado, buscando, ao menor risco dum tala, esconder-se, desaparecer dentro de si mesmo.
- 335 Para os camaradas, ele era, nos pousos e rodeios, o bocó em que se despeja a raiva, se alivia o despeito, uma baihna que se amolda a todos os chanfalhos e piavas das troças amargas e grosseiras.
- 336 Se protestava, lá vinham os empurrões. Atiravam-no de bruços, a cabeça no esterco. Ao levantar-se, com as lágrimas escorrendo pela cara suja, debulhavam-se gargalhadas, - que o diabo do sapo andava mijando a brabeza pelos olhos!
- 337 No pouso, ferrados todos no sono, pelo chão da barraca, sobre pelegos macios, o bichará a cobri-los, João Maria, mansamente, com a calculada precaução do bandido, se ia arrastando sobre o duro ligá, até fora da mangueira mal segura. Ganhava o campo, para onde se fizera reponte da manada. O cincerro tinha de dentro da cerração, encharcada do luaceiro frio. Ele seguia, entre o vassoural, de cócoras, o coração aos pinotes, temendo não lhe fosse vir, a cada passo, de dentro da noite, a dor dum relhaço cortante.

- 
- 334 c meio termo. c, a duma tála. c, a, A desaparecer.
- 335 c, a, A elle. A allivia. c, a, A piavas. c, a trócas. c, a, A si.
- 336 c, a atiravam-s'o. c, a, A lagrimas.
- 337 c, a, A somno. c, a, A pellegos. c, a ia-se. c, a, A fóra. c, a fizéra. c, a, A sincerro. c, a, A elle. a vassoral. c, a, A pinótes. c, a, A fôsse. c, a, A dôr.

- 338 Chamava a madrinheira baixinho, num soluço quase. Preso ao seu pescoço, chorava um pranto calmo e confiante. Dizia-lhe os dissabores em que se lh'esfumavam os dias, as judiarias em que rolava, nem que fosse num pedaço de carne morta entre gadeiros, ou um leproso nojento.
- 339 Quieto, como se esperasse a cangalha, as orelhas em pé, o animal pasmava pr'aquêle borbulhar de queixas e lágrimas. As grandes pestanas piscavam vagarosamente. Talvez falasse por elas a resignação da sua infinita miséria, agora partilhada...
- 340 Entretanto, a voz com que tratavam João Maria tinha, por momentos, suave entonação de carinho. Parecia a ele, que uma grande paz entrava a suavizar-lhe a angústia da vida. E era, então, um multiplicar de ternuras demoradas pela madrinheira.
- 341 Mas, roído, para logo, de meia dúvida, dava-se, novamente, à tristeza. A doçura das palavras não era senão a agressão mal disfarçada dum nova ironia brutal...

- 338 c, a quasi. A fôsse.
- 339 c, a Quiêto. c, a, A p'r'aquelle. c, a, A lagrimas. c, a, A ellas. a rezignação. c, a mizeria. A mizeria.
- 340 c, a suaves entonações. c, a, A elle. c, a, A angustia.
- 341 A roído. c, a, A duvida. c, a, A á. c, a, A agressão.

- 342 E assim, sem agrados, a pontapés a tabefes, foi vencendo o tempo.
- 343 Desenvolveu-se, ganhou ar de gente, os remendos e trapos escondidos sob um meco esfiapado, as botas rindo pelas biqueiras, dando aso, sempre, às indiretas ferinas e picantes dos entiquentos.
- 344 Na cara, o mesmo ar de tristeza ressabiada...
- 345 Justaram-no, duma feita, p'ra campear a mamota escolhida numa emboscada. Perdido o rasto, na querência, João Maria foi ao peão do campo, um tal de Celeste, a pedir in formes.
- 346 O outro teve uma repostada torpe. E, diante das lágrimas enzaricadas do pobre, atirou-lhe, de alto, um escarro na esverdeada face angulosa.

- 342 c, a, A tabéfes.
- 343 c, a, A méco. a botas. A aso. c, a, A ás. c, a, A indirec -  
tas.
- 344 c, a, A resabiada.
- 345 c, a, A mamóta. c, a, A querencia.
- 346 c resposta. c, a, A deante. c, a, A lagrimas. c, a desespe-  
radas.

- 347 João Maria sentiu alguma cousa rebentar-lhe no peito, bem dentro, de onde lhe vinha aquela agonia, e o sangue subiu-lhe à cabeça. Avançou firme, esquecido da sua desgraça, inconsciente, como dentro dum delírio, um rictus de loucura na esgaçada boca escumante, e apertou, com uma força que não era sua, a garganta que lhe pinchara a afronta infamante.
- 348 Voltando a si, já se não conheceu mais. Extinguira-se nele o peão mole, o tiatino corrido pela própria covardia.
- 349 Contudo, aos berros indignados do patrão, o receio ainda o sacudia, em estremeções rápidos, quase confundidos com os repentes de raiva.
- 350 Aligeirara-se na lida, atirando certo e pealo, derrubando facilmente o pingo, sem dar às pernas, como os outros, no fadário dos pixuruns...
- 351 Não o deixava, porém, a tristeza doentia que lhe vinha de dentro, como um doido suor envenenado. Pensava na Mãe,

- 347 c, a, A aquella. c, a, A á. c, a sonho. A delirio. c, a rictus. c, a bôca. A bocca. c, a, A affronta.
- 348 c, a extingui-se. c, A nelle. c, a, A molle. c, a, A propria.
- 349 c, a, A contudo. c, a, A rapidos. c, a quasi.
- 350 a Aligerára-se. c, A aligeirára-se. c, a, A peálo. c, a mas sem dar. c, a, A ás. c, a, A fadario. c, a puchuruns.
- 351 a, A suór. c, a, A déra. c, a impetos. c, a, A aquella.

que reverberava tons de felicidade no prosa dos companheiros. A dele, era uma sombra em que não distinguia traços, mas que devia andar a beijá-lo, em choro, pela noite velha, com o uivar dos cães.

352 Quantas vezes a desgraça de não ter tido um afago, não lhe dera ímpetos de estrangular aquela vida escoteira!

353 — Seja home!, peste do diabo! - zuniam-lhe ao ouvido as palavras de cólera do patrão. Falhava-lhe entendimento, mas a vergonha da fuga sofrenava-o à beira dos timbés, para atirá-lo de rojo, na desgraça da vida...

354 Longo tempo, sobre os despenhadeiros, buscava raciocinar a sua razão de ser. Porque ir de sol a sol, sufocado de dor, sem um golpe de gozo, um clarão fugitivo de ventura, que o vinculasse à Natureza, ao próprio sofrimento?

355 Aquela vida! Havia lá tiguéra que lh'a retratasse?

352 c, a affago. c, a, A déra. c, a impetos. c, a, A aquella.

353 A colera. c, a, A á. c, a taimbés. c, a, A rôjo.

354 c, a, A suffocado. c, a, A dôr. c, a, A gôzo. c, a, A á. c, a, A proprio. c, a, A soffrimento.

355 c, a, A aquella. c, a, A tiguéra. c, a lh'a.

356 Certa vez, de borco sobre os pelegos, João Maria teve es-  
tranha sensação de volúpia. Toda a sua carne moça se ar-  
repiou numa irreprimível fome sensual. Escaldou-se-lhe a  
pele, os olhos vermelhejaram, esbraseados e a língua cas-  
tanholou seca na boca pasma. O calor da lanugem produ-  
zia-lhe vibrações demoradas, agulhadas de tracotinga pe-  
lo couro, um amolecimento irrefreável. Venciam-no quebrei-  
ras.

357 Nos largos escampos, sob a arcaria verde dos capões, pe-  
lo beicho dos arroios, o peão quedava curioso, um grande  
vinco de preocupação na face murcha, defronte às cenas  
animais da cobertura. Tentava compreendê-las...

358 E como surgisse, ao redor, instante a instante, o repeti-  
do quadro da ceva, e o seu sangue despertado ardesse à  
exigência duma natural satisfação orgânica, penetrou-o,  
insensivelmente, o bafejo da vida que se reproduzia em  
torno, na alegria quente da luz e na frescura derramada  
das sombras... E cismava...

356 c, a bôrco. c, a, A pellegos. c, a uma estranha. c, a A vo-  
lupia. c arrepiou-se. a arripiou-se. c, a, A irreprimivel.  
c, a, A pelle. c, a, A esbrazeados. c, a, A lingua. c, a,  
sêcca. A secca. c, a bôca. A bocca. c, a, A amollecimento.  
c irreprimivel. a irrefrehensivel. A irrefreavel. a venciam  
-n'o.

357 c, a, A preocupação. c, a, A ás. c, a, A scesas. c, a, A  
animaes. c, a, A comprehende-las.

358 c, a, A redór. c, a, A á. c, a, A exigencia. c, a, A organi-  
ca. c, a, A scismava.

359. Ensimesmado, debatia-se nas garras da força inferior que lhe tomava o ser enfezado, e que o impelia a um desejo ingrato e torvo.

360. Naquela tarde, quase abombada a madrinheira, o peão bairia as canhadas e chapadões, no rasto da animalada em pastoreio.

361. No alto do morro parou, que a grandeza da paisagem lhe arrancava a alma pelos olhos.

362. Costão abaixo despejava-se a taipa - uma aguada de folhas seccas, a escorrer p'r'o arroio que gemia no fundo do grotão, esfiapando-se em escuma na ossatura negra das pedras.

363. As sombras se iam desdobrando pelas canhadas, escurecendo o verde, engulindo, vagarosas, as espalhadas manchas de azul desmaiado e morno.

364. Os pinheirais afusavam para o alto, com um tom de oiro velho, agonizando pela chaga aberta no tronco enrugado e triste. Vez a vez, uma lufada fria zunia-lhes nas agu-

359 a, A sêr. c, a infezado. c, a, A impellia. c, a, A tôrvo.

360 c, a, A naquella. c, a quasi.

362 A fôlhas. c, a, A seccas.

363 c, a iam-se. c de luz desmaiada e morna. a de azul desmaiado e morno. A de azul desmaiado e morno.

364 c, a, A pinheiraes. c, a, A daquella.

-lhas, e corria o ar em ondas, alargando-se e retraindo-se, o gemido daquela desgraça lentamente mortal...

365 Rolando em declives, grimpendo corcovas, abrindo-se em rasgões vermelhos, sempre o campo limpo. De onde a onde, casais, um filete de fumo a subir, em voo de codorna, emprestando tons de vida àquele deserto verde.

366 Aqui, lá, além, grandes pedras esbranquiçadas, como barracas de pouso, ou muito ao longe, como picunhas abanando adeuses...

367 Recolhiam as carucacas.

368 E a treva a descer, pouco a pouco, peneirando o frio constante e úmido...

369 João Maria teve uma resolução súbita e firme.

370 Apeado, vastrou o animal à rampa, e grudou-se-lhe às ancas.

365 c, a, A casaes. c, a, A áquelle.

367 c, a, A carucácas.

368 c, a frio. A o frio. c, a, A humido

369 c, a, A subita.

370 c, a, A apeiado. c, a, A á. c, a, A ás. c, a ancas, bestialmente. A ancas.

371 A égua teve um arranque de revolta. Encolheu-se, com um relincho fino, e o sacudiu de si, fendendo-lhe o crânio com os cascos trazeiros.

372 Noite a dentro mais se adensara o frio...

373 Ao vir do sol, espiando, por detrás dos morros, o acordar dos campos e dos matos, a paisagem tinha a cor uniforme e alva da geada.

374 Contra o lançante, em que a madrinheira esperava ainda o ginete, tosando vassouras, João Maria, de flanco, na rigidez da morte, tinha na cara os traços do mesmo ar de tristeza e de espanto ressabiado com que atravessara a vida.

371 c, a Depois, a égoa. A A égua. c, a, A o craneo. c, a, A, trazeiros.

372 c, a, A adensára.

373 a espiando. A mattos. c, a, A côr. c leite, uniforme. c, a, A geáda.

374 a lançamento. c, a, A resabiado. c, a, A atravessára.

375 O sangue espalhara-se na grama, gelando em manchas isola  
das.

376 E à luz que lhes sacudia rebrilhos dos pequeninos cris-  
tais, no meio da vastidão branca, dir-se-iam flores ru-  
bras, arrancadas brutalmente, pela Noite, das entranhas  
enfraquecidas da Terra...

---

375 c, a, A espalhára-se.

376 c, a, A á. c, a, A cristaes.

MUDANÇAS DE PONTUAÇÃOJORNAL

Quando nova - contaram-lhe porque  
certo dia  
volta e meia  
meio termo  
a madrinheira, baixinho      home,  
peste do diabo!  
atirá-lo de rôjo  
esbrazeados, e a língua  
Venciam no  
penetrou o  
descer pouco a pouco  
Escolheu-se com um relincho  
brutalmente pela Noite das...  
Estrelleira  
retratasse!

LIVRO

Quando nova, - contaram-lhe  
porque, certo dia,  
volta-e-meia  
meio-termo  
a madrinheira baixinho, ho  
me!, peste do diabo!  
atirá-lo, de rôjo,  
esbrazeados e a língua  
Venciam-no  
penetrou-o  
descer; pouco a pouco  
Escolheu-se, com um      reli  
ncho  
brutalmente, pela      Noite,  
das...  
"Estrelleira"  
retratasse?

MUDANÇAS DE ACENTUAÇÃO

Pôs-lhe  
temôr  
tróças  
fizéra  
fosse  
suor

Poz-lhe  
temor  
troças  
fizera  
fôsse  
suór

beija-lo	beijá-lo
calor	calôr
redor	redór
folhas	fôlhas
Quiêto	Quieto

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

PEREVENTO	PESTEADO
VELHAQUEAVA	velhaqueando
sonho	delírio
de luz desmaiada e morna	de azul desmaiado e morno
côr leite, uniforme, da geada	côr uniforme e alva da gea da
PENEIRANDO FRIO	peneirando o frio
Depois, a égoa	A égua

MUDANÇAS DE GRAFIA

PEÃOSINHO	peãozinho
calejando	callejado
resignada	reznignada
égoa	água
Pôs-lhe	Poz-lhe
reuniram-n'a	reuniram-na
quasi	quase
temôr	temor
abotoar-lh'a	abotoar-lha
peãosinho	peãozinho
mêdo	medo

duma tála	dum tála
alivia	allivia
Atiraram-n'ó	atiraram-no
debruços	dé bruços
quasi	quase
mizeria	miseria
suaves entonações	suave entonação
azo	aso
boca	bocca
quasi	quase
na prosa	no prosa
Depois, a égoa	A égua
puchurum	pixuruns...

MUDANÇAS DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

ia-se	se ia
iam-se	se iam
arrepiou-se	se arrepiou

MUDANÇAS DE PONTUAÇÃO

REVISTA

LIVRO

índio-velho	índio velho
serra abaixo, serra a riba	serra a riba
reuniram n'a	reuniram-na
Atiraram-n'ó	atiraram-no
morta, entre gadeiros	morta entre gadeiros

a si já não se	a si, já não se
uivados cães...	uivados cães
Seja home;	Seja home!
Venciam n'ô	Vénciam-no
o animal à rampa. E	á rampa, e
grudou-se lhe às ancas, bestial-	grudou-se-lhe ás ancas
mente	
Depois, a égoa	A égua

MUDANCAS DE ACENTUAÇÃO

possúe	possue
Pôs-lhe	Poz-lhe
amôr	amor
abôbado	abobado
mêuo as pragas	medo a pragas
terrôr	terror
tróças	troças
fizéra	fizera
Quiéto	Quieto
roído	roido
bôca	bocca
cólera	colera
tiguéra	tiguéra
sêcca	secca
bôca	bocca
redór	redor

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

desesperadas

sonho

certeio o peálo

lançamento

Bugre soccado

serra abaixo, serra a riba

teve uma estranha

Depois a égoa

enzairicadas

delírio

certeio e peálo

lançante

Bugre no socado

serra a riba

teve estranha

A égua

MUDANÇAS DE GRAFIA

peãosinho

Pôs-lhe

quasi

de Urubicy

trócas

debruços

vassoral

quasi

mizeria

suaves entonações

azo

bôca

Estinguir-se

Aligerára-se

puchuruns

reberberara

taimbés

peãozinho

Poz-lhe

quase

do Urubicy

trocas

de bruços

vassoural

quase

miseria

suave entonação

aso

bocca

Extinguir-se

Aligeirára-se

pixuruns

reverberara

timbés

sêcca

secca

bôca

bocca

irreprehensível

?

Venciam n'ô

Venciam-no

infezado

enfezado

quasi

quase

desmaiada e morna

desmaiado e morno

natos

nattos

MUDANCAS DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

ia-se

se ia

iam-se

se iam

arreprou-se

se arreprou

MUDANCAS DE FORMAS VERBAIS

crescendo

crescido

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "FLORES DE SANGUE"

Em relação à grafia houve uma adequação da de 1922 para à oficial de 1938.

REVISTA SANTELMO (1922)	LIVRO (1939)
"égoa"	"égua"
"quasi"	"quase"
"infezado"	"enfezado"
"reberberava"	"reverberava".

Há, porém, algumas grafias inexplicáveis. Por exemplo, por que terá o autor mudado de

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"pôs-lhe peãosinho" para	"poz-lhe peãozinho?"

E, quanto às grafias de:

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"puchurum" e	"pixurum",

tanto uma quanto a outra ainda existem, só que atualmente são grafadas (ambas) com "X".

E, quanto a:

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
"taimbés" e	"timbés",

nada foi alterado. As duas palavras existem, embora escritas diferentemente.

No que respeita à colocação pronominal,

JORNAL (1922)	LIVRO (1939)
---------------	--------------

"ia-se"	"se ia",
"iam-se"	"se iam",
"arreprou-se"	"se arrepiou",

foi uma das preocupações importantes do autor, e, no entanto, mesmo estribando-nos em gramáticos, nos clássicos e, em toda uma estrutura psicológica do autor, estaríamos incorrendo em ilogicidades, conseqüentemente em impressionismos, pois tais mudanças não nos trouxeram prazer estético, mesmo sabendo que a forma pronominal tem caráter afetivo e lírico e o verbo "ir", seguido da partícula expletiva "se", adquire significado diferente do simples "ir", pois acentua o prolongamento e a lentidão do ato.

Do ponto de vista semântico, o autor, não traz grandes inovações do Jornal e da Revista para com o Livro de 1939.

Em conseqüência dessa acomodação, o autor não colheu efeitos estéticos quando da edição do livro.

Assim, foi substituindo os vocábulos:

JORNAL (1922)		LIVRO (1939)
"sonho"		"delírio"
	por	
"desesperadas"		"enzaricadas",

substituições essas que trouxeram nova comunicação ao conto original.

Na adoção dos vocábulos:

"pesteado"	e	"perebento",
------------	---	--------------

faz-se necessária uma explicação: o autor escreveu o vocábulo "pesteado", através da "Revista Santelmo", nº 19, e, 1º de outubro de 1922; em 3 de dezembro de 1922, no jornal "República" usa o vocábulo "perevento"; em 1939, ou seja, 17 anos mais tarde, retorna ao vocábulo "pesteado". Estaria o autor tentando reproduzir a

linguagem serrana ou procurando dar um colorido à expressão?

Contudo, um bom escritor revela-se por um grande número de qualidades, mas sobressaindo, entretanto, pela aplicação precisa e pitoresca de seus adjetivos.

Registramos, a seguir, mais alguns vocábulos típicos regionais:

xerenga	(faca de tamanho regular)
ligá	(couro com que se cobre as broácas nos cargueiros)
mêco	(pala curta de lã grosseira, tecido nas fazendas)
xerenga	(faca de tamanho regular)
entiquentos	(provocador)
enzaricadas	(irritadas)
tiatino	(cão vagabundo)
timbés	(precipício, abismo)
tacotinga	(formiga)
abombada	(cansada)
picunhas	(pala fino).

C A R I J O

377 O Inspetor pôs vagorosamente a palha atrás da orelha e puxando a xerenga entrou a picar o fumo em corda, olhando com simpatia o queixoso:

378 - Tinha de haver?

379 - Tinha de haver, seu Nastácio. Eu fiz que nem veado: torce cá, camba ali, faz rodas, senta pr'a trás, volta p'ra diante e não deixa de cair no poço, acuado. O cariço veio me trepou no cangueiro...

380 - Não 'tá me pregando goalhava? Tu se cuide!...

381 - Nunca queimei campo com chuva. Nunca lambi espora p'ra ter os meus dez pilas na guaiáca. Fui camarada do Ticho, moço de estúcia. Tropeei gado, viajei com a trópa e nunca faltou um ligá, nem um sovéo.

382 - E a baderna foi no pixurum?

383 - No pixurum. O manduca velho tinha feito a riconvência, dizendo que a Biloca ia. Havia camargo, coalhada e queimadinha.

377 a, A Inspector. a pôz. a, A sympathia.

379 a, A Nastacio. a cahir. a, A pôço. a, A cariço. a, A veio.

380 a tá. A mê. a goalháva.

381 a, A espóra. a, A guaiáca. a, A tycho. a, A estucia. a, A trópa.

382 a, A badérna. a puchurum.

383 a, puchurum. a, A riconvencia. a, A Bilóca. a piché.

- 384 Eu me botei, na terça, de caracu-de-ponta.
- 385 Laboriamos quatro dias. Namoro, fandango, tudo. No último dia, então-se, eu gritei a Biloca na ramada.
- 386 'Tava anoitecendo.
- 387 A pinguancha foi, nós 'távamos sózinhos, e aí...
- 388 -... houve barbura... - disse o Inspetor, piscando o olho velhaco.
- 389 E o outro, meio brabo:
- 390 - Não-se. Até a hora d'embirar hei de ser sério.
- 391 Mas, daí pedi que a tibéria dissesse os seus gostos:
- 392 "Tenho quatro éguas velhas, seis vacas de cria, já dão queijo, um milhão de campo, vancê quer ser minha? vancê quer se amaridar comigo?" Ela, então-se, se dependurou em mim e me deu uma bicota. Depois, ali mesmo na ramada, com duas vacas-petiças deitadas, resmoendo, rezamos por nós, como se 'tivéssemos num presepe...

- 
- 384 a, A mê. a, A caracú.
- 385 a, A Bilóca.
- 387 a, A ahí.
- 388 a, A Inspector.
- 391 a, A dahi. a, A dissésse.
- 392 a égoas. a, A vaccas. a, A conmigo. a, A Ella. a, A mê. a, A bicóta. a, A vaccas. a, A 'tivessemos. a, A presépe.

- 393 - E o baile?
- 394 - "Tá perto. Ouvimos repenicar a viola e chorar a rebecca. Fomos p'ra sala, onde o Naja mascate cantava uma décima e o Zé Capuava, feiticeiro, gemia na mocha. Enquanto a Biloca beijava a bandeira no oratório, eu vi o Capuava fazer umas benzeduras nas costas dela e olhar, rindo, o Naja.
- 395 - Era mandraca...
- 396 - Isso. Eu 'tava tirando um tunerá.
- 397 Capuava convidou a Biloca, dançou, meio escaceador, uma marca e falou na rosca do ouvido d'ela. Ela riu e conversaram muito, ela sem me olhar, esquecida de mim. Veio a queimada, e o feiticeiro infestava as marcas: a mandraca tinha pegado, 'tava feita a minha desgraça. Eu era quem nem retalhado! Quiz derrubar a frissura do graxaim Capuava, que me cortou a arreata.
- 398 - E houve o carijo...
- 399 - Ainda não-se. A broaca já tinha garrado cambicho, remiando-se, meio trancucha.

- 394 a, A vióla. a, A rabéca. a, A môcha. a, A Emquanto. a, A Bilóca. a, A oratorio. a, A Capuáva. a, A della.
- 397 a O capuáva. A Capuava. a, A Bilóca. A dansou. a, A d'ella. a, A mê. a, A veiu. A enfestava. a, A dêsgraça. A Quiz. a, A capuáva. a, A mê.

- 400 Convideu p'ra ratoeira, cheio de brabeza, louco da cabeça. Ela entrou na roda: a gaita mais a rabeça pararam.
- 401 Biloca, pitando, me olhou enfiado e rindo p'r'o Capuava, orneou esta quadra com os rapazes, do lado, já me fazendo pouco:
- 402 "Sai d'aqui louco da vista,  
Ai! Cego do entendimento,  
Em outra escala mais alta,  
Navega o meu pensamento!"
- 403 A velheira, a potrancada e os garraios caíram na gargalhada. Peguei a tremer, enxerguei tudo vermelho.
- 404 A orquestra tocou, e quando chegou a minha vez, pinchei-me na roda, coiceando, e com a colher em fogo, abri o tarro:
- 405 "Senhora dona Bilóca,  
Marca passo no salão,  
Parece uma porca velha,  
Com vinte e cinco leitão!"

- 400 a, A Ella. a, A ródá. a, A rabéca.
- 401 a, A Bilóca. a, A mê. a, A enfiado. a Capuáva. a, A mê.
- 402 a, A sáe. a, A cégo.
- 403 a, A caíram.
- 404 a, A orchestra. a, A ródá.
- 405 a, A Bilóca.

406 Dei dois tiros. Tudo levou extravio. Depois voltaram, co  
mo lechiguana, num zunido. Era vinte e cinco contra um.  
Houve o carijo: despaletei dois: me desarmaram. Com a  
espiga duma marca preguei uma sumanta em outros três. De  
pois, ouvi uns disparos, e caí maneado. No outro dia,  
dei acordo de mim num catre do tio Manduca...

407 - Numa coalheira?

408 - Tenho a prova aqui. Uma bala me varou a carrocha, dois  
golpes de chanfalho pegaram o chicojuelo e um a picanha.  
Quero justiça, senão a coisa dá. Eles não mexeram com  
tiatino, mas com homem que não se mete a digibilar mixor  
na. A bisca ensaiera 'ta lá, de catre e gamela com o fei  
ticeiro. Antes assim, do que a gente ser galheiro!

409 Veio o café. O Inspector, garrando o copinho e chegando  
à porteira, gritou o Venâncio taipeiro p'ra fazer o au-  
to. Pitaram.

410 E como a manada viesse p'r'o páteo, seu Nastácio ordenou  
ao peão, tiozinho macanudo, que a repontasse p'r'aguada,  
contra o fecho, onde havia o verde crescido.

406 a, A caríjo. a, A mê. a, A caí. A accordo. a acôrdo.

408 a, A mê. a, A carrócha. a, A chicojuêlo. a, A Elles. a mette.  
a, A mixórna. a, A ensaiêra. a, A gamella. a gaiêro.

409 a, A Inspector. a, A cópinho. a, A á. a, A Venancio.

410 a, A Nastacio. a tiosinho. a feixo. A fêcho.

- 411 O queixoso não se astrevera a falar mais, cansado.
- 412 Então, o Inspector, a quem aquela desgraça e aquela valentia de confiado metiam dó e simpatia, enrolando o cigarro e oferecendo o macaio ao outro falou:
- 413 - Pode descansar rapaz. Aquilo é gente aperreada e não é atoa que tem o Capuava agregando. Já tem escorado o estômagô com o meu soquete e roubado os meus pelegos. São tudo caras retamadas que nem baixero. Mas eles pagam! Tenha eu este braço seco se não se pararem alcatruzados a arredor. P'ra rocinar aquela cavalhada, eu! Quero deixar a ossada deles em manojo!
- 414 E despedindo o queixoso, contente com a sua justiça, pitando a sua alegria:
- 415 - Vão pregando espiga de marca e ameixa no grão do olho, qu'eu aguento a volta e respondo pela brincadeira. Aquilo é tracotinga - só a lagarto e fogo, p'ra se ultimar!
- 416 Garraiera velha!

- 411 a cançado.
- 412 a, A Inspector. a, A aquella. A mettiam. a, A sympathia. a, A offerecendo.
- 413 a Póde descansar, rapaz. A Póde descansar rapaz. a, A Aquil lo. a, A atôa. a, A Capuáva. a, A aggregado. a, A estomago. a, A estomago. a, A soquete. a pelêgos. A pellêgos. a, A baixêro. a, A elles. a, A secco. a alcatrusados.
- 415 a grão do zolhos. a, A tracotinga.
- 416 a, A Garraiêra.

MUDANÇAS DE PONTUAÇÃOREVISTALIVRO

mandraca.<sup>2</sup>  
dois; mê  
outro, falou

mandraca...  
dois: mê  
outro falou:

MUDANÇAS DE ACENTUAÇÃO

O Inspector pôz  
ta mê  
goalháva  
A Capuáva  
aporreáda  
manôjo  
acôordo  
pelégos

O Inspector poz  
ta me  
goalhava  
Capuava  
aperreada  
manôjo  
accordo  
pellégos

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

piché  
funerá  
grão do zolhos

camargo  
tunerá  
grão do olho

MUDANÇAS DE GRAFIA

O Inspector pôz  
cahir  
acoado  
puchurum  
égoas

O Inspector poz  
cair  
acuado  
pixurum  
éguas

Quis

mete

tiosinho

feixo

cançado

metiam

descançar

aporreada

pelêgos

alcatrusados

rucinar

Quiz

mette

tiozinho

féicho

cansado

mettiam

descansar

aperreada

pellêgos

alcatruzados

rocinar

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "CARIJO"

Conforme observa, com muita propriedade, o Prof. Celesti  
 no Sachet:

"Poucas foram as alterações gráficas trazidas pelo livro de 1939, ao conto, escrito vinte anos antes. A maioria delas, de ordem fonética, no mais das vezes, aí estão sem uma lógica na qual o crítico possa se fixar, ou des<sub>u</sub>co<sub>u</sub>brir a norma onde o autor se estribou"(4).

Registramos, a seguir, algumas modificações observadas no conto de 1939, que, em determinados casos mais se assemelham com erros tipográficos da publicação anterior (1922), do que propriamente alterações introduzidas.:

REVISTA (1922)

LIVRO (1939)

"pôz"

"poz"

"cahir"

"cair"

"acoado"

"acuado"

"mê"

"me"

"égoas"

"éguas"

"funerá"

"tunerá"

"quis"

"quiz"

"acordo"

"accordo"

"cançado"

"cansado"

"metiam"

"mettiam"

"descançar"

"descansar"

"aporreado"

"aperreado"

"grão dos zolhos"

"grão do olho"

"pelêgos"

"pellêgos".

Também, neste conto, apreciamos a constante inquietação do autor, em adotar as atualizações ortográficas de 1938, como os vocábulos que seguem:

"cair", "éguas", "cansado", "aperreado", "acuado", não deixando transparecer as razões que o levaram a ignorar, esta mesma ortografia a posteriori (1939), quando empregou o vocábulo "quiz", ao invés de "quis", já aplicado, anteriormente na edição de 1922.

O mesmo se poderia dizer em relação ao emprego de conso antes duplas na edição de 1939, que não foram empregadas em 1922:

"accordo", "mettiam", "pellêgos".

Não conseguimos entender o propósito do autor, alterando o vocábulo "funerá" para "tunerá", palavra, esta, que não apresenta registro em dicionários, levando-nos a acreditar, tratar-se, exclusivamente de erro tipográfico.

Procurou, ainda, o autor revestir com um toque vieirense a expressão "grão do zolho" para "grão do olho".

Outras substituições de vocábulos fazem-se sentir como "pi ché" para "camargo", na edição de 1939, cujos significados foram acrescentados ao final da obra.:

"camargo" - café que se mistura leite na ordenha.

"piché" - esturro, queimado.

Ambas as palavras parecem ter empregos diferentes, razão porque, embora registrando essa alteração, não atinamos com o motivo da modificação.

O autor utiliza, ainda, neste conto, um número elevado

de vocábulos, típicos-gaúchos, que comprometem em parte a legibilidade da mensagem.

camba	(inclina, pende);
goalhar	(mentir);
sovéo	(laço de couro torcido, não trançado);
pinguancha	("pequena", moça);
graxaim	(espécie de cão selvagem);
embirar	(morrer);
bicota	(beijo);
garraios	(boi imprestável);
culha	(cabeça);
lechiguana	(marimbondo);
sumanta	(surra);
carrocha	(mandíbula);
chicojuêlo	(rótula);
digibilar	(desfiar, esmiuçar);
galheiro	(chifrudo, cornudo);
macaio	(fumo ordinário);
soquete	(pedaço de osso com carne, de que se faz cozido);
retamado	(sujo);
rocinar	(amansar de rédeas).

Observa o Prof. Celestino Sachet, perspicaz analista do regionalismo em Tito Carvalho:

"Além desses substantivos, adjetivos, verbos e preposições de circulação "serrana", o Autor traz para dentro de seu conto expressões do tipo: "não-se", "então-se",

"vacas-petiças". Há ainda, uma preocupação de carregar na tonicidade de muitas palavras paroxítonas - que mesmo à época não mais levaram o acento - cariço, espóra, trópa, Bibóca, badérna, dissésse, vióla, rebéca - ou em falsos proparoxítonos- dêsgraça, cópinho, e uma tonicização do pronome "me" - escrito "mê". Seria uma tentativa de o Autor dar a seu personagem - o Narrador - uma autenticidade que a rígida ortografia da língua portuguesa não lhe vinha permitindo?"(5).

## Z É T I G R E

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 417 Agora, o fox "Taco" era o seu único amigo.
- 418 Nem sabia ao certo como se transformara, se lhe vinha a  
volupia do crime dalgum mal atávico.
- 419 Era buenacho, amoroso, e a res mais braba, o potro mais  
gavião, a besta mais baldosa se tornavam dóceis ao seu  
assobio, ou á sua cantiga de boiadeiro.
- 420 Quase gigante, ria-lhe nos olhos de cão manso a alma de  
criança, e não se atrevia a chicotear uma planta, a ba-  
ter o gatilho a um chibarro, a mergulhar a xerenga no  
sangrador duma novilha.
- 421 Os seus trens não aumentavam, e os mais julgavam-no sem  
préstimo, tiatino ou andejo, de fazenda em fazenda, ser-  
vindo as riconvôncias.
- 422 Depois, um dia, começou a amar. E porque o seu aspecto fos-  
se miserável, na tristeza dos farrapos, garraram a enti-  
car, com orneios de trancuchos, da sua bondade resignada.

- 417 A unico.
- 418 A transformãra, si, atavico.
- 419 A rez, doceis.
- 421 A augmentavam, prestimo, andêjo, ás, riconvencia.
- 422 A fôsse, miseravel.

- 423 Amou-o também ela. Era uma restea de luz no escuro timbé da sua vida.
  
- 424 Acolheraram-se logo, com a arreata de duas memórias pra-teadas.
  
- 425 Já não relampeava a desgraça. De agregado virou tropeiro. O gado vinha lambe-lhe o sal à mão na pedreira lisa dos rodeios. E pelas estradas, atalhando os campos, o seu canto sonorizava os desvãos das canhadas, ao clarão baio do sol alto.
  
- 426 Nunca lhe velhaqueou a mais chucra mula, que recebia quieta os cestos e as broacas carregadas, sem a tortura da biqueira ou do cabresto no palanque. Cuidava-lhe do lombo, extinguiu-lhe a mata a querozene, com dedos leves de moça.
  
- 427 A manada tinha o verde melhor, e o chiquera não zunia, cortante, se sofrenava o trote, a mergulhar os queixos na samambaia úmida dos barrancos.

- 423 A tambem, réstea.
- 425 A aggregado, á.
- 426 A kerozene.
- 427 A chiquerá, si, humida.

- 428 Ninguém de mais confiança. A guaiaca de lontra era segura, e os pacos iam e voltavam sem falta duma lonca miúda, duma periquita engomada.
- 429 Desse jeito ia o tempo correndo, a aumentar suas posses.
- 430 Mas, o vasqueiro minuto de felicidade, — pobre dele! — fez-se uma eternidade de amargura.
- 431 Foi assim, conforme corre na boca dos piás e da gentarada grameira:
- 432 Vinha, naquele jeitão gauderento, escoteirinho, das bandas de Sant'Ana. Nos tentos, quatro pinhas, p'ra passoca com leite, tão do gosto da tibéria.
- 433 Morava ali pelo Luizinho.
- 434 Cantando sempre, as vacas e terneiros escaramuçavam-lhe na cola, sob a alegria da toada, como se o bangual tivesse virado égua madrinha, a puxar tropa.

- 428 A Ninguem, guaiáca, miuda.
- 429 A augmentar.
- 430 A delle.
- 431 A bocca.
- 432 A naquelle, Sant'Anna, gôrdo.
- 434 A vaccas, cóla.

- 435 Apeando na porteira, deu um longo berro de faceirice:
- 436 — Oô... Siá-Maria-Chica!...
- 437 Nada. Berrou de novo. Ninguém. O cachicholo de porta entreaberta.
- 438 Futurou desgraça.
- 439 Dum pulo, que nem jaguatirica assanhada, entrou, com o coração em ânsia.
- 440 Toda descomposta, arranhada, a língua de fora, a cara roxa, Maria-Chica pendia do catre, com um tento volteado no pescoço, uma lombriga a dançar no canto da boca. E no chão, em sangue, os miolos derramados pela brecha dum argolaço de tatu, o filhinho de três meses.
- 441 Ficou meio tararaca, na brutalidade do guascaço que lhe golpeava a alma.
- 442 E só muito tarde, caída a noite sem bulha de carucacas, um arroio lhe saltou dos olhos, no desespero de ente perdido...

- 437 A Ninguem, cachichôlo.
- 439 A ansia.
- 440 A lingua, fóra, róxa, dansar, bocca, brécha, tatú.
- 441 A tararáca.
- 442 A caracácas, arrôio, desespêro.

- 443 A Justiça veio, fez o exame, o auto, bebeu o leite das guampas, mastigou o churrasco do varal. E retirou-se, sem saber quem o assassino.
- 444 O desinfeliz sentiu, então, que a arca generosa do peito se despedaçava, envenenada, a ternura mudava-se em ódio e a tranquilidade em sede de caríjos, a derramar sangueira, na sina da malvadez.
- 445 Cuidou do enterro, com os nervos da cara repuxados, num ar de fera acuada.
- 446 Depois, 'garrou o tento, a vinchester, pulou no zaino, e, com o cachorro no rasto, foi-se mato a dentro.
- 447 Não o viram tempos: Dizem que teve um febrão rebentado em feridas, que "Toco" lambia pacientemente, curando-as.
- 448 Anos corridos, começou a aparecer gente morta nas estradas ermas.
- 

- 443 A veiu.
- 444 A odio, sêde.
- 445 A féra, entêrro.
- 446 A mattos.
- 448 A Annos, apparecer, êrmos.

449 Os homens caíam do lombilho a tiros, as mulheres eram en-  
contradas meio nuas, estranguladas com um tento, e crian-  
ças havia, que despencavam do selim com uma fenda na ca-  
beça, os miolos escorrendo.

450 As barbas compridas e tordilhas do bandido esvoaçavam ao  
vento, e retremiam, às vezes, acompanhando as gargalhadas  
de gozo feroz saciado.

451 No mesmo dia, em diferentes encruzilhadas, a corvoama  
bicava, com esgano, os defuntos amanhecidos.

452 Fizeram-se escoltas, a ver se o caçavam d'emboscada. E  
mais duma vez ficaram estiradas nos lançantes, picadas à  
bala, retalhadas a facão, ou crivadas de fundas dentadas  
do guapeca.

453 Era vaqueano dos capões mais carrasquentos, onde ninguém  
se aventurava penetrar. Conhecia as árvores, as pedras,  
as nascentes e os morros, de olhos fechados.

454 E quando redobrava a perseguição, mais vidas ele arrançava,  
mais barbaridades fazia no seu fadario maldito.

455 Às moças, violentava-as; aos velhos, degolava-os, deixan-  
do-lhes a cabeça no chão e atando-lhes o corpo à cauda  
dos cavalos, que largavam em disparada doida, espetados  
pela faca afiada.

456 Ocasões não se noticiavam esses horrores, e a esperança

---

456 A Occasiões, fivéla.

de que houvesse batido a fivela dava coragem a viajar nos caminhos mais afastados.

457 Mas, logo reaparecia, como um flagelo, semeando o terror, a desgraça e a morte.

458 Até que chegou o seu dia.

459 Ao appear do zaino, com cara de Tinhoso, a tir, escumando, — era sexta-feira, pela noitinha, — baixou o arreador num peãozinho, o Pedro-Tereza.

460 Ligeiro, o tiozinho pinchou-se no capim, e varando por entre as pernas do animal aproveitou o momento em que o triste caiu, com as esporas enrodilhadas no laço. Mergulhou-lhe a piava nos encontros, atorando-lhe a veia-mestra.

461 Estendido, adoçaram-se-lhe as feições bravias, e a alma de criança voltou-lhe aos olhos surpreendidos, encharcando-os de mansidão e tristeza.

462 Contam que, ai, mal deu o último suspiro, uma claridade repontou, alumando o seu tronco magro de gigante, e fantasmas brancos vieram fazer-lhe ronda, cantando velhas

457 A reaparecia, flagélo, terrôr.

460 A piáva.

461 A surprehendidos.

462 A ahi, ultimo, amór, elle, tornára, rebellado, gurisóte.

177  
trovas de amor, a ele, que se tornara carnicheiro, sem  
piedade pelas crianças, com a valentia de rebelado con-  
tra os homens e contra Deus apagada para sempre na fa-  
quinha dum gurisote.

463 Diziam que já nascera bandido.

464 E, todavia, acreditavam quase todos que enlouquecera de  
desespero e sofrimento...

---

464 A sofrimento.

A N D E J A

ERSC  
MAY 1961

- 465 "Me-dá-um-tutão?"
- 466 Alcatruzada, presa ao bordão, Gabriela Gonçalves Padilha, como um gaudério, aí anda, nas ruas, pelas portas, a mão estendida aos andantes.
- 467 É meio cega e tararaca. Não tem parentes, criou-se guacha — campo sem taipa, liberdade de ares.
- 468 Recolheu-a um dia a velha Sebastiana Tica, a do leite com grãos. À negra velha tracucha luziu-lhe na cúpula, dum relâmpago, a idéia de torná-la uma fonte de renda com que se prover de canguara permanente. E como a pobre ganhasse e qualquer que desse o "ô-de-casa", o "me-dá-um-tutão", Bastiana pregou-lhe dois pontapés na volta-do-a-apá e pinchou-a na rua, a caçar níqueis.
- 469 E judiava dela sempre. Precisava faxina: Gabriela era o cargueiro. Vinha agachada, ao peso do feixe de vassouras ou aroeira, que nem mula mascadeira. Se empacava, abombada, a mãe-velha, louca de brabeza, punha-a troncada, à

- 465 A "Mé dá um tutão"? A Mé.
- 466 A alcatrusada. c, A Gabriella. c anda ahi. A ali anda.
- 467 c, A céga. c, A tararaca. A guácha.
- 468 A Á. c cupula. c num. c, A relampago. A idéa. c tornal-a. c, A provêr. c, A canguára. c, A dêsse. c "ô de ca...á...sa". c "mé dá um tutão". c na volta do apá. c, A nickeis.
- 469 c, A della. c, A fachina. c, A Gabriella. c agachado. c dum c ou de aroeira. A Si. c, A á.

470. Lá veio um dia a "espanhola". Espanhola, não: aftosa, que muita gente grande teve o garrão inchado. Espanhola p'r' os arrançados, aftosa p'ra pobreza, que não roía nem o soquete dum touro gibu.
- 471 Pois, a aftosa deu com a Bastiana no catre. E Gabriela acrescentou à cantiga do "tutão" o "para-a-mãe-velha".
- 472 Chorava, a coitada, talvez sob o palpíte animal de ficar só, sem aquela escora, que pitando o seu macaio a derrancava a lagarto e a explorava vorazmente.
- 473 Bastiana fez termo até umas horas, e bateu a fivela. Teve vinte e cinco filhos, a coelha velha, e quis, com orgulho de reprodutora mina, mostrá-los ao governador Vidal, quando aqui andou.
- 474 Gabriela ficou só. Pós luto, tornou-se mais andeja. Pranteava em cada canto a morte da fúria protetora. As vestes em retame esfarraparam-se-lhe de tanto rustir pelos portais.

- 470 c, A aphtosa. c, A aphtosa. c, A soquêete. c, A gibú.
- 471 c, A aphtosa. c com Bastiana. c, A Gabriella. c, A accrescentou. c, A á. c é "para a mãe-velha".
- 472 c, A aquella escóra.
- 473 c fivella. A fivéla. A vinte-e-cinco. A quiz. c, A reprodutora. c mostra-los, certa vez, ao governador.
- 474 c, A Gabriella. A poz. c, A furia-protectora. c, A retáme. c, A portais.

475. Tosaram-lhe as clinas, já meio tordilhas, onde a muquirã na parava rodeio, e o seu aspecto tornou-se horrivelmente grotesco.
- 476 Ao desamparo, às intempéries, avelhentada pela miséria, não logrou dó, ao invés, provocou a risota dos peões e a graceta torpe dos cantos de ruas.
- 477 A sarjeta, com o ser "alma encantadora", desceu à bestialidade e violentou-a, esbrugando entre os cascos o seu único e inestimável bem.
- 478 Faltou à miséria uma afeição, um laço que, embora a desestimasse, não lhe uscasse os guapeças. O que tinha deu um derradeiro panásio e arrebentou, ultimado o delirar da preta velha.
- 479 — "Quem dá o pão, dá o ensino". Gabriela assuntou que as bordoadas pelo fio do lombo eram a resultante do soquete magro e do copinho de café:

- 475 c burlesco.
- 476 c, A ás. c, A intemperies. c, A miseria. c envés. c ricóta. c o gracejo chulo, bacorinho e cuspidio do vértice das ruas. A cantos-de-ruas.
- 477 c, A sargeta. c, A á. c, A unico. c, A inestmavel.
- 478 c Faltou-lhe. c, A á. c, A miseria. c, A afeição. A não. c desestimasse. c tambem lhe não. c, A guapéças. c rebentou. A preta-velha.
- 479 c, A Gabriella. c, A assumptou. c magro soquête. A soquête.

480 — Era comer e dar louvado.

481 E agora, sob as pedradas e as cucas dos piás, que lhe não pingavam o "tutão" nem lhe davam o decomerzinho, tornou-se confiada, cinchou a paciência, e bandeou-se para a imoralidade.

482 Quis, a pobre, escorraçar o terno de gente que a perseguia implacável. Transformou seu camboim em arma de defesa, virou bicho alçado.

483 Mas, redobraram as pedradas, os puxões, e as obscenidades enzaricadas da infeliz, a piasada, em negaças, atossicada pelo lagaés, dava risaradas de quem vê terneiro escaramuçando com a marca quente. Era um festão!

484 Para Gabriela, com a vista enviasada, só enxergando uma polvadeira, aquele suplício de tenaz, que lhe vinha de todos os lados, sem que, descambando o porrete, atingisse um irapuá da tropa, era puramente ocasionado pela falta da Bastiana-Tica.

485 Quando saía, com os costilhares quentes dos laços, era como se no seu corpito petição perdurasse, com a dor, um

481 c a cuca. c decomêrzinho. c, A paciencia. c, A immoralidade.

482 c Quis escorraçar, a infeliz. A Quiz, a pobre, escorraçar. c implacavel. c Transformou o seu. c alccado.

483 c dobraram. c, A ás. c obcenidades. c desgraçada. c risadas. c escaramuçado.

484 c, A Gabriella. c enxergando sómente. c, A aquelle. c, A supplício atanaz. c cacête. c, A attingisse. c, A ocasionado. c Bastiana velha.

485 c, A dôr. c autoridade e respeito. A severa autoridade. A Ha via limite e seu tanto de brandura nas inticancias. c não Há. c autoridade.

pouco da severa autoridade da mãe-velha. Havia limite e seu tanto de brandura nas enticâncias. Mas, lá estava Tica a comer capim pela raiz, e a sua brabeza inutilizada.

486 Aos trambolhões, com os cascos roídos pelo calor-de-figo, um tope de fita ao alto — uma cola atada, — virou a ter risos e medos repentinos. Se batia com o longo cajado a uma porta, golfava-lhe logo, de dentro, um berro: "p'ra longe, bucho! coringa! broaca velha!" E ela desunhava, ranhenta e lacrimosa, com temor a gamelas d'água, ou cusparadas escorraçantes.

487 Não teve, uma fieira de dias, com que escorar o estôma - go. D'aí o "tremolo" do seu "me-dá-um-tutão"...

488 Se algum tropeiro compassivo lhe pinchava o desejado níquel, toda ela reberberava na alvissareira alegria de "ser dona", de poder, com voz de patroa, dizer ao bode - gueiro mais chegado: "quero um pire d'arroz-doce", ou

486 c, A Gabriela. A roídos. c calor-de-figo. c, A tópe. c alto, no cabelo curto, uma cóla. A uma cóla. A Si. A buxo. A broáca-velha! a curinga. c, A ella. c mêdo. c gamellas. c, A d'agua. c ou a cuspadadas.

487 c rosario. c, A estomago. c, A D'ahi. c trémolo. c mê.

488 A Si. c pinchava lhe. c, A nickel. c, A ella. c suave alegria. A alviçareira alegria. c patrão. A patroa. c pires. A doce a "querogila". A ou "quero gila". c mê.

"quero gila", ou "me dá uma rapadura"...

- 489 Ai dela, porém, se saía à rua resmoendo a rapadura! porque a molecada baldosa, como graxains, em bando, esfomeados, sem acôo, a derrubava, catando-lhe os torrões e as quireras do açúcar!
- 490 Por mais que uivasse a sua pdicheza, não arrumou o suficiente para um meco. Corriam-na. E, então, Gabriela teve um arranque de coragem e resignação. Submeteu-se à galhofa, e ao escárnio dos entiquentos respondeu com lágrimas e soluços.
- 491 Um negro velho mundeado, ao vê-la em choro, teve, um dia, esta tirada irônica, que era como um cravejar mais da faca no sangrador: — "Bracatinga chorou, tempo mudou!"
- 492 Gabriela sentiu, no fundo da sua quase inconsciência, o abandono em que rolava. E, com um fio de reminiscência,

- 489 c, A della. c, A á. c derrubava-a. c catando-lhe as quiréras. A catando-lhe os torrões e as quiréras. c, A assucar.
- 490 c que a triste uivasse. c, A sufficiente. c, A mêco. c Corriam-n'a. c, A Gabriella. c, A Submetteu-se. c, A á. c, A escarneo. c, A lagrimas.
- 491 c vel-a. c, A chôro. c tirada. A phrase. c, A ironica.
- 492 c, A Gabriella. c quase. c, A inconsciencia. c desampare. c reminiscente. A reminiscencia. c Era vaccariana ou guasca e, menina. A Era guásca, vaccariana. Menina,. c tocavam-n'a. c, A ás. A geádas. c, A vaccas. c, A Fugára. afomes. c Aléo. c, A aquella. c por odio ou por interesse. A interesse. A ninguém.

pensou: — Era guasca, vacariana. Menina, tocavam-na p' r' o campo, às geadas, a recolher vacas. Fugara. Curtira fome, ao léu. Sob a judiaria da Bastiana, tinha aquela ligação que a maltratava, por interesse ou por ódio. Era ainda assim, um sentimento que a prendia a outrem. Agora, atravessando o inverno medonho, escoteira, sentia-se flaquita, sem ninguém por si.

493 E resolveu procurar a Chica-Feia, filha da mãe-velha, com quem vive, que a explora e a derreia a porrete, hereditariamente...

494 Gabriela aí vaga, pelas ruas, à cata do níquel para a geração que vem a sustentar, até que um minuano mais rijo a leve de quatro, p'ra detrás do morro...

493 A porrete.

494 A Gabriella. A ahí. A á. A nickel. A minuano.

MUDANÇA DE PONTUAÇÃOREVISTA

Alcatrusada,  
 Espanhola, não, aphtosa  
 escóra  
 até umas horas e  
 Vidal quando aqui  
 mãe-velha. (sem parágrafo)  
 Faltou-lhe, á miseria,  
 dá o ensino." - Gabriela  
 de café. Era comer. (sem parágrafo)  
 quente! Era  
 sem que descambando o cacête  
 de Bastiana velha. (sem parágrafo)  
 raia com os cartilhanes  
 no cabelo curto, uma cóla atada,  
 p'ra longe bucho! broaca velha! cu  
 ringa!  
 o trémulo do seu  
 "mê dá um tutão..." (sem parágrafo)  
 E então,  
 que a maltratava por odio ou por  
 interesse  
 ALMA ENCANTADORA

LIVRO

Alcatruzada  
 Espanhola, não: aphtosa  
 escóra,  
 até umas horas, e  
 Vidal, quando aqui  
 mão-velha. (com parágrafo)  
 Faltou à miseria  
 dá o ensino. "Gabriela  
 - Era comer e (...). (com  
 parágrafo)  
 quente. Era  
 ,sem que, descambando o  
 porrete  
 da Bastiana-Tica. (com pará  
 grafo)  
 raia, com os cartilhanes  
 - uma cóla atada -  
 "p'ra longe, bucho! coringa!  
 broáca velha!"  
 o "tremolo" do seu  
 "me-dá-um-tutão..." (com pa  
 rágrafo)  
 E, então,  
 que a maltratava, por inte-  
 resse ou por odio  
 "alma encantadora"

É meio. (sem parágrafo)

- É meio. (com parágrafo)

MUDANÇA DE ACENTUAÇÃO

fivella	fivéla
Pôs	Poz
retâme	retâme
riçóta	risota
decormezinho	decomerzinho
trémolo	tremolo
mê	me
doce	dôce
chóro	chôro
mostra-los	mostrá-los
chóro	chôro

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

, ainda ahi,	, ahi ainda,
burlesco	grotesco
- o gracejo chulo,	e a graceta
bocarinhado	torpe dos
cuspidado de vértices das ruas	contos de ruas
também lhe não	não lhe
do magro soquete	do soquete magro
dobraram	indobraram
desgraçado	infeliz
enxergando sómente	só enxergando
, sem que descambando o cacete	sem que, descambando o por- rete
de autoridade	de severa autoridade

Não tem na revista

autoridade inutilizada

Gabriela, aos trambolhões

, no cabelo curto, uma cóla atada,  
p'ra longe bucho! broaca velha! cu  
ringa!

ou de aroeira

Com Bastiana

as intemperies, disfigurada, ave -  
lhantada

não a desestimasse

também lhe não uscasse

Quis escorraçar, a infeliz

Transformou o seu camboim

com medo a

um rosario

campeiro

pinchava-lhe na mão

suave alegria

patrão,

"doce", "quero"

derrubava-o,

catando-lhe as quiréras do assucar!

que a triste uivasse

desamparo

E, reminiscete, pensou:- Era vacca

Havia limite o seu tanto de  
brandura nas enticancias

brabeza inutilizada

Aós trambolhões

- uma cóla atada,

"P'ra longe, bucho! corin -  
ga! broáca velha!

ou aroeira

Com a Bastiana

as intemperies, avelhantada  
pela miseria

a desestimasse

não lhe uscasse

Quiz, a pobre, escorraçar o  
terno de gente

Transformou seu camboim

com temor a

una fleira

tropeiro

lhe pinchava

alvissareira alegria

patrôa,

"dôce", ou "quero"

, a derrubava

cantando-lhe os torrões e  
as quiréras do assucar!

que uivasse

abandono

E, com um fio de reminiscen

-riana ou guasca, e, menina, (...)

que a maltratava por odio ou por interesse

-cia, pensou:- Era guásca , vaccariana. Menina, tocavam-na (...)

que a maltratava, por interesse ou por odio.

#### MUDANÇA DE GRAFIA

alcatrusada

criou se guacha

cupula

a idéia de tornal-a

"ô de ca...á...sa"

dum feixe

Se

é "para a mãe velha".

fivella

vinte e cinco

quis

Pôs

furia-protectora

envés

ALMA ENCANTADORA

e rebentou

e a cuca

preta velha

decomêzinho

Quis

alccado

obcenidades

alcatruzada

criou-se guácha

cupola

a idéia de torná-la

"ô de cáasa"

do feixe

Si

o "para-a-mãe-velha".

fivéla

vinte-e-cinco

quiz

Poz

furia protectora

invés

"alma encantadora"

e arreventou

e as cucas

preta-velha

decomerzinho

Quiz

alçado

obscenidades

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "ANDEJA"

Por levantamento elaborado, vimos que houve algumas alterações entre a primeira e a última publicação do conto.

Há algumas mudanças de grafia, que na maioria das vezes, repete o que já comentamos anteriormente, como:

REVISTA TERRA (1920)	LIVRO (1939)
"ao vel-a"	"ao vê-la"
"quasi"	"quase".

Referindo-se ao vocábulo "fúria-protectora" que aparece nas publicações, tanto da Revista (1920) quanto do livro (1939), com a mesma grafia, se nos afigura como mais uma das discrepâncias do autor. No conto "Tiguéra", publicado em 22 de outubro de 1922, através do jornal "República", emprega o vocábulo "fructa", adequando-se às normas ortográficas, preconizadas pelo Decreto-Lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938, na edição publicada em 1939.

Cabe-nos, então, perguntar, se o autor ao reescrever "protectora" pronunciava "protectora" ou "protetora". - o árbitro em causa própria, ei-lo morto.

Podemos observar ainda, outras alterações introduzidas, pelo autor, relacionadas com o conto "Andeja", que teve seu número de parágrafos aumentado para 28, na edição de 1939, em confronto com a publicação de 7 de outubro de 1920, pela "Revista Terra", quando encerrava somente 24 parágrafos.

No plano do significado encontramos simplesmente a alteração de:

REVISTA TERRA (1920)

LIVRO (1939)

"burlesco"

para

"grotesco".

No plano estilístico, relacionado às mudanças de expressões, em quase todos os contos, o autor, procura exhibir novas vestimentas aos vocábulos que, na maioria das vezes, não nos levam a nenhuma expressividade. Estaria o autor, querendo dar valor afetivo ou intelectual?

Em relação a termos típicos regionais, achamos por bem registrar os que seguem:

guacha	(criada sem mãe, gorda)
cangüara	(aguardente)
troncha	(sem orelhas)
retame	(sujeira)
muquirana	(piolho)
esbrugar	(esmagar, quebrar torrões)
uscasse	(atiçar os cães)
comboim	(madeira, cacete)
polvadeira	(poeira)

## M O R E N A

Não tendo sido encontradas outras edições para o cotejo, o presente conto, apenas, teve atualizada a sua ortografia.

- 495 A madrinheira seguia cabresteadada, à frente da tropa, e o blimblam do sincerro preso ao pescoço marcava o ritmo ao chouto da animalada.
- 496 No trote descuidado, parando aqui e ali, mal dobrava a égua o cotovelo agudo da estrada, as bestas de carga levantavam a cabeça, empinando as orelhas, distinguindo irregular o percutir da campainha distante.
- 497 E recomeçavam a trotar, com as broacas vazias, acompanhando o passo bamboleado e rápido, batendo em pancadas certas sobre os paus da cangalha de variado couro. Vezes roçavam umas nas outras, engalhando nos ligás, com um ruído de terra despejada em cova de defunto.
- 498 Longe, contra os cerros azulados de que se distanciavam, ia escasseando a luz do sol desaparecido. O poente era um borralho rubro soprando cinzas às nuvens fugadas; e depois colorido a veios anilados ou amarelentos que nem lâ encardida de ovelha, e, mais logo, abrindo-se em baeta vermelha, ou como se alguém ao de cima lhe pinchasse postas enormes de sangue, ou cuidasse do assado o descanso da sesteada.
- 499 Pelos pastos e capões em debrum da estrada, grilos rezavam a sua ladainha.

- 
- 495 A á, rythmo.  
 496 A egua, cotovello.  
 497 A broácas, rapido.  
 498 A ás, baéta, si, alguem.  
 499 A grillos.

- 500 O orvalho descia escondido, e o verde enegrecia sonolento, tudo esporeando a saudade do tropeiro, a lembrança das coisas que deixara atrás, muito ao alto, na fazendola em que deitara o primeiro ganiço, onde havia de tirar a última bota.
- 501 A serra, às suas costas, recortada a nanquim, tinha o ar de um formidável vagalhão, que se imobilizasse, ameaçador, no instante de precipitar-se sobre a planície mansa.
- 502 A sensação da descida deva-lhe, pela certeza de calcar o rasto em terra alheia, o receio de cair um dia por ali, morto, com a corcova das montanhas diluindo-se em neblina dentro dos olhos tristes...
- 503 Cismando, fugiram-lhe notas duma toada. Cantar era retornar ao seu bom fogo, ao seu catre amigo, pelegos macios como pele de lontra, ao fadario das domingueiras, em que as tibérias, a gaita e a viola passavam maluqueira à cabeça dos parceiros.

- 500 A somnolento, deixára, deitava, ultima.
- 501 A às, nankim, formidavel, immobilizasse.
- 503 A Scismando, pellegos, pelle, á.

504 Ajeitou-se melhor no lombilho, traçando a perna sobre a cabeça chapeada e, varando a restinga, reuniu pensamento a garganta, acordando em sonoridade clara o silêncio negro, como se penetrasse, confiado e crente, num grande templo adormecido.

505 Largou as redeas de crina tramada, e o macho caminhava esquecido, vivendo talvez confusas recordações dentro do canto que reboara mil vezes pelos coxilhões lá riba, na querência da terra revolta, onde não ficava a sua vontade presa aos somíticos poteiros rapados. Quase dormitava, mergulhado num sonho suave.

506 E a cantiga vibrava dentro da noite:  
Tens no olhar, morena, laços, Ai!

507 Rosto de Nossa Senhora,  
Trazes timbés nesses braços,  
Quem m'os dera aqui agora!...  
Vencendo em todo cotejo,  
Fiquei guapo em qualquer lida...  
Ai!  
Sou fraco quando te vejo.  
Teus olhos me roubam a vida!...

---

504 A silencio.

505 A rédeas, reboára, cochilhões, querencia, Quasi.

- 508 A tropa, adiante, continuava praticando o casco na estrada branca e limpa. Fechava-a, correndo a três pés, a quatro quando mal firme, Beriva, o cão-gadeiro, postado à rabada da cargueirama, p'r'a-mor dalgum coice imprevisto, rebolindo-se em acôos, longe a longe, por se desfazer de motucas esfaimadas.
- 509 Das alturas, estrelas em bando derramavam um fiapo de luz e piscavam a sua sina, coitadinha que se diria terem garrado quebranto.
- 510 O tropeiro esqueceu tudo, afundado num pensamento velho.
- 511 Morena! Era a mulatinha dos seus pecados, ventre lúbrico, ancas de animal de raça, peitinho duro, empinado e uma carinha tão linda, tão macia, que dava comichões à gente de lhe fincar os dente. Uma loucura de mulher! Faceira, na cassa branca, que lhe disfarçava os relevos fortes da carne, era tentação de comer sono um montão de noites.
- 512 Mas, então-se, bilontra e falsa. O coração — uma caixa de despensa, onde cabe o mantimento sortido, p'ra empachar a peonada dias sobre dias...

---

508 A tres, á.

509 A estrellas.

511 A peccados, lubrico, á, somno.

- 513 Tivera a prova. No pixurum último, sentiu as murcelagens crescerem nos peitos, largou o rabo da enxada, meio afrontado, as pernas em tremedeira. Cuspiu, e era como se lhe tivesse saído pela boca um pedaço dos bofes.
- 514 Morena acudiu com a guampa d'água. Fugiram-lhe as redeas ao ciume. Pregou-lhe uma bicota no pescoço, mas ficou só, com as palavras de brabeza zunindo aos ouvidos em guascaços sibilantes. Falou no Andrézinho, um lagaé sem posses, desflorador de moças-irgens, ladrão de cavalos, guapeca descalibrado.
- 515 A sua cólera rugiu dentro, veio à garganta — jaguatirica à boca duma furna. Quis levantar-se e sentiu que o garrão esfriara, deixando-o de barriga para cima, apoiado nos cotovelos dormentes. Forcejou mais, torceu-se, rangendo os dentes, com um ronco surdo, e caiu de novo, bando sangue...

- 513 A ultimo, affrontado, bocca.
- 514 A dagua, rédea, cavallos, guapéca.
- 515 A colera, veiu, á, á, bocca, Quiz, esfriára, cotovellos.

- 516 E o sangue esvaído, que lhe afinava o cordame das veias, era a sua desgraça. O sangue que se une, para a vida dos bebequinhos, apartava-os a cada golfada...
- 517 Morena... Um bem que não acolheraria nunca...
- 518 As broacas, à frente, compassavam a sua bulha, com o rumor fúnebre de matracas. Nunca... E em toda a parte, de dentro dos capões, da poeira da estrada e de dentro da própria alma carrasquenta, grandes e doces, como de res mansa, aqueles olhos a se fitarem nele, como uma promessa e uma recusa... Não é que chorava? Qual! fumaça de cigarro pondo aguarria na vista...
- 519 Mas, afogando um soluço, coração e boca sentiam o refrão dolorido:
- 520 — Teus olhos me roubaram a vida...
- 

516 A bebéquinhos.

518 A broacas, á, funebre, propria, rez, aquelles, nelle.

519 A bocca.

## S A C R I F Í C I O

- 521 Judiava da tibéria a cada instante, e toda a sua ojeriza vibrava na ponta do tala, esfarrapando-a a coices e laços.
- 522 Era negrinho retinto, desses que, caminhando ao sol, deixam a gente em dúvida sobre qual seja a sombra — se a que vai esporeando o matungo, ou a que escorre pelo chão.
- 523 Devia de ter alguma de jaguatirica, o desgranado, porque não sentia o menor dó dos viventes que sofrem, e cuidava mais dos apeiros dos que das familinhas.
- 524 A pobre da morenota andava tibá, aí por volta dos nove meses. Não largava o cocho, a bater os trapos. Dali p'r'o coaradouro, p'ra queijeira, na canseira com os cinchos, ou p'ra grade, a temperar o de-comer. Nem um pio de agravo, e a modos que o quengo arvoava, de tanta sumanta injusta. Porque tinha amor ao triste...
- 525 Duma vez, varando a porteira da ramada, planchou-se de borco. O rio enzoinero varejou-lhe a argola da arreata, praguejando. Deu-lhe o esquecimento nas pernas, uma sonneira, uma dormência, e despejou a cria, com os ternei -

- 
- 521 c tiberia. c judiava da tiberia e toda sua ogeriza. c ogeriza. c tála. c deixam a gente na duvida. A si. c vae. c sofrem. c, A ahí. c mēses. A mezes.
- 522 c deixam a gente na dúvida. A si. c vae.
- 523 c soffrem.
- 524 c, A ahí. meses. A mezes. c, A cōcho. c para queijeira, para grade. c decomer. c Nem piava. A aggravo.
- 525 c De uma vez. c caiu. c, A enzoinero. c um esquecimento. c, A sonneira. c, A dormencia. c, A redór.

-ros berrando ao redor.

- 526 Depois, o negro abriu o pala p'ra Teresópolis, que ia ver mundo, deixando-a atolada na sua desgraça.
- 527 As carreiradas perdiam-no.
- 528 E mais duma vez, por via de palavras grossas de bandalhi ce e cachaçada, abriu covas a bala e dividiu caras a gol pes de xerenga.
- 529 "Talho de palmo não é refugo" — orneava, a ver os par ceiros com o babado das tripas saltando e o grão-do- o lho minando água da morte...
- 530 Diz-que se pinchou p'ra São Paulo, traficando mulas, e lá foi lambido por uma parnaíba.
- 531 Siá Gerôncia deitou luto, e cuidou de compor o cachicho lo, mais a lavoura, p'r'o sustento dos filhos, botando -se, dia mal espontado, p'r'o campo, a re culutar as va quinhas.
- 532 Com a sua fraqueza, tinha mais coragem do que o ventana, sem préstimo de meter cravador em cangalha.

- 526 c pr'a Therezopolis. A p'ra Teresopolis. c entregue à sua.
- 529 c era. c, A agua.
- 530 c Diz que. c Não há. c, A parahyba.
- 531 c, A Geroncia. A cachichôlo. c despontado.
- 532 c, A prestimo. A metter.

- 533 Pois, trabalhou, e já ia aumentando suas posses, justando um peãozinho.
- 534 Com o tempo, deslembrou-se do marido, ganhou cores, arredondou o corpo, e, mal comparando, garrava o jeito dum pero-de-maio, que deixa as bocas com um cuspe gosmento... Perseguia-a, porém, uma caipa dos trezentos diabos.
- 535 As vacas eram de arrendamento, o campo de agrêgo. E os donos pegaram de exigências, com maus pensamentos, de certo, vendo aquela doce fatia de mulher desacolherada.
- 536 Não se poder a gente governar por si é porqueira triste!
- 537 O cristão não pisa o que é seu; come do alheio, aguenta as afrontas, e não queira agravar-se, porque vai p'ra rua, mais os trens; e a maldade viria a arreganhar goela de timbé, que chama uma criatura aos peitos e a vomita no papo da urubusada...

- 533 c, A augmentado. c as suas.
- 534 A côres. c andava se parecendo um pêro de maio. c bôccas. A as boccas. c fino. c porêm. c, A tresentos.
- 535 c, A vaccas. c, A aggrêgo. c garraram. c d'exigencias. A de exigencias. c, A mãos. c de certo. A de-certo. c aquelle pe daço de mulher desacolherado. A aquella dôce fatia de mulher desacolherada.
- 536 c Olhem que não se poder governar por si, è porqueira.
- 537 A christão. c atura. A aguenta. c, A affrontas. c, A aggra - var-se. c, A goéla. c taimbé. c creatura. c, A urubusada.

- 538 Azoinaram siá Gerôncia a mais não poder.
- 539 O pateo, andava cruzado de rastos de animais e alto de estrume, que eles vinham e por ali se ficavam a repetir, com falas de bem-querer, as más propostas.
- 540 A desinfeliz, por fim, ia ficando menos arisca, frouxando a brabeza, já quase vencida pela necessidade de sustentar as crianças.
- 541 Mas, num lance mais apurado, resistiu, que macho nenhum se havia de gabar lhe haver galopeado nos quartos, fazendo vida com ela.
- 542 Resistiu e foi escorraçada. Com um filho em cada braço, a trouxa ao lombo, saiu campeando serviço. As donas, porém, achavam-na de estampa demasiado bonita, p'ra lhe darem serviço e pouso.
- 543 Gauderando daqui p'r'ali, chegou à cidade.
- 544 Nesse entretanto, o corrieiro deixou-lhe nas mãos uma carta.

- 538 c, A Geroncia.
- 539 c, A pateo. c, A animaes. c d'estrume. c, A elles. c bem querer
- 540 c creanças.
- 541 c Não ha. c homem. c Não Há.
- 542 c entretanto. c de muito bella estampa. c pouso e trabalho.
- 543 c, A á.

545. Era do negrinho sujo. Pobre, sem recursos, arrastando -  
-se pelas ruas em pedicheza, queria que recorresse ao  
padrinho, por lhe mandar dinheiro p'ra passagem com que  
regressar da estranja, onde o beribéri o tinha inutiliza  
do.

546. Todo o seu amor suppliciado se reacendeu. Dir-se-ia que a  
sua sensibilidade, embotada pela ignorância de tararaca,  
só se acordava a uma dor física, e que não se submeteria  
a afago de homem, sem a brutalidade do espancamento. As  
manchas, os golpes que lhe estrelavam a pele queimada e  
macia, falavam pela saudade do que partira. Era um ani  
mal meio chucro, sobre que a malvadez do "velho", atra  
vés de instintos primários, conseguira completo domínio.  
Ah! desejava-o, necessitava-o ali, mesmo que voltasse a  
curtir os atrozes dias passados.

547. Saiu de porta em porta, com um ar de sonho nos olhos gran  
des e pestanudos, olhos de rês mansa e resignada.

545 c preto. c, A beriberi.

546 c, A suppliciado. c, A reaccendeu. c, A tararaca. c dôr. c,  
A physica. c, A submetteria. c ao affago. A a affago. c dum  
macho. A estrellavam. c pêle. A pelle. c lembrança. c, A  
instinctos. c barbaros. c, A dominio.

547 c, A rez.

548. — Ora, a broaca! Tão moça... Vá trabalhar!
- 549 Desanimou, logo. Um instante, apenas. E reagiu.
- 550 Havia no fundo do corredor o capitão Viduca, ricoço, solitário, morfético.
- 551 Foi a ele, ajoelou-se, mendigando, as palavras reticentes de lágrimas e soluções.
- 552 O olhar do leproso, orlado de um traço vermelho, chispou com gula, correndo-lhe a sinuosidade serpentina das paletas à picanha. Abriu a guaiaca, espichou à sua frente duas loncas de quinhentos pilas. Com uma condição: entregar -se-lhe.

- 548 c Não Há. A broáca. c Que fome trabalhar.
- 549 c para logo. c Não Há. c mas.
- 550 c fim. c, A solitario. c, A morphetico.
- 551 c, A elle. c cortadas de reticências.
- 552 c vermêlho. c volupia. c Não Há. A á. c, A guaiáca. c, A á.

553 Sem repugnância, com a docilidade de quem se submete a um destino indesviável, a pobre sentiu que os dedos de carne podre lhe palpavam o corpo, premiam-na com uma força torturante, e a boca deformada, sem dentes, babando, fétida, sugava-lhe, num desespero bestial, os lábios, a face avermelhada, úmida de pranto, iluminada pelo sacrifício extremo...

---

553 c, A repugnancia. c, A submete. c, A indesviavel. c carnes. pôdres. A carne pôdre. c seguravam-na. c fôrça. c invencivel. c. bôca. A bocca. c desespêro. c, A labios. c enrubescida. c molhada. A humida. c, A illuminada. c, A sacrificio.

MUDANÇA DE PONTUAÇÃOJORNAL

da tibéria, a cada  
sumanta. (com parágrafo)  
triste. (com parágrafo)  
orneava a ver  
lavoura p'r'o  
entregar-se-lhe  
aggrêgo. (com parágrafo)  
por si, é porqueira!  
seu,  
pateo andava  
escorraçada. (com parágrafo)  
passagem, com que  
da estranja onde  
reaccendeu. (com parágrafo)  
espancamento. (com parágrafo)  
partira. (com parágrafo)  
serpentina. (com parágrafo)

LIVRO

da tibéria a cada  
familinhas. (com parágrafo)  
triste. (com parágrafo)  
orneava, a ver  
lavoura, p'r'o  
entregar-se-lhe...  
aggrêgo. (sem parágrafo)  
por si é porqueira triste!  
seu;  
pateo, andava  
escorraçada. (sem parágrafo)  
passagem com que  
estranja, onde  
reaccendeu. (sem parágrafo)  
espancamento. (sem parágrafo)  
partira. (sem parágrafo)  
serpentina. (sem parágrafo)

MUDANÇA DE ACENTUAÇÃO

tála  
dúvida  
mêses  
Therezopolis

tala  
duvida  
mezes  
Teresópolis

grão do olho	grão-do-olho
cachicholo	cachichôlo
cores	côres
bôcas	boccas
porém	porém
è	é
tararáca	tararaca
dôr	dor
péлле	pelle
sôbre	sobre

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

entregue	atolada
despontado	espontado
andava se parando	garrava o jeito dum
fino	gosmento
garraram	pegaram
pedaço de mulher	dôce fatia de mulher
atura	aguenta
taimbé	timbé
entretanto	porém
muito bella	demasiado bonita
pouso e trabalho	serviço e pouso
dum macho	de homem
lembrança	saudade
barbaros	primarios
Mas, reagiu	E reagiu
cortadas de reticencias	reticentes

voluptua  
 a firmeza  
 um esquecimento  
 piava  
 caiu  
 seguravam-na  
 envebesida  
 molhada  
 as suas posses  
 Olhem que não se poder (...)

da tibéria,  
 p'ra queijeira, p'ra grade

, e por lá (...)

bôcas  
 é porqueira!  
 Resistir, que homem nenhum havia  
 de se gabar de fazer vida com  
 ella.

preto  
 - Ora, tão moça! Que fosse traba  
 lhar!  
 serpentina.

com gula  
 a docilidade  
 o esquecimento  
 um pio de aggravo  
 planchou-se de borco  
 premiam-na  
 avermelhada  
 humida  
 suas posses  
 Não se poder (...)

da tibéria, a cada instante  
 p'ra queijeira, na canseira  
 com os cinchos, ou p'ra gra  
 de

, traficando mulas, e lá  
 (...)

as boccas  
 é porqueira triste!  
 Mas, num lance mais apurado,  
 resistiu, que macho nenhum  
 se havia de gabar lhe haver  
 galopeado os quartos, fazen  
 do vida com ella.

negrinho sujo  
 - Ora, a broáca! Tão moça...  
 Vá trabalhar!  
 serpentina, das paletas à  
 picanha.

MUDANCA DE GRAFIA

se a que	si a que
mêses	mezes
coradouro	coaradouro
iluminada	illumorada
pr'a	p'ra
Therezopolis	Teresópolis
grão de olho	grão-de-olho
Diz que	Diz-que
meter	metter
pêro de maio	pêro-de-maio
bôcas	boccas
d'exigencias	de exigencias
crístão	christão
creatura	criatura
taimbé	timbé
d'estrume	de estrume
bem querer	bem-querer
más propostas	más-propostas
creanças	crianças
achavam na	achavam-na
pel as	pelas
estrelavam	estrellavam
d'estrume	de estrume

FORMA VERBAL

Talho de palmo não era refugo.  
Que fosse trabalhar!

"Talho de palmo não é refugo"  
Vá trabalhar!

A profusão de termos típicos do homem do campo das plagas sulinas ainda continua nesse conto:

apeiro	(os objetos que se põem no animal: freio, peitoral, ra bicho, etc.);
tibá	(grávida);
reculutar	(recrutar, reunir);
gauderar	(vagabundear);
corrieiro	(estafeta do correio);
picanha	(anca);
lonca	(couro, pele).

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "SACRIFÍCIO"

Não obstante, apresentar um caráter conciso, o conto nos mostra um grande número de modificações de um texto para o outro.

Percebemos, em alguns casos, que o Autor procurou atualizar a linguagem, embora, às vezes, incorra na mesma ilogicidade já apontada em contos anteriores. Por exemplo:

JORNAL (1927)

"Therezópolis"

para

LIVRO (1939)

"Teresópolis",

mas o vocábulo

JORNAL (1927)

"mêses"

foi

LIVRO (1939)

"mezes"

alterado para

A palavra "dúvida", na edição de 1939 não possui acentuação.

Comparando as edições de 1927 e 1939 verificamos que o autor não demonstra incerteza em introduzir grandes modificações nos parágrafos.

JORNAL (1927)

"...Nem piava, e a modos que o quengo arvoava, de tanta sumanta.

— Porque tinha amor no triste..."

LIVRO (1939)

"Nem um pio de agravo, e a modos que o quengo arvoava, de sumanta injusta. Porque tinha amor ao triste..."

O vocábulo "aggrêgo" nas diferentes edições de 1927 e 1939, ora aparece como término de um parágrafo, e ora encerrando uma frase, prosseguindo nesta linha a frase seguinte. Desta mesma forma, sucede, com os vocábulos":

"escorregado", "rescendeu", "espaçamento" e "partira", que, no jornal tiveram um ponto parágrafo.

Tais ocorrências poderão ser aceitas como falta de recursos tipográficos?

Como bem fala Houaiss: "é problema de "interpretatio" e, se o é, nenhuma "interpretatio" pode ser melhor do que a do próprio autor.

Nas mudanças de palavras observa-se o cuidado do autor em colher efeitos estéticos mais expressivos:

JORNAL (1927)

"pedaço de mulher"

"muito bella"

"Homem nenhum havia

de se gabar de fa-

zer vida com ella".

Substituiu

por

LIVRO (1939)

"doce fatia de mulher";

"demasiado bonita";

"Macho nenhum havia

de se gabar de lhe ha

ver galopeado os quar

tos, fazendo vida com

ela".

No que toca ao trabalho de transposição a que o autor se propôs, em princípio, deve ser respeitado; nisso, afinal, reside o segredo de estilo de quem escreve. Daí se conclui que a verdadeira língua é aquela que nos sai espontaneamente da alma.

Embora as modificações de um texto para o outro sejam numerosas e, dispensem comentários, consideramos importante relacioná-las para que o leitor crie uma imagem segura destas expressões.

SANTA LUZIA

- 554 — Desta vez falei demais. Também, quando se pega aí uma ocasião pela cola, desabafa-se. Disse coisas sem sentir, que nem tiriva conversadeira. Acabou-se.
- 555 Bentinho chicoteava o cano da campeira com a tala estreita da rédea. Descarregou o sobrolho, insatisfeito consigo. Que lhe mandara abrir o bocão, a ver grafafone?
- 556 Puxou o isqueiro, acendeu o cigarro. Que teria orneado, a por enfezada a guria?
- 557 Pitava: um fumo bom às vezes consola.
- 558 — "Tudo ultimado". Homem! Não é que estava a se parar abichornado, por causa de qualquer cara chimbezinha, apontando de dentro da trouxa de chita? O mundo é largo: Havia de cair no rasto d'outras melhores, sem luxos de timba, fidalgas até ali, gente de cidade. Mulher e cachaça em toda a parte se acha...

- 554 c, A Também. c, A péga. c, A ocasião. c, A cóla. c como.
- 555 c, A consigo. c, A mandára. c, A bocão. c que nem. c como.  
c, A graphophone?
- 556 c, A accendeu. c, A pôr.
- 557 c Pitava, que um. c, A ás.
- 558 c a parar se. c, A chimbézinha. c largo, havia.

- 559 Rematava, apresilhando o laço.
- 560 Para um cabra guapo, desenvolvido, as rosas não têm espi  
nho. Aquela? Florzinha do campo, cheirosa de água flori-  
da, que os animais vão deixando no meio da pastagem, ou  
vão esmigalhando com o casco, sem sentir...
- 561 Queria convencer-se de que a não amava.
- 562 E destruí-a-lhe, mentalmente, todos os traços puros, com  
prazer meio doído, tal se quebrasse um objeto de estima-  
ção, ao sabê-lo de metal falso. O pensamento gaudério já  
entrava a porteira da fazenda Bom-Vicente, e defronte à  
filha de tio-Anacleto, que sempre lhe pedia o Rei com os  
olhos murchinhos, aguados, que lhe mandava até riconvên-  
cias p'r'os domingos e dias-santos, procurava esquecer a  
outra, agora considerada intrusa.
- 563 O Diabo é que o gaudério não para, nem se ajoca a um  
canto, a espiar, quieto.
- 564 Daí o pensamento entrar e sair, para dentro e para fora,  
perdido o faro, vista baralhada.

- 560 c, A Aquella?. c, A Flôrzinha. c Agua Florida. A agua flori-  
da. c, A animaes.
- 562 c, A destrua-lhe. c, A objecto. c sabel-o. c, A á. c tio  
Anacleto. c, A riconvencias.
- 563 c, A pára. A sem se ajóca um canto. c, A quiéto.
- 564 c, A Dahi. c, A fóra. c faro vista baralhada.

565 À força de vagabundar, de ter presente a pinguancha do velho Anacleto, examinando-lhe detidamente o perfil gracioso, veio-lhe a idéia das moças da cidade.

566 E, por uma descaída, sentiu-se, novamente, presa da outra, a Angélica.

567 Caipa, assim!

568 Já tinham os seus planos feitos.

569 Arrendaria o Fachinal, três milhões de campo bem defendidos das lestadas e do minuano, com potreiros, invernadinha e o cachicholo que era um gosto ver. Tudo alvo, areadinho da sala à ramada, com as paredes exteriores branquinhas como neve.

570 Dentro do campo, as posses de ambos, umas cem vacas, a manada e o lote de potrancas. Enriqueceriam, por certo, que tudo depende do cristão suar no rabo do machado, da enxada, no couro do laço, e a patroa trazer a poupança na despensa.

571 Depois, os filhos. Um rapaz destorcido, para ajudar na lida e a menina ativa, enxaguando os trens, passando a

565 c, A Á força. c, A veiu-lhe. c, A idéa.

566 c caída. c, A Angelica.

567 c Caipa assim!

569 c, A tres. c, A cachichôlo. A gôsto. A vēr. c, A á.

570 c, A vaccas. A lôte. c, A christão. c, A patrôa.

571 c, A activa.

roupa, - um descanso para a felicidade do casal.

572 Insensivelmente, rumava ao Bom Vicente.

573 A boca se lhe esgaçou num riso amargo.

574 Não garantia que tivesse amor à Angélica. Estima, sim, e muito grande.

575 Os seus sonhos, que lhe davam força p'r'o trabalho, engordando a guaiaca, mirravam que nem planta nova ao frio requeimante da geada da desgraça.

576 A sorte deixava-se torcer pelo destino. Era uma guasca mole, dessas que, tramadas, às vezes dependuram a gente no ramo da macieira, vomitando a língua, com o fim da infelicidade...

577 Mas, acabou-se.

578 Pensar na morte, nem por maluqueira. A vida é curta, para se procurar o buraco pelas próprias mãos, e ainda o vigário fechar o cemitério ao defunto.

579 Era sua a culpa.

573 c, A bocca.

574 c amôr. c, A á.

575 c, A guaiáca.

576 A guásca. c, A molle. c, A ás. c, A lingua.

577 c Mas acabou-se.

578 c procurar se. c, A proprias. c, A vigario. c, A cemiterio.

579 c, A culpa era sua.

580 Não teve tento na língua, e o queixo duro garrou o freio, desembestando a falar, a falar, até que se maneiou nos apeiros, e rodou em cheio.

581 Que lhe valeu contar o namoro trocista no pixurum do Anastácio? Foi isso, naturalmente, que escorvou a ciuemeira.

582 Fie-se a gente na paciência da mulher, e vai de ponta-cabeça, na certa. As diabas têm nos olhos um tremedal de traição: estão rindo e atolando o próximo cada vez mais. Quando o pobre se precata, já nem governar a vida sabe, com o coração desgarrado, a cabeça que nem mangueira apertada, onde os pensamentos viram a bater aspa, num entrevero dos seiscentos.

583 Tocava a encruzilhada. E da venda, ao lado, Galdino gritou-o:

584 — Eê, Bentinho! Que que te desandou o quengo? dar com os braços que nem alma penada! Vem molhar o dizedor, rapaz!

585 Apeou-se.

580 c, A língua. c desimbestando.

581 c, A namôro. c puchurum. c, A Anastacio.

582 c, A paciencia. c, A vae. c tem. c, A proximo. c nem mais go vernar a vida sabe. A entrevêro.

584 c Ê!. c, A Qué vê. c dizedor rapaz! A dizedôr, rapaz!

585 e Apeiou-se.

- 586 E vai, depois do primeiro trago, despregou a língua ou  
tra vez, contando um caso, emborcando outro copo, de je*it*  
to que daí a pouco carecia mais pernas ou uma escora...
- 587 Galdino cozia o porre ao sol, sobre um montão de ligás  
e arreatas.
- 588 Mergulhando o despeito em cana, fraquejaram os garrões  
ao Bentinho.
- 589 Queria montar novamente, caminhando aos boleios.
- 590 E como lhe faltasse o equilíbrio, parou, balançando o  
corpo, até que, ao mudar o passo, vai-não-vai, planchou-  
-se no tanque d'água parada.
- 591 Da venda e do quintal ao lado veio-lhe confusamente aos  
ouvidos o dobrar de gargalhadas.
- 592 As pragas, em represália, saíam-lhe pesadas.
- 593 A língua pastosa grudava-se ao céu da boca, sem forças  
para destacar os palavrões obscenos.
- 594 Conseguindo voltar ao lombilho, chegou as esporas ao va  
zio do tubiano, que arrancou, em galopito.

- 
- 586 c, A vae. c, A lingua. c, A daí. c, A escóra.
- 587 c, A cosia. A pórre. c ao canto.
- 588 c Afogado. c, A canna.
- 589 c a zigzaguear
- 590 c, A equilibrio. c, A vae-não-vae. c d'agua.
- 591 c, A veiu-lhe.
- 592 c pragas em. c, A represalia. c, A saíam-lhe.
- 593 c, A lingua. c, A céu. c, A bocca. A fôrças. c obscenos.
- 594 c, A espóras. c no vasio.

- 595 O seu tronco de serrano forte, pendia ao sabor da andadura, sem perigo de queda, que o trancucho, uma vez no lombo do matungo, não vai abaixo à toa.
- 596 O frio da roupa ensopada, ao ventinho da tarde deu-lhe um pingo de tino, arrancando-o um pouco ao torpor que o senhoreava.
- 597 E que linda tarde!
- 598 Os campos, rumo da Vacaria, quase esfumados no azul da distância.
- 599 Mais aquém a chapada amarelenta, com o Postinho atalhando-a, de ponta a ponta, apressando o despejo no fervedouro bulhento das corredeiras. Derredor, um mundão de morros, capim seco, com a mancha escura dos capões pelos flancos, como reses enormes deitadas, o couro picaço escurecendo no fio mole do lombo.
- 600 O sol, touro velho escoteiro, caminhava p'ra querência, no trilho limpo das alturas.
- 601 Ia meio esfaqueado, encharcando as nuvens baixas de sangue, que aumentava e escorria por tudo, misturando-se à

- 595 c, A sabôr. c, A quêda. c, A atôa, átôa.
- 598 c, A Vaccaria. c, A quasi. c, A distancia.
- 599 c amarelenta. c, A Derredôr. c, A secco. c, A rezes, rêzes. c, Amolle.
- 600 c, A querencia. c sinuelo.
- 601 c, A augmentava. c, A á. c, A pallida. c abrindo-se em nesgas. A céu. c, A azues. c, A panno. c, A furta-côr.

luz pálida do nascente, num tom rosa desmaiado, abrindo-se o céu em nêgas azuis, de sorte a parecer, mal comparando, um extenso pano furta-cor luminoso.

602 As árvores espichavam mais a sombra, com a tristeza de quem cumpre um doloroso fadário.

603 Mas já a lua subia, toda torta, do respaldo das coxilhas, muito branca, como se viesse saindo duma decoada forte, espalhando pedaços de treva pelo vinco dos canhadões.

604 E o rio dobrava o chiado, cortando a doce paz envolvente, parecendo andar, sem cansaço na lida, sob a fria brancura iluminada, frigindo as mágoas do cativeiro.

605 Bentinho desceu.

606 E de botas mesmo entrou n'água, sorvendo-a longamente na aba do chapéu, a matar a secura da goela, banhando as fontes escaldadas pela bebedeira.

607 Uma enorme fraqueza, agravada com a canguara, provocou -lhe fome e sono.

608 Quem lhe dera ali, à margem, o seu catre de cochonilhos

602 c, A árvores. c, A fadario.

603 c, A tórta. A cochilhas. c, A decoáda. c, A tréva.

604 c, A illuminada. c, A máguas. c, A captiveiro.

606 c, A n'água. c, A chapéu. c, A seccura. c, A goéla.

607 c, A aggravada. c, A canguára. c, A somno.

608 c, A déra. c, A á. c merinhos. c, A fôfos.

e merinos fofos!

- 609 Puxou um cigarro, que para o pobre vale muitas vezes o bom churrasco, e pôs-se, debaixo dum pinheiro, a estender a cama, com os arreios, os pelegos e o largo poncho forrado de baeta encarnada.
- 610 Em decúbito, procurou decidir o que faria, depois da enzoína da tirana, que lhe trouxera uma aflicção nunca sentida.
- 611 Por mais que a quisesse afugentar do pensamento, ela voltava, teimosa que nem varejeira, mais bonita que uma imagem. Queria ensiná-la.
- 612 Nada é impossível. Havia de ver quanto custava judiar dele.
- 613 Nessas coisas de amor o coração do tropeiro é uma chopa da inofensiva. Quando a ferem, porém, os canguachis avançam de ferrão afiado.
- 614 O pensamento - um canguachi embrabecido, que havia de achar meios de picar fundo...

- 609 c xurrasco. c, A poz-se. c, A pellegos. c, A baêta.
- 610 c, A decubito. c inzoína. c, A tyranna. c, A trouxéra. c, A afflicção.
- 611 c, A quizesse. c, A ella. c, A varegeira. c, A costéal-a.
- 612 c, A delle.
- 613 c cachôpa. c, A inoffensiva. c, A férem. A canguáchis.
- 614 A canguáchi.

- 615 Já tinha traçado o plano infalível da vingança. Faria por cumpri-lo.
- 616 E alegremente quase, enrodilhado na coberta, pegou no sono, um sono reparador e manso.
- 617 Grande atrapalhação, naquele dia, em casa de tio Anacleto. Frangos de papo p'r'o ar, nas formas forradas de miúdos; panelas em que fervia a calda para o doce de gila e coco, baldes com o ovo batido para os sequilhos e pães de ló; enfim, de um tudo.
- 618 No pátio, a piaçada corria, levando água a ferver, da caldeira ao cocho, atravessado no qual, sobre a taboa da porta, Janguta pelava um capado roliço.
- 619 As moças vizinhas, na sala, tramavam flores de papel-de-seda, malacacheta e canotilho.
- 620 Compunham o oratório de Santa Izabel, entre grandes risadas, contando casos, adivinhando quem viria, quem não viria. Porque à festa costumeira no Bom Vivente quase ninguém faltava.

- 615 c, A infallivel.
- 616 c quasi. c, A somno. c, A somno.
- 617 c, A naquelle. c, A fôrmas. c, A panellas. c, A côco. c, a enfim.
- 618 c, A piadasa. c, A agua. c côco. A côcho. c, A pellava.
- 619 c visinhas. c, A flôres. c papel de sêda.
- 620 c, A oratorio. c, A Izabel. c advinhando. c, A á. c quasi. c, A ninguem.

- 621 Rosinha do tio Anacleto mandara convite ao Bentinho, dizia, - e aquele já tinha fincado o pé na armadilha, que ela sabia, sem mandracas, como pealar gente chucra...
- 622 Angelica sentiu um aperto no coração. Não que gostasse muito do bilontra, mas a indireta trazia veneno.
- 623 E carecia mostrar-se indiferente!
- 624 Baixou mais a cabeça, cortando o papel duma palma, sem resmungos. Não estava para levantar tedéum por via do ensaio da companheira.
- 625 Mas, feiticeira, ela? Isso quê!
- 626 Pregaria, talvez, um costeio na emproadazinha. O tempo di-lo-ia, porque ninguém é senhor de si, nem pode jurar que não come este pão ou não bebe aquela água...
- 627 E, p'r'a dar cabo do assunto, convidou as amigas a pitarrem.
- 628 Chegavam festeiros, a gritar o "ô-de-casa", debaixo de foguetes.

- 621 c, A Rosinha. c, A mandára. c, A ella. c, A mandrácas. c pealar.
- 622 c, A Angelica. c, A apêrto. c, A indirecta.
- 623 c, A indifferente.
- 625 c, A ella.
- 626 c Não sabia se dava lição á emproadazinha. c dil-o-ia. c, A ninguem. c, A póde. c, A aquella.
- 627 c fim ao. c, A assumpto.

- 629 Um deles, a cavallo mesmo, esticava a sanfona, enquanto outro ponteava a viola.
- 630 A cachorrada gachou-se a uivar, entre acôos.
- 631 E todos vieram recebê-los no pátio, a saber da obrigação, a dar o seu adeus de mão-pegada.
- 632 Apearam, os animais na ramada, entregues ao capataz, enquanto tio Anacleto mandava chegar a água quente e a cuia p'r'o chimarrão.
- 633 Fulgêncio, lonanco duma rodada na Mantiqueira, pegou a revirar o debrum das ventas, ao cheiro dos assados, que o corredor puxava da cozinha.
- 634 E como os outros discutiam os prejuizos do temporal, mais a promessa das plantações, enviezou p'r'os fundos, com um desejo louco d'escrafunchar nos petiscos.
- 635 Topou logo, na queijeira, um peru de cotós voltados para cima, que nem mãos postas, a rezar "Deus te perdoe".

- 629 c, A delles. c, A cavallo. c, A emquanto.
- 631 c recebê-os. c mão pegada.
- 632 c Apearam. c, A animaes. c, A emquanto. c, A agua.
- 633 c, A Fulgencio. c Mantiquera. c cosinha.
- 634 c, A prejuizos. c para os.
- 635 c, A Perú. c, A perdõe.

- 636 Veio-lhe uma tentação braba de arrancar-lhe o sobre, e a custo sufrenou-se, com a boca e os olhos deitando agua - ria, que era ver assanho de lombrigas.
- 637 Bateu p'ra cozinha.
- 638 — Nem de propósito, - cumprimentou tia Maruca. Agorinha mesmo andava suspirando pelo compadre. A gente está en volvida, sem um próximo que cuide do forno. E vancê, en tão-se, que tem jeitão p'ra esquentar até o ponto!
- 639 Fulgêncio não teve remédio. Riu-se fingidamente satis - feito, e foi dar o seu auxílio, a pensar no peru tosta - do.
- 640 Dos fundos vinha chegando a mamota osca, graxuda, que não se deixava trazer com facilidade. Dava panásios de vez em quando nos laços, empacando. E só despregava do lugar, aos pinotes, quando lhe quebravam, com uma volta, a cola pitoca.
- 641 No alto do morro, as orelhas em pé, pendidas para a fren - te, um touro barbeludo, dos mais gaviões, olhava, com

- 636 c, A Veiu-lhe. c, sufrenou-a. c, A bocca.
- 637 c cosinha.
- 638 c, A proposito. c, A Maruca. c toda envolvida. c, A proximo. c, A forno. c o jeitão.
- 639 c Fulgencio. A remedio. c, A auxilio. c, A peru.
- 640 c, A mamóta. c, A ôsca. c, A graxúda. c, A panasios. c, A lo - gar. c, A pinótes. c, A cóla. c, A pitóca.
- 641 c, A reservára. A gôzo.

interesse, escarvando o chão volta-e-meia, o destino da que reservara para o seu gozo.

642 E roncava baixinho, que nem suspirando em despedida...

643 A novilha foi palanqueada. E o capataz esfregou-lhe a faca no focinho, a gracejar:

644 — Cheira bem, que o teu fim anda sempre nestes dois palmos com ponta!

645 A pobre lambeu a lâmina, com humildade, resignada no sacrificio, que até parecia ter alma de gente, os olhos muito suaves, piscando palavras de perdão...

646 Depois, sem refletir no destino torvo que eliminava aquela vida para a gula do homem, indiferente, o capataz escolheu com vagar o sítio do sangrador, polegadas acima dos encontros, na raiz do pescoço.

647 Em ligeiro empurrão, o pulso seguro, enterrou o ferro até o cabo, arrancando-o rapidamente.

648 A res teve um mugido surdo e polongado.

643 c, A pelanqueada.

645 c, A lamina. c, A sacrificio.

646 c, A reflectir. c, A tórvo. c, A aquella. c, A indifferente. c, A sitio. c, A pollegadas.

648 c, A rez.

- 649 Empinou-se, a língua saltada da boca, despejando pelo corte uma corda grossa de sangue quente.
- 650 O laço esticado rangeu nas tranças, e sob o impulso do golpe atirou-a de joelhos, bufando na terra seca.
- 651 — Tá fazendo oração p'ra desconto dos pecados! motejou o capataz.
- 652 E os outros riram, louvando-lhe o golpe certo.
- 653 — Tivesse em vintém as que sangrei, acrescentou - e vancês haviam de pisar o campo mais povoado destas bandas!
- 654 Já a mamota caía de flanco, arquejante, os olhos movendo-se incertos, a cauda e as pernas batendo o chão na dor da agonia.
- 655 Os cachorros esfomeados atiravam-se ao sangue coalhado, pela grama, e atracavam-se na esganação das lambidelas.
- 656 Afiavam-se as xerengas, principiando a carneação, ás pressas, que o sol andava baixo.

- 649 c, A língua. c fôra. c, A bocca. c, A córda.
- 650 c, A esca.
- 651 c, A peccados.
- 653 c, A vintém. c furei. c, A accrescentou.
- 654 c, A mamôta. c caia. c, A dôr.
- 655 c gramma. c atracavam-se, ás vezes. c, A lambidélas.
- 656 c, A ás.

- 657 As partes espostejadas eram conduzidas para o puzado, enquanto a fressura escorria no galho dum marmeleiro.
- 658 Não demorou muito a se ouvir a bulha de animais vadeando o passo, e logo uma festiva descarga de pistolas.
- 659 Defronte a casa tilintaram aparelhos de cabeçadas, e as espóras, chilenas algumas, rascavam o chão, reluzentes, tinindo.
- 660 Entre os convidados estava Bentinho, picunha novo, um lenço de seda verde ao pescoço, as pontas metidas no pasador de ouro trabalhado na Taquara.
- 661 Entraram, a cumprimentar, alguns a dar o louvado aos padrinhos, que é sinal de bom ensino.
- 662 As moças, surpreendidas com a chegada, ficaram a espiar como se arranjaría o bilontra, mais as duas tibérias.
- 663 Tinha que inventar posição.
- 664 Deixar a filha do tio Anacleto, era um feio, que tropei ro mundeado não faz, - a dona da casa em primeiro lugar.

- 657 c, A emquanto.
- 658 c, A animaes. A pistólas.
- 659 c, A á. c, A aparelhos. c, A esporas.
- 660 c, A mettidas. c Taquára.
- 661 c, A signal.
- 662 c, A surprehendidas.
- 663 c jeito.
- 664 c Anastacio.

- 665 Mas também a Angélica lhe dava luz em boniteza e ainda a deixava no meio da cancha!
- 666 Coitado! Ia ter a festança estragada, com a cangalha torta pelas duas cargas mal pesadas.
- 667 Miravam-no, curiosas, a ver se lhe bispavam no ar as intenções.
- 668 Bentinho, nem sopa!
- 669 Conversava com todos, como se fosse conhecimento novo. Não vê que ele se deixava pealar que nem qualquer guacho, descobrindo o pensamento!
- 670 Depois, não se esquecia do acontecido:
- 671 "Tudo ultimado".
- 672 Ainda não. A mulher quer é desprezo.
- 673 Dar o braço a torcer, nunca.
- 674 Faria fosquinha, namorando tia-Rosa, como se não conhecesse a outra.

- 665 c, A também. A Angelica.
- 666 c Maleixo sempre! c tórta.
- 667 c, A Miravam-n'ô.
- 668 c, A sôpa.
- 669 c, A fôsse. c, A elle.

- 675 Seria o que Deus mandasse...
- 676 Abancou-se a mesa, onde se serviam coalhada, café e bolos de queijo. Não despregava os olhos da Rosinha, linda no seu vestido de cetineta, o peito saliente de pombinha rola.
- 677 Vez a vez, disfarçado, tirava uma beta da Angélica que, sentada na canastra, reminada de fazer dó, torcia e destorcia a ponta do avental.
- 678 Na sala luziam as velas do oratório, pintado de novo, a cruzinha ao alto coberta de flores, que desciam em manôjo pelas colunas de madeira, manchando, em baixo, a alvura da toalha de crivo.
- 679 Ao reverbero da luz, os retratos dos defuntos avós de Rosinha como que sorriam mais faceiros, com o desejo, talvez, de abandonar a moldura, ajoelhando, em reza, contentes daquele respeito à crença tradicional da família.
- 680 Tio Anacleto gritou todos.
- 681 E principiou logo a cantar o "Bendito, louvado seja", respondido pelo coro de vozes em dueto, numa harmonia de

- 676 c, A á. c servia. c café, bolos. c, A setineta. c que mem. c, A rôla.
- 677 c tirava, disfarçado. e, A bêta. c, A Angelica.
- 678 c, A vélas. c, A oratorio. c, A flôres. c, A columnas.
- 679 c, A reverbéro. c réza. c, A daquelle. c, A á. c, A familia.
- 681 c, A poz-se. c, A Bemdito. c, A côro. c côro, vezes em dueto. c adormecedora. A cochilhas. c, A proximas.

- acalanto, vibrando no casarão, estendendo-se pelas coxilhas próximas.
- 682 Em seguida, com os lampeões fumegantes, o pessoal caiu na dança, valsa e mazurcas, que a gaita ia desenrolando fanhosa, com o pesponto da viola e o contracanto dos baixos.
- 683 Angélica resolvera armar o mundéu, a ver se conseguia in zemplar a outra já convencida de ter prendido o Bentinho.
- 684 Mas o danado faz-se esquerdo e, por pirraça, cruzava di ante dela, regirando, os olhos fincados nos olhos de Rosinha, sem pestenejos.
- 685 Quando o lenço pendeu do lampeão, - damas a escolherem par, - convidou-o, entre confusa e raivosa, p'r'aquella marca.
- 686 Ele riu-se. E respondeu com pouco caso:
- 687 — Já 'tou comprometido. Admira! - "tudo ultimado"...

- 682 c, A dansa. c, A mazurkas.
- 683 c, A Angelica. c, A mundéo.
- 684 c, A triste, damnado. c, A della
- 685 c, A p'ra ' aquella.
- 686 c, A Elle. c, A pouco-caso.
- 687 c, A compromettido.

- 688 Não lhe falou mais.
- 689 Sentiu uma vontade imensa de chorar.
- 690 Foi p'r'a ramada e desandou, no quarto dos arreios, em soluços, afogados no lencinho bordado...
- 691 Lá dentro, ultimava-se a ratoeira.
- 692 Súbito, tocaram-lhe no ombro. E Bentinho, com tremor na voz, enlaçou-a, meio louco, vendo-a sofrer, por saber-se amado.
- 693 Apertou-a, beijando-lhe o cabelo, as pupilas, os beicinhos vermelhos, de ginjo.
- 694 A infeliz tentou repelir aquela carícia imprevista, mas um amolecimento comovido estrangulava-lhe a vontade, que o queria, agora, com paixão desenfreada.
- 695 E ali mesmo, no couro bambo do catre, entregou-se, vencida...
- 696 Justaram casamento.

---

689 c, A imensa.

692 c, A Subito. c, A soffrer.

693 c, A cabelo. c, A pupillas.

694 repellir. c, A caricia. c, A amollecimento. c, A commovido.

- 697 Até que enfim Bentinho ia cumprir o seu desejo, gozar uma felicidade calma, sem mais aquela sarna dos pixuruns e pândegas, de virar o bolso ao avesso, murcho como chupa oca.
- 698 Tonto de contente, botou-se p'ra Laguna, a negociar em caminho, por Orleans e Pedras Grandes, umas cabeças gordas, p'r'amor de comprar a aprontação.
- 699 E na vila, sem inveja aos grameiros, passaria puxando o cargueirinho com as roupas, que eram a mortalha da sua tristeza e o enxoval da sua alegria.
- 700 O presente para Angélica faria brotar um olho d'agua na boca da moça mais política daqueles campos: - uma pulseira de relógio, que só de pôr ao braço o taco-taco dava cócegas.
- 701 Solito, sem peão, p'ra conversar melhor com os seus sonhos, cantava pelas estradas, e às vezes aboiava, com uma saudade tão grande e uma voz tão sonora, que o gado, no campo aberto, se punha a encordoar, um a um, como se fosse aboiador dirigindo a tropa no carreiro estreito...

- 697 c, A emfim. c, A aquella. c pixuruns. c, A pandegas. c, A avêso. c, A ôca.
- 698 c Orleans. A Orlenas. c, A aprontação.
- 699 c, A villa. c mortalhada.
- 700 c, A Angelica. c, A d'agua. c, A bocca. c, A politica. c, A daquelles. c, A relógio. c taco taco. A cocegas.
- 701 c, A Solito. c, A ás vezes. c, A sonóra. c, A elle. c, A fôsse.

- 702 As rezes seguiam-no até a porteira, o passo certo, vago-  
roso, mansas, obedientes à toada triste, parando surpre-  
sas, tresmalhando, ao choque das varas na tronqueira, que  
emendavam as taipas da divisa.
- 703 Atalhando rumo, soube já ter a Angélica, mais os padri-  
nhos, chegado à vila, onde se iam amarrar, ocupando a  
sua casa emprestada do coronel Juca André.
- 704 Mas não contaram ao pobre que a rapariga, meio louca da  
cabeça, virando vassoura, arranjava namoro e conversa, no  
portão dos fundos, com um caixeiro-viajante do Porto.
- 705 Este, não fazia mistério aos lambedores de espóra, os  
quais, nas vendas, com a cachaça-velha no bucho, arrotava-  
vam a novidade, mais negra que fundo de timbé.
- 706 Na véspera da vinda de Bentinho, o cometa desunhou para  
Bom Jardim.
- 707 Chegavam rapazes e famílias, e já se faziam os convites  
p'r'o encontro.

- 702 c seguram-n'o. c, A á toada. c, A surpresas.
- 703 c, A Angelica. c, A á. c, A villa. c amaridar. c, A ocupan-  
do.
- 704 c ao pobre. c (suprimido - "virando vassoura"). c, A arranjá  
ra.
- 705 c Este. c, A mysterio. c, A espóra. c que nas vendas arrotava-  
vam novidade. c taimbé, com a cachaça velha no bucho.
- 706 c, A vespera. c chegada.
- 707 c chegaram. c, A famílias.

- 708 Foi ao outro dia de manhãzinha.
- 709 A cavalhada guapa deixou a vila, alguns fazendo empinar os animais, outros galopeando e riscando brochas, em direção ao corredor do Postinho.
- 710 Quando o noivo apareceu no morro do Fileno, foi um viva geral.
- 711 E o Batista, sempre prevenido, enquanto os companheiros compunham os arreios, puxou do borrachão, distribuindo um golpinho de canguara.
- 712 Os cargueiros ficaram para trás, com a gente de casa, como é uso.
- 713 Bentinho vinha bonito, num alazão folgado, que levantara como para carreiradas, os apeiros novos, uma badana de couro lavrado, pintada de ilhós, cobrindo a macieza do merino.
- 714 Ao aparecerem os cavaleiros na encruzilhada, queimaram -se foguetes, correndo todo mundo p'r'as janelas, a apreciar.

- 709 c, A guápa. c, A villa. c, A animaes. c bróchas. c, A direção.
- 710 c, A appareceu. c (suprimido - "no morro do Fileno").
- 711 c, A Baptista. c, A emquanto. A canguára.
- 712 c, A traz.
- 713 c, A levantára. c, A meirinho.
- 714 c, A apparecerem. c, A cavalleiros. c janelas.

- 715 Na esquina, fronteira à Igreja, a música batia um dobrado.
- 716 Desde o cemitério-velho até o hotel, Bentinho virava-se, teso no lombilho, a cumprimentar, o pingo saltando de lado, pescoço curvo pelas rédeas curtas.
- 717 No mesmo dia bateu pedra no negócio que trazia de canto-chorado — o arrendamento do Fachinal.
- 718 Da vila iriam lá residir, fazendo uma viagem macia, marcados os quilômetros a beijos.
- 719 O casório foi nova festança.
- 720 No jantar, galinhas, um matambre cheiroso, de se comer a empurrar com o dedo, soquetes gordos, e o leitãozinho na travessa, crivado de azeitonas, que nem calombos pretos.
- 721 Depois, o acompanhamento, a cerimônia com o sermão do reverendo, e os graves apertos de mão, na Intendência, do major juiz de paz.

- 715 c, A á. c, A musica.
- 716 c cemiterio velho. A cemiterio-velho.
- 717 negocio.
- 718 c, A villa. c, A Kilometros.
- 720 c, A gallinhas. c de comer-se. A soquetes.
- 721 c, A cerimonia. c, A Intendencia.

- 722 E p'r'a ultimar, o baile, tortura dos noivos, que quanto mais demora mais aumenta o desejo.
- 723 Circularam bandejas de doces, enfeitadas de flores e fitas com o nome de ambos em letras de ouro; vinho, licor, conhaque, cerveja, tudo com fartura, que até os pobres na rua ficaram empanturrados.
- 724 A noiva estava como velha de dois corações, nem alegre, nem triste, um pensamento no gaúcho pelintra, outro na vida.
- 725 Capaz de jurar que amava ambos, o guasca um bocado mais, na saudade que deixou.
- 726 O licor ia-lhe, porém, apagando aquela figurinha cinda - da, posta à distância, única luz que iluminou grandes dias da sua existência melancólica, sem pais, criada pelo favor alheio.
- 727 Dançava marcas sobre marcas, não querendo relembrar a vingança do seu ciúme, que aparecia e se sumia inconstan

722 c, A augmenta.

723 c flôres. c licôr.

725 c, A guásca.

726 c, A aquella. c, A á. c, A distancia. c, A unica. c, A illuminou. c, A existencia. c melancholica. A melamcolica. c, A paes. c creada.

727 c, A Dansava. c, A ciume. c, A apparecia. c forçando a. c, A belleza.

- 728 Agora, era sujeitar-se a tudo, deixar-se levar sem protesto, a vontade do destino, e podia ser que conhecesse a felicidade...
- 729 Quando se dirigiram ao Fachinal, no outro dia, já estava quase contente, apesar da clamação dos padrinhos, que lhe deu pela vez primeira a angústica do apartamento.
- 730 Em certa altura toparam o Janjão Picanha, um ladrão safado, a arder por cobrar-se da sumanta com que Bentinho, certa feita, lhe escaldou a lonca.
- 731 Coçaram-se ambos, a malvadez fuzilando no olhar dum, a valentia rindo na cara do outro. E os shmits não saíram da capa.
- 732 A moça sentiu um arrepio de medo, temendo a triação do bandido, ruim como ferida, com a cabeça cheia de pragas. Mas também o seu velho não tinha a vida p'ra negócio, e não fouxava diante de qualquer lagaé excomungado, muito menos dum sabugo sujo como aquele.
- 733 Apearam-se, e sentando-se juntinhos, foram, entre agra - dos, longe do perigo, engolindo o revirado.

728 c, A á.

729 c quasi. c, A apesar. c déram. c, A angustia.

730 c cobrar se

732 c, A tambem. c, A negocio. c, A deante. c, A excomungado. c, A aquelle.

733 c sentados juntinhos.

- 734 Derredor, as gralhas ensurdeciam, com gritos escandalizados, e um martim-gravata saltava nas pedras do arroio, piando, com ares de cumprimentos, que também eles caminhavam a tecer o ninho...
- 735 Bentinho, ao tornar da lavoura ou do campo, trazia sempre uma lembrança à Angélica, buscando cercá-la de cuidados, panzininha como andava, o passo arrastado, malhada de panos pelo rosto e uma gordura derramada apertando a roupa.
- 736 O coitado não cabia na pele e tudo se lhe afigurava alegre, naquela promessa do filho. Tinha apartado as vacas mais mansas, um petiço baio, um lote de guechas p'r'ele, proprietário antes de espirrar ao mundo, nhenheando como bebequinho.
- 737 E se não fosse homem? Diabo! não pensara nisso.
- 738 Fazia-o parceiro nos seus cálculos.
- 739 Via-o crescido, carregando o decomer, dando-lhe o louvado, na roça, onde largava o apá e a mastigar, sob as aroeiras, fingia não o ver, em negaças, de velhacada, pro

- 734 c, A também. c, A elles.
- 735 c, A á. c, A Angelica. c cercal-a. c, A pannos. c rosto.
- 736 c, A pelle. c, A naquella. c, A vaccas. c, A lote. c de potrancas para elle. A guéchas. A p'r'elle. c, A proprietario. c, A nhenhéando. c, A bebéquinho.
- 737 A fôsse. c, A pensára.
- 738 c, A calculos.
- 739 c, A decomer. c laçal-o. c, A cangóte.

curando laçá-lo pelo cangote, o ladrãozinho da sua ternu  
ra!

740 Menina...

741 Enfim, o separado para um serviria ao outro.

742 Viriam mais filhos, se Nosso Senhor quisesse, que a mãe  
era ovelha de boa cruz, e apesar da demora...

743 Esperaria com paciência, nem a casa havia de se encher  
com raparigas.

744 A tibéria pensava doutro jeito.

745 Filhos são cabelos brancos, consumição na certa. Revolta  
va-se, às vezes, ao notar-se deformada, a cintura perdi-  
da, e aquele inchume transmudando-a em cavalinho de bum  
ba-meu-boi... Ela, tão gabada nas trocas e desafios!...

746 Em choro, revivia o tempo morto, de descuidos, sem pesa-  
res nem sonhos carrancudos.

747 Bentinho tornava-se apreensivo, ao vê-la pratear, agou-  
renta, e quando lhe sobrevinha engulhos, tonturas, que a

741 c, A emfim.

742 c Providencia. c, A quizesse. c apesar.

743 c, A paciencia.

745 c, A cabellos. c, A às vezes. c, A aquelle. c, A cavallinho.  
c, A Ella.

746 c Chorava, revivendo o tempo... A choro. c, A pezares.

747 c, A apprehensivo. c vel-a.

derreavam.

- 748 Estava por pouco, a entrar pela vida o grande dia.
- 749 E adoeceu.
- 750 Siá Chica Troncha pôs nos braços do pai um caboclinho redondo, prenunciando-lhe felicidade, por nascer coroadado.
- 751 O fazendeiro reverberou de gozo, gritando a gente de casa.
- 752 Ora visse o seu terneirinho, a ladineza, a parecença, a té no vinco da testa, o mindinho da munheca também torto!
- 753 — Era quem ver, — assentiam todos, — faltava só falar. E que bicho guapo iria parar-se o gordachinho...
- 754 O pobre, varado de contentamento, com o coração tremendo nos olhos, garrou a sina de galo capão, e não mudava um instante o casco de ao pé do berço, a lambar a cria...
- 755 Angélica não sofreu a quentura da lã por muito tempo.
- 756 Doenças passageiras não carecem cama.

- 750 c, A paz. c, A pae. c prenunciando lhe.
- 751 c, A gozo.
- 752 c, A munhéca. c, A tambem.
- 753 c, A vêr. c, A guápo. c parar se.
- 754 c, A gallo.
- 755 c, A Angelica. c, A soffreu.

- 757 Olhem aí os animais se cuidam de resguardo!
- 758 Queixuda, pela fraqueza, sentou de lavar fraldas no cocho.
- 759 Depois dalgum esforço a cabeça virou a arrodar, com varejeiras de mil cores pelos olhos e uma grande moleza nas pernas.
- 760 Tombou sem sentidos, branca que nem leite, voltando ao catre, com a recaída e logo o delírio.
- 761 Os chás, senapismos, orações e promessas, eram baldados, minava sem dar acordo, em gemição de causar dó.
- 762 O médico, chegado com o próprio, explicou a gravidade do caso: Necessidade de tratamento demorado, repouso absoluto. Que não se assustassem, nem tudo estava perdido.
- 763 Ao cabo de vinte dias, posta num bangoê, foi p'ra vila, com a penitência das injeções, que Bentinho ia descontando no gado, diminuindo a lista, como se as reses houvessem desaparecido nos tremedais, caído nos fojos ou batido a fivela, pesteadas...

- 757 c, A ahí. c, A animaes.
- 758 c cõxo. A cõcho.
- 759 c, A côres. c, A molleza.
- 760 c, A delirio.
- 761 c, A accõrdo.
- 762 c, A medico. c, A proprio.
- 763 c, A villa. c, A penitencia. c, A injeções. c, A rezes. c, A desaparecido. c, A tremendaes. c, A caído... c, A fivêla.

- 764 Ficara só, pior que garraio, com o choro do filho nos ouvidos, naquela calma tristonha do Fachinal.
- 765 Criou coragem. Era preciso tapar os furos da bolsa, que a doença da patroa ia abrindo, com dentes de irara.
- 766 Voltou ao eito, trabalhando dobrado, agora que tinha mais uma boca a sustentar, o tiburcinho a vestir...
- 767 Certa noite, já tarde, enjambrava um carrinho de bois com a piava, defronte à grade, quando ouviu o ganiço da cachorrada.
- 768 Por força gente, chegando com precaução. Destramelou a porta, e ficou por trás, a vinchestra nas unhas.
- 769 E quem havia de ser!
- 770 Janjão Picanha empurrou devagarinho a folha, meteu as fuças de graxaim p'ra dentro, a bombear, desconfiado, e quando avançou um passo, sentiu o frio do cano na pelanca da barriga.
- 771 Berrou misericórdia, que andava perdido, e não queria se não pouso. Vinha tormenta, entregava as armas.

- 764 c, A Ficára. c, A peor. c, A chôro. c, A naquela.
- 765 c, A patrôa. c, A irâra.
- 766 c, A bocca.
- 767 c trabalhava. c, A piáva. c, A á.
- 768 A fôrça. c, A traz.
- 770 c, A fôlha. c, A metteu. c, A pellanca.

772. Condoído, Bentinho mandou-o p'r'o quarto da ramada, dormir nos pelegos, deu-lhe cobertas, uma vela de cera sobre o mancebo, e o peão largou o tordilho-negro no poteiro.
- 773 Ao amanhecer tomaram café juntos, com roscas de polvilho.
- 774 O outro ouviu, então, a fala da despedida:
- 775 — Ninguém sai daqui com fome. Dentro da minha casa não enxergo em vancê o inimigo, nem a outra coisa. T'áí o sacco do revirado. Desunhe, que dentro de três horas, fora do meu campo, os meus camaradas lhe baterão no rasto, campeando, e, se o encontrarem, vancê encomende a alma...
- 776 Janjão não alterou a menor linha da cara enferruscada. Baixou a cabeça e saiu de esguelha, que nem tiatino de rabo entre as pernas, roncando entre os dentes de palanque:
- 777 — Té outro dia!
- 778 No pátio, não houve um camarada que xingasse, entiquento.
- 779 Ninguém mugiu, até o ladrão espora dobrar a volta do outro lado, apesar da tentação de comê-lo na mira p'ra evi

- 
- 772 c, A Condoído. c, A pellegos. c, A vélla. c, A cêra.
- 775 c, A Ninguem. c, A sae. c, A Thai. c, A sacco. c, A fóra. c, A encommende.
- 778 c, A pateo. c chingasse.
- 779 c, A Ninguem. c, A espóra. c, A apezar. c, A pesar. c comel o c avanço.

-tar o avança no gado dos mais.

780 Pitando, lembraram as proezas do desgraçado, sem esquecer aquella de siá Tuca, uma pobre viúva, fazedeira de cestos p'r'o sal, que conseguira com as suas migalhas en gordar um chancho na sogá e o desinfeliz vir, na véspera da venda, mais sorrateiro que gato-do-mato, carregá-lo p'ro seu cachicholo!

781 — Diz-que tem partes com o Coringa! Chegou mesmo a queimar enxofre nas ventas do porco, nem que fosse pano nos nari zes de matungo arreganhado!

782 — Bom é que o menino não esteja aqui. O triste estraga o ar que nem zorrilho, capaz de largar nódoa na vida do inocente.

783 — Isso! Mal ciscasse, queimava-se o rasto a pólvora!

784 Riram gostosamente, gente honrada, um riso limpo, d'ex - pansão.

785 E saíram a trazer os animais p'ra mangueira, ensilhando -os.

780 A proesas. c, A aquella. c da Siá Tuca. c, A viuva. c capado. c, A vespera. c quiéto. c gato-do-matto. c carregal-o. c, A ca chichôlo.

781 c Diz que. c, A fosse. c, A panno.

782 c nodoa. c, A innocente.

783 c, A polvora.

785 c, A sairam. c, A animaes.

- 786 Estava em riba do laço a hora de galopar na caça ao carancho daninho, parasita arriscador, a fazer-se dono do campo alheio, como se andasse cobrando imposto p'ra ladroagem...
- 787 Logo que se pilhou com saúde, Angélica principiou a ganhar cores, um veludo de pêssego maduro nas faces, o corpo delgado, que nem se diria ser mãe.
- 788 Não dispensava extremos ao filho, e mais a en vaidavam os olhares esganados dos grameiros, que os esperneios do bichoquinho.
- 789 Parecia ter-se rompido, com as dores agudas do parto, a fibra da ternura, que a vinculava à criança, tal se o sangue do pai vencesse, dentro do arcaboçozinho frágil, o doce leite materno.
- 790 As línguas de trapo, mesmo na Igreja, soprando padrenossos, em cochichos para o lado, fuxicavam entre-jubilosas, desentranhando coisas de arrepiar o pelo ao chibarro ausente.
- 791 Ninguém se apiedava do destino tenebroso do campeiro.

- 786 c, A danninho.
- 787 c, A Angelica. c, A côres. c, A velludo. c pecego. A pessego. c, A á.
- 788 c grammeiros.
- 789 c, A á. c, A creança. c, A fragil.
- 790 c, A linguas. A chochichos. c, A fuchicavam. c, A pello.

- 792 O marido empantanado pela traição não merece dô, é como que um cúmplice nas senvergonhices da mulher aloucada. Franqueiro, veado, que se não liberta à ironia idiota, pondo entre si e a transviada a separação ou a distância.
- 793 Sim, a culpa era dele, exclusiva.
- 794 Ter aquela fatia bonita, e deixá-la na vila à disputa dos baguaes, o porqueira!
- 795 Havia velhotas desempenadas, que adiantavam um risco na reputação da timba: Fazia das suas p'ra economia das suas posses!
- 796 Tia Lorentina, uma preta velha vendedeira de tripas, engolindo o copinho de café pelas casas, ia semeando a história, que as donas ouviam avidamente, em disfarçada indiferença.
- 797 — Eta! É gente rica, dizque, com patacos e onças na canastra, a guaiaca rebentando nas costuras, lá sabe Deus ganhos de que forma! Credo! A danada é quebra, e se lhe

- 792 c, A cúmplice. c, A semvergonha. c, A á. c, A ironia. c, A distancia.
- 793 c, A delle.
- 794 c, A aquelle. c deixal-a. c, A villa.
- 795 c veilhótas. c, A adeantaram. c Fazia das suas p'ra entupir a bolsa ao marido explorava, cadella guaderenta, p'ra economia das suas posses.
- 796 c, A historia. c, A indifferença.
- 797 c, A fôrma. c, A Credo. c, A dannada. c québra. c, A puzerem c, A boçalête. c, A esmóla.

não puserem boçalete, hão de ver como esses homens, morrendo pelo beijo, ainda pedirão esmola!

798 — Mas então já deu na folia?

799 — Cruzes, mulher! Não tem peão que não saiba! Até a Gabriella fala! Tá recordada que a sujeita, ao se amaridar, andava arrastando um fiapo com o moreno André Paim, cometa do Porto? Pois, no baile do Pé-Sujo, sentaram ao canto, garraram de risadas e pinicões, ultimando, caras de retame, em bicotas d'envergonhar um santo.

800 — E daí?

801 — Vancê adivinhe! A bisca aparece todo o dia com três vestidos, pulseira, borzeguim novo, luxenta que cheque; e o filho em casa, uivando de se finar, mal da tosse-comprida!

802 — Pobre do Bento! Ativo, desenvolvido, escolher uma broaca fiasquenta!

803 — P'ra mim é mandraca, tem coisa do Canhoto. Um moço fino

799 c, A Gabriella. c tála. c Ta. A pôrto. c, A bicóta.

800 A dahi. c d'ahi.

801 c adevinhe. c, A aparece.

802 c, A activo. c, A broáca.

803 c mandraqueira. c, A Canhoto. c, A crear. c, A daquelle. c, A agua.

criar cambicho pela soberbia daquele bucho! O homem be-  
beu água... não nega!

804 — Concordaram ambas, numa gargalhada.

805 Angélica nem mais cuidava de mandar notícias ao marido ,  
e os peões que traziam à vila o cargueirinho de mantimen-  
to voltavam murchos, certos de que uma grande borrasca  
iria dar com os dias felizes do Fachinal em pandarecos.

806 Avolumava-se a mixorna. Tinha d'estourar com a chegada do  
patrão, e o miserável do cordeirinho ficaria sem mãe...

807 Com a doença, era um feixe de ossinhos, o couro desenhan-  
do-lhe as saliências. Tossia como cachorro magro, uma  
tosse cavernosa, sem descontinuação, até arroxear, dei-  
tando baba, os olhos esbraseados a saltarem.

808 E a mãe à janela, sem pensão, cheia de fitas, que manem  
bandeira do Divino, toda embevecida nos fraseados difí -  
ceis do outro.

809 Para ela, nada mais existia no redor. Não sabia mesmo  
porque, à palavra amor, — paixão forte, capaz das pio -

805 c, A á. c, A villa. c, A Fachinal. c, A pandarécos.

806 c, A mixórna. c, A miseravel.

807 c, A saliencias.

808 c, A á. c, A janella. c, A phraseados. c, A difficeis.

809 c, A ella.c, A redôr. c, A á. palavra do amôr - paixão fôrte.  
A á palavra amôr - paixão forte. c, A peiores. c, A ficára.  
c ás. c, A piádas. c, A differente.

-res loucuras e dos maiores heroismos, -- ficara assim, surda às piadas, relaxando as arrumações, diferente, esquecida do passado.

810 Juraria ter nascido outra vez ou, como árvore podada, criada do mais viço, enrijando o lenho. Daí o receber em abraços doídos, de gratidão, o plano do guasca.

811 Sim, fugaria. Depois daquela felicidade, das carícias sem conto, entregar-se novamente ao macorombo de mãos calejadadas, voltar ao sítio, ao trabalho caseiro, seria apodrecer cativa, com a tristeza e a desesperação inextinguíveis.

812 A sorte anda baldosa, e só favorece quem a pealou no momento propício. Boa leiteira tinha arranjado! O leite magro, ralo, espremeu na fazenda, sob a cangalha dos que fazeres. O apoio estava ali, gotejando forte, sem abombar, dando-lhe alegria p'ra viver.

813 Nada de desperdício. Seguiria, à aventura. No Porto teria a casinha, entre laranjais, criadas, e até passearia de automóvel com o seu bem ao lado, pelas ruas embandei-

810 c, A arvores. c, A Dahi. c, A guásca.

811 c, A daquelle. c, A caricias. c, A callejadas. c, A sitio. c, A captiva. c, A inextinguiveis.

812 c, A propicio. c, A Boa. c, A apôjo.

813 c, A desperdicio. c, A á. c, A laranjaes. c, A automovel. c, A ella. c, A espiára.

-radas que ela espiara na marmota da madrinha.

- 814 Ao vê-la atulhando as canastras, na pressa de abrir o pala, a agregada ponderou:
- 815 — Tio Bentinho 'i vem. No mais tardar terça 'tá em casa. Acho que vancê não deve erguer-se p'ra fazenda, inda mais com o pequeno nesta agonia, de se lhe pôr a vela a cada momento.
- 816 — Não-se, 'tou ajeitando os trens p'ra esperar o velho...
- 817 Mas pela noite alta, ao penetrar no quarto, chamando -a p'ra botar a bênção na criança, que estava a fazer termo, encontrou-o vazio, caixas, pelegos e travesseiros revirados, nem que um pé de vento ali passasse, destruidor, si lenciosamente...
- 818 Bentinho quedou bem lerdo, à notícia do sucedido. Uma desgraça nunca vem só.
- 819 E o filho, que ele via sentado entre encostos, no cesto, desapareceu, sem que pudesse receber o seu coração num beijo!

- 814 c vêl-a. c, A pála. c, A aggregada.
- 815 c, A 'hi. c No mais tardar terça janta em casa. A No mais tardar terça 'tá em casa. c, A vancê. c, A véla.
- 816 c estou apitando os... A 'tou.
- 817 c o quarto. A no quarto. c, A benção. c vasio. c, A pellegos. c testruidor.
- 818 c... quedou bem tararáca... A... quedou bem lérdo. c, A á. c... acontecido. A succedido.
- 819 c, A elle. c desaparecera. A desapareceu. c, A pudésse.

- 820 Agachado no pateo, os dedos fincados nos cabelos, não teve uma queixa, o menor gesto. Ficou imóvel, muito branco, apatetado, a sua vida parada subitamente dentro do tempo.
- 821 Só voltou a si pela madrugada.
- 822 Vacas desciam à procura do sal, no lançante da casa, e as carucacas, em remigios rasteiros, grasnavam bulhentas.
- 823 Levantou-se num pulo. E quando cruzava na cozinha, alarmou a tristeza calada dos companheiros.
- 824 Era outro. Transformara-se.
- 825 Nos beiços nem pinga de sangue, a boca vincada a um canto, olheiras fundas, cercando o olhar vivo, seco, ameaçador, a fuzilar vingança.
- 826 Sem palavra, calçou as esporas.
- 827 Feitos os preparativos, despregou a galope, encurtando estrada, pinchando-se aos peraus, na aflição de chegar. O matungo era de bom sangue, casco firme, papa-léngua dos raros, cordas inteiras. Demais, com trato na ramada, e

---

820 c, A páteo. c, A cabelo. c, A immovel.

822 c, A Vaccas. c, A á. c, A carucácas.

823 c cosinha.

824 A transformára-se.

825 c, A bocca. c, A secco.

826 c, A espóras.

827 c atalhando. A encurtando. c, A péraus. c afflição. A afflicção. c, A papa-légoa.

só da sua montaria.

828 Não pensava. Parece que o instinto o norteava, alheio ao movimento em torno, para a realização da única idéia que lhe não morrera na cabeça.

829 E até na Varginha, atravessando o capão, ficou surdo ao gritador, que escorraçava os andantes com assombração d'alma penada.

830 Na vila, abraçado às palhacinhas e cueiros do filho, sentiu um enorme estalo dentro dos costilhares, e as lágrimas brotaram cortadas de soluços fundos, que o sacudiam e lhe punham uma tremura nervosa nas mãos largas e peludas.

831 Ficou longo tempo assim, com os agregados perto, partilhando o seu imenso sofrimento, contando a doença do anjinho, o desprezo da mãe, num choro alto, diante das roupinhas, — a coberta d'alma, — como reses a farejarem o couro da companheira, mugindo demoradamente, numa tristeza infinita...

828 c, A instinto. c, A unica. c, A idéa.

830 c, A villa. c, A ás. c, A lagrimas. c, A pelludas.

831 c, A aggregados. c, A immenso. c, A soffrimento. c, A rezes.

- 832 Serenado aos poucos, já no fio da história toda, decidiu perseguir a mulher sem entranhas, que matou o inocente e lhe cuspiu no nome.
- 833 Ah! não sabia que a honra é um bem que não se corta?
- 834 A falsidade da ingrata pedia sangue, e um tropeiro deixava de ser homem, p'ra ser esfregão de arrastar e pisar, se não mandasse p'r'os quintos os que lh'estropiaram a existência.
- 835 À tarde, vinchestra nos tentos, ganhou o Boqueirão.
- 836 Levavam-lhe de luz bons pares de léguas, que eram nada ç'r'a quem viajava escoteiro. Retardavam, apenas, a hora d'espichar a bota.
- 837 Alcançá-los-ia pela madrugada. O ódio e a infelicidade, mais a morte do filho, não lhe davam tempo ao descanso.
- 838 Tinha a noite pela frente, noite negra, churriava de vagalumes.

- 
- 832 A historia. A innocente.
- 833 c compro. A aorta.
- 834 c, A existencia.
- 835 c, A vinchestra.
- 836 c, A légoas. c, A bôta.
- 837 c Alcançal-os-ia. A alcança-los-ia. c, A odio.

- 839 A sua vida, sem esperança, como andava escura!
- 840 Mal comparando, um arroio fresco, águas limpas, correndo vadias em cantigas alegres. Caem -lhe ao leito faxinas dos pinheirais na margem. Tapam-lhe o veio azulado. Ele cresce, tranqüilo, aumenta a força, e rompe o impecilho, reboante, arrastando nos rebojos escumarentos tudo que lhe ficou ao alcance.
- 841 Largou as rédeas à vontade do parrelheiro, vaqueano daquelle trilho.
- 842 Que ia, afinal, fazer?
- 843 Nada havia assentado de certo.
- 844 Os pensamentos trafegavam na mioleira desencontrados, tal um formigueiro que se esburacasse.
- 845 Nunca falhara a Angélica o carinho, nem as coisas que pedia. Babava-se de faceirice quando calculavam, deitados, a compra e a reforma da fazenda, os filhos na escola, um já quase doutor ou padre, deitando sermão de fazer

- 840 c, A aguas. c, A fachinas. c, A pinheraes. c, A Elle. c, A tranquillo. c, A augmenta.
- 841 c, A á. c, A daquelle.
- 845 c, A falhára. c, A Angelica. c, A refórma. c, A chôro. c, A á. c, A oratorio.

pingar choro à velheira. Rezavam seguido no oratório, p'r'a que a devoção os ajudasse.

- 846 Veio a doença. Mas Deus sabe o que faz. E aceitou o sacrificio, de mão beijada. Quando contava consolar-se com a mulher, do golpe que varejara na cova o seu querido, a égua pesteadada tinha descambado, concha da sua bilontrice.
- 847 Era ver u'a mula, que não pode topar os productos do burrichó sem mordê-los, escoiceá-los, até embirarem! No lugar do coração, um catavento. Perdeu-se em cisma, lembrando o seu trabalho e o seu amor, que lhe aumentavam a raiva, o desejo sanguinário.
- 848 Ia pela altura das Goiabeiras. Amanhecia, e uma cerração pesada gasalhava tudo.
- 849 Bulha de sincerro chegou-lhe aos ouvidos. Eles, ali? Não duvidava: talvez extravio d'animais. A Providência prendia-os ao pouso p'r'o castigo justo.
- 850 Uma ânsia de crueldade punha-lhe no rosto o ar de tigre enfurecido.
- 851 Apeou-se na restinga, amolando horas a xerenga, correndo-

---

846 c Veiu. c, A veio. c, A acceitou. c, A varejára. c, A cóva. c égoa. c cóncha.

847 c, A póde. c, A productos. c mordel-os. c escoiceal-os. c, A scisma. c amor. c, A augmentava. c, A sanguinario.

849 c, A sincerro. c, A Elles. c, A animaes. c, A Providencia.

850 c, A ansia.

851 c, A pollegar.

-lhe o polegar pela raiz do fio.

852 Já o sol ia desmanchando a neblina, como quem puxasse a  
coberta ao campo adormecido.

853 Favorecia-o a posição.

854 Arregaçando as mangas, sungadas as calças, trepou na ár-  
vore mais próxima.

855 Viu-os na grama, sós, rindo, dispondo os trens p'ro café  
do mata-bicho. Mordeu os beiços para não berrar e, sem  
querer, correu a mão na cintura, descascando a faca.

856 Paim, solícito, descera ao rio, a enxaguar os pratos.

857 Era tempo.

858 Na ponta dos pés aqui, arrastando-se ali, caiu dum salto  
sobre a tibéria e tapou-lhe as goelas, arrastando-as p'  
r'o matto.

859 Todo ele era uma vara de marmeleiro, a tremer, mudo,  
meio louco, nem que estivesse coberto de capuchos.

854 c, A arvores. c, A proxima.

856 c, A solicito.

858 A tiberia. c, A goélas. A matto.

859 c, A elle.

- 860 Volteou um tento no pescoço da desinfeliz, e o foi apertando de vagar, com alegria de Tinhoso no semblante esverdeado.
- 861 Angélica procurava deslivrar-se, velhaqueando sob o joelho firme que lh'esmagava o peito.
- 862 A respiração agoniada mudou-se-lhe em ronco estertorante, uma expressão de pavor na cara macia, a língua fora, trancada pelos dentes.
- 863 E ficou quieta para sempre...
- 864 Bentinho riu-se amalucado. Sacou do ferro, tirando-lhe cuidadosamente os olhos, cujas órbitas vazias deitavam lágrimas de sangue negro.
- 865 Enveredou p'r'o pouso.
- 866 O gaúcho ia manducando o revirado, à espera da companheira, que ele fazia escondida, catando alguma surpresa.
- 867 E foi horrorizado que viu caírem-lhe no prato os dois

- 861 c, A Angelica.
- 862 c, A pavôr. c, A lingua. c, A fóra.
- 863 A quiéta.
- 864 c, A orbitas. c vasias. c, A lagrimas.
- 866 c, A á. espera. c, A elle. c, A surpresa.
- 867 c, A cairem. c traz. c, A tragica. c, A á.

lindos olhos, ainda sujos de sangueira, e a voz do tropeiro, por trás, d'uma ironia trágica, intimar, a vinchestra encostada à nuca:

868 — Gozou-lhe o corpo, coma-lhe os olhos!

869 E, pouco depois, deitava-o picado de balas.

870 Cumprido o seu intento, Bentinho caiu em si, avaliando a enormidade da sua vingança que a loucura tornara duma frieza e duma ferocidade terríveis.

871 Aclararam-se-lhe as idéias, latejando-lhe as fontes, e o seu tronco se curvou ao peso da sina maldita.

872 Subitamente, atirou-se ao matungo. Cravou-lhe as puas na virilha, abalando numa disparada medonha, sem destino, aos orneios, que o remorso se lhe havia grudado à garupa, com unhas e dentes...

870 c, A tornára. A dum. c, A terríveis.

871 c, A idéas.

872 c, A puas. c n'uma. A num. c á garupa. A na garupa.

MUDANÇAS DE PONTUAÇÃOJORNAL (1923)

Pitava, que um fumo  
 Homem,  
 largo, havia  
 faro vista baralhada  
 Caipa assim!  
 ver, tudo alvo  
 campo as posses  
 doutras  
 sabel o  
 Enriqueceriam por certo,  
 laço e a  
 a guria? (sem parágrafo)  
 quiêto. (sem parágrafo)  
 despensa. (sem parágrafo)  
 destorcido para ajudar casal...  
 Vicente. (sem parágrafo)  
 Angelica, mas estima, sim  
 deixava se  
 molle dessas  
 Mas acabou-se. (sem parágrafo)  
 curta para  
 a culpa era sua. (sem parágrafo)

LIVRO (1939)

Pitava: um fumo bom  
 Homem!  
 largo: Havia  
 faro, vista baralhada  
 Caipa, assim!  
 ver. Tudo alvo  
 campo, as posses  
 d'outras  
 sabê-lo  
 Enriqueceriam, por certo,  
 laço, e a patroa  
 a guria. (com parágrafo)  
 quiêto. (com parágrafo)  
 despensa. (com parágrafo)  
 destorcido, para ajudar ca  
 sal.  
 Vicente. (com parágrafo)  
 Angelica. Estima, sim,  
 deixava-se  
 molle, dessas  
 Mas, acabou-se. (com pará -  
 grafo)  
 curta, para  
 Sua era a culpa. (com pará  
 grafo)

ciumeira. (sem parágrafo)

- Ê! Bentinho!

o dizedor rapaz!

Apeiou-se. (sem parágrafo)

até que ao mudar

As pragas em represalia

saiam lhe

pesadas. (sem parágrafo)

corredeiras. (com parágrafo)

nagua

provocou lhe

somno. (sem parágrafo)

imagem. (com parágrafo)

coisas de amor, o coração

inoffensiva. (com parágrafo)

afiado. O pensamento

cumpril-o

Anacleto. (com parágrafo)

de um tudo.

No páteo a piásada

papel de sêda,

canotilho. Compunham

veneno. E carecia

Não sabia se daria lição à emproa

dazinha.

dil-o-ia,

"ô-de-casa" debaixo

recebel-os

mão pegada

ciumeira. (com parágrafo)

- Ê, Bentinho!

O dizedôr, rapaz?

Apeou-se. (com parágrafo)

até que, ao mudar

As pragas, em represalia

saiam-lhe

pesadas. (com parágrafo)

corredeiras. Derredôr,

n'agua

provocou-lhe

somno. (com parágrafo)

imagem. Queria ensiná-la

coisas de amor o coração

inoffensiva. Quando a ferem

afiado. (com parágrafo)

cumpri-lo

Anacleto. Frangos

de um-tudo.

No páteo, a piásada

papel-de-sêda,

canotilho. (com parágrafo)

veneno. (com parágrafo)

Pregaria, talvez, um cos-

teio na emproadazinha.

di-lo-ia

"ô-de-casa", de-baixo

recebê-los

mão

assados, que o corredor  
 Veiu lhe  
 remédio, riu-se  
 gozo. E roncava  
 prolongado. Empinou-se,  
 atirou a  
 - 'Tá  
 movendo se  
 lugar. Mas também  
 Bentinho nem sôpa! Conservava  
 (...)  
 acontecido.  
 desprezo. Dar o  
 nunca. Faria  
 Abancou se a mesa,  
 café, bolos de queijo.  
 saliente, que nem pombinha rôla.  
 Vez a vez tirava, disfarçado,  
  
 ajoelhando em réza  
 côro, vozes em duêto,  
 convidou o  
 Elle riu se e respondeu  
 Não lhe falou mais. Sentiu  
  
 p'r'a ramada e desandou  
 ombro. (com parágrafo)  
 enlaçou a  
 beijando lhe

assados, que o corredor  
 Veiu-lhe  
 remédio. Riu-se  
 gozo. (com parágrafo)  
 prolongado. (com parágrafo)  
 atirou-a  
 - Tá  
 movendo-se  
 lugar. (com parágrafo)  
 Bentinho, nem sôpa! (com pa  
 rágrafo)  
 acontecido:  
 desprezo. (com parágrafo)  
 nunca. (com parágrafo)  
 Abancou-se à mesa,  
 café e bolos de queijo.  
 saliente de pombinha rôla.  
 Vez a vez, disfarçado, tira  
 va  
 ajoelhando, em reza,  
 côro de vozes em duêto,  
 convidou-o  
 Elle riu-se. E respondeu  
 Não lhe falou mais. (com pa  
 rágrafo)  
 p'r'a ramada e desandou,  
 ombro. E bentinho  
 enlaçou-a  
 beijando-lhe

vontade que o queria  
 chuspa ôca!  
 seguiam-n'ô  
 ao pobre, que a  
 Porto. Este não  
 famílias e  
 a apreciar. Na esquina  
 alegre nem triste  
 na vida. Capaz  
 forçando a  
 Agora era  
 a felicidade.  
 , que lhe déram,  
 cobrar  
 Bentinho ao tornar  
 cercal-a  
 rosto, e uma  
 na pelle, e tudo  
 calculos. Via-o  
 laçal-o  
 désafios!  
 pezares, nem  
 vel-a  
 parar se  
 promessas eram  
 caso. Necessidade  
 pouso, vinha  
 deu lhe  
 'T'ahi

vontade, que o queria,  
 chuspa ôca.  
 seguiam-no  
 ao pobre que a  
 Porto. (com parágrafo)  
 famílias, e  
 a apreciar. (com parágrafo)  
 alegre, nem  
 na vida. (com parágrafo)  
 forçando-a  
 Agora, era  
 a felicidade...  
 , que lhe deu,  
 cobrar-se  
 Bentinho, ao tornar  
 cercá-la  
 rosto e uma  
 na pelle e tudo  
 calculos. (com parágrafo)  
 laçá-lo  
 désafios!...  
 pezares nem  
 vê-la  
 parar-se  
 promessas, eram  
 caso: Necessidade  
 pouso. Vinha  
 deu-lhe  
 T'ahi

comel o  
 mira, p'ra  
 carregal-o  
 - Diz que  
 ciscasse queimava-se  
 deixal-a  
 esmóla.  
 d'ahi?  
 vel-a  
 brotaram, cortadas  
 margem, tapam-lhe  
 mão-beijada  
 escoiceal-os  
 coração um catavento  
 catavento. (com parágrafo)  
  
 goiabeiras. (com parágrafo)  
 duvidava, tal:  
 matabicho  
 d'um  
 amalucado, sacou  
 vingança, que a  
 Subitamente atirou-se  
 n'uma disparada

comê-lo  
 mira p'ra  
 carregá-lo  
 - Diz-que  
 ciscasse, queimava-se  
 deixá-la  
 esmóla!  
 dahi?  
 vê-la  
 brotaram cortadas  
 margem. Tapam-lhe  
 mão beijada  
 escoiceá-los  
 coração, um catavento  
 catavento. Perdeu-se em a  
 mor  
 goiabeiras. Amanhecia  
 não duvidava:  
 mata-bicho  
 dum  
 amalucado. Sacou  
 vingança que a  
 Subitamente, atirou-se  
 num disparada

MUDANÇAS DE ACENTUAÇÃO

sabel o  
 lote  
 amôr

sabê-lo  
 lóte  
 amor

namoro  
 tem  
 o dizedor rapaz!  
 d'agua  
 forças  
 atóa  
 rezes  
 torta  
 canguachis  
 Angélica  
 aperto  
 recebê-os no pateo,  
 aguaría  
 gozo.  
 secca.  
 pistolas  
 espóras  
 Taquára  
 tórta  
 Abancou se a mesa,  
 ajoelhando em réza  
 cócegas  
 fosse  
 bróchas  
 soquetes  
 flôres  
 licôr  
 cercal-a  
 laçal-o

namôro  
 têm  
 o dizedôr, rapaz!  
 d'água  
 fôrças  
 átôa  
 rêzes  
 tórta  
 canguáchis  
 Angelica  
 apêrto  
 recebê-los no pãteo,  
 aguaría  
 gôzo.  
 sêcca.  
 pistólas  
 esporas  
 Taquara  
 torta  
 Abancou-se á mesa,  
 ajoelhando, em reza  
 cocegas  
 fôsse  
 brochas  
 soquêtes  
 flores  
 licor  
 cercá-la  
 laçá-lo

vel-a  
 Angélica  
 rezes  
 laçal-o  
 vel-a  
 Angélica  
 rezes  
 páteo  
 comel o  
 carregal-o  
 fosse  
 nodoa  
 cores  
 deixal-a  
 boçalete  
 esmóla.  
 fála!  
 fóрте  
 vel-a  
 história  
 Cáem-lhe  
 que varejára  
 escoiceal-os  
 em amôr  
 tibéria

vê-la  
 Angelica  
 rêzes  
 laçá-lo  
 vê-la  
 Angelica  
 rêzes  
 pateo  
 comê-lo  
 carregá-lo  
 fôsse  
 nódoa  
 côres  
 deixá-la  
 boçalête  
 esmóla!  
 fala!  
 forte  
 vê-la  
 historia  
 Caem-lhe  
 que varejara  
 escoiceá-los  
 em amor  
 tiberia

ALTERAÇÕES DE ESTRUTURAS

como que nem graphophone?

puchurum

dos infernos.

ao canto

zigzaguear

Afogado o despeito

no vasio

sinuelo

grande fraqueza

muita vez

Queira costeal-a

prender

cambicho

Não sabia se daria lição à empro

adazinha.

dar fim ao assumpto

fóra da bocca

inventar jeito

Maleixo

E poz se logo a cantar

adormecedora

Mas o triste

puchuruns

inveja dos grammeiros

a mortalhada

amaridar

chegada de Bentinho

que nem a ver graphophone?

pixurum

dos seiscentos.

ao sol,

aos tateios

Mergulhando o despeito

ao vazio

trilho

enorme fraqueza

muitas vezes

Queira ensiná-la

pealar

ensaio

Pregaria, talvez, um cos-

teio na emproadazinha.

dar cabo do assumpto

saltada da bocca

inventar posição

Coitado

E principiou logo a cantar

de acalanto,

Mas o damnado

pixuruns

inveja aos grameiros

a mortalha

amarrar

vinda

p'ra  
potrancas  
 se a Providencia  
taimbés  
trabalhava um carrinho  
 o avanco  
capado  
mandraqueira  
tararáca  
acontecido  
atalhando  
compra  
 deitava-se  
n'uma disparada  
na garupa  
 um assanho de lombrigas  
 Pitava, que um fumo  
 Angelica, mas estima, sim,  
 Caía a noitinha...  
E por mais  
A Rosinha  
 tem o jeitão  
 atracavam-se, às vezes, na esga-  
 nação  
 Maleixo sempre!  
cumprimento, como dando o seu a-  
deus a elles que também caminha-  
 vam a tecer o ninho...  
 Fazia das suas p'ra entupir a

para  
guêchas  
 se Nosso Senhor  
fojos  
enjambrava um carrinho  
 o avança  
chancho  
mandraca  
lerdo  
sucedido  
encurtando  
corta  
 deitava-o  
n'um disparada  
à garupa  
 assanho de lombrigas  
 Pitava: um fumo  
 Angelica. Estima, sim  
 (não há)  
 Por mais  
 Rosinha  
 tem jeitão  
 atracavam-se, na esganação  
 Coitado!  
 cumprimentos, também elles  
 caminhavam a tecer o ninho...  
 Fazia das suas p'ra econo-

ao marido, explorava, cadella guaderenta, p'ra economia das suas posses!

palavra do amôr

ponderou-lhe:

do golpe duro que varejára duvidava, tal:

macieira, com o fim

abrindo-se em nesgas  
ou beba aquella agua...  
, então,

Sob o impulso atirou-a

café, bolos de queijo.  
côro, vozes em duêto,  
que o queria com paixão desenfreada.

cabeça, arranjàra

appareceu, foi um viva geral.

macieza do meirinho  
horas, os meus camaradas,

O magno

ás palhacinhas do filho

correndo vadias.

-mia das suas posses!

palavra amôr

ponderou:

do golpe que varejara duvidava:

macieira, vomitando a língua com o fim

abrindo-se o céu em nesgas  
ou não bebe aquella agua...  
, então-se,

Sob o impulso do golpe atirou-a

café e bolos de queijo.  
coro de vozes em duêto,  
que o queria, agora, com paixão desenfreada.

cabeça, virando vassoura,  
arranjara

appareceu, no morro do File no, foi (...)

a macieza do merino,  
horas, fora do meu campo, os meus camaradas

O leite magno

ás palhacinhas e cueiros do filho

correndo vadias em cantigas alegres.

MUDANCA DE GRAFIA

doutras	d'outras
Agua Floridas	agua florida
Ê!	Êê!
Apeiou-se	Apeou-se
obcenos	obscenos
coxinhas	cochilhas
nagua	n'agua
frontes	fontes
meirinhos (E)?	merinos
xurrasco	churrasco
ponche	poncho
varegeira	varejeira
quasi	quase
côxo	côcho
visinhas	vizinhas
advinhando	adivinhando
recebel-os	recebê-los
Apeiram	apearam
Mantiquera	Mantiqueira
cosinha	cozinha
pelanqueada	palanqueada
coxilhas	cochilhas
Orleans	Orleans (E)
inveja dos grammaeiros,	inveja aos grameiros,
seguiam-n'ô	seguiam-no
p'ra	para
cercal-a	cercá-la

para elle  
 vel-a  
 côxo  
 cingasse  
 pezar  
 comei o  
 proezas  
 carregal-o  
 Diz que  
 cochichos  
 deixal-a  
 d'ahi?  
 adivinhe!  
 vel-a  
 estou  
 vasio  
 cosinha  
 afflicção  
 veiu  
 mão-beijada  
 escoiceal-os  
 Apeiou-se  
 gramma  
 matabicho  
 d'um  
 vasias  
 traz  
 n'uma disparada

p'r'elle  
 vê-la  
 côcho  
 xingasse  
 apezar  
 comê-lo  
 proesas  
 carregá-lo  
 Diz-que  
 chochichos (E?)  
 deixá-la  
 dahi?  
 adivinhe!  
 vê-la  
 'tou  
 vazio  
 cozinha  
 afflicção  
 veio  
 mão beijada  
 escoiceá-los  
 Apeou-se  
 grama  
 mata-bicho  
 dum  
 vazias  
 trás  
 num disparada (E?)

MUDANÇA DE FORMAS VERBAIS

Afogado o despeito  
 ou beba  
 Chegaram  
 atiraram-se  
 que se ouvisse  
 se servia  
 que lhe déram  
 sentados juntinhos  
 Chorava, revivendo  
 não mudando,

Mergulhando o despeito  
 ou não bebe  
 Chegavam  
 atiravam-se  
 a se ouvir  
 se  
 que lhe deu  
 sentando-se juntinhos  
 Em choro, revivia  
 não mudava,

MUDANÇA DE FORMAS PRONOMINAIS

a parar se  
 para procurar se  
 Angélica dava-lhe  
 de comer-se  
 deitava-se

a se parar  
 para se procurar  
 Angelica lhe dava  
 de se comer  
 deitava-o

MUDANÇA DE SINTAXE

A culpa era sua  
 Não sabia se daria lição à empro  
 adazinha.  
 Vez a vez tirava, disfarçado,

Sua era a culpa  
 Pregaria, talvez, um cos-  
 teio na emproadazinha.  
 Vez a vez, disfarçado, tira  
 va

saliente, que nem pombinha rôla.  
 que nas vendas arrotavam a novidad  
 de, mais negra que fundo de taim-  
 bé, com a cachaça velha no bu-  
 cho...

Chorava, revivendo

saliente de pombinha rôla.  
 , os quais, nas vendas, com  
 a cachaça-velha no bucho, arr  
 rotavam a novidade, mais nen  
 gra que fundo de timbé.

Em chôro, revivia

ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS  
PELO AUTOR, NO CONTO "SANTA LUZIA"

Em relação à grafia, como nos demais contos, o autor mu  
dou a forma de uso do pronome oblíquo átono:

JORNAL (1923)

"cercal-a"

"laçal-o"

"recebel-os"

para

LIVRO (1939)

"cercá-la",

"laçá-lo",

"recebê-los".

No que concerne aos parágrafos, o conto "Santa Luzia",  
publicado pelo jornal "República", de 1923, também sofre sérias  
modificações.

Tratando-se de um conto de fôlego e o último a ser tra-  
balhado, acreditamos no decurso de nossa exposição ter alcançado  
algumas conclusões, pois além de uma análise a que nos propusemos,  
o Autor, contribuiu para chegarmos a um denominador comum.

Além das modificações já apontadas nos contos anteriores,  
e que se reproduzem aqui, evidenciamos, ainda uma vez, a preocupa-  
ção do Autor em melhorar os efeitos estéticos de certas constru-  
ções, fazendo assim algumas substituições que trazem um novo colo-  
rido ao conto.:

JORNAL (1923)

"Não sabia se daria lição à

LIVRO (1939)

"Pregaria, talvez,

empoadazinha"

um costeio na empoadazinha".

Ora, "Costear" é um termo que se usa para animal. "Costear" um animal é fazer - se amigo dele, coçá-lo. À mulher, se acaricia, ao animal costeia-se. Aqui o matuto faz essa alteração semântica, que o autor soube aproveitar com sabedoria dentro do contexto em que foi colocada a expressão.

Embora, sendo este um conto triste, com um desfecho trágico, observamos a sutileza do autor, conferindo um toque de humor ao conjunto do texto. Por exemplo as expressões:

"vem molhar o dizedor" e "Dava bicótas de envergonhar um santo", são expressões que exibiram com muito menos sabor, se reproduzidas sob uma configuração mais clássica, como:

" "vem molhar a garganta",      "" dava beijos de..."

O estilo do linguajar matuto, imprimido pelo autor tem uma expressividade originalíssima:

"Ninguém sai daqui com fome. Dentro da minha casa não tem vancê o inimigo, nem a outra coisa. Taí o saco do re virado. Desunhe, que dentro de três horas, fora de meu campo, os meus camaradas lhe batera-o no rosto, comprando, e, se o encontrarem, vânce encomende a alma..."

Tito Carvalho é mestre em imprimir toda essa carga expressiva aos lábios do matuto, realçada por um sem número de expressões regionais:

abichornado

(abatido, triste)

timba

(roceira)

gaudério	(cão vagabundo)
entrevero	(mistura, confusão)
quengo	(cabeça)
planchar-se	(atirar-se)
trancucho	(bêbado)
picaço	(pelo escuro)
fadario	(prostituição)
merino	(pelego)
canguachis	(maribondos)
gila	(fruta rasteira)
bilontra	(volúvel)
lonanco	(perneta)
panasio	(estirão dado pelo laço)
mamota	(novilha que ainda mama)
bêta	(observar)
lagaé	(malandro)
panzininha	(gravadinha)
entiquento	(provocador)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) SACHET, Celestino. Transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina. Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a Obtenção de Grau de Livre-Docência. Florianópolis, 1974, p. 169.
- (2) LAPA, Rodrigues de. Estilística da língua portuguesa. 6 ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970, p. 162.
- (3) LAPA, Rodrigues. Op. cit., p. 160.
- (4) SACHET, Celestino. Transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina. Op. cit., p. 170.
- (5) Idem, ib., p. 172.
- (6) CARVALHO, Tito. "Santa Luzia". In: - Bulha d'arroio. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1939, p. 172.

OS CONTOS DO LIVRO

CARVALHO, Tito. "Bulha d'arroio". In: - Bulha d'arroio. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1939, p. 9.

CARVALHO, Tito. "Luta de touros". Op. cit., p. 17.

\_\_\_\_\_. "Valentia". Idem, ibidem, p. 27.

\_\_\_\_\_. "Minuano". Idem, ibidem, p. 37.

\_\_\_\_\_. "O patriota". Idem, ibidem, p. 47.

\_\_\_\_\_. "Baitatá". Idem, ibidem, p. 57.

\_\_\_\_\_. "Entrevado". Idem, ibidem, p. 65.

- \_\_\_\_. "Pinheiro agonizante". Idem, ibidem, p. 73.
- \_\_\_\_. "Tiguéra". Idem, ibidem, p. 79.
- \_\_\_\_. "Flores de sangue". Idem, ibidem, p. 87.
- \_\_\_\_. "Carijo". Idem, ibidem, p. 99.
- \_\_\_\_. "Zé - tigre". Idem, ibidem, p. 105.
- \_\_\_\_. "Andeja". Idem, ibidem, p. 117.
- \_\_\_\_. "Morena". Idem, ibidem, p. 127.
- \_\_\_\_. "Sacrifício". Idem, ibidem, p. 135.
- \_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, p. 143.

#### OS CONTOS DOS JORNAIS E REVISTAS

- CARVALHO, Tito. "Bulha d'arroio". In: - República, Caderno 387, Florianópolis, 26/6/1926, p. 3.
- \_\_\_\_. "Bulha d'arroio". In: - Revista Terra, Caderno 21, Laguna, 28/11/1920.
- \_\_\_\_. "Bulha d'arroio". In: - Anuário Barriga-Verde, Florianópolis, ano 2, 1921, pp. 82 a 84.
- \_\_\_\_. "Entrevado". In: - República, caderno 387, Fpolis, 17/4/1927, p.4.
- \_\_\_\_. "Pinheiro agonizante". In: - República, caderno 447, Florianópolis, 25/12/1823, p. 4.
- \_\_\_\_. "Tiguéra". In: - República, caderno 444, Florianópolis, 03/10/1922, p. 2.
- \_\_\_\_. "Flores de sangue". In: - República, caderno 444, Florianópo

-lis, 03/12/1922, p. 4.

\_\_\_\_. "Flores de sangue". In:- Revista Santelmo, Laguna, nº 19, 01/10/1922.

\_\_\_\_. "Carijo". In:- Revista Santelmo, Laguna, nº 3, 01/02/1922 .

\_\_\_\_. "Andeja". In:- Revista Terra, Laguna, nº 19, 7/11/1920.

\_\_\_\_. "Sacrifício". In:- República, caderno 2, Florianópolis, 23/01/1927, p. 4.

\_\_\_\_. "Santa luzia". In:- República, caderno 447, Florianópolis ; (Publicado em capítulos semanais).

\_\_\_\_. "Santa luzia". Op. cit., 04/11/1923.

\_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, 11/11/1923.

\_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, 18/11/1923.

\_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, 27/11/1923.

\_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, 01/12/1923.

\_\_\_\_. "Santa luzia". Idem, ibidem, 02/12/1923.

## C O N C L U S Õ E S

1. Comparando-se as primeiras publicações, em jornais ou revistas, dos contos integrantes do livró Bulha d'Arroio (1939), percebe-se ter havido em 20 anos, várias modificações de ordem fo<sub>n</sub>ética, gráfica e semântica.

2. Não ocorreram alterações na parte da sintaxe.

3. Há na edição do livro emprego de consoantes duplas que não foram utilizadas em 1922 quando da primeira pontuação do conto "Carijo".

4. Embora tenha havido preocupação em adequar o livro à ortografia vigente em 1939, não há uma unidade entre certos procedimentos ortográficos - emprego do hífen, acentuação gráfica, e mesmo pontuação, o que demonstra estarmos diante mais de um jornalista do que de um purista da língua. Às vezes, percebem-se pequenas alterações, como é o caso do parágrafo, entre a publicação no jornal e no livro, devidas, provavelmente, mais a uma contribuição do tipógrafo do jornal do que à do próprio autor.

5. Nas alterações introduzidas de um conto para o outro há vacilações ortográficas. Assim, enquanto em "Flores de Sangue" houve alterações gráficas para adaptá-las às normas de 1939, o mesmo não ocorreu em "Pinheiro Agonizante"; mas a expressão "pôs-lhe peãozinho" (Flores de Sangue, 1922) foi modificada para "poz-lhe peãozinho". Deduz-se que o Autor sentia certa insegurança quanto às normas do "escrever certo" mesmo em 1939.

6. Algumas vezes, Tito Carvalho persegue o "mot juste" de que falava Flaubert. Assim, no conto "Flores de Sangue", a palavra "pesteado" da Revista Santelmo (01/10/22), foi alterada para

"de

"perevento" no jornal República em 03/12/22. Em 1939, ou seja 17 anos mais tarde, retorna a expressão "pesteado".

7. Tanto nos contos, quanto no livro, nota-se uma acentuada predominância de termos ou expressões gauchescas que não sofreram maiores alterações em vinte anos, deduzindo-se daí, ter o autor preocupações com o estrato lingüístico regional.

8. Quando da organização do livro, Tito Carvalho revelou maiores atenções com a estilística o que demonstra ter havido uma evolução qualitativa. Não são muitas estas modificações mas mostram a intenção em apurar seu estilo.

B I B L I O G R A F I A

- ABDALLA, Benjamin. O processo de fundamentação da escritura nos romances de Carlos de Oliveira. Tese submetida à Universidade Federal de São Paulo para obtenção do Grau de Mestre, 1973.
- ARÉAS, Vilma. Preparação de uma edição crítica das obras do Dia binho da mão furada, de Antônio José da Silva. Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, promovido pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Estado do Rio de Janeiro) e pela Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro, Estado da Guanabara), agosto a novembro de 1973.
- AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. Editora Cultrix, S. Paulo, 1970.
- BEM VEIGA, Albino de. Virgen de consolaçon. Um estudo de Edição Crítica de um texto arcaico inédito. Publicações da Universidade da Bahia, Livraria do Globo, 1959.
- BERARDINELLI, Cleonice. Auto de Vicente Anes Joeira. (Reprodução fac - similar das duas edições quinhentistas). Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1963.
- CALDAS, Aulete. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 2ª ed., Rio, Editora Delta S.A., 1964.
- CAMPOS, Custódio F. de. Falares catarinenses. Separata do Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore, nº 11, Florianópolis, março de 1957.
- CARVALHO SILVA, Maximiano de. Edição crítica de "O Tronco do Ipê". 15ª ed., S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1973.
- CARVALHO, Tito. Bulha D'arroio. Edição única, Florianópolis, Im

-prensa Oficial do Estado, 1939.

CASTRO, Ivo. Sobre a edição de textos medievais portugueses. Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, promovido pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Estado do Rio de Janeiro) e pela Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro da Guanabara), agosto a novembro de 1973.

CHAVES DE MELO, Gladstone. Iniciação à filologia portuguesa. 3ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1967.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. 4ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1958.

CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 2ª ed. MEC. FENAME, 1975.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Pequeno dicionário Brasileiro da língua portuguesa. 11ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1964.

HOUAISS, Antônio et alli. Edições críticas de obras de Machado de Assis. 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., M.E.C., Vols. VI, IX e X., 1975.

\_\_\_\_\_. Elementos de bibliologia. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, M.E.C., 1967.

JACSON, W.M. Editor. Enciclopédia e dicionário internacional, Rio de Janeiro, 1923.

KAYSER, Wolfgang. Interpretation y analisis de la obra literária. 4ª ed. revisada, Madrid, Editorial Gredos S.A., 1948.

KURY, Adriano da Gama. Da necessidade de preservar texto. Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, promovido pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Estado do Rio de Ja-

-neiro) e pela Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro, Estado da Guanabara), agosto a novembro de 1973.

LAPA, M. Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. 6ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica (Biblioteca Brasileira de Filologia), 1970.

LUFT, Celso Pedro. Dicionário de literatura portuguesa e brasileira. 2ª ed., Porto Alegre, Editora Globo, 1969.

MATOS E SILVA, Rosa Virginia. As versões medievais portuguesas dos Diálogos de S. Gregório. (Relação entre os mss.). In: Boletim de Filologia, tomo XXII (1964 - 1971) fascículos 1 e 2. Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1971.

MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de. Introdução à história da literatura catarinense. Florianópolis, Impressa pela Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958.

MOTA, Jacira Andrade. et alli. Livro das aves. (Reprodução fac-similar do manuscrito do séc. XIV) Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1963.

PESTANA, Sebastião. Auto da alma de Gil Vicente. (Texto fac-similada edição de 1562), Lisboa, 1951.

SACHET, Celestino. As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina. 1ª ed., Fpolis, UDSC - EDEME, 1974.

\_\_\_\_\_. Antologia de autores catarinenses. 1ª ed., Rio, Laudes, 1974.

\_\_\_\_\_. O regionalismo literário. Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre, 1976.

SILVA NETO, Serafim da. Textos medievais portugueses e seus problemas. Rio, Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1956.

SOARES, Iaponan. Panorama do conto catarinense. 2ª ed., Porto Alegre, Editora Movimento, 1974.

VOCABULÁRIO SUL - RIO: GRANDENSE. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo, Livraria Globo, 1968.

JORNAIS : REVISTAS - ANUÁRIOS

- CARVALHO, Tito. Bulha D'arroio. Jornal República. Fpolis, 26 de junho de 1927, caderno 344, p. 4.
- \_\_\_\_\_. ENTREVADO. Jornal República, 17 de abril de 1927, caderno 387, p. 4.
- \_\_\_\_\_. FLORES DE SANGUE. Jornal República. Fpolis, 3 de dezembro de 1922, caderno 444, p. 4.
- \_\_\_\_\_. PINHEIRO AGONIZANTE. Jornal República. Fpolis, 25 de dezembro de 1923, caderno 447, p. 4.
- \_\_\_\_\_. SACRIFÍCIO. Jornal República. Fpolis, 23 de janeiro de 1927, caderno 62, p. 4.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 11 de novembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 18 de novembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 27 de novembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 1º de dezembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 2 de dezembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. SANTA LUZIA. Jornal República. Fpolis, 4 de dezembro de 1923, caderno 447.
- \_\_\_\_\_. TIGUERA. Jornal República. Fpolis, 22 de outubro de 1922, caderno 444.

- \_\_\_\_. ANDEJA. Revista Terra. Laguna, 7 de novembro de 1920, Nº 19.
- \_\_\_\_. BULHA D'ARROIO. Revista Terra. Laguna, 28 de novembro de 1920, nº 21.
- \_\_\_\_. CARIJO. Revista Santelmo. Laguna, 1º de fevereiro de 1922, nº 3.
- \_\_\_\_. FLORES DE SANGUE. Revista Santelmo. 1º de outubro de 1922, nº 19.
- \_\_\_\_. BULHA D'ARROIO. Anuário Barriga-Verde. Fpolis, 1921, p. 82 a 84.

A P Ê N D I C E

## A D V E R T Ê N C I A

Este glossário compreende a consulta simultânea de várias obras.

Em cada verbete, acha-se a definição de seu conteúdo com exemplificação prática.

Oferece ao leitor a vantagem de uma compreensão desses usos lingüísticos, do que há de mais típico na expressão verbal.

G L O S S Á R I O

**ABOIAVA:** v. tr. amarrava a uma bóia; cantava à frente do gado.

**ABOMBA:** s. f. (prov. Port). o mesmo que bomba - máquina para elevar a água, ou altos líquidos, composta de um cilindro ôco, chamado corpo da bomba de um êmbolo que se move com fricção no cilindro, e de duas válvulas que se abrem e fecham alternativamente.

**ABOMBADA:** adj. cansada e ofegante por efeito do trabalho em dia de calor, esfalfada, arquejante. Diz -se dos animais e, por extensão, das pessoas.

**ACHÕES:** s. f. pedaços de madeira, toscamente cortados, lenhas para o lume.

**ACOLHER-SE:** v. pron. unir-se, juntar-se a alguém, indo sempre ao seu lado.

**AFUSAVAM:** v. tr. davam forma de fuso a; adelgaçavam, aguçavam, estimulavam, exatavam.

**AGREGO:** v. tr. associa (a um corpo coletivo); agregou-lhe (avanguarda do exército) quinhentos portugueses. (Dic. Acad. Port. 1ª ed.)/reuno, amonto-o, aglomero.

**AJOUCADA:** adj. presa com o ajougo (fig.) emparelhado, unido.

**AJOUQUEI-ME:** v. (acomodar-se).

**ALCATRUZADA:** s. f. cano de manilhas que conduz a água do caldeirão para a marinha (nas salinas do Sado). /a porção líquida contida no alcatruz.

ALCATRUZADOS: adj. curvados em forma de alcatruz, curvos, abaulados. / Exaustos arqueados pela velhice, pela doença.

ALCATRUZOU: v.tr. fez curvas ou dobrou em arco. / Encheu, rodeou de alcatruzes.

ALIGEIRAVA-SE: v. Tornar mais veloz o parrelheiro, por meio de exercícios apropriados.

ALOITAR: v.tr. e intr(Bras.) f. popular e caipira de lutar (empenhar-se em luta corporal).

ALOITE: s.m. (Bras. S.Paulo, P.Grande do Sul e Centro) pop - luta corporal.

AMARIDAR: v.rel. Ter intimidade com alguém.

ANCILOSAVA: v.t. Causava ancilose a; era atacado de ancilose.

ANCILOSE: s.f. (Med.) Diminuição ou impossibilidade absoluta de movimentos numa articulação naturalmente móvel.

ANDEJA: adj. Que anda ou caminha muito; que anda sempre fora de casa; caminhadora.

ANDÊJO: Mesmo que andeja.

APEAR: v.t. Fazer descer; desmontar; colocar no chão; v.t.i. e pron. descer do veículo, do cavalo, etc.

APEEI: pret. perfeito do verbo apear.

APEIOU-SE: participio passado do verbo apear.

APOJO: s.m. O leite mais grosso que se tira da vaca, depois de

se tirar o primeiro que é pouco espesso.

APRONTAÇÃO: s.m. Preparação; ato ou efeito de aprontar.

ARCARIAS: s.f. Série de arcos; obra de arquitetura sobre arcos; ar cada.

ARICUNGA: s. (Bras., SC.) Equino imprestável.

ARVOADAMENTE: adv. Desnortheadamente.

ARVOADO: adj. Desnortheado, atrapalhado, tonto.

ARVOAVA: v.d.t. Atordoava, estonteava.

ARREADOR: (ô), s.m. Aquele que arreja. (Bras.) arreiro; (Rio Grande do Sul) rêlho comprido com que o campeiro toca os animais.

ASTRAVERA: ousara, afrentara, afoitara, arrostara.

ARREATA: s.f. Corda ou correia com que se conduzem as bÊstas; Sinôn. reata e reate.

ASSENTIAM: v. inter. aprovaram, consentiam, acordavam, aquiesceram.

ASSIMZINHA: adj. (fam) muito pequeno, diminuto.

ATOPEDANDO-SE: içar até o tope. Atopetar a vela, a vÊrga.

ATOSSICADAS: Instigar (alguém) para o mal; dar mal conselho a.

AZEINARAM: incomodar com ditos desproitados e incessantes; perturbar, atorduar.

BADALHOCAR: bola de excremento e terra, pendente entre as pernas

de carneiro e ovelha. (pop) mulher repugnante.

**BOITATA:** fôgo-fatirol Gênio protetor dos campos contra os que os incendeiam. ll papão, côca (dizem batalão e cobra de fo go).

**BALDOSA:** tijolo grande quadrado.

**BANDALHICE:** Ação própria de bandalho; baixeza, desvergonha //vestiário ridículo.

**BANGOE:** (Banguê) nome indiano da Cannabis nativa, narcótica dos Orientais fumam e mascam.

**BARBICALHA:** Empecilho, obstáculo.

**BASTOS:** Cada uma das partes acolchoadas e paralelas do lombinho, que acentam no dorso da cavalgadura, basteira, suadeira.

**BICOTA:** Beijo com estalo.

**BILONTRA:** A parte de madeira do tamanco, antes deve lhe prender o couro ou pano.

**BOJA:** Tornar bojudo; enfunar; salientar; apresentar saliência arredondado.

**BARBELUDO:** que tem o perigalho grande (Bulha D'arroio).

**BEBÉQUINHO:** Bebezinho (Bulha D'arroio).

**BOLEANDO:** Bolear; v. t., dar a forma de bola a; arredondar; aprimorar; arremessar as bolas; envencilhar (o animal); arremessar. Dirigir veículo.

**BORRACHÃO:** s.m.; Borracha grande; chifre com o fundo tapado e aber

-to na ponta, que serve para conduzir água ou bebidas es-  
pirituosas. Homem borracho; bêbado.

**BROCHAS:** s.f. (fr. broche). Prego curto, com cabeça larga e chata. Chaveta nas extremidades do eixo do carro. Corda, que liga os fueiros, para segurar carga. Correia que liga à canga o pescoço do boi. Cinta com que se apertam as porcas. Ant.: Fivela ou fecho da armadura. Pop.: estar ou ver-se à brocha: estar ou ver-se em talas, dificuldades, apuros.

**BUENACHO:** ou Buenaço; adj.: muito bom, excelente, afável, generoso. (ispanismo) injustificável.

**BULHA:** s.f. (de bulhar); gritaria confusa, estrondo, barulho, desordem, motim. Fazer bulha, exagerar a importância de um fato. Bulha suja, ralhos, algazarra. Meter à bulha, inicitlar.

**CABRESTEAR:** v.int. (Bras., Sul) Caminhar pelo cabresto sem que seja necessário espantá-lo (o cavalo); obedecer facilmente à tração do laço; (fig.) deixar-se guiar ou conduzir por outrem em qualquer assunto.

**CACHICHOLA:** (ô) s.m. Casinholo ou aposento muito apertado. Sinônimos: cochilo, cochicholo, cochichó.

**CAIPA:** Caipaismo, má sorte (Bulha D'arroio).

**CALENGA:** Trôpego, capenga (Bulha D'arroio).

**CAMBICHO:** Paixão, apego, "beguin" (Bulha D'arroio).

**CANELURA:** s.f. (fr. cannelure). Estria, sulco aberto, como meia-

-cana, verticalmente, em colunas ou outras partes de construção. Bot.: Estria nos caules.

**CAMBOIM:** s. Árvore da família das mitárceas, da qual existe diversas variedades; o fruto dessa árvore.

**CANGUACHIS:** O mesmo que canguaxi, ou camoatim. s.m. (Bras.) Vespa social da família dos Véspidas; tirar - sem poncho (Bras. RS): enfrentar trabalhos duros; sofrer privações.

**CANGUARA:** s. Cachaça, aguardente, cana - É isso mesmo, seu Chico Pedro - comentou galhofeiro, bebendo pelo borrachão o seu centésimo trago de canguara, Tio Martins, caboclo fornido e astuto, recentemente chegado do Uruguai" - o mesmo que cachaça. (Se a palavra inteira é guarani, pode derivar-se de cang e gara, senho da cabeça). s. Cachaça, cana (gíria popular).

**CANGUEIRO:** Adj. (de canga). Que tem canga ou que está no caso de a suportar. (Bras.) Preguiçoso, negligente. s.m. Espécie de barco chato, usado no Tejo.

**CANHADAS:** (canhada). s.m. Baixada, vale, planície entre montanhas.

**CANHADÕES:** (canhadão). s.m. Aum. de canhada. s. canhada funda e grande. - s. grande canhada, precipício, baixada profunda e larga. Atirar-se (ir, despenhar-se) por um canhadão abaixo, sofrer insucesso, agir temerária e precipitadamente, em sentido figurado.

**CAPÃO:** s.m. Porção de mato isolado no meio do campo; animal castrado.

**CAPITULAÇÃO:** Sing. feminino. Ação de capitular; rendição; convenção de entrega ao inimigo; transação entre litigantes; sujeição; candência; indicação na peça acusatória inicial, do preceito penal infringido pelo acusado.

**CARACARÁ:** Sing. masc. (Bras.) Nome de várias aves da família dos Falcônidas e particularmente do carancho. F. Tupi-Guarani.

**CARANCHO:** Sing. masc. (Bras.) Ave da família dos Falcônidas. Sinônimo de caracará.

**CARIJÓ:** (Bras.), diz do galo ou da galinha pedrês; Sind. Masc. (Bras.) o mesmo que espelina - F. Tupi-Guarani.

**CARRÔCHO:** Sing. masc. (prov. port.) caminho estreito; atalho.

**CARTO:** Sing. masc. (Minho) Joelho.

**CARUCÁCA:** Ave grande, meio doméstica.

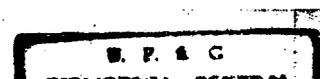
**CASTANHOLOU:** V. intr. ou tr. Fez soar ao modo de castanholas; tocou castanholas.

**CAVALARIANOS:** Pl. masc. Soldados de cavalaria que participam de uma espécie de torneio, divertimentos usados por ocasião de festividades nacionais ou religiosas.

**CERVOS:** Sing. masc. Veado. (malicioso) marido enganado. F. lat. Cervus.

**CHANCO:** Sing. masc. O suino, o porco.

**CHANFALHO:** Sing. masc. (pleb.) Espada velha e ferrugenta; instrumento desafinado; utensílio deteriorado.



CHIBARRO<sup>1</sup>: Sing. masc. Pequeno bode castrado. F. Chibo.

CHIBARRO<sup>2</sup>: Sing. masc. (Beira) flor do vinagre.

CHINCHOS: Pl. masc. (Açores e Madeira) Pequenino; chinchinho.

CHOUTO: Sing. masc. Trote miúdo e sacudido que incomoda o cava -  
leiro, como o do jumento e muares. F. Choutar.

CHURRIADO: Adj. (Bras.) que tem o pelo vermelho ou escuro, com  
listras brancas (fal. do gado bovino) F. Chorreado.

CHUSPA: Sing. fem. Bolsinha feita com a pele do papo da avestruz  
ou de outro couro; pano para guardar dinheiro, fumo e pa  
pel de cigarro ou outras coisas.

CINCHO<sup>1</sup>: Sing. masc. Aro em que se aperta o queijo para lhe dar  
forma e espremer o sôro. (Minho) Prensa onde se deita o  
bagaço para ser espremido. F. lat. Cingulus. Cp. cast.  
Cincho.

CINCHO<sup>2</sup>: Sing. masc. Planta que nasce nos milharais e nas hortas  
de haste avermelhada.

CINCHO<sup>3</sup>: Sing. masc. (Bras. nordeste) nome dado a diversas plan -  
tas bromeliáceas.

CLINAS: Pl. fem. o mesmo que crina: Teu corcel querido, cujas  
pretas clinas se entrançam com listões de púrpura. (Gar -  
rett, Dona Branca III, 17, p.70, 4ª edição, 1861) F.  
alter. de clina.

COCHONILHAS: Substantivo, masculino. Inseto da família dos cocci -  
deos, originários do México.

**CONCHO:** Adjetivo (popular) masculino, singular. Que tem confiança em si, vaidoso. (Substantivo - vaso com cabo comprido e que serve para tirar água dos poços nas regas.

**CONTABESCIDO:** Adjetivo, masculino. Definhado ou emagrecido por doença.

**CORCOVA:** Substantivo, feminino. Bossa, caminho de volta, certa em barcação.

**CORCOVEIOS:** Substantivo, masculino. Com forma arqueada, ficar encurvado.

**CORCOVOS:** Substantivo, masculino, plural. Salto do cavalo, montículo ou elevação de terreno.

**CORCOVEIAS:** Substantivo, feminino, plural. Designação vulgar das veias do pescoço que em alguns indivíduos são grossas e proeminentes.

**CORRIEIRO:** Adjetivo, masculino. Habitual, presumido, afetado, eriquieto.

**CORVOAMA:** Substantivo, masculino. Relativo a corvo.

**COSTEADO:** Adjetivo (Bras.). Dize-se ao gado que é posto em pastoeiro e curral para amansar.

**DESCOADA:** Substantivo, feminino. Acto de coar água da barreta.  
Fundida, derretida, liquefeita, dejelada.

**DE-COMER:** Verbo. Introduzir no estômago pela boca, gastar em comida, dissipar, despender.

**DERREAVAM:** Verbo. Curvavam por efeito de peso, pancadas, fadiga.

Perdiam o ânimo, esmorciavam.

DERREDOR: Advérbio. Em volta, a roda, em circunferência.

DERREIA: Substantivo, feminino. Fazer vergar, curvar com pancadas ou com grande peso.

DESCALVADO: Substantivo, masculino. Cidade e município do Estado de São Paulo.

DESESPERAÇÃO: Verbo. Ato ou efeito de desesperar. Falha ou perda de esperança, desesperança, grande aflição, grande desprazer.

DESINFELIZ: Adjetivo. Não feliz, infeliz.

DESFORADOR: Verbo. Aquele que pratica ação de desforrar. Tirar o forro, despicar. Ganhar o que se perdera (ao jogo) tomar desforra.

DESLEMBROU: Verbo. Não lembrar, esquecer-se, não mencionar por esquecimento.

DESLIVRADO: (LIVRADOR) (Ô) (DO LATIM LIBERATORE OU DE LIVRAR) + - (d) OR), que, ou aquele que livra, libertador.

DESLIVRAR-SE: Tornar-se livre; saltar-se; libertar-se. O menino livrou-se do cachorro, livrou-se da cadeia.

DESPALETEI: (Despaletar). Desarticular a paleta de (o animal), despaletar; (Despaletear): Despaletar.

DESRUMAVAM: (Desrumar). Errar o caminho, perder o rumo, desorientar-se.

**DESUNHARIA:** (Desunhar). Arrancar as unhas. Fazer andar muito; fadigar; preparar, fazer (um trabalho) sofregamente ou empregado grande atividade; afadigar-se em trabalho manual.

**DIZEDOR:** Falador, palrador. Diz-se de, ou indivíduo que conta anedotas, gracejos; gracejador.

**DIZ-QUE:** (Dizer). (de diz, 3ª pes. sing. do pres. ind. de dizer, + que).

**DORMITAVA:** (Dormitar). Dormir levemente; passar pelo sono, estar ou ficar meio adormecido; Exausto da noite, passada em claro, vinha dormitando no ônibus; os alunos dormitavam durante a aula. Estar tranquilo, sereno, por algum tempo, ou tempo indeterminado, descansar. O vulcão dormitava. Dormitava a sesta.

**EITO:** Sequência ou série de coisas que estão na mesma direção ou linha. Limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas, Roça onde trabalhavam escravos.

**EMBIGO:** Var. Assimilada de umbigo. "E com seus subtis dedos num instante / O seu embigo brando lhe cortou", (Fr. Agostinho da Cruz. Obras. P. 267): "A contemplação do embigo" (João Ribeiro, Notas de um Estudante, p. 266); "Trazia... as mãos enclavinhas sobre o embigo (Godofredo Rangel, Vida Ociosa, p. 170).

**EMBIRAREM:** (Embira). Designação comum a várias espécies arbustivas da família das TIMELEÁCEAS e do Gênero DAPHNOPSIS, de Flores INCONSPICVAS e que se caracterizam por produzir boa fibрана entre cascas. Ocorre nas matas úmidas.

A casca da Embira-Branca. Qualquer casca ou cipó usado para amarrar.

EMBOÁ: Centopéia.

ENFREBADOS: Com febre.

ENTÃO-SE: (Então). Naquela ocasião, nesse tempo.

ENTICÂNCIAS (ENTICANTES E ENTICADOS - SUL): Que entica, implicante; provocante, enticador.

ENTIQUENTOS: Que gosta de enticar com as pessoas, chamador de confusão, provocador.

ENTREVERO: Mistura ou desordem entre pessoas, animais ou objetos; peleja, em que os combates, se misturam desordenadamente e desobedecem à ação do comando.

ENZARICADAS: Irritadas (Bulha D'arroio).

ENZOINA: Invenção, volubilidade, mentira, interesseira.

ENZOINÉRO: Intrigante, mexeriqueiro, manhoso, enredador.

ESBATEU: v.t. Matizou; graduou nuança; esmaeceu; atenuou; espalhou (tintas, cores).

ESCAMPOS: Adj. Escampados; descampados.

ESCANCELANDO: v.t. Abrindo muito (os olhos, a boca, etc); escancarando.

ESCARAMUÇAVAM: v. int. Combatiam; lutavam; brigavam.

ESCARVANDO: v.t. Abrindo escarva em; cavando superficialmente; cor

-roendo; solapando.

ESCAVEIRANDO: v. t. Emagrecendo; descarnando; abatendo.

ESCORVADOR: s. m. instrumento de por pólvora nas armas.

ESFUMAVAM: v. t. Desenhavam a carvão; esbatiam com esfuminho; sombreavam com esfuminho; desfaziam-se em fumo.

ESFUMADOS: s. m. Desenhos com sombras esbatidas a esfuminho.

ESFUMINHO: s. m. Rôlo de pelica ou papel, aparado em ponta, para esbater o desenho.

ESGAR: s. m. Trejeito; careta; gesto de escárnio.

ESGALHOS: s. m. Renovo vegetal que pouco se desenvolve; ramificação das pontas do veado; resto do ramo que fica no tronco; ramificação.

ESTERTORANTE: adj. 2 gen. Agonizante; de respiração opressa.

ESTOIRO: s. m. Estouro.

ESTRAFEGAVA: v. t. Esfregava; espedaçava; lacerava.

ESTRALEJAVA: v. int. Estalara; crepitava; estrepitava.

ESTRIBALHAVA: v. t. Firmava nos estribos; assentava; segurava; apoiava.

ESVERDINHADA: adj. Verde-clara; um tanto verde.

FACINUDA: (facinora) mas. criminoso, celerado perverso.

FADÁRIO: s. m. Fado, sorte; destino; trabalho por poder sobrenatural; vida apouquetada ou trabalhosa.

**FIEIRA:** s.f. Aparelho que reduz a um fio qualquer de metal, linha do anzol. (De Fio+Eira).

**FLANCOS:** s.m. Espaço entre a cortina e o baluarte nas fortificações; lado de um exército ou de um corpo de tropas; ponto acessível expugnável, ilharga, lado costado de embarcações.

**FLAQUITAS:** adj. (Bras. Rio Grande do Sul), diminutivo de flaco.

**FRESSURA:** s.f. Conjunto das vísceras mais grossas de alguns animais, como pulmões, fígado, coração, etc.

**FOGACHOS:** Denominação popular de vários distúrbios cutâneas e mucosas balanopostite, liquem, estrófulo, sapinho (bot) doença dos vegetais; (fig.) arrebatamento; mau gênero.

**FOJOS:** p.m. Cova funda cuja abertura se disfarça com ramos de árvores e terra solta, com fim de apanhar vivos animais ferozes.

**FORCEJOU:** (Forcejar). v.t. Fazer esforços, esforçar-se, empenhar-se em, fazer diligência; lutar; int. fazer esforços; lutar.

**FUGANDO:** Está se escando; está fugindo.

**FUGADAS:** fem. pl., Fuga, evasão; escapada, gênero de composição musical.

**FUTUROU:** v. (futura). Supor, conjeturas.

**GADEIRO:** adj. (R.G.do Sul). Relativo ao gado "vejo confirmada as notícias que recebi do estrangeiro quanto à deplorável si

-tuação da nossa indústria gadeira... Desapareceram os compradores de couros, cabelos e lãs..."

**GAFEIRENTOS:** adj. Que tem gafeira, sinônimo gafeiroso e gafento.

**GALHEIRO:** s.m. (Bras.). Veado de chifres grandes, (fig.) (chulo).

**GANIÇASSE:** (ganir). Lexico de lacunas dá o verbo como usado em Goiás, resulta, seguramente, do cruzamento de ganir com esganiçar.

**GANIÇO:** (verbo ganir).

**GARROTEAR:** v.a. (do cast. garrotear ant.). Garrotear o couro é sová-lo e bate-lo demasiadamente, a ponto de ficar muito macio; o couro assim preparado se chama couro garroteado. (coruja).

**GARRAIO:** adj. Ordinário, péssimo, coisa de má qualidade. É termo empregado quase sempre em relação aos animais de montaria. (Callage).

**GARROTILHO:** s.m. Angina aguda, sufocante, acompanhada de crupe; doença de cavalos.

**GARRÃO:** s.m. (do cast. ou arog. garrou, calcânhar), nervo da perna, do animal cavalari. (Coruja).  
s. o jarrête do animal. Afrouxar o garrão é dobrar as pernas e cair. fig. pessoa que se acovarda diante do adversário, diz-se que afrouxou o garrão. (Callage).

**GAUDÉRIO:** adj. Gaudulo, parasita; o que, não tendo ocupação, vive à custa de outrem aqui e ali. Cachorro gaudério, é o que não tem dono e vive roubando bocados de alimentos aqui e

ali. (R. Corrêa).

adj. Parasita, o que vive errante daqui, para ali, sem destino certo. Cachorro gaudério, é o que não tem dono e vive em toda parte em busca de alimentação. (Callage).

**GINETE:** s.m. Apesar de que se possa chamar ginete tanto o cavalo como o cavaleiro; naquela província se aplica este nome especialmente ao cavaleiro; v.g. aparecendo ao longe um homem a cavalo, se diz que aí vem um ginete. (Coruja).  
s.m. Cavaleiro. (an. do E. do R.G. do Sul), com elegância e firmeza; sinônimo de campeiro ou de bom cavaleiro. (Callage).

**GILA:** s.f. Pequena abóbora, também conhecida como melão-do-malabar, da qual se fazem doces.

**GRACETA:** s.f. - Graça + eta. v. gracejo.

**GRAFOFONE:** s.m. - Grafo + fone. Antigo fonógrafo de cilindro.

**GRAMEIRA:** s.f. Orifício que rodeiam os cadinhos nos fornos de fundição de bronze.

**GRIFENHA:** Grifar (gruphar), v.t. Frisar, encaracolar (o cabelo); inclinar para a direita (a letra); pronunciar com entoação especial de maneira que torne método, campá em grifo (palavra ou trecho de texto que se queiram destacar); sublinhar no original, com traço (as palavras que devem ser composta em grifo).

**GUAPO:** adj. Corajoso, valente, bonito, oiroso, esbelto.

**GUARIBA:** s.m. e f. (Bras.). Nome comuns aos macacos de gênero Alou

-vota, que vivem em pequenos bandos, sob a direção de um velho macaco conhecido como capelão ou padre mestre. Designação dada aos pretos em alguns lugares (coletivo bando de animais, vozes de animais (guinchar). Topônimo paulista.

**HOLLANDA:** s.f. Tecido de linho finíssimo (geografia) nome de um país europeu.

**INCUBO:** s.m. Demônio masculino que se supunha descer sobre as pessoas adormecidas provocando-lhes pesadelos.  
adj. Que se deita sobre alguma coisa (antô - sucubo), (v. súbudo); (c.f. incubo do verbo incubar, e encubo do verbo encubar.

**INTEIRIÇAVA:** v.t. Inteiriçar, tornar inteiro ou hister, entesar.

**INTRUJICE:** s.f. Ato de intrujar, charlatice, exploração, falciada, embuste, impostura.

**INZEMPLAR:** Ensinar (Bulha D'arroio).

**ÍRIO:** (iriar). v.t. Dar cores do arco-iris, abrilhantar, matizar, revestir-se das cores do arco-iris.

**JUSTARAM:** v.t. Justar, entrar em justa, combate, competir, ajustar, combinar o preço de, tomar de alguém a seu serviço, empregar.

**LADINEZA:** s.f. (Bras.) Ladinice. Latino, adjetivo, finório, esperto, astuto, manhoso.

s.m. Idioma falado na Reira.

**LAGÕES:** Malandro (Bulha D'arroio).

LAMBOTE: Alemão (Bulha D'arroio).

LAMANTE: adj. 2 gêneros, que lança.

s.m. Grande declive num cerco ou coxilha (R. Correa).

s. forma declive num cerco ou numa coxilha (Callage).

s. terreno em declive, vertente, petente.

LEBLINA: Neblina, cerração (Bulha D'arroio).

LEGOAS: (Léngua de sesmaria). s.v. Sesmaria.

LECHIGUANA: Espécie de abelhas ou marimbondo, preparam um excelente mel conhecido pelo mesmo nome. Tirar lechinguana significa passar uma noite com frio e quase sempre com pouca coberta, com que se procura envolver todo corpo, como se fosse tirar o mel da lechinguana, que é uma abelha mui bravia, pelo que se toma precaução de resguardar o corpo de suas ferroadas: Com um frio destes, temos de tirar lechinguana esta noite, também dizem lixigoana.

LIGÁ: Couro cru de boi, com o qual se cobrem as cargas transportadas por animais, afim de por ao abrigo da chuva.

LOMBILHO: Apeio pertencentes aos arreios usados na provincia; substitui a sela, selim ou serigote.

LONACA: (lonca). Pedaco de couro lonqueado, couro despido de pelo, couro lonqueado.

LUACEIRO: (Lunar). Lança cuja extremidade tem a forma de meia lua.

MADRINHEIRA: Mulher que serve de testemunha em batizados, crismas e casamentos.

MACACÓRRA: (Macacoa). Doença pouco importante; achaque.

**MACAIO:** (Macabro). Diz-se da dança alegórica em que se representava a morte arrastando consigo pessoas de todas as idades e condições; fúnebres, tétrico.

**MACANUDO:** Poderoso, forte, respeitável pela força, prestígio, fortuna, inteligência, etc.

**MACETAR:** Deixar macêta o animal que se monta, muitas vezes por se viajar em caminho ruim, muito pedregoso.

**MACOROMBO:** (Macorongo). Amante explorador da amásia.

**MAMÁTA:** Roubo, negociata.

**MANDUCANDO:** (Manducar): Comer, mastigar.

**MANEAR:** Prender com maneia: diz-se só a respeito dos cavalos. Nos dicionários portugueses vem com a significação de tratar com as mãos, mexer com elas. Prender com a mania as patas do cavalo ou com uma corda qualquer (geralmente o maneador) o boi bravio que é seguro pelas quatro patas.

**MANOJO:** Uma espécie de novelo que o traçador de laço faz com cada um dos tentos da trança, e que vai se desenrolando à proporção que vai sendo preciso, graças a uma laçada especial.

**MORRAEIRA:** (Morra). Exprime o desejo de que alguma coisa acabe.

**MECO:** Sujeito; tipo; qualquer indivíduo; homem libertino; espertalhão.

**MERINO:** Diz-se de uma raça de carneiros de lã muito fina; tecido dessa lã.

- MERINÓ:** O mesmo que merino, tecido ou pano de lã merino.
- PARELHEIRO:** Cavalo tratado e cuidado para a disputa de corridas, cavalos ensinados a andar em parselhas.
- PASCER:** Deliciar, dar prazera, agradara a.
- PEALAR:** Prender (o animal) atirando-lhe o pealo. Armar cilada a, enganar.
- PEALADO:** Preso (o animal) laçado.
- PEÁLO:** Laço que se deita ao cavalo ou animal quando este vai correndo a toda velocidade.
- PEDICHEZA:** Mendigos, mendicância (Bulha D'arroio).
- PELEIAMOS:** Brigamos, pelejamos combate entre forças beligerantes.
- PELINTRA:** Pessoa pobre ou mal trajada, mas com pretensões a figurar; pessoa sem dinheiro; pobre, mas pretencioso.
- PERCURTIR:** Bater, ferir, tocar.
- PERIGALHO:** Pele da barba ou pescoço, descaida por magreza ou velhice. Cabo para levantar o centro de um toldoou, sustentar superiormente o mastro de mezena.
- PIÁCO-PIÁCA:** (Olhos de.). Mortiças, quebrantadas (Bulha D'arroio).
- PIÁVA:** Nome comum aos peixes de água doce da família dos caracidas. Pequena quantia, coisa de escassa importância.
- PICAÇO:** Diz-se cavalo escuro com pés ou testa branca.
- PICANHA:** Parte posterior da região lombar da reis, ou seja carne

desta região.

PICUNHO: Pala fina (Bulha D'arroio).

PINCHEI: Empurrei, derrubei, fiz saltar, atirei, lancei, arremecei, pulei, trepei.

PINGUANCHA: Caboclinha; Chininha; mulher desprezível de vida duvidosa ou airada e de costumes fáceis.

PISCUÍM: Pasquim (Bulha D'arroio).

PLACHAR-SE: Levar uma planchada, cair de lado.

POLVADEIRA: Valente, desalmado, arrogante, mau.

PÓLVORA: Substância explosiva composta de salitre, carvão, enxôfre.

PONTEAVA: Marcava com pontos.

POREJANDO: Expelindo pelos poros, destilando, ressumando.

POSTO A: (À disposição).

PRACATAR: Alpercatar (Bulha D'arroio).

PRECATA: Prevenido, preparado, precaver-se.

PRESEPE: Namulengo.

PULGUÊDO: Grande quantidade de pulgas; agrupamento de ranchos; casas habitadas por gente pobre.

QUEBRA: Interrupção, perda, falência.

QUEBREIRAS: Fadiga, moleza, languidez, falta de dinheiro.

QUEDAVA: Estacionava, parava, estava sem movimento.

QUEFAZERES: Ocupações, faina, negócios.

QUERUMANO: Cantiga, fandango (Bulha D'arroio).

RAPINO (A): Roubo violento.

REBENZEU-SE: Benzeu-se novamente (re + benzer).

REBOARA: (reboar). Fazer eco, retumbar, a voz do órgão reboou na igreja.

RECHUPADA: Muito seco, muito magro, reduzido a bagaço.

REFRIGÉRIO: Consolação, alívio.

REGIRANDO: Roda andando, mover-se a roda, redemoinhar.

REMÍGIOS: Principal elemento da mecânica de voc, o movimento das aves.

REMINADA: Revoltada, desobediente.

REMINANDO: Zangando, enfesando.

REMOQUES: Insinuação indireta, encerra conceito malicioso e satírico.

REPONTE: Ação de repontar ou de espantar o gado de um lado para o outro.

RETAMADA: (retama) (o mesmo que giesta) (giesta, planta da europa de flores amarelas e brancas).

RETAME: Diz-se do mel ou melaço levado ao ponto de açúcar.

RETREMIAM: Tremiam muito, tremer repetidas vezes.

REVÉRBERO: Ação de reverberar, reflexo luminoso, lâmina ou espelho que torna a luz mais intensa.

REVERBEROU: Resplandecido, brilhar, refletindo-se.

RICONVÊNCIA: Recado, convite (Bulha D'arroio).

RINCHAVAM: Soltavam rinchos, ringir, ranger.

RISARADA: Muitas gargalhadas, rir muito, ato de dar risadas em conjunto, mais de um riso.

ROCINAR: v.t. (Bras., Rio Grande do Sul). Tornar o animal bem manso e obediente ao freio. É uma operação, complementar da doma.

SANGRADOR<sup>1</sup>: adj. Que sangra; s.m. Aquele que sangra.

SANGRADOR<sup>2</sup>: s.m. Rio do Estado do Sergipe, afluente do rio Piauí.

SEDENHO: s.m. (de seda). Tira de pano ou mecha de fios, que se introduz debaixo da pele, de modo que as duas saiam cada uma por seu lado, para formar uma chaga supurante. Fontanela. Cordão de crina, com que se retesam as testeiras das serras de carpinteiro. Prov. Trança de sedas ou de pelos da cauda de boi ou de cavalo, com que se prende ao assento o chanço das pescócias. Ant. Cilício de sedas ásperas e mortificantes. Prov. Lato, ou cordão de pita, grosso.

SEQUILHADAS<sup>1</sup>: s.m. Espécie de bolachas feitas de ovos, farinha e açúcar; tareco.

SEQUILHADAS<sup>2</sup>: Fruta seca; variação: sequilho.

SINAPISMO: s.m. Cataplasma de mostarda aplicada, em regra, como revulsivo (cf. Sinaspismos).

SERIGOTE: s.m. (Bras.) do S. Lombilho curto.

SINCERRO: s.m. (cast. cencerro). O mesmo que SINCERRA. Bras. Espécie de campainha que se prende ao pescoço da égua madriinha quando precede uma tropa.

SINUELOS: s.m. (Bras. do Sul). Gado manso de curral usado nos serviços rurais como guia de animais xucros.

SOBROLHO: s.m. O mesmo que sobancelhas. Carregar ou franzir o sobrolho, tomar catadura severa, ameaçadora. Des. Atenção, precaução: por de sobrolho.

SOCAVOÊS: (Socavão) s.m. Grande socava, lapa, gruta, esconderijo.

SOFRENAR: v.t. (Bras.). Sofrear o animal afim de fazer parar ou recuar.

SOFRENAVA: v.t. (Bras.). Pret. Imp. do Ind. (mesmo que sofreava).

SOVÉU: s.m. (Bras. Sul). Laço grosseiro com que se pegam touros.

TAIPA: s.f. Parede feita de barro ou cal e areia, com um engradado de madeira; estuque; tabique; o mesmo que tapa - de mão; taipa de barro jogado com a mão; - de pilão; taipa feita de cascalho e saibro calcados.

TARARÁCA: s.f. e adj. 2 gên. (Bras.). Tipo de rato do mato; referente ao indivíduo sem jeito, que anda aos trancos e barrancos.

- TARTAMUDEADAS:** adj. Gaguejante, entaramelado: Ela disse em voz mui baixa, tartamudeada pela emoção. (Fialho, país das uvas, p. 147, ed. 1929).
- TARDO:** adj. Lento, lerdo no caminhar; ocioso; que dificilmente compreende; inerte; serôdio.
- TAVA:** s.f. Espécie de jogo dos gaúchos; o osso usado nesse jogo.
- TENTO(S)<sup>1</sup>:** s.m. Sentido, cuidado, precaução, cômputo, cálculo.
- TENTO<sup>2</sup>:** s.m. Peça de marfim, de ossos ou de madeira usada para marcar pontos no jogo; os pontos marcados dessa forma; lavar um tanto; acertar no intento; conseguir êxito.
- TEUTO<sup>1</sup>:** s.m. Tira de couro cru, usada para fazer laços, rédeas, trança de chicote; varinha terminada por uma pequena bola em que o pintor apoia a mão para firmeza.
- TEUTO<sup>2</sup>:** adj. O mesmo que teutônico, F. Gót. Thiuda (povo) anglo-saxão Theod. al. Deustsch ap. lat. Teuto, singular de teutonas.
- TEUTO<sup>3</sup>:** adj. Primeiro elemento de palavras compostas, o mesmo que germano, e significa alemão F. V. Teuto.
- TIBIRA:** s.m. (Bras. Norte). Vaca que dá pouco leite; s.m.(Bras.). mau tirador de leite.
- TIANHA:** s.f. (Bras. pop.). Teimosia; mau costume; (São Paulo)raiva; ojeriza.
- TIÇUME:** s.m. Denominação pejorativa que se dá às pessoas de cor.

**TIJUCO:** s.m. (Bras.). Charco, lama, atoleiro, lodo, lodaçal.

**TIJUCA:** s.f. (Bras.). O mesmo que Tijuco.

**TIMBA (TIMBALE):** Espécie de tambor de metal de forma semiesférica e coberto por uma pele tensa sobre a qual se toca com duas banquetas.

**(TIMBO):** Nome comum de grande número de plantas que tem propriedades tóxicas e são empregadas para tinguir os peixes.

**TIMBÉS:** (TIMBÉ) s.m. Árvore da família das leguminosas.

**TIMBREI (TIMBRE):** s.m. Insignia apensa exteriormente ao escudo, marca; sinal; carimbo; divisas; honra; capricho; orgulho legítimo; remate; cúmulo; qualidade sonora que depende dos harmônicos coexistentes com o som fundamental (é a qualidade pela qual identificamos uma pessoa pela voz ou o instrumento que emitiu o som).

**TINHANGUI (TINHA):** Doença da pele e do couro cabeludo, também chamada porrigem, nome de uma espécie de lagarta que ataca as colméias.

**TIRANTE:** adj. 2 gêns. e s.m. Que tira ou pucha. (fig.). Excetuado; que aparenta ser; correias pelas quais as bēstas iram os choques, etc; barra que atravessa a parede do edifício; corda para puchar os reparos em artilharia; barra de ferro que impulsiona à roda motora o movimento do êmbolo nas máquinas de vapor.

**TORDILHOS:** adj. Que tem cor de tordo; designativo dos cavalos de

pelos cor de tordo.

**TOU:** Do verbo estar. O mesmo que estou.

**TRACUTINGA:** s.f. (Bras.). O mesmo que saracutinga.

**TRANCUDO:** adj. (Bras. Sul). Um tanto embriagado. Também dizem tran-  
cudo.

**TREMENDAES:** Tremedal, s.m. (de tremer?). Terreno alagadiço, lameiro, pântano. Fig. Degradação moral, torpeza. Bras. do Maranhão. Vegetação fluctuante que cobre grande extensão dos rios.

**TREMEDAL:** s.m. Pântano, torpeza, lodaçal, lameiro, degradação moral.

**TREMOLLO:** s.m. (t. ital). Mús. Efeito de notas repetidas com muita rapidez. Tremura, tremido produzido pelos instrumentos de corda, quando se multiplicam com muita rapidez as vibrações sobre uma nota: música que abusa dos trémolos.

**TRESMALHAR (TRESMALHAR):** v.t. dir. e instr. Perder as malhas de; deixar cair as malhas de; perder, deixar escapar; fugir; perder ou separar da manada.

**TRONCHA:** s.f. Semelhante a tronchuda.

**TUTÃO:** s.m. (Ant.). Dignatário principal outrora na Corte Chinesa.

**USCASSE:** Atiçasse (os cães) (Bulha D'arroio).

**VACARIANA:** s.f. (R.G.S.). Habitante de Vacaria "... a fim de impe

-dir que descessem do planalto os preditos vacarianos".

VAGABUNDAR: Viver na ociosidade, sem ocupação.

VAQUEANO: s.m. Aquele que conhece bem ou está prático nos caminhos de uma região; o mesmo que tapejara ou tapijara; audaz, temerário, valente. Var.: baqueano.

VANCÊS: Pron. Pres. (Bras.) (Pop.). O mesmo que você.

VASQUEIRO: adj. Que produz vascas ou ânsias, escasso; raro; difícil de encontrar; difícil, crítico; vesgo.

VELHACADA: s.f. Atos praticados por velhacos; reunião de velhacos.

VERMELHAGEM: (VERMELHAÇO). Um tanto vermelho, avermelhado.

(VERMELHAL ). Diz-se de uma casta de azeitona, também chamada cordovesa.

VISCO: s.m. Planta parasita, de família das Larantáceas; também chamado agárico; suco vegetal glutinoso com que se envolvem varinhas, para apanhar pássaros; isca, engôdo, chamariz; planta da família das leguminosas; o mesmo que visgo ou visgueiro.

VOEJOS: (VOEJO), s.m. Ato de voejar; adejo; pó que se levanta da farinha agitada.

VOLUTEIO: giro.

(VOLUTEAR). Giro, movimento de rotação, o mesmo que volvear.

XIRÚ: (XIRÓ). Caldo de arroz temperado com sal.

(XIRUBA). Faceiro, gamenho.

(XURÍ). Espécie de avestruz.

(XURÚ). Nome comum de duas árvores lecitidáceas.

XERENGA: (XERENQUE). Faca, espada.

ZAINO: adj. Castanho escuro sem mescla (cavalo); sem malhas brancas (cavalho); que tem o pelo negro com pouco brilho; dissimulado; velhaco; zanaga.

WINCHESTRA: (WINCHESTER). Cidade da Inglaterra; (espingarda) arma de repetição de origem americana.

FAC - SIMILES INTEGRAL

DOS CONTOS, DE QUE SE

FEZ LEITURA CRÍTICA

# BULHA D'ARROIO...

(ENSAIO REGIONAL)

— "Pois é isso, pregui com  
 uma carga de chumbo na palêta  
 do tio Jão. Ed'era typo luzoi-  
 nêta, e m'ê provecar toda vida,  
 com vez do calbaco, encucando  
 cantigas espôras nam querendo  
 desgraçado. A última vez que  
 damos adeus do João perada,  
 foi na venda do Jorgina, na ca-  
 pella da Onapa-la-Fria. Bebemos  
 na mesma gamapa a mesma u-  
 vera. Ajoquei-me a uma canto  
 e gachei-me a olhar o tio velho.  
 O demacado tava ficando gordo,  
 e gerrando a viola, dançando,  
 nos corecovos, com zunhadas pe-  
 las bordões, pegou a beliscar na  
 minha vida triste... Eu, en-  
 tão-se com um pulo de jagua-  
 tica, caí na magalixa e gri-  
 sei o garraio, e tirar um cotêjo.  
 cido pinchei-me, a espada reber-  
 b-rance na mão. Falsifamos um  
 mundo de tempo. Cortei-o, pra  
 ritimar, nos costulâeres, e brin-  
 cando, limpo a sangacira do  
 ferro na bolivada que era e seu  
 fleumha della. Jão, brado, com  
 os olhos relapaceando que não  
 pôpa cado o sol se lava, fizeca-  
 me um golpe que desviei, tudo  
 o tio velho cair p'ro lado, ca-  
 veicando, que nemgado nader  
 tabada da mateação... Abu-  
 tano seu bestido, e disse p''elle,  
 que roncava com o tuuro de reis-  
 tas perdida p'les redeies: — "O-  
 para hisca velha! cotêjo cora-  
 ligo só a lagarto, p'ro te xar-  
 near o lombo a hisço, como  
 nem tira baila de arizanga con-  
 tina de bolivada puchho! — E  
 aggaei os ferros no animal! —  
 mo era de tarde. Já o cã,  
 duo rãz gachada no camra-  
 do, se ficando dum vermelho  
 e sangisica, igualzinho á fiza  
 paracada da tçasse do igreja.  
 de piaboisima uma ou outra  
 brecha agarrava se para o per-  
 e e algum exarando, facejando  
 toda torçento novo, piava um  
 de aguarento... Eu ia gaba-  
 rando, ia fortigo, pela estrada  
 d'abango, lavar uma rizeca  
 deia no Onco Bragado. Não  
 se foidess, que eu eu foidess  
 de foidess, que eu eu foidess  
 de foidess, que eu eu foidess

laços por esso chão do Deus.  
 Mas, como eu falava — ia gal-  
 peando, cortando com o mei-  
 macuco essas corilhas e canhi-  
 das. Ao descer um típa, perto  
 do Lago do Velho, onde corre  
 o Arroio Pequeno, senti bulha  
 na água. Sofri-me o tostado. Tim-  
 brei logo dois pangs — eu ia no  
 rasto. Mas, seu doutor, aqui é  
 que está toda a minha desgraça-  
 ra! Quem he'ôca de dizer! Em  
 oito cascos de pelangos gatsiren-  
 cos! Na bulha do arroioziabo!  
 Já vai ver: Costeando a taipa,  
 dois homens compunham o zar-  
 reiro. Metti-me num capão, e  
 bém deifronte aos astantes, pa-  
 reci a enrolar o meu cigarro, com  
 a chuspa nos dedos. Dahi, com  
 os ouvidos não se fecham e eu  
 lava curioso, fui notando a con-  
 versa dos homens. Pois, um,  
 acredit: e eu lhe juro por São  
 Joaquim, era justamente, inteir-  
 unno, em carne e lousa, o tio  
 Jão! Fiqui quebra. Elles  
 rinchavam alto: — "Mas vancê  
 tá cortado? Pareca, que vai se  
 boleando, á maneira do astro!"  
 — "Pois, foi o Pedro Louanco.  
 Pinchei-lho com um chapéo de  
 yendo pelo quengo, e o espelo-  
 tado, stopotando-se de ciurne,  
 má provocou. Meditaci logo e  
 vacilhas e sai cortado do cotê-  
 jo." Eu não pude ouvir mais: a  
 Thanaçilda, braca velha mic-  
 raçira, andava fazendo vida com  
 o tio Jão — nu'égua pestada  
 das cadeiras!... Não ouvi mais,  
 e sbrindo a bocca, solti o meu  
 grito de desasore e vingança —  
 "Whó!... — Os taimbés, como  
 vacas desgarradas, responderam  
 meu berro, e eu larguei-me pelo  
 mato a dentro, morro a baixo,  
 numa dispedida louca. Dias de-  
 pois apezi na cailha maceda.  
 Mincha o roando no grito. Era  
 escuro. Garrei o garraio e fui  
 pousar no catre do rancho. To-  
 qui tudo numa remexida. Se  
 convenido, fui pra cozinha. A  
 Thanaçilda tava macerando pi-  
 lido perto da grade. Dali caí  
 aqui entress com historinha de  
 foidess e o foidess tava o co-

piabo, que eu fui temperando calado. Mas, p'ra mim, desgraça, o maldito tinha piche! Eu não podia mais aturar; a bicha tomou o freio nos queixos e não havia modos de bandear-la. A vida, p'ra mim, era uma cangalha mal enjambada, era que nera carga que pende do lado de luar, o peso de lá da ovelha ~~na~~ a minha coragen, de confiado; do lado de montar—o peso de sal da minha amargura. Carga de sal! Era só velhaquear p'ro arcio, . . . e ficava deslavrado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei com o copinho nas guampas da Thanagilda e fui embora, por estes mandos de Deus, com a viuchestra no lombo . . . Na altura do Passo Torto, empiquei, pertinho do matto carrasquento. Ovi tropel de animal. Era a Providencia que mandava: o tio Jago vinha

meio escorvado, num galope feito, p'ro meu lado. Ahí, então, sei que eneguei o gatilho e o bruto despençou do animal, berrando a gemitar sangue: "Só mesmo do trôço!" Quando dei tento de mim, a Thanagilda tava do lado, olhando meio tararaca p'ro macho d'ella. Não aguentei: Segarei a bisco, valha pelas crinas e enveredei p'ro também. Ergui-a sobre o rio que escumava em baixo. Ella gertou se á minha mão com zanhos e dentes, mas eu sacudi o braço, e só ouvi, p'ro fundo, o barulho duma coisa que s'esmigalha nas pedras e cai n'agua aos pedaços. Senti um alívio grande. Havia ficado livre da carga de sal que tanto me pesava: a honra dum tropeiro tava areada com o sangue dos dois fedutos. E, depois, seu doutor, a gente de tanto alçar com a desgraça, abom-

ba, fazendo o diabo, acabando' de estripolia em estripolia, com essa tedembizada toda, no varão da cadeia. Essa é a minha históriainha—tanto roivorno por uma bulha no arcio! Vancê feço o que quizer d'ella nos jargos: eu não cuido no tempo que hei de parar aqui—e a saudade do meu campo e da minha vida, não de dar comigo na cova. Mas, diz que, seu doutor, um tropeiro fêto é sempre um homem . . ."

TIO CARVALHO

# Bulha d'arroio

(ENSAIO REGIONAL)

—Pois é isso, preguei com uma carga de chumbo na paleta do tio Jago. Ell'era typo inzoimtro, a m'ê proçoer toda vida, com voz de chibarro, orneando curtigas espéras n'um querumêro desgraçado: A última vez que demos adeus de mão pagada, foi na venda do Jangata, na Chapada-Feia. Bebemos na mesma guampa a mesma polvora. Ajouquei-me a um canto e gachei-me a olhar o tio velho. O damnado tava ficando gôro, e garrando a viôla, dançando, aos corevoos, com zunhadas pelas bordôes, pagou a bellicar na minha vida, uma vida triste. . . Eu, então-se, com um pulo de jagatirica cahiu na mangueira e gritei o garralo, a tirar um cotêjo. Elle pinchou-se, a espada reberberando na mão. Felizmas um mundo de tempo. Cortei-o, p'ra ultimar nos costilhares, e brincando, lipei a sangria de ferro na hollandia que era o seu pieimha dole. Jago, bravo, com os olhos relampeando, que nem pôca ende o sol se lava, sincoou-me um galpo que desviei, indo o tio velho cair p'r'o lado, esfolecando, que nem gado na derrubada da marcação. . . Montei no meu tostado, e disse p'r'ello, que roucava como toaro de seixina perdida p'os rodeios:—Cné puna bisca velha! cotêjo contigo sô a lagarto, p'ra xarquar o lombo a laçaço, como quem tira baldia da aricunga ou reima de boizialho guacho!—E cheguei os ferros no animal! Isso era de tarde. Já o cêo, como réz golpeada no sangrador, já ficando d'um vermelho de ranguêira, igualzinho a tinda encarnada do tiquame de igreja. Rein pinheirama uma ou outra carcaca ajeitava-se para o pouso e algum caroncho, fazendo ainda teme ro novo, p'ava um pio agourent). . . Eu ia galopando, já petico pela estrada do Rabungo, levay uma rieofvencia no Chico Bragado. Não que fugisse,

que eu cá nunca arreceici loi no palanque; nem Jago por esse chão de Deus. Mas, como eu falava,—ia galopando, cortando com o meu matango essas coxilhas e canhadas. Ao descer um tôpe, perto do Lageado Velho, onde corre o Arroio Pequeno, senti bulha na agua. Sofreici o tostado. Tintreici logo dois pingas—eu ia no rasto. Mas, seu doutor, aqui é que está toda a minha desgraça! Quem haverá de dizer! Em oito cascos de pelungos gafeirentos! Na bulha do arroiozinho! Já vac ver: Costeando a talpa, dois homens compunham o zarroio. Metti-me n'um capão, e bem defronte aos andantes, parei a carolar o meu cisarro, com a chuspa dos dedos. Dahi, como os ouvidas não se fecham, e eu tava curioso, fui notando a conversa dos homens. Pois, um, aeredito e eu lio juro por São Joaquina, era justamente, interinho, em carne e boneca, o tio Jago! Fiquêi quebra! Elles pinchavam alto:—«Mas vauçê tá cortado? Parece que vac se boleando, a maneira de astro!»—«Pois, foi o Pedro Lonanco. Pinchei-lhe com um chapêo de vado pelo quengo, e o espeleteado, atopotando-se de ciume, m'ê provéou. Medimos logo as vasilhas e sai cortado do cotêjo.» Eu não pude ouvir mais: a Thamagilda, breca velha marracira, andava fazendo vida com o tio Jago—um'êgoa peiteada das cadeiras! . . . Não ouvi mais, e abrin-da a bocca soltei o meu grito de desespero e vingança—E'hôô! . . . —Os também, como vacas desgarradas, responderam meu berro, e eu larguei-me pelo matto a dentro, morro abaixo, numa disparada louca. Dias depois apecei na minha ranhada. Pinchei o socado no girão. Era escuro. Garrei o guarita e fui ponhar no caque do rancho. Topei tudo numa remexida. Sai convencido, fui p'ra cozinha. A Thamagilda ta-

va macetando pinhão perto da grade. Pedi café (aqui engrossa esta historinha dos diabos), e a tiberia trouxe o copinho, que eu fui temperando calado. Mas, p'ra maior desgraça, o malito tinha piebê! Eu não podia mais aturar: a bicha tomou o freio nos queixos e não havia modos de bandeal-a. A vida, p'ra mim, era uma cangalha mal enjambada, era que nem carga que pende: do lado de lançar o peso de lá d'ovella—a minha coragem de confiado: do lado de montar—o peso de sal da minha amargura. Carga de sal! Era só velhaquear p'r'o arroio. . . e ficava desli-vrado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei com o copinho nas guampas da Thamagilda e fui s'embora, por esses mundos do Deus, com a vinchestra no lombo. . . Na altura do Largo do Torto, empaguei, pertinho do matto carrasquento. Ouvi tropel de animal. Era a Providencia que mandava: o tio Jago, vinha meio encorvado, num galope feio, p'r'o meu lado. Ah, então-se, só sei que calquei o gatilho e o bruto despencou do animal, ber-rando a gumitar sangue: «Só mesmo de trêças!» Quando dei tento de mim, a Thamagilda tava do lado, olhando meio tararica p'r'o macho d'ella. Não aguentei! Segurei a bisca velha pelas crinas e enveredei p'r'o também. Ergui-a sobre o rio que escumava, em baixo. Ella garrou-se á minha mão com zunha e dentes, mas eu sacudi o braço, e só ouvi, p'r'o fundo, o barulha d'uma coisa que s'esmigalha nas pedras e cue n'agua aos pedaços. Senti um allivio grande. Havia ferido H-vre da carga de sal que tanto me pezava: a honra dum tropeiro tava areada com o sangue dos dois fedantos. E, depois, seu doutor, a gente de tanto aloitar com a desgraça, abomla, fazendo o diabo, acabando, de estripolia em estripolia, com essa te-

(A continuação segue na pag. 4)

deunzada toda, no varão da ca-  
deia. Esta é a minha história —  
tauta mixoma por uma baba do  
arroio! Yancê faça o que quiser  
della nós jurys: ca não cuido no  
tempão que hei de parar aqui — e  
a sandade do meu campo e da  
minha lida, hão de dar cotamigo  
na cova. Mas, diz que, seu dou-  
tor, um tropeiro fei o é sempre  
um honcu . . . »

*Tito CARVALHO*

## Bulha d'arroio...

(ENSAIO REGIONAL)

— «Pois é isso, preguei com um carga de chumbo no palêta do tio Jaço. Ell'era typo inzoineiro, a mê provocar toda vida, com voz de chibarro, orneando cantigas espóras num querumâno dêsgaçado. A última vez que demos adeus de mão pegada, foi na venda do Janguta, na capella da Chapada-Feia. Bebemos na mesma guampa a mesma polvora. Ajouquei-me a um canto e gachei-me a olhar o tio velho. O damnado 'tava ficando gordo, e garrando a viola, dansando, aos corcovos, com zunhadas pelos bordões, pegou a beliscar na minha vida triste. . . Eu, então-se, com um pulo de jaguatirica, cahi na mangueira e gritei o garrão, a tirar um cotêjo. Elle pinchou-se, a espada reberberando na mão. Peleiamos um mundo de tempo. Cortei-o, p'ra ultimar, nos costilhares, e brincando, limpei a sangueira do ferro na hollanda que era o seu picunha delle. Jaço, brabo, com os olhos relampeando que nem pôça onde o sol se lava, fincou-me um golpe que desvici, indo o tio velho cair p'r'o lado, escoiceando, que nem gado na derrubada da marcação. . . Montei no meu tostado, e disse p'r'elle, que roncava como touro de scisma perdida p'os rodeios: — Cuê puna bisca velna! cotêjo contigo só a lagarto, p'ra te xarquear o lombo a laçoço, como quem tira balda de aricunga ou reina de boizinho guacho! — E cheguei os ferros no animal! Isso era de tardê. Já o céu, como réz golpeada no sangrador, ia ficando dum vermelho de sangueira, igualzinho á tinta encarnada do tigre de igreja. Pela pinheirama uma ou outra carucêca ageitavarse para o pouso e algum carancho, farejando ainda terceiro novo, piava um pio agourento. . . Eu ia galopeando, ia petigo, pela estrada do Rabunge, levar uma riconvencia ao Chico Bragado. Não que fugisse, que eu cá nunca arrecciei boi no palanque, nem Jaços por esse chão de Deus. Mas, como eu falava — ia galopeando, cortando com o meu matungo essas coxilhas e canhadas. Ao descer um tôpe, perto do Lageado Velho, onde corre o Arroio Pequeno, senti bulha na agua. Sofrenei o tostado. Timbrei logo dois pungas — eu ia no rasto. Mas, seu doutor, aqui é que está toda a minha desgraçera! Quem havêra de dizer! Em oito cascos de pelunços gafeirentos! Na bulha do arroiozinho! Já vai ver: Costeando a taipa, dois homens

compunham o zarreio. Metti-me num capão, e, bem defronte aos andantes, parei a enrolar o meu cigarro, com a chuspa nos dedos. Dahi, como os ouvidos não se fecham e eu 'tava curioso, fui notando a conversa dos homens. Pois, um, acredite e eu-lhe juro por São Joaquim, era justamente, inteirinho, em carne e lonca, o tio Jaço! Fiquei quebra. Elles rinchavam alto: — «Mas vancê 'tá cortado? Parece que vai se boleando, á maneira de séstro!» — «Pois, foi o Pedro Lonanco. Pinchei-lhe com um chapéo de veado pelo quengo, e o espeloteado, atopetando-se de ciume, mêm provocou. Medimos logo as vasilhas e saí cortado do cotêjo.» Eu não pude ouvir mais: a Thanagilda, broaca velha marracira, andava fazendo vida com o tio Jaço — um'égua pesteadada das cadeiras! . . . Não ouvi mais, e abrindo a bocca soltei o meu grito de desespêro e vingança — E'hôô! . . . — Os taimbés, como vaccas desgarradas, responderam meu berro, e eu larguei-me pelo matto a dentro, morro a baixo, numa disparada louca. Dias depois apeei na minha ramada. Pinchei o soccado no giráo. Era escuro. Carrei o guariba e fui ponhar no catre do rancho. Topei tudo numa remexida. Saí convencido, fui p'ra cozinha. A Thanagilda 'tava macetando pinhão perto da grade. Pedi café (aqui engrossa esta historinha dos diabos), e a tibéria trouxe o copinho, que eu fui temperando calado. Mas, p'ra maior dêsgráça, o maldito tinha piché! Eu não podia mais aturar: a bicha tomou o freio nos queixos e não havia modos de bandeá-la. A vida, p'ra mim, era uma cangallia mal enjambrada, era que nem carga que pende: do lado de laçar o peso de lá da ovelha — a minha coragem de confiado; do lado de montar — o peso de sal da minha amargura. Carga de sal! Era só velhaquear p'r'o arroio. . . e ficava deslitrado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei com o copinho nas guampas da Thanagilda e fui s'embora, por esses mundos de Deus, com a vinchestra no lombo. . . Na altura do Passo Torto, empaquei, pertinho do matto carrasquento. Ouvi tropel de animal. Era a Providencia que mandava: o tio Jaço, vinha meio escorvado, num galope feio, p'r'o meu lado. Ahi, então-se, só sei que calquei o gatilho e o bruto despencou do animal, berrando a gumitar sangue: «Só mesmo de trêção!» Quando dei tento de mim, a Thanagilda 'tava do lado, olhando meio tararáca p'r'o macho della. Não aguentei: Segurei a bisca velha pelas crinas e enveredei p'r'o taimbé. Ergui-a sobre o rio que escumava, em baixo. Ella garrou-se á minha mão com zunhas e dentes, mas eu sacudi o braço, e só ouvi, p'r'o fundo, o barulho duma coisa que s'esmigalha nas pedras e cai n'agua aos pedaços. Senti um allivio grande. Havia ficado livre da carga de sal que tanto me pesava: a honra dum tropeiro 'tava areada com o sangue dos dois feduntos. E,

depois, seu doutor, a gente de tanto aloitar com a dêsgráça, abomba, fazendo o diabo, acabando, de estripolia em estripolia, com essa tedeumzada toda, no varão da cadeia. Esta é a minha historinha — tanta mixorna por uma bulha no arroio! Vancê faça o que quizer della nos jurys: eu não cuido no tempão que hei de parar aqui — e a saudade do meu campo e da minha lida, hão de dar commigo na cova. Mas, dizque, seu doutor, um tropeiro foi e é sempre um homem. . .»

(S. Joaquim da Costa da Serra).

Tito CARVALHO.



## PINHEIRO AGONIZANTE

A Oliveira e a sira

Sob o mltano rijo, sol a cair, as  
arvores circundavam a dança das  
sombreas.

Riam forfaches de vida.

O pinheiro agonizante, hastes des-  
carnadas, perseguia, guaiando, em  
acatladas de manchas, a luz clara  
pele relva sict.

E se acas o entrechoquo dos ga-  
lhos nã espalhava no ar um som  
cavo de pesos mltaqueantes, ou se  
sacudia o tronco mirrado em epile-  
psia de gestos, todo o capão fron-  
teiro passava, como ao arrepio me-  
droso que lhe soprasso um incubo.

Uivando-lhe no esqueleto disforme,  
o vento despertava a somnolencia  
das arvores em torno.

Subia, entio, do frondejar de cõpas  
em voluteio, o canto chã da desgra-  
ça, que parava de subito, silencio  
attento, para reconeçar, ascencionti,  
cõro formid vel de vozes, rugindo,  
cachaiceirado, rangindo, na angustia  
daquelle soffrimento proximo.

Os socavões vibravam, dentro da  
treva que os envolvia, aos vagalhões  
do sãna despejados do alto, assovia-  
do o seu contra-canto nas frinças  
das lapas negras.

À tarde caracis, luz de cirio,  
foriando-se de nuvens pardacentas  
e nujas.

E contra a sanguinea do poente,  
o seu perfil de anquilado, hirto, so-  
nhava refrigério de balsamos.

Depois, à doçura samaritana do  
orvalho, talvez recordasse, num ge-  
mer mltoso, tempos mortos.

Espichára no espaço raras vivas,  
acoitando ninhos, ensombrando rizes,  
no tranquillo pascer, rebentando om  
pinhas fartas, arvora de Natal fin-  
cada no ermo desabrigado e triste.

Mordeu-lhe o machado, um dia, a  
roupagem da base grossa.

As grimpas arruivaram, despegan-  
do-se, a fluctuar, como pennas soltas.  
Fugiu-lhe, aos poucos, a seiva forte,  
porejando da chaga, e, às lufadas  
brutas, a sua carne vegetal, pulve-  
rizada, oirajava no ar morno...

A morte, agora, contava-lhe, em  
gula d'antegozo, as pulsações da ago-  
nia.

Esquecido no escampo, braços es-  
ticados p'ras alturas, tinha ansias  
de andadas, ambigões de charcos, on-  
do se plantar em pouso de vida.

Deante do seu vulto maldito, como  
que se ajoelhava a restinga, presa  
da sua impotencia, apprehendendo-  
lhe os bracejos do duende fakirizado.

Mas, se o céu horrifava ou tecia  
garda em crivo, todo elle, refeito  
d'esperança, cusovava a secura das  
entranhas na agua lustral que lhe es-  
corria cancelaras abaixo, vizorizando  
as fibras entraquecidas.

Alongavam as raizes dedos tenta-  
culados, cravando-os mais fundo no  
ventre da terra inatil, esfaimadas de  
dominio sobre a atenia que lhes an-  
cilosava a cervatura grifenha.

Desesperado esforço a sentir-se!

Causticava o mais o sol, impellin-  
do-o, flagelador impassivel, para o  
fim doloroso e inevitavel.

Depois...

Na alegria quente da manhã, in-  
undada de luz vivificante, tucen-  
se, esfriando-se, reitando, como  
em despaça. O-tilen, aos atropes,  
quasi em silencio, batendo a terra,  
te chapa, surdamente, a galbaria do  
sepaço, o tronco morto esphaicido,  
apalhado se para a formação do  
das novas...



# FLORES DE SANGUE

A. J. Tolentino Junior

Desde paçosinho, a puxar a tropa, ca-  
tejando o bueie no socido de bastos rō-  
tos, João Maria teve immenso dó da ma-  
drinheira.

Ao badalhoear do sinoeiro, a pobre  
ia batendo caseo, serra abaixo, serra a  
riba, indifferente, rezignada, sem ansia  
de pouso, mascando o freio, ao abitar  
compasado das finas oreilhas felpudas.

Vezes á farta, estropiado um macho,  
refugado uma besta, lá ia a cangalha,  
mais o cesto do sal, p' o lombo da ógea,  
que se deixava carregar, quiéta, na pas-  
sividade fatal de quem já não possui  
vontade e não pôde fugir ao fardo da  
vida . . .

Pôs-lhe o nome de *Esirelleira*. Quan-  
do nova,—contaram-lhe,— andava a es-  
cacear, fuchuda, fujindo as bombas do  
apparelho, rasgando bróchas de quadra,  
boicando-se, ao empinar, sob a aguda  
picada da roseta.

Teve o seu tempo, a coitada! Entanto,  
porque certo dia, numa rodada, des-  
cendo o morro do Climacico, desse com o  
ginete nas pedras, reuciram-n'a á ponta,  
trabalhada por um jumento insaciavel.

Eram quasi irmãos de siba . . .

João Maria viêra do Urebiçy, mal pa-  
rido, que o paç, iudio-velho espelotendo,  
tinha tanto amor ás crias como qualquer  
gnápica perevento.

Crescendo nos coices, com a ladainha  
do lagarto, volta e meia, nos costilhares,  
parou-se abóbado das idéas, sem presti-  
mo, fugindo á lida, por medo ás pragas  
e laçaços.

E depois, o terrór que lhe infundia o  
capataz! A' menor rubicheza, prendia-  
lhe a cabeça entre os joelhos, descascava  
a xerenga e amacagava abotear-l'ha no  
sangrador. O paçosinho tremia todo, ve-  
lhaqueava, gritando: Nossa Senhora, que  
o acudisse, e, afinal, solto, nem mais  
tempo tinha de ir-aos-pés . . .

Foi vivendo, meio termo entre gente  
e animal, chucro, assustado, buscando,  
ao menor risco duma tala, escondendo-se,  
desapparecer dentro de si mesmo.

Para os camaradas, elle era, nos pou-  
sos e rodícios, o boco em que se despe-  
ja a raiva, se alivia o despeito, uma bai-  
nha que se amolla a todos os chanfa-  
lhos e piúvas das tróças amargas e gros-  
seiras.

Si protestava, lá vinham os empateões,  
Atiravam n'os dobrugos, a cabeça no es-  
terco. Ao levantar-se, com as lagrimas  
escorrendo pela cara suja, debulhavam-  
se gargalhadas,—que o diabo do sapo  
andava mijando a brabeza pelos olhos!

No pouso, ferrados todos no somno,  
pelo chão da labraza, sobre pellegos  
macios, o bichará a cobri-los, João Ma-  
ria, mansamente, em a calculada pre-  
caução de bandido, ir-se arrastando so-  
bre o duro ligã, até fôca da mangueira  
mal segura. Cambaia o campo, para onde  
se fazia reposte da manada. O sinoeiro  
tinha de dentro da caração, enclarecada  
do inacerto tria. Ele seguia, entre o  
vassoual de olerotas, o coraçáo nos pi-  
stos, temendo não lhe fosse vir, a cada  
passo, do dentro da noite, a dor duma re-  
lhaço contante.

Chamava a cangalha, baixinha, pun-  
soluço quasi. P'isso no seu p'ocogo, eta-  
tava um pristo calão e contante. Di-  
zia-lhe os discóbore, em que se l'he-  
mavam os dias, as p'altas em que to-  
lava, nem que fosse, na p'ura, de carne  
morta, entre gódiro, ou um leproso no-  
gudo.

Quiêto, como se esperasse a cangalha,  
as crellhas em pé, o animal pasmava  
p' aquelle borbulhar de queixas e lagri-  
mas. As grandes pestanas piscavam va-  
garosamente. Talvez falasse por ellas a  
resignação da sua infinita miséria, agora  
partilhada . . .

Entretanto, a voz com que tratavam  
João Maria tinha, por momentos, suaves  
entenações de carinho. Parecia a elle,  
que uma grande paz entrava a suavizar-  
l'he a angustia da vida. E era, então, um  
multiplicar de ternuras demoradas pela  
madrinheira.

Mas, roído, para logo, de meia duvi-  
da, dava-se, novamente, á tristeza. A  
doura das palavras não era senão a  
agressão anal disfarçada duma nova in-  
fâmia brutal . . .

E assim, sem agrados, a pontapés e  
tabétes, foi vencendo o tempo.

Desenvolheu-se, ganhou ar de gente,  
as remendos e trapos escondidos sob  
um mico estripado, as botas rindo pe-  
las biquieiras, dando azo, sempre, ás in-  
directas ferinas e picantes dos entiquen-  
tos.

Na cara, o mesmo ar de tristeza re-  
sabiada . . .

Justaram-no, duma feita, p'ra exa-  
peir a mamóta escolhida numa embos-  
caça. Perdido o casto, na querença,  
João Maria foi ao pédo do campo, nu lá  
de Celeste, a pedir informes.

O outro teve uma resposta torpe. L.  
deante das lagrimas desesperadas do pa-  
bre, atirou-l'he, de alto, um escarro na  
esverdeada face angulosa.

João Maria sentiu alguma coisa re-  
bentar-l'ho no peito, bem dentro, de onde  
lhe vinha aquella agonia, e o sangue su-  
biu-l'he á cabeça. Avançou firme, esque-  
cido da sua desgraça, inconscienti, co-  
mo dentro d'um sonho, um rictus de lou-  
cura na esmagada boca oscumante, e  
apertou, com uma força que não era  
sua, a garganta que lhe piuchava a af-  
fronta infamante.

Voltando a si já se não conheceu mais.  
Estinguiu-se nele o peão molle, p' t'ino  
corrido pela propria covardia.

Contudo, aos berros indignados do pa-  
trão, o receio atuda o sacudia, em este-  
meções rapidas, quasi confundidos com  
os repentos de raiva.

Aligeirou-se na lida, atirando certeiro  
o peão, derrubando facilmente o pingo,  
mas sem dar ás pernas, como os outros,  
no fadado do porcurinus . . .

Não o deixava, porém, a tristeza do-  
tia que lhe vinha de dentro, como um  
doído suor envenenado. Pensava na  
Mãe, que reberberava tons de felicidade  
na pressa dos empateões. A delle,  
era uma sombra em que não distinguia  
trapos, nem que devia andar a beija-lo,  
em choro, pela noite velha, com o uivar  
dos cães . . .

Quantas vezes a desgraça de não ter  
tido um affago, não lhe dérámpetos de  
estranginar aquella vida escoteira!

— Seja home!, peste do diabo! — zu-  
niam-l'ho ao ouvido as palavras de coie-  
ra do patrão. Falhava-l'ho entendimento,  
mas a vergonha da fuga sofrenava-o á  
beira. As tainbés para atira-lo, de rojo,  
na desgraça da vida . . .

Longo tempo, sobre os despenhadei-  
ros, buscava raciocinar a sua razão de  
ser. Porquê ir de sol a sol, suffocado  
de dor, sem um golpe de gezo, um cla-  
rão fugitivo de ventura, que o vinculas-  
se á Natureza, ao proprio soffrimento?

Aquella vida! Havia lá tiguêta que  
lá a retratasse!

riopolis, Domingo 3 de Dezembro

nheira esperava ainda o gineco, tozando vassouras; João Maria, de flanco, na rigidez da morte, tinha na cara os traços do mesmo ar de tristeza e de espanto resabiado com que atravessara a vida.

O sangue espalhára-se na granma,

Coria vez de bôco sobre os pellegos, João Maria teve uma estranha sensação de volúpia. Toda a sua carne moça arrepiou-se numa irreprimível fôrme sensual. Escaldou-se-lhe a pelle, os olhos vermelhejavam, abraçavam, e a lingua castanhoulou-seca na boca pastosa. O calor da langem produzia-lhe vibrações demoradas, agulhadas de traço-fingia pelo couro, um amollecimento irreprimível. Vencião no quebreiras.

gelando em manchas isoladas. E a luz que lhes sacudia rebrilhava pequeninos cristaes, no meio da vastidão branca, dir-se-iam flores rubras, arrancadas brutalmente pela Noite das tranhas enfraquecidas da Terra. Tito Carvalho.

Nes largos escampos, sob a arcaria verde dos capões, pelo beigo dos arroios o peão quodava curioso, um grande vinco de preocupação na face murcha, defronte ás scenas animaes da cobertura. Tentava comprehendê-las. . .

E como surgisse, no redôr, instante a instante, o repetido quadro da ceiva, e o seu sangue despertado ardesse á exigencia duma natural satisfação organica, penetrou o, insensivelmente, o bafejo da vida que se reproduzia em torno, na alegria quente da luz e na frescura derramada das sombras. . . E scismava. . .

Ensimismado, debatia-se nas garras da força interior que lhe tomava o ser infezado, e que o impellia a um desejo ingrato e torvo.

Naquella tarde, quasi abombada a mandrinheira, o peão batia as canhadas e chapadões, no rasto da animalada em pastoreio.

No alto do morro parou, que a grandeza da paisagem lhe arraicava a alma pelos olhos.

Costão abaixo despejava-se a taipa — uma aguada de folhas seccas, a escorrer p'ro arroio, que gemia no fundo do grotão, estafando-se em escuma na ossatura negra das pedras.

As sombras iam-se desdobrando pelas canhadas, escurecendo o verde, engulindo, vagarosas, as espalhadas manchas de luz desmaiada e morna.

Os pinheirões afusavam para o alto, com um tom de oiro velho, agonizando pela chaga aberta no tronco enrugado e triste. Vez a vez, uma lufada fria jzumiava-lhes nas agnibas, e corria o ar em ondas, alargando se e retraindo-se, o gemido daquella desgraça lentamente mortal. . .

Rolando em declives, grimpendo corcovas, abrindo-se em raiões vermelhos, sempre o campo limpo. De onde a onde, cascas, um flete de fumo a subir, em voejos de codorna, emprestando tons de vida áquelle deserto verde.

Aqui lá, além, grandes pedras esbranquiçadas, como barracas de pouso, ou muito no leage, como picuinhas abandonando adeus. . .

Recolhiam a caruefêcas. E a treva a descer pouco a pouco, peneirando frio cortante e humido. . .

João Maria teve uma resolução subitane firme.

Apeiado, vacrou o animal á rampa. E gridou-se-lhe ás ancas, bestialmente.

Depois, a egza teve um arranque de rovoita. Encolleu-se com um relincho fino, e o sacudiu de si, fendendo-lhe o crampo com os cascos trazeiros. Noite a dentro mais se acrisára o frio. . .

Ao vir do sol espiaando, por detrás dos morros, o acordar dos campos e dos matos, a paisagem tinha a cor leite, uniforme, da geada. Contra o lançante, em que a maltri-



## Flôres de Sangue

**D**ESDE peãozinho, a puxar a tropa, calejando o bugre socado de bastos rôtos, João Maria teve immenso dô da madrinheira.

Ao badalhocar do sincerro, a pobre ia batendo casco, serra abaixo, serra a riba, indifferente, rezignada, sem ansia de pouso, mascando o freio, ao abanar compassado das finas orelhas felpudas.

Vezez á farta, estropiado um macho, refugada uma besta, lá ia a cangalha, mais o cesto do sal, p'r'o lombo da égoa, e se deixava carregar, quiêta, na passividade fatal de quem já não possúe vontade e não pôde fugir ao fardo da vida...

Pôs-lhe o nome de *Estrelleira*: Quando nova, — contaram-lhe, — andava a escacear, fachuada, tinindo as bombas do aparelho, rasgando brôchas de quadra, boleando-se, ao empinar, sob a aguda picada da roseta.

Teve o seu tempo, a coitada! Entretanto, porque certo dia, nunia rodada, descendo o morro do Climacício, dêsse com o giêete nas pedras, reuniram-n'á a ponta, trabalhada por um jumento insaciavel.

Eram quasi irmãos de sina...

João Maria viêra de Irubicy, mal parido, que o pae, indio-velho espletado, tinha tanto amor ás crias como qualquer guapéca pesteadado.

Crescendo aos coices, com a ladainha do lagarto, volta-e-meia, nos costilhares, parou-se abôbdado das idéas, sem prestimo, fugindo á lida, por médo ás pragas e laçoços.

E depois, o terrôr que lhe infundia o capataz! A' menor rabicheza, prendia-lhe a cabeça entre os joelhos, descascava a xerenga e ameaçava abotoar-lh'a no sangrador. O peãozinho tremia todo, velhaqueava, gritando Nossa Senhora, que o acudisse, e, afinal, solto, nem mais tempo tinha de ir-aos-pés...

Foi vivendo, meio-termo entre gente e animal, chucro, assustado, buscando, ao menor risco duma tála, esconder-se, desapparecer dentro de si mesmo.

Para os camaradas, elle era, nos pousos e rodeios, o bocô em que se despeja a raiva, se alivia o despeito, uma bainha que se amolda a todos os chanfalhos e piavas das trôças amargas e grossciras.

Si protestava, lá vinham os em-

purrões. Atiravam-n'o debruços, a cabeça no esterco. Ao levanta-se, com as lagrimas escorrendo pela cara suja, debullhavam-se gargalhadas, — que o diabo do sapo andavã mijendo a brabeza pelos oihos!

No pouso, ferrados todos no fômo, pelo chão da barraca, sobre pellegos miacios, o bichará a cobrilos, João Maria, mansamente, com a calculada precaução do bandido, ia-se arrastando sobre o duro ligá, até fóra da mangueira mal segura. Ganhava o campo, para onde se fizêra reponte da manada. O sincerro tinha de dentro da cerração, encharcada do luaceiro frio. El' seguia, entre o vassoral, de côcoras, o coração aos pinôtes, temendo não lhe fôsse vir, a cada passo, de dentro da noite a dô e o macho cortante.

Chamava a madrinheira, baixinho, num soluço quasi. Preso ao seu pescoço, chorava um pranto calmo e confiante. Dizia-lhes os dissabores em que se lh'esfumavam os dias, as judiarias em que rotava, nem que fôsse um pedaço de carne morta, entre gadeiros, ou um leproso no jento.

Quiêto, como se esperasse a cangalha, as orelhas em pé, o animal pasmava p'r'aquelle borbullhar, de queixas e lagrimas. As grandes pestanas piscavam vagarosamente. Talvez falasse por ellas a rezignação da sua infinita miséria, agora partilhada...

Entretanto, a voz com que tratavam João Maria tinha, por momentos, suaves entonações de carinho. Parecia a elle, que uma grande paz entrava a suavizar-lhe a angustia da vida. E era, então, um multiplicar de ternuras demoradas pela madrinheira.

Mas, roído, para logo, de meia vida, dava-se, novamente, á tristeza. A doçura das palavras não era senão a aggressão mal disfarçada duma nova ironia brutal...

E assim, sem agrados, a pontapés e tabêfes, foi vencendo o tempo.

Desenvolveu-se, ganhou ar de gente, os remendos e tranos escondidos sob um méco estiapado, as botas rindo pelas biqueiras, dando ago, sempre, ás indirectas ferinas e picantes dos entiquentos.

Na cara, o mesmo ar de tristeza resabiada...

Justaram-no, duma feita, p'ra cam-

pear a mamóta escolhida numa emboscada. Perdido o rasto, na querença, João Maria foi ao peão do campo, um tal de Celeste, a pedir informes.

O outro teve uma repostada torpe. E, deante das lagrimas desesperadas do pobre, atirou-lhe, de alto, um es-carro na esverdeada face angulosa.

João Maria sentiu alguma coisa rebentar-lhe no peito, bem dentro, de onde lhe vinha aquella agonia, e o sangue subiu-lhe á cabeça. Avançou firme, esquecido da sua desgraça, inconsciente, como dentro dum sonho, um rictus de loucura na esgaçada boca escumante, e apertou, com uma força que não era sua, a garganta que lhe pinchára a affronta infamante.

Voltando a si já se não conhecem mais. Estagnava-se nelle o peão molle, o tiatino corrido pela própria covardia.

Comtudo, aos berros indignados do patrão, o receio ainda o sacudia, em estremeções rapidos, quasi confundidos com os repentés de raiva.

Aligerára-se na lida, atirando certo o peão, derrubando facilmente o pingo, mas sem dar ás pernas, como os outros, no fadario dos puchuruns...

Não o deixava, porém, a tristeza doentia que lhe vinha de dentro, como um coído suor envenenado. Pensava na Mãe, que reberberava tons de felicidade na prosa dos companheiros. A delle, era uma sombra em que não distinguia traços, mas que devia andar a beijá-lo, em choro, pela noite velha, com o uivar dos cães...

Quantas vezes a desgraça de não ter tido um affago, não lhe dêra impetos de estrangular aquella vida escoteira!

— Seja home', peste do diabo! — zuniam-lhe ao ouvido as palavras de cólera do patrão. Falhava-lhe entendimento, mas a vergonha da fuga sofrenava-o á beira dos também, para atirá-lo, de rojo, na desgraça da vida...

Longo tempo, sobre os despenhadeiros, buscava raciocinar a sua razão de ser. Porque ir de sol a sol, suado de dôr, sem um golpe de gozo, um clarão fugitivo de ventura, que o vinculasse á Natureza, ao proprio soffrimento?

Aquella vida! Havia lá tiguêta que lh'a retratasse?



Certa vez, de bôrco sobre os pelugos, João Maria teve uma estranha sensação de volúpia. Toda a sua carne moça arripiou-se numa irreprimível fome sensual. Escaldou-se-lhe a pelle, os olhos vermelhejaram, estremezados, e a lingua castanholou sôcca na bôca pasmia. O calôr da linguagem produzia-lhe vibrações demoradas, agulhadas de tracotinga pelo couro, um amollecimento irreprehensível. Venciã-n'oquebreiras.

Nos largos escampos, sob a arcaria verde dos capões, pelo beico dos arroios, o peão quedava curioso, um grande vinco de preocupação na face murcha, defronte às scenas animaes da cobertura. Tentava comprehendê-las...

E como surgisse, ao redôr, instante a instante, o repetido quadro da ceva, e o seu sangue despertado ardesse á exigência duma natural satisfação organica, penetrou-o, insensivelmente, o bafejo da vida que se reproduzia em torno, na alegria quente da luz e na frescura derramada das sombras... E scismava...

Ensimesmado, debatia-se nas garras da força interior que lhe tomava o sêr fneizado, e que o impellia a um desejo ingrato e tôrvo.

Naquelle tarde, quasi abombada a madrinheira, o peão batia as canha-

das e chapadões, no rasto da animalada e n pastoreio.

No alto do morro parou, que a grandeza da paisagem lhe arrancava a alma pelos olhos.

Cosiãõ abaixo despejava-se a taipa — uma aguada de folhas secas, a escorrer p'r'o arroio, que gemia no fundo do grotão, estufando-se em escuma na ossatura negra das pedras.

As sombras iam-se desdobrando pelas canhadas, escurecendo o verde, engulindo, vagaiosas, às espalhadas manchas de azul desmaiada e morna.

Os pinheirões afusavam para o alto, com um tom de oiro velho, agonizando pela chaga aberta no tronco enrugado e triste. Vez a vez, uma lufada fria zunia-lhes nas agulhas, e corria o ar em ondas, alargando-se e retraíndo-se, o gemido daquella desgraça lentamente mortal...

Rolando em declives, grimpendo, corcovas, abrindo-se em rasgões vermelhos, sempre o campo limpo. De onde a onde, casaes, um filete de fumo a subir, em voo de codorna, emprestando tons de vida áquelle deserto verde.

Aqui, lá, além, grandes pedras esbranquiçadas, como barracas de pouso, ou muito ao longe, como picunhas abanando adeuses...

Recolhiã as carucacas.

E a treva a descer, pouco a pouco, peneirando frio cortante e humido...

João Maria teve uma resolução súbita e firme.

Apeiado, vastrou o animal á rampa. E-grudou-se-lhe às ancas, bestialmente.

Depois, a égoa teve um arranque de revolta. Encolheu-se, com um relincho fino, e o sacudiu de si, fendendo-lhe o craneo com os cascos trazeiros. Noite a dentro mais se adensára o frio...

Ao vir do sol, espifando, por detrás dos morros, o acordar dos campos e dos matoes, a paisagem tinha a côr uniforme e alva da geada.

Contra o lançamento, em que a madrinheira esperava ainda oginete, tostando vassouras, João Maria de flanco, na rigidez da morte, tinha na cara os traços do mesmo ar de tristeza e de espanto resabiado com que atravessára a vida.

O sangue espalhára-se na grama, gelando em manchas isoladas.

E á luz que lhes sacudia rebrilhos dos pequeninos cristaes, no meio da vastidão branca, dir-se-iam flores rubras, arrancadas brutalmente, pela Noite, das entranhas enfraquecidas da Terra...

Tito Carvalho.

## Carrijo

### A BARREIROS FILHO

... O Inspector pôz vagarosamente a palha atrás da orelha e puxando a xerenga entrou a picar o fumo em corda, olhando com sympathia o queixoso:

— Tinha de haver?

— Tinha de haver, seu Nastacio.

Eu fiz que nem veado: torce cá, camba ali, faz rodas, senta p'ra trás, volta p'ra deante e não deixa de cahir no pôço, acado. O carrijo veio, me trepou no cangueiro...

— Não tá me pregando goalháva? Tu se cuida!...

— Nunca queimei campo com chuva. Nunca lambi espôra p'ra ter os meus dez pilas na guaiáca. Fui camarada do Tycho, moço de escucia. Tropeeí gado, viajei com a trôpa e nunca faltou um lig' nem um sovêo.

— E a badérna foi no puchurum?

— No puchurum. O Manduca velho tinha... Tito a riconvencia, di-

zendo que a Bilóca ia. Havia piché, coalhada e queimadilha.

Eu mê botei, na terça, de caracú-de-ponta.

Laboriamos quatro dias. Namoro, fandango, tudo. No ultimo dia, então-se, eu gritei a Bilóca na ramada.

'Tava anoitecendo.

A pinguancha foi, nós 'tavamos sósinhos. e ali...

— ...houve barbura... — disse o Inspector, piscando o olho velhaco.

E o outro, meio brabo:

— Não-se. Até a hora d'embirar hei de ser sério.

Mas, dahi pedi que a tibéria dis-sesse os seus gostos:

«Tenho quatro égoas velhas, seis vacas de cria, já dão queijo, um milhão de canpo, vancê quer ser minha? vancê quer se amaridar conmigo?» Ella, então-se, se dependurou em mim e mê deu uma bi-

côta. Depois, ali mesmo na ramada, com duas vacas-petiças deitadas, resmoendo, rezamos por nós, como se 'tívessesemos num presepe...

— E o baile?

— Tá perto. Ouvimos repenica, a viola e chorar a rabéca. Fomos p'ra sala, onde o Naja mascate cantava uma décima e o Zé Capuáva, feiticeiro, gemia na môcha. Enquanto a Bilóca beijava a bandeira no oratorio, eu vi o Capuáva fazer umas benzeduras nas costas deila e olhar, rindo, o Naja.

— Era mandraca.

— Isso. Eu 'tava tirando um funerá.

O Capuáva convidou a Bilóca, dançou, meio escaceador, um a marca e falou na rosca do ouvido d'ella. Ella riu e conversaram muito, ella sem mê olhar, esquecida de mim. Veiu a queimada, e o feiticeiro infestava as marcas: a mandraca tinha pegado, 'tava feita a minha dôsgraça. Eu era que nem retalhado! Quis derrubar a trissura do graxaim Capuáva, que mê cortou a arreata.

— E houve o carrijo...

— Ainda não-se. A broáca já tinha garrado cambicho, reminando-se, meio truncucina.

Convidei p'ra ratoeira, cheio de brabeza, louco da cabeça. Ella entrou na rôda: a gaita mais a rabéca pararam.

A Bilóca, pitando, mê olhou enviazado e rindo p'r'o Capuáva, orneou esta quadra com os rapazes do lado, já mê fazendo pouco:

«São d'aquí louco da vista,  
Ai! cégo do entendimento,  
Em outra escala mais alta,  
Navega o meu pensamento!»

A velheira, a potrancada e os garraios caíram na gargalhada. Peguei a fremer, enxerguei tudo vermelho.

A orchestra tocou, e quando chegou a minha vez, pinchei-me na rôda, coiceando, e com a culha em fogo, abri o tarro:

«Senhora dona Bilóca  
Marca passo no salão,  
Parece uma porca velha,  
Com vinte e cinco leitão!»

Dei dois tiros. Tudo levou extravio. Depois voltaram, como lechiguana, num zunido. Era viate e cinco contra um. Houve o carrijo: despaletetei dois; mê desarmaram. Com a espiga dama marca preguei um a sumanta em outros três. Depois, ouvi uns disparos, e caí maneado. No outro dia, dei acôrdo de mim num catre do tio Manduca...

— Numa coalheira?

— Tenho a prova aqui. Uma bala mê varou a cariôcha, dois golpes de chanfalho pegaram o chicojuêto e um a picanha. Quero justiça, senão a coisa dá. Elles não mexeram com tiatino, mas com homem que não se mete a digibilar mixôrnia. A bisca ensaiêra tá lá, de catre e gamella com o feiticeiro. Antes assim, do que a gente ser gaiêro!

Veio o café. O Inspector, gar-rando o rôpinho e chegando á porteira, gritou o Venancio tropeiro p'ra fazer o auto. Pitaram.

E como a manada viesse p'r'o páeo, seu Nastacio ordenou ao peio, tiosinho macanudo, que a repetasse p'r'aguada, contra o feixo, on-le havia o verde crescido.

O queixoso não se astrevera a falar mais, cançado.

Então o Inspector, a quem aquella desgraça e aquella valentia de confiado metiam dô e sympathia, enrolando o cigarro e sofferecendo o macaio ao outro, falou:

— Pôde descancar, rapaz. Aquillo é gente aporreada e não e' âda que tem o Capuáva aggregado. Já tem escorado o estomago com o meu soquête e roíbado os meus pelêgos. São tudo caras retamadas que nem baixêro. Mas elles pagam! Tênia eu este braço secco se não se pararem alcatrusados a arreador. P'ra rucinar aquella cavallhada, eu! Quero deixar a ossada delles em manojo!

E despedindo o queixoso, contente com a sua justiça, pitando a sua alegria:

— Vão pregando e spiga de marca e ameixa no grão do zolhos, qu'eu aguento a volta e respondo pela brincadeira. Aquillo é traco-tinga — só a lagarto e fogo, p'ra se ultimar!

Garraieira velha!

Natal 1919. Tito Caravallo.

TERRA

# ANDEJA

—«Mê dá um tutão?»

Alcatrusada, presa ao bordão, Gabriella Gonçalves Padilha, como um gaudério, anda ali, nas ruas, pelas portas, a mão estendida aos andantes. É meio cega e tarraica. Não tem parentes, criou-se guacha — campo sem tampa, liberdade de ares.

Recolheu-a um dia a velha Sebastiana Tica, a do leite com grãos. A' negra velha trancheira lazui-lhe na cupula, num relampago, a idéia de tornal-a uma fonte de renda com que se prover de canguara permanente. E como a pobre ganhasse a qualquer que desse o «ô de ca. . . a. . . sa» o «mê dá um tutão». Bastiana pregou-lhe dois pontapés na volta do apá e pincho-lha na rua, a caçar nickels.

E judiava deita sempre. Precisa-va fuchina: Gabriella era o cargueiro. Vinha agachado ao peso dum feixé de vassouras ou de arceira, que nem mula mescadeira. Se empacava, abombada, a mãe-velha, louca de brabeza, punha-a troncha, á força d'esticar-lhe as orelhas.

Lá veiu um dia a «espanhola». Espanhola, não, aphtosa, que muita gente grande teve o garrão inclado. Espanhola p'ros arranjos, aphtosa p'ra pobreza, que não reia nem o soquete dum touro gibú.

Pois, a aphtosa deu com Bastiana no catre. E Gabriella accrescentou á cantiga do «tutão», e «para a mãe-velha». Chorava, a coitada, talvez sob o palpite animal de ficar só, sem aquella escôra que pitando o seu maciço a derrancava a lagarto e a explorar vorazmente.

Bastiana fez termo até umas horas e bateu a fivella. Teve vinte e cinco filhos, a coelha velha, e quis, com orgulho de reproductora taína, mostra-los, certa vez, ao governador Vidal quando aqui andou.

Gabriella ficou só. Pôs luto, tornou-se mais andeja. Pranteava em cada canto a morte da furia-protectora. As vestes em retámo estarraparam-se-lhe de tanto rustir pelos portaes.

Tosaram-lhe as clinas, já meio

tardilhas, onde a mequirina parava rodado, e o seu aspecto tornou-se horrivelmente burlesco.

Ao desamparo, ás intemperies, desfigurada, avelhentada pela miséria, não logrou d'ó, ao envés, provocar a risôta dos pões e o gracejo chulo, bacorinhado o cuspidio do vértice das ruas.

A sargeta, com o ser *álma encantadora*, desceu á bestialidade e violentou-a, esbrugando entre os cascos o seu unico e inestimavel bem.

Faltou-lhe, á misera, uma affeição, um laço, que, embora não a desestiuasse, tambem lhe não usasse os guapécas. O que tinha deu um derradeiro panásio e rebentou, ultimado o deitai da preta velha.

—«Quem dá o pão, dá o ensino». — Gabriella assumptou que as bordoadas pelo fio do lombo eram a resultante do magro sequête e do copinho de café. Era comer e dar louvado.

E agora, sob as pedradas e a caca dos piás, que lhe não pingavam o «tutão», nem lhe davam o decomezinho, tornou-se confiada, chinôta, a paciência e bandeou-se para a immoralidade.

Quis escorraçar, a infeliz, o terno de gente que a perseguia implacavel. Transformou o seu camboim em arma de defesa, virou bicho alegado.

Mas, dobraram as pedradas, os puxões, e ás obscenidades enzarçadas da desgraçada, a piazzada, em negações, atossicada pelos lagas, dava risadas de quem vê terno escaramuçado co'a marca quente! Era um festão!

Para Gabriella, com a vista envasada, enxergando sómente uma polvadeira, aquelle supplicio de tanzaz, que lhe vinha de todos os lados, sem que descambando o cadete attingisse um irapua da tropa, era puramente occasionado pela falta de Bastiana velha. Quando saía com os costillares quentes dos lagagos, era como se no seu corpo petição perdurasse, com a dôr, um pouco da autoridade e respeito da mãe-velha.

Mas, lá estava Tica a comer capim pela raiz, e a sua autoridade inutilizada. . .

Gabriella, nos trambolhões, com os cascos roídos pelo calor-do-figo, um tópe de fita ao alto, no cabelo curto, uma cola atada, virou a ter risos e medos repentinos. Se batia com o longo cajado a vma porta, golfava-lhe logo, de dentro, um berro: p'ra longe bucho! bronca velha! curinga! E eila desunhava, ranhenta e iacrimosa, com médo a gamellas d'agua ou a cuspadas escorraçantes.

Não teve, um rosario de dias, com que escorar o estomago. D'ahi o trémolo do seu «mê dá um tutão». . . Se algum campeiro compassivo pinchava lhe na mão o desejado nickel, toda eila reberberava na suav: alegria de «ser dona», de poder, com voz de patrão, dizer ao bodegueiro mais chegado: «Quero um pires d'arroz doce», «quero gila», ou «mê dá uma rapadura». . .

Ái della, porém, se saía á rua resmoendo a rapadura! Porque a molecada baldosa, como graxains em bando, esfomeados, sem acôo, derrubava-a, catando-lhe as quiréras do assucar!

Por mais que a triste nivasse a sua pedicheza, não arrumou o suficiente para um nêco. Corriam-n'a. E então, Gabriella teve um arranque de coragem e resignação. Submetteu-se á galhofa, e ao escarneo dos entiquentos respondeu com lagrimas e soluços.

Um negro velho mundeado, no vela em choro, teve, um dia, esta phrase ironica, que era como um cravejar mais da: faça no sangrador: —«Bracatinga chorou, tempo mudou!»

Gabriella sentiu, no fundo da sua quasi inconsciencia, o desamparo em que rolava. E, reminiscente, pensou: — Era vaccariana ou guasca, e, menina, tocavam-n'a p'r'o campo, ás geadas, a recolher vaccas. Fugára. Curtira fomes, ao léo. Sob a judiaria da Bastiana, tinha aquella ligação que a maltratava por odio ou por interesse. Era, ainda assim, um sentimento que a prendia

outrem. Agora, atravessando o inverno medonho, escoteira, sentia-se flaquita, sem niagem por si.

E resolveu procurar a Chica Feia, filha da mae-velha com quem vive, que a explora e a derreia a porrete, hereditariamente. . .

Infeliz! Ah! vaga pelas ruas á cata de cobre p'ra canguara da geração que vem a sustentar, até que um ninuano a leve de quatro, para detrás do morro.

Tico Caralho

(4)

## ARTES &amp; LETRAS

## SACRIFICIO

Juizava da liberdade, e toda a sua oporção vibrava na punta da tala, enfarrapando-a a calcos e laçadas.

Era negrinho retinto, dentes que, caminhando ao sol, doíam a gente na dórda sobre qual seija a sombra, — se a que vai esportando o matango, ou a que escorra pelo chão...

Devia de ter alma de jagunheiro, o desgraçado, porque não sabia o menor do des vitórias que soffia, e oulava mais dos apertos do que das facilidades.

A pobre da moreneta andava tibi, ahí por volta das nove máses.

Não largava o côcho, a bater os tapos. Dali p'ro couloiro, p'ra quejira, p'ra grade, a tempear o descomer. Nem piava, e a modos que o queengo arrava da tanta sumaria.

Perugia de ha virar estristo... Do uma vez, varanda a porteira da rampada, eia. O tio eozêro varapuzo a argola da arreata, praguendo.

Dea-lhe um p'quachamento na perna, uma serancia, uma dormencia, e despeja a crib, com os torneiros berrando ao redê.

Depois, o negio abriu o pala p'ra Theozopolis, que ia ver mudo, deixada-a entregue a sua desgraça.

As carecadas perdiam-no.

E mais duma vez, por via de palavras grossas de bandalhoes o eozêgado, abriu eivas a mala e dividiu caras a golpes de xerenga.

Talho do palmo não era refugio, — orneava a ver os parecios com o labado das tripas saliantando e a grão do ôlto mizendo agua da morto...

Diz que se pinchou p'ra São Paulo, e por lá foi lambido por uma paruhya.

Sis Gerencia deitou luto, e caidou de compor o eozêcholo, mais a layoua p'ro sustento dos filhos, botando-se, dia mal despontado, p'ro campo, a recultir as vapuhbas.

Com a sua fraqueza, tinha mais coragem do que o venturo, sem prestimo do factor, pravaador em curralha.

Pois, trabalhou, e já se augmentando as suas poses, juchando um palozinho.

Com o tempo, deslembrou-se do marido, gachou cores, arredou o e tpo, e, mal comprando, andava so parando um p'ro do nado, que deixa bôas com um capetino...

Perugia, porém, fuma eia-pa dos trecentos diabos.

As vaxes eram da arrecadamento, o campo de agriego.

E os donos ganaram d'exigencias, com rilos pensamentos, de certo, vendo aquella pelaga de mulher desozêhada.

Quem que não se puder governar por si, é porqueiral!

O cristão não pisa o que é seu, com o do alheio, avira as affrontas, e não queira agrievar-se, porque vai p'ra ma, mais os trens; e a maldade via a arreganhar goda de timba, que chama uma creatura nos peitos e a vomita no pago da arabaada...

Azobaram sis Gerencia a mais não poder.

O pato andava cruzado de rastos de arina, e alto d'estrimo, que elles vinham o por si se ficavam a repetir, com folas do bem querer, as más propostas.

A demofolo, por fim, ia fca do menos ariso, fixando a braba, já quanto vencia pela necessidade de sustentar as creanças.

Resistiu, que boria noham havia de se gabar de fazer vida com ella.

Resistiu e foi esorrapada.

Com um filho em cada braço, a trouxa no lomb, saiu campeando serriço. As donas, entretanto, acharam-se de muito bella estampa, p'ra lha darem pouco o trabalho.

Guardando d'aqui p' ali, chogou a cidade.

Nessa entretanto, o corriero deixoa-lhe nas mãos uma c.r.a.

Era do preto.

Pobre, com recursos, arrastando-a pel s tuas em pel cheza, queria que recorrese ao padriho, por lha mandar dinheiro p'ra passagem, com que regressar da estampa onde o bichari o tinha inutilizado.

Tudo o seu amor supplicado se resecendeu.

Diz-se ia que a sua sensibilia de, embutida pela ignorancia de tararaca, se se acordava a uma dor physica, e que não se submeteria ao fugo duma macha, sem a brutalidade do espancamento.

As manchas, os golpes que lha estrelavam a pelle inchada e macia, faziam pela lambanga do que pratica.

Era um animal pelo choro, sobre que a molidez do "ca-lho", através do instincto tarabara, conseguia completo domínio.

Ah! desejava-o, necessitava-o ali, mesmo que voltasse a curar os atropos das passadas.

Sala de porta era porta, com um ar de sonho nos olhos grandes o paravendo, olhos de remanço e resignada.

— Ora, tio megal! Que fosse ir balhar!

Desanimou, para logo. Um instante. Mas, reagiu.

Havia nella de corredor o capitulo Vidua, vicoço, solitario, moçoço lã.

Pel a elle, ajoelha-se, mendigando, as palavras cortadas de reticencia de legitimas e solpos.

O olhar do b'presso, orlado de um traço veracino, chispou v'rupio, correndo lha a simosidade serpentina.

Abriu a guada, espichou a sua fronte dura honca de quibentes p'ra. Ora uma condicoe entreperre-lhe...

Sem repugnancia, com a firmeza de quem se submetto a um destino inevitavel, sentiu que os seus debos da carnes pobres palpavam-lhe o corpo, seguravam-na com uma força invencivel, e a lha desarmada, sem d'outra fôrta, amava lha, nãa desesp'ra ventral, b'ba l'ou, os f'idos, a lha exarabada, moçlha de preto, illuminada pela molidez extrema...

Tito CARVALHO











# Santa Luzia

A Misericordias Filho

V

Logo que se pilhou com sentido, Ah-  
-ta para o pai a ganhar cores, um  
velho de perego mouro nas faces,  
o corpo delgado, que nem se dizia  
por mais.

Não se esquecia a natureza do filho,  
e mais a revolviam os olhos es-  
ganeados nos arredores, que os es-  
perantes do becoquinho.

Partida de casa e supido, com a dor  
aguda do parto, a filha da ternura,  
que a viajava a um anjo, tal se  
e car com a sua vovozinha dentro do  
a quem se lhe fraga o arco pelo  
amarrado.

A lingua de trazo, mesmo na lige-  
ra, se tornou pedregosa, um cor-  
das para o lado, fechavam enfor-  
pilhadas, des-arranhando coisas de  
arrear o pelo do charro mouro.  
Nã, a m suspectava no destino to-  
nem ser de castigo.

O mudo suspensivo pela lã do  
pã mouro 26, e tempo que um cam-  
pã mouro erguendo da mulher do  
abozeta. Placido, vazio, que se sentam no auto, garraram de risa  
e m merta a terra lá, sendo em  
tre a vovozinha e separação ou a  
distância.

Sim, a culpa era della, exciteiva.  
Ter aquela falta bonita, e deixava na  
vila a disputa dos bagues, o por-  
queira!

Havia vovozinhas descompunidas, que  
adecavam um pice na reputação de  
a bolsa ao marido, explorava, cada  
sundereta, pã economia das suas  
pousas!

Tã Lorentina, uma preta veiba  
vovozinha de trizas, empolando o co-  
pinto de cada pelas casas, in semea-  
do a história, que as donas ouviam  
evillamento, em disfarçada indife-  
rença.

—Eh! E' grãe rias, dizque, sou  
pastas e ougas na casa, a grãe  
rebatendo nas coxas, lá sabe Deus  
cãntos de que formal Creol A dan-  
tada é quôrt, e se lhe não puzera  
bãca, há de ver como das ho-  
muns, morando pelo boço, ainda pa-  
ando estãda.

—Mas anjo já deu na folha?  
—Cruzes, mulher! Não tem pelo  
que não sabia! Até a Gabriela tãda  
na recorda que a sujeita, ao se

acordar, andava arrastando um fãpo  
com o morão André Pãda, e pãda  
do Porto? Pãda, no budo de Pã-Sãda,  
que se sentam no auto, garraram de risa  
das e pãncos, alterando, cotas de  
em bõdas d'envergouhar um  
sauto.

—E d'ahi?  
—Vãdo azevinho! A bõca appa-  
reco todo o dia com três vestidos;  
pãca, poragim novizenta que  
chegou e o fãno em casa, uivando  
de se finar, mal da tãse-comprãda!

—Pãda do fãno! Activo, des-  
volvido, escolher uma broca fãda,  
—Pãda mãda mãda mãda, tem  
coisa do Cambõda. Um roço fãno  
como acvore podada, creado mais  
viço, surrindo o tempo.

Dahi o rãbor em abraços doídos,  
de gratidão, o plano do gãsa.  
Sim, fugaria. Depois daquella fãda  
cãda, das caritas sem corte, entre  
gãsa novamente no macorãdo de  
mães catãdas, voltar ao fãno, ao  
trãbo ensino, seria apodrecer ca-  
pãda, com a fãca e a des-  
pãda incãguãda.

A sorte andã baldosa, e só favore-  
co quem e pebol no momento pro-  
pãda. Bãca tãca tãca arrãjado!  
O anjo, rãda, exprimeu na fãca.  
Nãda de des-  
pãda. Seguirã, e  
aventura. No Porto tãca a casãda  
entre fãranjes, creadas, e até passãda  
com o seu bem do d'arrote... a apparecer breva.

—Não-se, estou ajãtando, se trã.  
pãca esperar o velho...  
Mas pãda mole alta, no penetrãr  
quarto, chamado a pãca bõca a bõca  
ção na creança, que estava a fãca  
terno, encontrãdo vãdo, cãca, po-  
legos e travãdo rãvãdo, nem  
que tu pã de vãdo all passãdo, tes-  
trãbor silenciosamente...

Publicaciones annua, neste mes-  
mo local, a conclusã do conto re-  
gãda-Santa Luzia, do mesmo con-  
pãca sr. Tito Carrãdo, que  
vãca fazer parte do seu livro «Bãda  
...», a apparecer breva.

Divino, toda cuberdade nos phra-  
sãdas difficeis do outro.  
Para ella, nada mais existã co-  
rãda. Nã sabia mesmo porque, a  
pãca da amã, pãca forte, ca-  
pãca fãca e das mã-  
res herõicas, --ficãda assim, es-  
pãda, relaxando as arrãdas, dif-  
fãda do passado.

Jurãda ter nascido outra vez ou,  
como acvore podada, creado mais  
viço, surrindo o tempo.  
Dahi o rãbor em abraços doídos,  
de gratidão, o plano do gãsa.

Sim, fugaria. Depois daquella fãda  
cãda, das caritas sem corte, entre  
gãsa novamente no macorãdo de  
mães catãdas, voltar ao fãno, ao  
trãbo ensino, seria apodrecer ca-  
pãda, com a fãca e a des-  
pãda incãguãda.

A sorte andã baldosa, e só favore-  
co quem e pebol no momento pro-  
pãda. Bãca tãca tãca arrãjado!  
O anjo, rãda, exprimeu na fãca.  
Nãda de des-  
pãda. Seguirã, e  
aventura. No Porto tãca a casãda  
entre fãranjes, creadas, e até passãda  
com o seu bem do d'arrote... a apparecer breva.

Publicaciones annua, neste mes-  
mo local, a conclusã do conto re-  
gãda-Santa Luzia, do mesmo con-  
pãca sr. Tito Carrãdo, que  
vãca fazer parte do seu livro «Bãda  
...», a apparecer breva.

Divino, toda cuberdade nos phra-  
sãdas difficeis do outro.  
Para ella, nada mais existã co-  
rãda. Nã sabia mesmo porque, a  
pãca da amã, pãca forte, ca-  
pãca fãca e das mã-  
res herõicas, --ficãda assim, es-  
pãda, relaxando as arrãdas, dif-  
fãda do passado.

Jurãda ter nascido outra vez ou,  
como acvore podada, creado mais  
viço, surrindo o tempo.  
Dahi o rãbor em abraços doídos,  
de gratidão, o plano do gãsa.

Sim, fugaria. Depois daquella fãda  
cãda, das caritas sem corte, entre  
gãsa novamente no macorãdo de  
mães catãdas, voltar ao fãno, ao  
trãbo ensino, seria apodrecer ca-  
pãda, com a fãca e a des-  
pãda incãguãda.

A sorte andã baldosa, e só favore-  
co quem e pebol no momento pro-  
pãda. Bãca tãca tãca arrãjado!  
O anjo, rãda, exprimeu na fãca.  
Nãda de des-  
pãda. Seguirã, e  
aventura. No Porto tãca a casãda  
entre fãranjes, creadas, e até passãda  
com o seu bem do d'arrote... a apparecer breva.

Publicaciones annua, neste mes-  
mo local, a conclusã do conto re-  
gãda-Santa Luzia, do mesmo con-  
pãca sr. Tito Carrãdo, que  
vãca fazer parte do seu livro «Bãda  
...», a apparecer breva.

Publicaciones annua, neste mes-  
mo local, a conclusã do conto re-  
gãda-Santa Luzia, do mesmo con-  
pãca sr. Tito Carrãdo, que  
vãca fazer parte do seu livro «Bãda  
...», a apparecer breva.

Tito Carrãdo

Continã

